





# A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL

## UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

Débora Rossana Costa de Almeida (Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,  
Especialização em arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues  
Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente: Professor Doutor Pedro Belo Ravara  
Vogal: Professor Doutor Francisco Carlos Almeida Nascimento e Oliveira

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA.U LISBOA, outubro 2021

Nota: O presente documento foi citado segundo as normas de referenciação da American Psychological Association (APA)



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL

## UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

Débora Rossana Costa de Almeida (Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,  
Especialização em arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente: Professor Doutor Pedro Belo Ravara

Vogal: Professor Doutor Francisco Carlos Almeida Nascimento e Oliveira

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA.U.Lisboa, outubro 2021







## | RESUMO

O território de Odivelas é marcado por uma diversidade na malha urbana que o compõe. Enquanto que a norte a cidade encontra-se relativamente consolidada, com equipamentos de serviço público e pontos de interesse, a Vertente Sul é caracterizada pelos assentamentos ilegais, e pelas insuficientes estratégias de planeamento urbano. A Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL) que atravessa o território, acentua a fragmentação existente entre as duas margens. Facto que torna mais difícil o acesso dos habitantes da Vertente Sul a equipamentos públicos, a espaços públicos qualificados, a áreas verdes e a oportunidades de educação e trabalho.

A cultura encontra-se presente em todas as manifestações sociais e individuais do homem. Este aspeto tem o potencial de melhorar a vida das pessoas, como elas utilizam o espaço e como se sentem no ambiente e na cidade. A proposta de um equipamento de carácter cultural no Parque do Silvado, surge da intenção de dotar a cidade de um equipamento que sirva as pessoas, de ambas as vertentes, que acrescente valor sociocultural à comunidade e que reforce o sentido de pertença e identidade dos indivíduos e da cidade.

O local de implantação, pela sua localização estratégica, procura articular a malha urbana de forma a reestruturá-la e torná-la acessível à Vertente Sul. Desta forma, o objeto arquitetónico do centro cultural será acompanhado de uma proposta urbana que trata o espaço público como meio de articulação entre as margens, os espaços de transição como meios de interação, visando proporcionar novas oportunidades de vivência das pessoas, apropriações espontâneas dos espaços, aumento da qualidade de vida e espaços de convívio.

Assim, o conjunto da proposta de arquitetura e da proposta urbana, têm como fim a integração do equipamento no território, a partir do estabelecimento de relações entre cidade e arquitetura, espaço construído e espaço livre qualificado, entre utilizador e arquitetura, pessoas e espaço, de forma a que a cidade seja social e fisicamente mais sustentável.

Palavras-chave

Arquitetura | Cultura | Interação social | Espaços de transição | Parque do Silvado, Odivelas





## | ABSTRACT

The territory of Odivelas is marked by a diversity in the urban mesh which composes it. While the north side of the city is relatively consolidated, with public service equipment and points of interest, Vertente Sul (south) is characterized by illegal settlements, and insufficient urban planning strategies. The Lisbon Inner Regional Circular (CRIL) that crosses the territory, accentuates the fragmentation between both sides. A fact, which restricts even more the access of the inhabitants of Vertente Sul to public equipment, qualified public spaces, green areas and opportunities for education and work.

Culture is present in all man's social and individual manifestations. This aspect has the potential to improve people's lives, how they use space and how they feel in the environment and in the city. The proposal of a cultural equipment in Silvado Park, arises from the intention of enduring the city with an equipment that serves people, from both sides of the territory, that adds sociocultural value to the community and reinforces the sense of belonging and identity of individuals and the city.

The site of implantation, due to its strategic location, seeks to articulate the existing urban mesh in order to restructure it and make it accessible to Vertente Sul. Thus, the architectural object of the cultural centre will be supported by an urban proposal that perceives the public space as a means of articulation between the margins and the transition spaces as means of social interaction. This is, in order to provide new opportunities for people to experience outdoor life, spontaneous appropriations of spaces, increase in the quality of life and spaces of conviviality.

Thereby, the set of the architectural proposal and the urban proposal, have as its purpose the integration of the cultural equipment in the territory, from the establishment of relations between city and architecture, built space and qualified public space, between user and architecture, people and space, so as to achieve social and physical sustainability of the city.

### Keywords

Architecture | Culture | Social interaction | Transition spaces | Silvado Park, Odivelas



# | AGRADECIMENTOS

À minha Luz, aquela que me guia,

Por tudo o que me deixou, por ser responsável por quem eu sou hoje e por estar sempre presente em mim.

À minha “*abó Nina*” e às minhas tias Vânia e Iracema,

Agradeço a persistência, as palavras sábias durante o meu percurso académico e não só, a esperança que sempre depositaram em mim, o cuidado e o amor.

À Nicolle e ao Matheo,

Que são o principal motivo da minha constante batalha, a quem eu devo a minha força de vontade para superar todos os obstáculos, sejam académicos, sejam da vida.

Ao Sandro,

Agradeço por tudo, pelo suporte, paciência, companheirismo, carinho, “acompanhamento” e por todas as batalhas que superamos em conjunto durante o *nosso* percurso académico.

À minha família e aos meus amigos,

Pela constante motivação, pelo apoio incondicional, pelas conversas e discussões de arquitetura, ingénuas ou consequentes que me ajudaram durante esta etapa até ao presente momento.

Aos meus orientadores,

Agradeço aos professores Pedro Rodrigues e Luís Crespo, por terem aceite o convite da orientação do meu projeto de final de mestrado, sem hesitação. Por todos os ensinamentos durante o percurso, pelas notas de encorajamento, pelas críticas construtivas, pela constante disponibilidade e pelo interesse, pois foram vitais para o resultado final.



# ÍNDICE DE FIGURAS

<b>FIG. 1 - ESQUEMA ILUSTRATIVO DAS FERRAMENTAS METODOLÓGICAS DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO</b>	6
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 2 - ESQUEMA ILUSTRATIVO DO PROCESSO DE TRABALHO</b>	7
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 3 E FIG. 4 - MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS HABITANTES DE</b>	18
FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/autarquia/comunicacao/galeria-de-imagens/encontro-de-tunas?image_gallery_detail_27_page=2">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/AUTARQUIA/COMUNICACAO/GALERIA-DE-IMAGENS/ENCONTRO-DE-TUNAS?IMAGE_GALLERY_DETAIL_27_PAGE=2</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>ODIVELAS. ENCONTRO DE TUNAS DE ODIVELAS</b>	18
<b>FIG. 5 E FIG. 6 - ESQUEMAS RELATIVOS À OBRA COMO MEIO DO COMUNICAÇÃO SOCIAL</b>	20
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 7 E FIG. 8 - CASA DA MÚSICA, PORTO</b>	22
FONTE: ©PHILIPPE RUAULT, CHARLIE KOOLHAAS, OMA   <a href="http://zona-arquitetura.blogspot.com/2016/11/casa-de-la-musicaoportoportugal.html">HTTP://ZONA-ARQUITETURA.BLOGSPOT.COM/2016/11/CASA-DE-LA-MUSICAOPORTOPORTUGAL.HTML</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 9 - TATE MODERN</b>	24
FONTE: ©MICHAEL DUERINCKX   <a href="https://www.re-thinkingthefuture.com/fresh-perspectives/a1059-10-examples-of-innovative-use-of-natural-light-in-architecture/">HTTPS://WWW.RE-THINKINGTHEFUTURE.COM/FRESH-PERSPECTIVES/A1059-10-EXAMPLES-OF-INNOVATIVE-USE-OF-NATURAL-LIGHT-IN-ARCHITECTURE/</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 10 - ÁTRIO CENTRAL DO TATE MODERN</b>	24
FONTE: <a href="https://evemuseografia.com/2020/12/10/conocimiento-de-los-visitantes-de-museos/">HTTPS://EVEMUSEOGRAFIA.COM/2020/12/10/CONOCIMIENTO-DE-LOS-VISITANTES-DE-MUSEOS/</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 11 - CENTRO POMPIDOU, PRAÇA DO CENTRO</b>	26
FONTE: ©ARNAUD CHICUREL/GETTY IMAGES   <a href="https://www.wsj.com/articles/the-pompidou-centers-inside-out-architecture-turns-40-1485540495">HTTPS://WWW.WSJ.COM/ARTICLES/THE-POMPIDOU-CENTERS-INSIDE-OUT-ARCHITECTURE-TURNS-40-1485540495</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 12 - CENTRO POMPIDOU, NÍVEL DO PEÃO</b>	26
FONTE: ©ALAMY   <a href="https://www.re-thinkingthefuture.com/architectural-community/a2514-monumentality-then-and-now/">HTTPS://WWW.RE-THINKINGTHEFUTURE.COM/ARCHITECTURAL-COMMUNITY/A2514-MONUMENTALITY-THEN-AND-NOW/</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 13 - SESC POMPÉIA, INTERIOR</b>	27
FONTE: ©LEONARDO FINOTTI NELSON KON   <a href="https://arquitecturaviva.com/works/se-sc-fabrica-pompeia-9">HTTPS://ARQUITECTURAVIVA.COM/WORKS/SESC-FABRICA-POMPEIA-9</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 14 - SESC POMPÉIA</b>	27
FONTE: ©LEONARDO FINOTTI NELSON KON   <a href="https://arquitecturaviva.com/works/se-sc-fabrica-pompeia-9">HTTPS://ARQUITECTURAVIVA.COM/WORKS/SESC-FABRICA-POMPEIA-9</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 15 - SESC POMPÉIA, VISTA AÉREA</b>	27
FONTE: ©LEONARDO FINOTTI NELSON KON   <a href="https://arquitecturaviva.com/works/se-sc-fabrica-pompeia-9">HTTPS://ARQUITECTURAVIVA.COM/WORKS/SESC-FABRICA-POMPEIA-9</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 16 - CRIANÇAS A BRINCAR NAS ESCADAS, PORTO ANOS 50/70</b>	28
FONTE: ©ARTUR PASTOR   <a href="https://arturpastor.tumblr.com/">HTTPS://ARTURPASTOR.TUMBLR.COM/</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 17 - LISBOA NOS ANOS 50/70</b>	28
FONTE: ©ARTUR PASTOR   <a href="https://arturpastor.tumblr.com/">HTTPS://ARTURPASTOR.TUMBLR.COM/</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 18 - SUCESSÃO DE AMBIENTES, PORTO ANOS 50/70</b>	28
FONTE: ©ARTUR PASTOR   <a href="https://arturpastor.tumblr.com/">HTTPS://ARTURPASTOR.TUMBLR.COM/</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 19 - JARDIM DA ÁGUA, CCB, LISBOA</b>	33
FONTE: ©FUNDAÇÃO CENTRO CULTURAL DE BELÉM   <a href="https://www.ccb.pt/visitar/jardim-da-agua/">HTTPS://WWW.CCB.PT/VISITAR/JARDIM-DA-AGUA/</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 20 - PÁTIO AJARDINADO CASA NOGAL, ARGENTINA</b>	33
FONTE: ©FEDERICO KULEKDJIAN   <a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/903508/casa-nogal-dl-arquitectura">HTTPS://WWW.PLATAFORMAARQUITECTURA.CL/CL/903508/CASA-NOGAL-DL-ARQUITECTURA</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 21 - RELAÇÃO DE JARDIM DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GUNBENKIAN</b>	33
FONTE: WIKIMÉDIA COMMONS   <a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Calouste_Gulbenkian_Museum">HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/CATEGORY:CALOUSTE_GULBENKIAN_MUSEUM</a>   CONSULTADO EM MARÇO/2021	
<b>FIG. 22 - ESQUEMA DO TIPO DE ESPAÇOS DA ARQUITETURA</b>	34
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA ADAPTADO DO ESQUEMA DE ALMEIDA (1962, P. 68)	
<b>FIG. 23 - CORREDOR COM RELAÇÃO DE LUZ</b>	35
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 24 - CORREDOR COM BANCO</b>	35
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 25 E 26 - CORREDORES DE CIRCULAÇÃO</b>	35
<b>FIG. 27 - ENTRADA DE EDIFÍCIO</b>	35
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 28 - ENTRADA COM DEGRAU</b>	35
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 29 E 30 - ÁTRIO DE ENTRADA</b>	35
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 31 - VÃO EM CORTE PERSPETIVADO</b>	36
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 32 - VÃOS ALTOS</b>	36
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 33 - CLARABOIA</b>	36
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 34 - VÃO COM PEITORIL DE SENTAR</b>	36

<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 35 - DESNÍVEL INTERIOR/EXTERIOR</b> </p>	36
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 36 - ESCADAS DE CIRCULAÇÃO</b> </p>	36
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 37 - ESCADA COM RAMPA</b> </p>	36
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 38 - PÁTIO</b> </p>	37
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 39 - PÁTIO INTERIOR</b> </p>	37
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 40 - PÁTIO EXTERIOR</b> </p>	37
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 41 - FACHADAS COM ARCADAS</b> </p>	37
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 42 - ARCOS EM SUCESSÃO</b> </p>	37
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 43 - ARCADA</b> </p>	37
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 44 - ARCOS</b> </p>	37
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 45 - GALERIA EXTERIOR</b> </p>	38
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 46 - GALERIA PÚBLICA</b> </p>	38
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 47 - GALERIA PRIVADA</b> </p>	38
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 48 - PRAÇA CONTEMPORÂNEA</b> </p>	38
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 49 E 50 - PRAÇAS PÚBLICAS</b> </p>	38
<p>           FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA  <b>FIG. 51 - ARCO - ESPAÇO DE TRANSIÇÃO SEMI-PÚBLICO, LISBOA</b> </p>	40
<p>           FONTE: ©ARTUR PASTOR   <a href="https://arturpastor.tumblr.com/">HTTPS://ARTURPASTOR.TUMBLR.COM/</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 52 - LIGAÇÃO PEDONAL CHIADO, SEMI-PÚBLICO, LISBOA</b> </p>	40
<p>           FONTE: ©FERNANDO GUERRA   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/954498/recuperacao-urbana-no-bairro-do-chiado-carlos-castanheira-plus-alvaro-siza-plus-clara-bastai">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/954498/RECUPERACAO-URBANA-NO-BAIRRO-DO-CHIADO-CARLOS-CASTANHEIRA-PLUS-ALVARO-SIZA-PLUS-CLARA-BASTAI</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 53 - LOGRADOURO DE APARTAMENTOS, SEMI-PRIVADO, CIDADE DO MÉXICO</b> </p>	40
<p>           FONTE: ©SANDRA PEREZNIETO   <a href="https://divisare.com/projects/338034-cada-val-sola-morales-sandra-pereznieto-ch-reurbano">HTTPS://DIVISARE.COM/PROJECTS/338034-CADAVAL-SOLA-MORALES-SANDRA-PERZNIETO-CH-REURBANO</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 54 - REENTRÂNCIAS DO CENTRO SOCIAL, GRÂNDOLA</b> </p>	41
<p>           FONTE: ©NELSON GARRIDO   <a href="https://www.archlovers.com/projects/230389/gallery?2170929">HTTPS://WWW.ARCHLOVERS.COM/PROJECTS/230389/GALLERY?2170929</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 55 - PISO VAZADO DO MASP, SÃO PAULO</b> </p>	41
<p>           FONTE: ©BUJEDO IÑIGO AGUIRRE   <a href="http://www.garciabarba.com/cppa/lina-bo-bardi/?lang=en">HTTP://WWW.GARCIABARBA.COM/CPPA/LINA-BO-BARDI/?LANG=EN</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 56 - PARQUE DO MUSEU POLITÉCNICO, MOSCOVO</b> </p>	41
<p>           FONTE: ©DANIEL ANNENKOV   <a href="https://www.archdaily.com/936797/museum-park-of-the-the-polytechnic-museum-wowhaus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/936797/MUSEUM-PARK-OF-THE-THE-POLYTECHNIC-MUSEUM-WOWHAUS</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 57 - JARDIM DA GULBENKIAN, LISBOA</b> </p>	41
<p>           FONTE: ©DEAN HEARNE   <a href="https://www.houseandgarden.co.uk/gallery/lisbon-travel-guide">HTTPS://WWW.HOUSEANDGARDEN.CO.UK/GALLERY/LISBON-TRAVEL-GUIDE</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 58 - APROPRIAÇÃO DA PARTE INFERIOR DE UMA INFRAESTRUTURA, SAN ANTONIO - TEXAS</b> </p>	43
<p>           FONTE: ©COURTESY OF WATERFRONT TORONTO   <a href="https://sanantonioreport.org/5-ways-better-use-highway-underpasses-san-antonio/">HTTPS://SANANTONIOREPORT.ORG/5-WAYS-BETTER-USE-HIGHWAY-UNDERPASSES-SAN-ANTONIO/</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 59 - ESPLANADAS NA RUA COR-DE-ROSA, LISBOA</b> </p>	43
<p>           FONTE: ©FREDERICA VILASI   <a href="https://lisboasecreta.co/ruas-mais-instagramaveis-lisboa/">HTTPS://LISBOASECRETA.CO/RUAS-MAIS-INSTAGRAMAVEIS-LISBOA/</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 60 - CINEMA AO AR LIVRE NO TOPO DO CHIADO, LISBOA</b> </p>	43
<p>           FONTE: ©MARCOS BORGIA   <a href="https://visao.sapo.pt/visaose7e/ver/2018-08-15-noites-longas-14-ciclos-de-cinema-ao-ar-livre-para-redescobrir-a-magia-da-setima-arte/">HTTPS://VISA0.SAPO.PT/VISA0SE7E/VER/2018-08-15-NOITES-LONGAS-14-CICLOS-DE-CINEMA-AO-AR-LIVRE-PARA-REDESCOBRIR-A-MAGIA-DA-SETIMA-ARTE/</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 61 - PESSOAS A ANDAR NAS RUAS DE LISBOA</b> </p>	46
<p>           FONTE: <a href="https://www.aperturetours.com/lisbon-day-photo-tour">HTTPS://WWW.APERTURETOURS.COM/LISBON-DAY-PHOTO-TOUR</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 62 - PESSOAS A CAMINHAR ADAPTANDO-SE ÀS CIRCUNSTÂNCIAS, LISBOA</b> </p>	46
<p>           FONTE: ©PEDRO FIUZ   <a href="https://www.europapress.es/internacional/noticia-portugal-aplicara-estado-emergencia-partir-martes-20201105164935.html">HTTPS://WWW.EUROPAPRESS.ES/INTERNACIONAL/NOTICIA-PORTUGAL-APLICARA-ESTADO-EMERGENCIA-PARTIR-MARTES-20201105164935.HTML</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021         </p>	
<p> <b>FIG. 63 - ESQUEMA DAS ATIVIDADES CONSOANTE A QUALIDADE DO ESPAÇO</b> </p>	47
<p>           FONTE: ESQUEMA DA AUTORA ADAPTADO DO ESQUEMA DE GEHL (2010, P. 21)         </p>	
<p> <b>FIG. 64 - ESPLANADAS DA RUA AUGUSTA, LISBOA</b> </p>	48
<p>           FONTE: <a href="https://www.nomadepicureans.com/europe/portugal/3-days-lisbon/#rua">HTTPS://WWW.NOMADEPICUREANS.COM/EUROPE/PORTUGAL/3-DAYS-LISBON/#RUA</a>   CONSULTADO EM         </p>	

ABRIL/2021	
<b>FIG. 65 - ARCO TRIUNFAL DA RUA AUGUSTA, LISBOA</b>	48
FONTE: <a href="https://www.lisbonlux.com/">HTTPS://WWW.LISBONLUX.COM/</a>   CONSULTADO EM ABRIL/2021	
<b>FIG. 66 - CENTRAL PARK, NOVA IORQUE</b>	49
FONTE: ©QUINTAS, A. (2014, DEZEMBRO, P. 158)	
<b>FIG. 67 - PARQUE FLORESTAL MONSANTO, LISBOA</b>	49
FONTE: ©ARLINDO CAMACHO   <a href="https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/caminhando-no-corredor-verde-de-monsanto">HTTPS://WWW.TIMEOUT.PT/LISBOA/PT/COISAS-PARA-FAZER/CAMINHANDO-NO-CORREDOR-VERDE-DE-MONSANTO</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 68 - CORREDOR VERDE DE MONSANTO, PARQUE EDUARDO VII, LISBOA</b>	51
FONTE: <a href="https://greentrekker.pt/agenda/corredor-verde-parque-eduardo-vii-a-monsanto/">HTTPS://GREENTREKKER.PT/AGENDA/CORREDOR-VERDE-PARQUE-EDUARDO-VII-A-MONSANTO/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 69 - CORREDOR VERDE DE MONSANTO, PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO, LISBOA</b>	51
FONTE: <a href="https://greentrekker.pt/agenda/corredor-verde-parque-eduardo-vii-a-monsanto/">HTTPS://GREENTREKKER.PT/AGENDA/CORREDOR-VERDE-PARQUE-EDUARDO-VII-A-MONSANTO/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 70 - DÓLMENS DE PEDRA DE CANEÇAS</b>	56
FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/autarquia/contactos/espacos-de-cultura-e-desporto/poi/nucleo-museologico-da-anta-das-pedras-grandes-98">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/AUTARQUIA/CONTACTOS/ESPACOS-DE-CULTURA-E-DESPORTO/POI/NUCLEO-MUSEOLOGICO-DA-ANTA-DAS-PEDRAS-GRANDES-98</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 71 - ESTRADA ROMANA EM ODIVELAS</b>	56
FONTE: <a href="https://ca.wikipedia.org/wiki/Fitxer:Ponte_romana_sobre_a_ribeira_de_odivelas_01.png">HTTPS://CA.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/FITXER:PONTE_ROMANA_SOBRE_A_RIBEIRA_DE_ODIVELAS_01.PNG</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 72 - PADRÃO DO SENHOR ROUBADO</b>	56
FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/padrao-do-senhor-roubado">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/PADRAO-DO-SENHOR-ROUBADO</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 73 - MOSTEIRO DE S. DINIS E S. BERNARDO</b>	56
FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/mosteiro-de-sao-dinis-e-sao-bernardo">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/MOSTEIRO-DE-SAO-DINIS-E-SAO-BERNARDO</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 74 - CONSTRUÇÕES NA ENCOSTA</b>	60
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 75 - TERRENOS DE PERTENÇA INFORMAL E SEM CUMPRIMENTO DE REGRAS LEGAIS DE CONSTRUÇÃO</b>	60
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 76 - LIXO ACUMULADO NO ESPAÇO PÚBLICO</b>	60
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 77 - ZONA SEM PASSEIOS E SEM ESPAÇO PÚBLICO DE ESTADIA</b>	60
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 78 - LOCALIZAÇÃO DAS POUÇAS PARAGENS DE AUTOCARRO, JUNTO AO METRO DO SENHOR ROUBADO</b>	61
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 79 - LARGO DA SAUDADE, DOS POUÇOS CENTROS COM EQUIPAMENTOS, BAIRRO VALE DO FORNO</b>	61
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 80 - ZONA DE LINHA DE ÁGUA COM CONSTRUÇÕES ILEGAIS</b>	61
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 81 - FÁBRICA DEVOLUTA, ONDE FORAM REGISTRADOS INCIDENTES DE VANDALISMO E CRIMINALIDADE</b>	61
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 82 - ENQUADRAMENTO DE ODIVELAS NA AML</b>	64
FONTE: MAPA DA AUTORA ADAPTADO DE <a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%C3%81rea_Metropolitana_de_Lisboa_administrative_divisions_plain.svg">HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/FILE:%C3%81REA_METROPOLITANA_DE_LISBOA_ADMINISTRATIVE_DIVISIONS_PLAIN.SVG</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 83 - ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO CONCELHO DE ODIVELAS</b>	64
FONTE: MAPA DA AUTORA ADAPTADO DE ©GAZILION <a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Odivelas_freguesias_2013.svg">HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/FILE:ODIVELAS_FREGUESIAS_2013.SVG</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 84 - FREGUESIA DE ODIVELAS E PRINCIPAIS ACESSIBILIDADES DO CONCELHO</b>	65
FONTE: MAPA DA AUTORA BASEADO EM PEREIRA, (2018, P. 27)	
<b>FIG. 85 - ENQUADRAMENTO DA VERTENTE SUL</b>	66
FONTE: MAPA DA AUTORA	
<b>FIG. 86 - PLANO DE URBANIZAÇÃO DA VERTENTE SUL DE ODIVELAS</b>	66
FONTE: MAPA DA AUTORA BASEADO EM CMO	
<b>FIG. 87 - PADRÕES DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO</b>	67
FONTE: MAPAS DA AUTORA BASEADOS EM CHURRO (2013, P. 49)	
<b>FIG. 88 - MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS DO CENTRO HISTÓRICO DE ODIVELAS</b>	67
FONTE: MAPA DA AUTORA BASEADO EM CMO	
<b>FIG. 89 - FAMÍLIAS POR ALOJAMENTO NO TERRITÓRIO DE ODIVELAS</b>	68
FONTE: MAPA DA AUTORA BASEADO EM PEREIRA, (2018, P. 38)	
<b>FIG. 90 - COLINAS DE ODIVELAS</b>	69
FONTE: ©VITOR OLIVEIRA   <a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Odivelas_-_Portugal_(48075190987)_cropped.jpg">HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/FILE:ODIVELAS_-_PORTUGAL_(48075190987)_CROPPED.JPG</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 91 - LINHA DE ÁGUA EM ZONA DE VALE EM ODIVELAS</b>	69
FONTE: ©REINO BAPTISTA   <a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Urban_stream_-_Odivelas,_Portugal.jpg">HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/FILE:URBAN_STREAM_-_ODIVELAS,_PORTUGAL.JPG</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 92 - MAPA COM PRINCIPAIS LINHAS ÁGUA E ZONAS COM RISCO DE CHEIAS</b>	69
FONTE: MAPA DA AUTORA ADAPTADO DE CMO	
<b>FIG. 93 - VARIAÇÃO DE JOVENS E IDOSOS NO TERRITÓRIO</b>	70



<p> <b>FIG. 94 - DISTRIBUIÇÃO DOS HABITANTES POR KM<sup>2</sup> EM ODIVELAS</b>            FONTE: TABELA DA AUTORA COM DADOS DO INE, 1991, 2001 E 2011            FONTE: GRÁFICO DA AUTORA COM DADOS DO INE, 2011         </p>	70
<p> <b>FIG. 95 - ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO</b>            FONTE: TABELA DA AUTORA COM DADOS DO INE, 1991, 2001 E 2011         </p>	70
<p> <b>FIG. 96 - VARIAÇÃO DE JOVENS E IDOSOS NO TERRITÓRIO</b>            FONTE: TABELA DA AUTORA COM DADOS DO INE, 2001 E 2011         </p>	70
<p> <b>FIG. 97 - PIRÂMIDE ETÁRIA POR SEXOS NO TERRITÓRIO DE ODIVELAS</b>            FONTE: TABELA DA AUTORA COM DADOS DO INE 2011         </p>	71
<p> <b>FIG. 98 - ARTISTA MÚSICO DE ORIGEM AFRICANA</b>            FONTE: <a href="https://www.facebook.com/cmodivelas/">HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/CMODIVELAS/</a>   CONSULTADO EM AGOSTO/2021         </p>	71
<p> <b>FIG. 99 - MORADORES MUÇULMANOS DE ODIVELAS</b>            FONTE: <a href="https://www.facebook.com/cmodivelas/">HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/CMODIVELAS/</a>   CONSULTADO EM AGOSTO/2021         </p>	71
<p> <b>FIG. 100 - HABITANTES ESTRANGEIROS EM ODIVELAS</b>            FONTE: TABELA DA AUTORA ADAPTADO DE VEIGA (2018, p. 77)         </p>	72
<p> <b>FIG. 101 - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POR FREGUESIAS DE ODIVELAS</b>            FONTE: TABELA DA AUTORA ADAPTADO DE VEIGA (2018, p. 78)         </p>	72
<p> <b>FIG. 102 - MOSTEIRO DE S. DINIS E S. BERNARDO, FACHADA PRINCIPAL</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/mosteiro-de-sao-dinis-e-sao-bernardo">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/MOSTEIRO-DE-SAO-DINIS-E-SAO-BERNARDO</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	73
<p> <b>FIG. 103 - MOSTEIRO DE S. DINIS E S. BERNARDO, VISTA AÉREA</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/mosteiro-de-sao-dinis-e-sao-bernardo">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/MOSTEIRO-DE-SAO-DINIS-E-SAO-BERNARDO</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	73
<p> <b>FIG. 104 - BIBLIOTECA DE D. DINIS, ENTRADA PRINCIPAL</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/biblioteca-municipal-d-dinis">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/BIBLIOTECA-MUNICIPAL-D-DINIS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	73
<p> <b>FIG. 105 - BIBLIOTECA DE D. DINIS</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/biblioteca-municipal-d-dinis">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/BIBLIOTECA-MUNICIPAL-D-DINIS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	73
<p> <b>FIG. 106 - C.C MALAPOSTA, ENTRADA PRINCIPAL</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/centro-cultural-malaPOSTA">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/CENTRO-CULTURAL-MALAPOSTA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	74
<p> <b>FIG. 107 - C.C MALAPOSTA, AUDITÓRIO</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/centro-cultural-malaPOSTA">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/CENTRO-CULTURAL-MALAPOSTA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	74
<p> <b>FIG. 108 - CENTRO DE EXPOSIÇÃO, FACHADA PARA O JARDIM DA MÚSICA</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/centro-de-exposicoes-de-odivelas">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/CENTRO-DE-EXPOSICOES-DE-ODIVELAS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	74
<p> <b>FIG. 109 - CENTRO DE EXPOSIÇÃO, SALA EXPOSITIVA</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse/poi/centro-de-exposicoes-de-odivelas">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE/POI/CENTRO-DE-EXPOSICOES-DE-ODIVELAS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	74
<p> <b>FIG. 110 - PLANTA DE DISTRIBUIÇÃO DE EQUIPAMENTOS</b>            FONTE: MAPA DA AUTORA         </p>	75
<p> <b>FIG. 111 - QUADRO DO NÚMERO DE EQUIPAMENTOS</b>            FONTE: TABELA DA AUTORA COM DADOS DO PORDATA.PT         </p>	75
<p> <b>FIG. 112 - PRINCIPAIS USOS DO SOLO DE ODIVELAS</b>            FONTE: MAPA DA AUTORA BASEADO EM CMO         </p>	76
<p> <b>FIG. 113 - ORTOFOTOMAPA DE IDENTIFICAÇÃO DA ZONA DO SILVADO</b>            FONTE: MAPA DA AUTORA BASEADO EM GOOGLE EARTH, <a href="https://earth.google.com/web/">HTTPS://EARTH.GOOGLE.COM/WEB/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	78
<p> <b>FIG. 114 - JARDIM DA MÚSICA</b>            FONTE: ©CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS   <a href="https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/parques-e-jardins/poi/jardim-da-music">HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/PARQUES-E-JARDINS/POI/JARDIM-DA-MUSIC</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	78
<p> <b>FIG. 115 - PRAÇA CAPITÃO MANUEL GOMES COELHO</b>            FONTE: ©TIAGO RÔXO   <a href="https://www.google.com/maps">GOOGLEMAPS.COM</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	78
<p> <b>FIG. 116 - JARDIM DO CASTELINHO</b>            FONTE: ©LUÍS BOLÉO   <a href="https://www.google.com/earth">GOOGLEEARTH.COM</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	78
<p> <b>FIG. 117 - JARDIM DA MEMÓRIA</b>            FONTE: ©LUÍS BOLÉO   <a href="https://www.google.com/earth">GOOGLEEARTH.COM</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021         </p>	78
<p> <b>FIG. 118 - STAGE FITNESS CLUB</b>            FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA         </p>	79
<p> <b>FIG. 119 - RESTAURANTE, O MINEIRO</b>            FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA         </p>	79
<p> <b>FIG. 120 - PONTE SOBRE A CRIL</b>            FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA         </p>	79
<p> <b>FIG. 121 - PONTE SOBRE A LINHA DE ÁGUA</b>            FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA         </p>	79
<p> <b>FIG. 122 - CRIANÇA A ANDAR DE BICICLETA NO SILVADO</b> </p>	80

FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 123 - MÁQUINA DE EXERCÍCIO AO AR LIVRE</b>	80
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 124 - ESQUEMA DO PARQUE DO SILVADO</b>	80
FONTE: MAPA DA AUTORA BASEADO EM GOOGLE EARTH, <a href="https://earth.google.com/web/">HTTPS://EARTH.GOOGLE.COM/WEB/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 125 - CHEGADA AO PARQUE</b>	81
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 126 - TERRENO DEVOLUTO</b>	81
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 127 - ZONA DE HORTAS PRIVADAS</b>	81
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 128 - PASSEIO ESTREITO DA RUA</b>	81
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 129 - PARQUE DO SILVADO</b>	81
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 130 - LINHA DE ÁGUA</b>	81
FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA	
<b>FIG. 131 - À FEIRA DURANTE O DIA</b>	82
FONTE: BUSSULA PT   <a href="https://BUSSULA-PT.COM/74426/FEIRA-DO-SILVADO">HTTPS://BUSSULA-PT.COM/74426/FEIRA-DO-SILVADO</a>   CONSULTADO EM SETEMBRO/2021	
<b>FIG. 132 - CARROSSÉIS DA FEIRA</b>	82
FONTE: BUSSULA PT   <a href="https://BUSSULA-PT.COM/74426/FEIRA-DO-SILVADO">HTTPS://BUSSULA-PT.COM/74426/FEIRA-DO-SILVADO</a>   CONSULTADO EM SETEMBRO/2021	
<b>FIG. 133 E FIG. 134 - PRESIDENTE DO PSD NA FEIRA</b>	82
FONTE: ©LUIZ SARAIVA   FLICKR.COM   <a href="https://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/PPDPSD/5726318412/IN/PHOTOSTREAM/">HTTPS://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/PPDPSD/5726318412/IN/PHOTOSTREAM/</a>   CONSULTADO EM SETEMBRO/2021	
<b>FIG. 135 - FEIRA DO SILVADO NOS ANOS 60</b>	83
FONTE: BLOGGER.COM   <a href="http://AOFUNDODAMINHARUA1.BLOGSPOT.COM/2014/09/FEIRA-DO-SILVADO.HTML">HTTP://AOFUNDODAMINHARUA1.BLOGSPOT.COM/2014/09/FEIRA-DO-SILVADO.HTML</a>   CONSULTADO EM SETEMBRO/2021	
<b>FIG. 136 - FEIRA DO SILVADO EM 2014</b>	83
FONTE: BLOGGER.COM   <a href="http://AOFUNDODAMINHARUA1.BLOGSPOT.COM/2014/09/FEIRA-DO-SILVADO.HTML">HTTP://AOFUNDODAMINHARUA1.BLOGSPOT.COM/2014/09/FEIRA-DO-SILVADO.HTML</a>   CONSULTADO EM SETEMBRO/2021	
<b>FIG. 137 - RESÍDUOS APÓS EVENTO DA FEIRA</b>	83
FONTE: YOUTUBE.COM   <a href="https://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?v=VHIPIWUjVk&amp;AB_CHANNEL=NOTICIASLX">HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?v=VHIPIWUjVk&amp;AB_CHANNEL=NOTICIASLX</a>   CONSULTADO EM SETEMBRO/2021	
<b>FIG. 138 - MEDIDAS DE SEGURANÇA NA FEIRA</b>	83
FONTE: ©JUNTA DE FREGUESIA DE ODIVELAS   <a href="https://WWW.FACEBOOK.COM/JFODIVELAS/POSTS/REABERTURA-DAS-FEIRAS-DO-SILVADO-E-DA-ARROJAA-JUNTA-DE-FREGUESIA-DE-ODIVELAS-ANU/3267764716602371/">HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/JFODIVELAS/POSTS/REABERTURA-DAS-FEIRAS-DO-SILVADO-E-DA-ARROJAA-JUNTA-DE-FREGUESIA-DE-ODIVELAS-ANU/3267764716602371/</a>   CONSULTADO EM SETEMBRO/2021	
<b>FIG. 139 - UM DOS MAIS ILUSTRES EXEMPLOS DE UMA ARQUITETURA SENSORIAL, QUE APELA POR TODOS OS SENTIDOS, AS TERMAS DE VALS DE PETER ZUMTHOR.</b>	91
FONTE: ©FERNANDO GUERRA   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/798132/TERMAS-DE-VALS-DE-PETER-ZUMTHOR-NAS-LENTESS-DE-FERNANDO-GUERRA">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/798132/TERMAS-DE-VALS-DE-PETER-ZUMTHOR-NAS-LENTESS-DE-FERNANDO-GUERRA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 140 - VISTA AÉREA DO CENTRO DE SHOU</b>	94
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 141 - RUAS DA PROVÍNCIA DE ANHUI</b>	95
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 142 - PÁTIO INTERIOR DAS RESIDÊNCIAS DE ANHUI</b>	95
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 143 - PÁTIO DA ENTRADA PRINCIPAL</b>	95
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 144 - ESCADAS EXTERNAS DO EDIFÍCIO</b>	96
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 145 - VÃOS DA FACHADA</b>	96
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 146 - RASGO NO INTERIOR DO PÁTIO DE CIRCULAÇÃO PÚBLICA</b>	96
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 147 - RAMPAS DE ACESSO PÚBLICO PELO EDIFÍCIO</b>	96
FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 148 - PÁTIO INTERIOR DO CENTRO</b>	96

<p> <small>FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/934833/centro-de-arte-e-cultura-de-shou-studio-zhu-pei?ad_source=search&amp;ad_medium=search_result_projects">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 149 - PLANTA DO PISO TÉRREO DO CENTRO</b>	97
<p> <small>FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/934833/centro-de-arte-e-cultura-de-shou-studio-zhu-pei?ad_source=search&amp;ad_medium=search_result_projects">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 150 - AXONOMETRIA DO ESPAÇO</b>	97
<p> <small>FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/934833/centro-de-arte-e-cultura-de-shou-studio-zhu-pei?ad_source=search&amp;ad_medium=search_result_projects">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 151 - CORTE LONGITUDINAL DO CENTRO</b>	97
<p> <small>FONTE: ©SHENGLIANG SU   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/934833/centro-de-arte-e-cultura-de-shou-studio-zhu-pei?ad_source=search&amp;ad_medium=search_result_projects">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/934833/CENTRO-DE-ARTE-E-CULTURA-DE-SHOU-STUDIO-ZHU-PEI?AD_SOURCE=SEARCH&amp;AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 152 - VISTA PERIFÉRICA DO CCB</b>	102
<p> <small>FONTE: <a href="https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/festival-temps-dimages-abre-19-a-edicao-com-ghost-de-luis-marrafa">HTTPS://MAG.SAPO.PT/SHOWBIZ/ARTIGOS/FESTIVAL-TEMPS-DIMAGES-ABRE-19-A-EDICAO-COM-GHOST-DE-LUIS-MARRAFA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 153 - RUA TRANSVERSAL AO EDIFÍCIO QUE LIGA A CIDADE AO RIO</b>	103
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 154 - PRAÇA CCB, ONDE AS ZONAS DE EXPOSIÇÃO SE CONVERGEM</b>	103
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar/praca-ccb/">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR/PRACA-CCB/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 155 - CAMINHO JOSÉ SARAMAGO NO ALINHAMENTO DA PRAÇA DO IMPÉRIO</b>	103
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 156 - PEDRA LIOZ QUE REVESTE O EDIFÍCIO</b>	104
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 157 - ENTRADA POENTE</b>	104
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 158 - JARDIM DA ÁGUA, JARDIM DE RECEÇÃO DO MUSEU</b>	104
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 159 - JARDIM DAS OLIVEIRAS, RELAÇÃO DO JARDIM COM ESPAÇOS DE SOMBRA COM EDIFÍCIO</b>	104
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar/jardim-das-oliveiras/">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR/JARDIM-DAS-OLIVEIRAS/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 160 - TERRAÇO DO TEJO</b>	104
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 161 - PLANTA DO PRIMEIRO PISO</b>	105
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 162 - AXONOMETRIA DO ESPAÇO</b>	105
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 163 - CORTES DO CENTRO</b>	105
<p> <small>FONTE: ©CCB   <a href="https://www.ccb.pt/en/visitar">HTTPS://WWW.CCB.PT/EN/VISITAR</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 164 - ENTRADA DO MUSEU DA GULBENKIAN</b>	110
<p> <small>FONTE: ©ARQUIVOS GULBENKIAN   <a href="https://gulbenkian.pt/noticias/antes-e-depois/">HTTPS://GULBENKIAN.PT/NOTICIAS/ANTES-E-DEPOIS/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 165 - JARDINS DA GULBENKIAN</b>	111
<p> <small>FONTE: ©RICARDO OLIVEIRA ALVES   <a href="https://gulbenkian.pt/fundacao/os-edificios-e-o-jardim/">HTTPS://GULBENKIAN.PT/FUNDAÇÃO/OS-EDIFÍCIOS-E-O-JARDIM/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 166 - ESPAÇO INTERIOR DA SEDE DA GULBENKIAN</b>	111
<p> <small>FONTE: ©RICARDO OLIVEIRA ALVES   <a href="https://gulbenkian.pt/fundacao/os-edificios-e-o-jardim/">HTTPS://GULBENKIAN.PT/FUNDAÇÃO/OS-EDIFÍCIOS-E-O-JARDIM/</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 167 - FACHADA PRINCIPAL DA GULBENKIAN COM TERRAÇOS AJARDINADOS</b>	111
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 168 - PERCURSO DO BOSQUE</b>	112
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 169 - PERCURSO DA CLAREIRA</b>	112
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 170 - PERCURSO DAS OLAS</b>	112
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 171 - RAMPAS DE ACESSO PÚBLICO PELO EDIFÍCIO</b>	112
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 172 - ESPAÇO INTERIOR DA SEDE DA GULBENKIAN</b>	112
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 173 - PLANTA DO PISO TÉRREO DO CENTRO</b>	113
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	
<b>FIG. 174 - PERSPECTIVA DO ESPAÇO</b>	113
<p> <small>FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25e2%2580%2599athougua-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021</small> </p>	

<b>FIG. 175 - PLANTA DE COBERTURA DO CENTRO</b>	<b>113</b>
FONTE: <a href="https://www.archdaily.com/169378/ad-classics-calouste-gulbenkian-foundation-ruy-jervis-d%25E2%2580%2599athouguia-pedro-cid-and-alberto-pessoa">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/169378/AD-CLASSICS-CALOUSTE-GULBENKIAN-FOUNDATION-RUY-JERVIS-D%25E2%2580%2599ATHOUGUIA-PEDRO-CID-AND-ALBERTO-PESSOA</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 176 - VISTA FRONTAL DO CENTRO DE SINES</b>	<b>118</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 177 - RECORTES INSPIRADOS NAS MURALHAS DO CASTELO</b>	<b>119</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 179 - JOGO DE TRANSPARÊNCIAS E OPACIDADES E RELAÇÃO DO EDIFÍCIO COM A CIDADE HISTÓRICA</b>	<b>119</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 178 - RELAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO COM OS VOLUMES CONSTRUÍDOS DO EDIFÍCIO</b>	<b>119</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>	
<b>FIG. 180 - TRANSPARÊNCIAS AO NÍVEL DA RUA</b>	<b>120</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>	
<b>FIG. 181 - RELAÇÃO INTERIOR-EXTERIOR</b>	<b>120</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>	
<b>FIG. 182 - ESPAÇO INTERIOR MONOCROMÁTICO E VÃO ENVIDRAÇADO</b>	<b>120</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 183 - ESPAÇO INTERIOR DO CENTRO, CIRCULAÇÃO</b>	<b>120</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 184 - SALA DE EXPOSIÇÕES DO CENTRO</b>	<b>120</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 185 - PLANTA DO PISO TÉRREO</b>	<b>121</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 186 - PLANTA DO PISO 2</b>	<b>121</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 187 - ALÇADO E CORTE LONGITUDINAL</b>	<b>121</b>
FONTE: ©DANIEL MALHÃO   <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-38094/CENTRO-DE-ARTE-EM-SINES-AIRES-MATEUS</a>   CONSULTADO EM MAIO/2021	
<b>FIG. 188 - ALÇADO OESTE (PRINCIPAL) DO CENTRO DE DESIGN DO GRUPO ARCA</b>	<b>126</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 189 - VISTA DE CIMA DO COMPLEXO, ARMAZÉM À ESQUERDA E SHOWROOM À DIREITA</b>	<b>127</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 190 - FACHADA PRINCIPAL VISTA DA PLAZA ACUEDUCTO, RECORTES COM MÁRMORE TRAVERTINO</b>	<b>127</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 191 - ÁGORA, PÁTIO TRAPEZOIDAL DO SHOWROOM DO COMPLEXO</b>	<b>127</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 192 - ENTRADA PRINCIPAL DO EDIFÍCIO</b>	<b>128</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 193 - PASSAGEM RECATADA DA ENTRADA</b>	<b>128</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 194 - A ÁGORA VISTA DE CIMA</b>	<b>128</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 195 - ESPAÇO INTERIOR COM RELAÇÃO COM O PÁTIO, FONTE DE ILUMINAÇÃO NATURAL</b>	<b>128</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 196 - SALA DE EXIBIÇÃO DE MATERIAIS</b>	<b>128</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 197 - HALL PRINCIPAL DE RECEÇÃO</b>	<b>129</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a>   CONSULTADO EM JUNHO/2021	

<b>FIG. 198 - LIVRARIA CAFÉ</b>	<b>129</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 199 - ARMAZÉM DO COMPLEXO</b>	<b>129</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 200 - PLANTAS DO NÍVEL 1, 2 E 3 DO CENTRO CULTURAL</b>	<b>130</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 201 - PLANTA DO NÍVEL 1 OU PISO TÉRREO DO COMPLEXO</b>	<b>130</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 202 - CORTE LONGITUDINAL DO COMPLEXO, CORTE TRANSVERSAL E ALÇADO NASCENTE DO ARMAZÉM</b>	<b>130</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 203 - PÁTIO ENTRE CENTRO CULTURAL E ARMAZÉM</b>	<b>131</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 204 - PÁTIO ENTRE CENTRO CULTURAL E ARMAZÉM</b>	<b>131</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 205 - CORREDOR DE CIRCULAÇÃO EXTERIOR</b>	<b>131</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 206 - ÁGORA, SENDO PERCEPTÍVEL O AMBIENTE INTENCIONAL DE PEDREIRA, UMA PAISAGEM NATURAL ADULTERADA PELO HOMEM.</b>	<b>131</b>
FONTE: ©CÉSAR BÉJAR   <a href="https://www.archdaily.com/923783/grupo-arca-showroom-esrawe-studio">HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/923783/GRUPO-ARCA-SHOWROOM-ESRAWE-STUDIO</a> CONSULTADO EM JUNHO/2021	
<b>FIG. 207 - LIMITE DA ZONA DE INTERVENÇÃO DA PROPOSTA DO CORREDOR VERDE</b>	<b>141</b>
FONTE: PLANTA DA AUTORA	
<b>FIG. 208 - ESQUIÇO REPRESENTATIVO DO AMBIENTE NO CORREDOR VERDE</b>	<b>141</b>
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 209 - PLANTA DE INTERVENÇÃO URBANA E CORTE TRANSVERSAL DA PROPOSTA</b>	<b>141</b>
FONTE: PLANTA DA AUTORA	
<b>FIG. 210 - ESQUEMA ILUSTRATIVO DO CONCEITO PARA O CORREDOR VERDE</b>	<b>144</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 211 - PROGRAMA DO CORREDOR VERDE</b>	<b>145</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 212 - PERFIL ESQUEMÁTICO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL</b>	<b>145</b>
FONTE: PERFIL DA AUTORA	
<b>FIG. 213 - ESQUEMA ILUSTRATIVO DA ESTRATÉGIA DAS PLATAFORMAS</b>	<b>146</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 214 - ACESSO ÀS PLATAFORMAS EM RAMPA E EM ESCADA, PLANTA</b>	<b>147</b>
FONTE: PLANTA DA AUTORA	
<b>FIG. 215 - ACESSO ÀS PLATAFORMAS EM RAMPA E EM ESCADA, PERSPETIVA</b>	<b>147</b>
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 216 - AMBIENTE DA PLATAFORMA EM CORTE</b>	<b>147</b>
FONTE: CORTE DA AUTORA	
<b>FIG. 217 - CICLOVIAS NA PLATAFORMA</b>	<b>147</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 218 - PERFIL TRANSVERSAL DA PLATAFORMA</b>	<b>147</b>
FONTE: PERFIL DA AUTORA	
<b>FIG. 219 - PLANOS VERTICAIS NA PLATAFORMA</b>	<b>147</b>
FONTE: PERFIL DA AUTORA	
<b>FIG. 220 - ESPAÇOS PARA CAMINHAR</b>	<b>148</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 221 - ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA</b>	<b>149</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 222 - ESPAÇO PARA SENTAR</b>	<b>149</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 223 - PLANTAS DE IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL DE INTERVENÇÃO</b>	<b>153</b>
FONTE: PLANTA DA AUTORA	
<b>FIG. 224 - AMBIENTE DO PARQUE, ARBORIZAÇÃO</b>	<b>153</b>
FONTE: ESQUIÇO DA AUTORA	
<b>FIG. 225 - ESQUEMA ILUSTRATIVO DA ESCALA DO PARQUE</b>	<b>153</b>
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 226 - PERFIL DA TRANSIÇÃO AO CENTRO CULTURAL</b>	<b>158</b>
FONTE: PERFIL DA AUTORA	

<b>FIG. 227</b> - ESQUEMA ILUSTRATIVO DA ESTRATÉGIA DA ESCALA DO PARQUE	159
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 228</b> - AXONOMETRIA DO LADO NORTE	160
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 229</b> - AXONOMETRIA DO LADO SUL	160
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 230</b> - AXONOMETRIA DO LADO NASCENTE	161
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 231</b> - AXONOMETRIA DO LADO POENTE	161
FONTE: ESQUEMA DA AUTORA	
<b>FIG. 232</b> - ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO NO PARQUE	162
FONTE: ESQUEMAS DA AUTORA	
<b>FIG. 233</b> - ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA	163
FONTE: ESQUEMAS DA AUTORA	
<b>FIG. 234</b> - MOBILIÁRIO URBANO	163
FONTE: ESQUEMAS DA AUTORA	
<b>FIG. 235</b> - ESPAÇOS DE APROPRIAÇÃO DAS PESSOAS	163
FONTE: ESQUEMAS DA AUTORA	
<b>FIG. 236</b> - MAQUETA DA PROPOSTA DE ARQUITETURA	167
FONTE: RENDERIZAÇÃO DA AUTORA	
<b>FIG. 237</b> - DIAGRAMAS DE CONCEÇÃO VOLUMÉTRICA	167
FONTE: DIAGRAMAS DA AUTORA	
<b>FIG. 238</b> - PLANTAS DO EDIFÍCIO, PISO 0 (ESQUERDA) E PISO 1 (DIREITA)	170
FONTE: PLANTAS DA AUTORA	
<b>FIG. 239</b> - ALÇADOS	171
FONTE: ALÇADOS DA AUTORA	
<b>FIG. 240</b> - ZONAS COMERCIAIS E RESTAURANTE	171
FONTE: PLANTAS DA AUTORA	
<b>FIG. 241</b> - CORTES AA, BB E CC RESPECTIVAMENTE	172
FONTE: CORTES DA AUTORA	
<b>FIG. 242</b> - ALÇADOS	172
FONTE: ALÇADOS DA AUTORA	
<b>FIG. 243</b> - MATERIALIDADE DA FACHADA DO EDIFÍCIO	176
FONTE: RENDERIZAÇÃO DA AUTORA	
<b>FIG. 244</b> - MOMENTOS DE SUBTRAÇÃO COM REVESTIMENTO EM PEDRA	177
FONTE: RENDERIZAÇÃO DA AUTORA	
<b>FIG. 245</b> - AMBIENTE DA GALERIA	177
FONTE: RENDERIZAÇÃO DA AUTORA	
<b>FIG. 246</b> - DIAGRAMA DA SALA DE EXPOSIÇÃO	177
FONTE: DIAGRAMA DA AUTORA	
<b>FIG. 247</b> - ÁTRIO CENTRAL E ESPAÇO DE RECEÇÃO	177
FONTE: RENDERIZAÇÃO DA AUTORA	
<b>FIG. 248</b> - GALERIAS DURANTE O DIA E DURANTE A NOITE	178
FONTE: CORTES DA AUTORA	
<b>FIG. 249</b> - DETALHE DO CONCEITO CONSTRUTIVO	179
FONTE: DETALHE CONSTRUTIVO DA AUTORA	
<b>FIG. 250</b> - GALERIA DE NOITE, SOMBRA/LUZ , PÁTIO	180
FONTE: DIAGRAMAS DA AUTORA	
<b>FIG. 251</b> - DIAGRAMAS DOS PÁTIOS	181
FONTE: DIAGRAMAS DA AUTORA	
<b>FIG. 252</b> - DIAGRAMA DO ÁTRIO	181
FONTE: DIAGRAMA DA AUTORA	
<b>FIG. 253</b> - DIAGRAMA DO AUDITÓRIO	181
FONTE: DIAGRAMA DA AUTORA	



# | LISTA DE ACRÓNIMOS

AML - ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

AUGI - ÁREAS URBANAS DE GÉNESE ILEGAL

CMO - CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS

CREL - CIRCULAR REGIONAL EXTERIOR DE LISBOA

CRIL - CIRCULAR REGIONAL INTERIOR DE LISBOA

DGOU - DEPARTAMENTO DE GESTÃO E ORDENAMENTO URBANÍSTICO

DPUPE - DIVISÃO DE PLANEAMENTO URBANÍSTICO E PROJETOS ESTRUTURANTES

EE - ESTRUTURAS ECOLÓGICAS

IC - ITINERÁRIO COMPLEMENTAR

IRCAM - *INSTITUT DE RECHERCHE ET COORDINATION ACOUSTIQUE/MUSIQUE*

NUTS - NOMENCLATURA DAS UNIDADES TERRITORIAIS PARA FINS ESTATÍSTICOS

PDM - PLANO DIRETOR MUNICIPAL

PROT - PLANO REGIONAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

REM - REDE ECOLÓGICA METROPOLITANA

UOPG - UNIDADES OPERATIVAS DE PLANEAMENTO E GESTÃO





# I ÍNDICE

RESUMO	I
ABSTRACT	III
AGRADECIMENTOS	V
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
LISTA DE ACRÓNIMOS	XIX

CAPÍTULO I - O PONTO DE PARTIDA	1
1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS	3
1.2 METODOLOGIA DE TRABALHO	6
1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO	8

CAPÍTULO II - AS RELAÇÕES DA ARQUITETURA	13
2.1 A ARQUITETURA E A CULTURA	14
2.1.1 A RELAÇÃO ENTRE A CULTURA E A INTERAÇÃO SOCIAL	18
2.1.2 O PAPEL SOCIAL E CULTURAL DA ARQUITETURA	21
2.1.3 O EQUIPAMENTO CULTURAL COMO PLATAFORMA DE INTERAÇÃO SOCIAL	25
2.2 OS MEIOS DE INTERAÇÃO: OS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO	28
2.2.1 A TRANSIÇÃO NA ARQUITETURA	32
2.2.2 OS TIPOS DE TRANSIÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS	35
2.2.3 A TRANSIÇÃO ENTRE CIDADE E ARQUITETURA	39
2.3 A RELAÇÃO COM O ESPAÇO URBANO	42
2.3.1 A CIDADE E O BAIRRO PARA AS PESSOAS	46
2.3.2 O CORREDOR VERDE COMO ARTICULADOR DE ESPAÇOS FRAGMENTADOS	49

CAPÍTULO III - A CIDADE FRAGMENTADA, ODIVELAS	55
3.1 BREVE NOTA HISTÓRICA SOBRE ODIVELAS	56
3.2 ODIVELAS E A VERTENTE SUL ATUALMENTE	60
3.2.1 O ENQUADRAMENTO TERRITORIAL	64
3.2.2 ORGANIZAÇÃO URBANA E MORFOLÓGICA	67
3.2.3 A ESTRUTURA SOCIAL	70
3.2.4 OS EQUIPAMENTOS	73
3.2.5 O ENQUADRAMENTO DOS IGT	76
3.2 O PARQUE DO SILVADO, ODIVELAS	78

CAPÍTULO IV - AS LIÇÕES TANGÍVEIS DA ARQUITETURA	89
4.1 O CENTRO DE ARTE E CULTURA DE SHOU, CHINA	94
4.1.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: PERCURSOS E PÁTIOS	98
4.2 O CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA	102
4.2.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: TRANSIÇÃO E FLUIDEZ	106
4.3 A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA	110
4.3.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: LUZ, SOMBRA; INTERIOR, EXTERIOR; NATURAL, ARTIFICIAL	114
4.4 O CENTRO DE ARTES DE SINES, SINES	118
4.4.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: ENTRE TEMPOS, ENTRE ESPAÇOS	122
4.5 O CENTRO DE DESIGN DO GRUPO ARCA, MÉXICO	126
4.5.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO E MATERIALIDADE	132
CAPÍTULO V - OS MEIOS DE INTE(G)RAÇÃO, O PROJETO	139
5.1 A ESCALA URBANA	140
5.1.1 O CORREDOR VERDE COMO MEIO DE INTEGRAÇÃO TERRITORIAL	144
5.1.2 AS PLATAFORMAS DE LIGAÇÃO ENTRE LIMITES	146
5.1.3 A CIDADE DE ODIVELAS PARA AS PESSOAS	148
5.2 A ESCALA DO PARQUE	152
5.2.1 A ESTRATÉGIA DE IMPLANTAÇÃO	158
5.2.2 AS RELAÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO COM O EQUIPAMENTO	160
5.2.3 OS MOMENTOS DO PARQUE	162
5.3 A ESCALA DA ARQUITETURA	166
5.3.1 A ARQUITETURA E O PROGRAMA CULTURAL	170
5.3.2 A MATERIALIDADE	176
5.3.3 OS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO	180
CAPÍTULO VI - O DESFECHO	185
AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
BIBLIOGRAFIA	191
ANEXOS	199



*“Existe, sem dúvida alguma, uma arte do relacionamento, tal como existe uma arte arquitetônica. O seu objetivo é a reunião dos elementos que concorrem para a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, enfim...” (Cullen, 2015, p. 10)*

# CAPÍTULO I

---

## O PONTO DE PARTIDA



## 1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

O desenvolvimento perimetral das cidades ao longo dos anos trouxe consigo uma série de problemas nos setores urbano, económico, ambiental, da mobilidade e da integração social. Este alargamento das áreas urbanas, associado à construção desordenada e dispersa levou ao consumo excessivo de recursos, à criação de áreas urbanas pouco qualificadas, prejudicou o potencial dos solos de produção e aumentou os movimentos pendulares associados ao uso de transporte individual (Cavaco *et al.*, 2015).

Odivelas é marcada por um desequilíbrio nos vários setores, consequência de um desenvolvimento em extensão e pouco considerado do território como um todo. As intervenções infraestruturais pensadas na expansão de Lisboa, como a CRIL, resultaram na desarticulação da cidade entre as zonas limite, sul e norte, não obstante os aspetos positivos de mobilidade que as mesmas trouxeram. A zona a norte é marcada por uma consolidação urbana e estruturação de malhas bastante inteligível. Enquanto que a Vertente Sul, possui muitos dos problemas enunciados acima, resultando numa fragmentação do território. A separação física deste, é assim, evidenciada, pelos contrastes a nível social, económico, de planeamento urbano, a nível de equipamentos, serviços e infraestruturas.

A Vertente Sul da cidade de Odivelas, retrata algumas das intervenções irrefletidas e pouco consideráveis de uma sustentabilidade urbana que tiveram lugar nos últimos anos. A questão dos movimentos pendulares é uma, de grande relevância, pois a falta de equipamentos e serviços qualificados na Vertente Sul resulta na busca destes programas fora da cidade, reduzindo-a a uma “cidade dormitório”, onde o caráter residencial é predominante. A ausência de espaços públicos que sirvam as pessoas e promovam a interação social da comunidade, associados aos assentamentos ilegais que constituem grande parte desta zona são também aspetos que contribuem para as fragilidades sociais encontradas no território.

Originalmente um território de características rurais, Odivelas possui uma localização privilegiada situando-se entre o centro e a periferia de Lisboa. Já desde os anos 30 e 40, Odivelas era uma região ocupada por algumas quintas que pertenciam a moradores do centro de Lisboa que usufruíam das mesmas durante o verão. Odivelas no seu conjunto encontra-se fragmentada em quatro grandes partes, o centro histórico, as áreas de génese ilegal, os bairros dos anos 40 a 80 e as novas urbanizações dos anos 90. Sendo que, na Vertente Sul pode-se encontrar a maior incidência das AUGIs. A sul de Odivelas encontram-se grandes infraestruturas como a CRIL e o metro do Senhor Roubado, que por um lado facilitam a mobilidade rápida, mas por outro enfatizam o fenómeno de fragmentação. Mais acentuada na Vertente Sul, este território também é marcado pela sua topografia acidentada, com encostas, vales e linhas de água. Esta condição geográfica, associada à falta de elementos estruturantes do tecido urbano, contribui para a inexistência de equipamentos atrativos de promoção social. No entanto, devido ao centro comercial Strada, esta zona demonstra uma atratividade no setor socioeconómico que pode ser potencializada.



Considerando as principais problemáticas e potencialidades associadas ao local em questão, o foco deste trabalho é promover uma articulação das distintas vertentes de Odivelas, enquanto se criam espaços mais humanizados onde a vida quotidiana possa tomar lugar. Propõe-se dotar a cidade de um equipamento que introduza valor sociocultural e que sirva de plataforma para a interação social de vários tipos de pessoas. Este, localizar-se-á a norte, porém assumindo um caráter de ligação entre as duas margens através da sua proximidade à Vertente Sul, acessibilidade e permeabilidade, e programa interativo e inclusivo para as pessoas. Para tal, recorrem-se aos temas da arquitetura, da cultura, das transições e relações, e do espaço (público).

No contexto de desconexão social, a arquitetura pode revelar-se um instrumento importante para a promoção das relações sociais no espaço e com o espaço. O homem, ao distinguir-se dos outros seres pelas suas manifestações culturais, imprime uma identidade e um conjunto de signos reconhecidos por si e por um grupo. A arquitetura é, ela mesma um produto da cultura e tem a capacidade de albergar o homem e as suas diversas expressões. A cultura, seja ela material ou imaterial, pode melhorar as relações interpessoais e a qualidade de vida das comunidades.

A arquitetura que compõe a cidade insere-se sempre num contexto existente e deve estabelecer relações com a envolvente. Os espaços de transição são indispensáveis para que esta relação seja alcançada de uma maneira controlada. Estes espaços compreendem o conceito do “entre”, remetem à ideia de um espaço não integralmente pertencente a nenhuma das suas fronteiras, permitindo assim uma ligação entre distintas realidades. Os espaços de transição podem promover uma oportunidade de contacto, coesão social, e até uma inclusão de comunidades por parte dos atores dos espaços em questão. A ideia de articulação urbana para o território de estudo é abordada então tendo em conta o potencial que os espaços de transição têm, não só entre o construído, mas também entre os limites e entre as margens, e também servem como elo espacial do território, e social das comunidades.

Num primeiro momento de investigação, pretende-se perceber que fatores influenciaram as transformações ocorridas neste território que motivaram os problemas de desarticulação, desigualdade social e insuficiência de serviços e equipamentos. Também pela investigação intenciona-se perceber que tipo de redes e interligações sociais, económicas e de mobilidade hoje existem e como podem ser melhoradas.

É neste cenário que se relevam pertinentes também os temas do corredor verde como articulador de espaços fragmentados e dos espaços de transição como locais de vivência, fluxo e permanência por via de uma intervenção pensada nas pessoas, para as pessoas visando o desenvolvimento urbano sustentável. O espaço urbano é então pensado de maneira a constituir oportunidades de vivências e apropriações humanas com o objetivo de aumentar a qualidade de vida da comunidade. Os momentos de transição aos quais se pretende ter em conta são relativos às mudanças entre espaços de permanência da cidade, entre a cidade e arquitetura, entre exterior e interior e no próprio espaço arquitetónico.

Aquando de um apuramento dos principais pontos-chave que caracterizam o território pretende-se a criação de uma proposta em que no espaço urbano, comum e público serão abordadas questões que se relacionam com as vivências dos habitantes e a melhoria das condições dos mesmos. Ou seja, um espaço que sirva de palco para a vida das pessoas, que permita que o dia a dia destas tenha maior qualidade e que cumpra com as premissas ideológicas de uma cidade destinada às pessoas. Algumas destas questões traduzem-se nos espaços de transição como um meio de relação entre o público e privado, a ideia da cidade para as pessoas defendida por Jan Gehl e o princípio da mobilidade suave, que permitem que as pessoas experienciem a cidade de forma mais sustentável e segura.

A dimensão arquitetónica destinar-se-á à promoção de uma plataforma de interação, relação e inclusão por parte dos moradores de Odivelas e não só. A ideia de um equipamento, que funcione como ponto de interesse para atrair diferentes pessoas, mas que ao mesmo tempo traga coesão e empatia entre elas, reforce a noção de identidade das pessoas de Odivelas, demonstra ser de grande potencial e alinhada com os focos enunciados anteriormente. Este equipamento, de natureza cultural pretende, através da expressão artística, promover a educação, a cultura, o sentido de pertença e de comunidade. Sendo assim, a promoção da cultura, pretende impactar positivamente a vida social, económica e espiritual das pessoas.

Como conclusão, o conjunto das intervenções procura requalificar o território em questão como espaço pertencente à cidade, coeso e integrado nas suas variadas dimensões: territorial, social, económica e ambiental, enquanto propõe um equipamento de carácter cultural para promoção de interação social, educação, expressão artística e apropriação da comunidade.

## 1.2 METODOLOGIA DE TRABALHO

O desenvolvimento do presente Trabalho de Final de Mestrado foi apoiado numa metodologia de estudo de caso, baseada numa abordagem qualitativa. Recorreu-se a um conjunto de técnicas e instrumentos para a recolha de informação conceptual de suporte, a compreensão do local nas suas variadas dimensões, assim como um conjunto de exemplos de intervenções de referência para a elaboração da proposta. O processo divide-se em duas partes principais - a de carácter teórico de apuramento de conceitos, investigação do tema e levantamentos do território; e a de carácter prático, referente à aplicação do conhecimento adquirido de forma coerente por meio de uma materialização do projeto. As duas partes foram desenvolvidas simultaneamente, em que os conceitos estudados formularam as premissas do projeto e foram sucessivamente aplicadas no decorrer da evolução do trabalho, ao mesmo tempo que as intenções de projeto e elementos formais direcionaram as investigações teóricas.

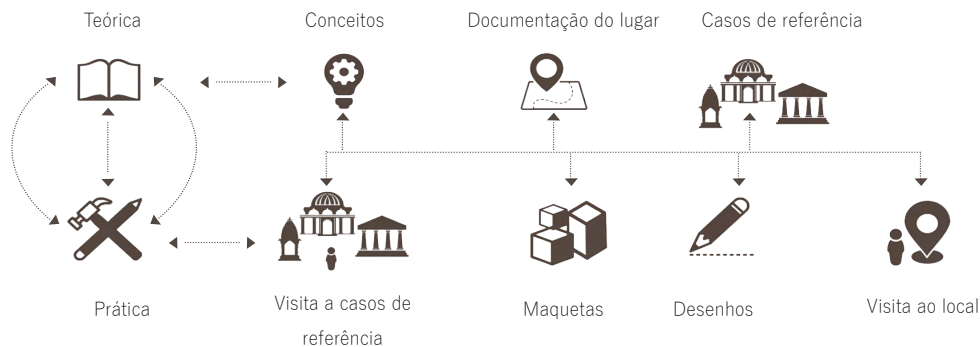


Fig. 1 - Esquema ilustrativo das ferramentas metodológicas do processo de desenvolvimento

Apesar das distintas partes do processo projetual e das fases sequenciais que compõem o mesmo, a elaboração do trabalho teve um desenvolvimento assente no recurso sucessivo aos diferentes métodos de compreensão do lugar, estudo dos temas e experimentação das possíveis abordagens. Deste modo, as tarefas não se esgotam na fase temporal em que são iniciadas, sendo sucessivamente revisitadas. O esquema acima, ilustra a relação existente entre a parte teórica e a prática, assim como as diferentes ferramentas e a sua complementaridade.

Uma primeira fase de estruturação do quadro conceptual e contextual constituiu no reconhecimento do território de estudo a partir da observação direta, de forma a constituir uma caracterização sensorial do local baseada nas impressões visuais, acústicas, percursos e acessibilidades, atmosferas e ambientes, dinâmicas sócio territoriais, elementos característicos, entre outras dimensões que compõem a interpretação do espaço físico. Seguidamente, procedeu-se à investigação, recolha e seleção de bibliografia essencial para perceber a pertinência dos temas levantados, procurando construir um universo conceptual para definição dos conceitos diretrizes do projeto.

Visando uma compreensão mais sólida do território, a segunda fase possuiu uma natureza mais analítica onde a recolha de documentos cartográficos como mapas de levantamento topográfico, de evolução temporal, planos diretores municipais; documentação estatística como censos populacionais, distribuição de setores socioeconómicos e composição demográfica; documentos adicionais como revistas, documentos históricos, dados climáticos

e programas da Câmara Municipal de Odivelas; permitiram a compreensão holística do lugar. A informação obtida consolidou-se com a sistematização da mesma em esquemas, diagramas, resumos e outros formatos de análise. Como instrumento de acompanhamento, fez-se uso de levantamentos gráficos de esquiço. Nesta fase, foi possível consolidar-se as principais problemáticas relativas ao território, a nível do construído como a nível das vivências, as potencialidades, fraquezas, fatores de risco e pontos fortes de forma a balizar os temas e objetivos da proposta.

Não constituindo propriamente uma fase, mas sim um método de acompanhamento de várias etapas no projeto, fez-se recurso à investigação de casos de referência nacionais e internacionais, que fossem de encontro aos temas principais, problemáticas existentes, contexto do lugar, programas definidos e intenções pretendidas. Os principais casos revelaram-se importantes para a perceção de formas de materialização com um conjunto de características e premissas adotadas na presente proposta. Alguns casos também procuraram exemplificar aspetos específicos, que não tendo similaridades globais com o contexto de intervenção, forneceram informação pertinente para a estratégia desenvolvida. E ainda fez-se uso de soluções pontuais adotadas em projetos variados, em que apenas se observou uma certa dimensão.

A fase seguinte, já acompanhada de elementos práticos, destinou-se a uma busca pela relevância do programa de seleção. A investigação programática serviu para fundamentar a proposta do equipamento. Foi acompanhada de consulta de documentação, análise de informação referente aos usos, à sociedade e às carências do local, pesquisa de exemplos, assim como visitas a equipamentos de carácter cultural e social.

Tendo em equação o enquadramento teórico, a contextualização do território e a sustentação programática, pôde-se constituir o universo projetual, alicerçado na aplicação dos conceitos e objetivos previamente lançados. A última fase, correspondeu ao sucessivo trabalho de materialização de três níveis de proposta. Um referente a uma escala urbana de estratégia que responde às principais problemáticas identificadas, a fragmentação dos espaços e carência de espaços de vivência. Outro nível de pormenor urbano que relaciona o objeto arquitetónico com o espaço público e com o contexto imediatamente envolvente. E finalmente a proposta de arquitetura que assume os objetivos programáticos, formais e sociais colocados em questão.

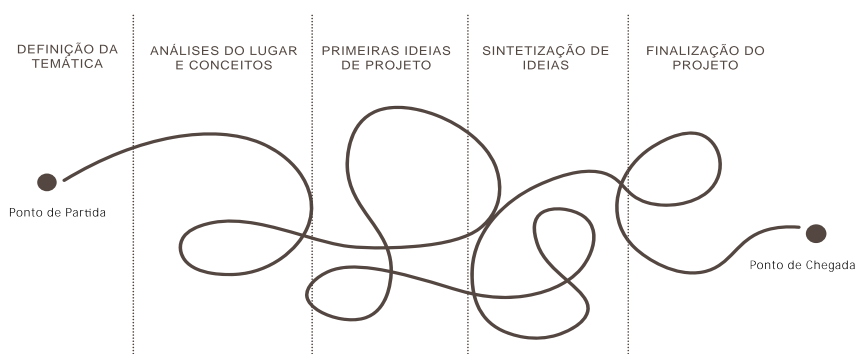


Fig. 2 - Esquema ilustrativo do processo de trabalho

### 1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O presente trabalho tem como estrutura fundamental duas componentes: a componente teórica que compreende o universo dos conceitos, temas e investigações, com o objetivo de sustentar as decisões projetuais; e a componente prática, a representação material das investigações com a aplicação dos principais conceitos. Por sua vez, estas encontram-se organizadas em seis capítulos.

O capítulo I - *O ponto de partida* - é dedicado à apresentação do tema, um breve enquadramento territorial e conceptual, e os principais objetivos da proposta. Trata-se do momento inicial onde se percebem as principais motivações e os temas a serem abordados e de forma análoga, retrata o ponto de partida para a elaboração do projeto. Também é dedicado à explanação da metodologia adotada e à estrutura do documento.

No capítulo II - *As relações da arquitetura* - inicia-se a discussão de caráter teórico com os principais conceitos do tema do projeto. Assim sendo, procura-se perceber a relação entre a arquitetura e a cultura, o impacto das expressões culturais e artísticas na sociedade e o valor da arquitetura de caráter cultural para as pessoas.

Dedicado ao tema das transições, o subcapítulo *Os meios de interação* aborda a várias dimensões que os espaços de transição como plataformas de interação social abrangem e que se revelaram pertinentes para a tomada de decisões do projeto. Porém também se explora a dimensão urbanística e a relação que o objeto arquitetónico tem com a cidade, com as pessoas que nela habitam e com que bases se pode intervir no espaço público tendo em mente as pessoas, a qualidade de vida, a mobilidade acessível, a inclusão social e a sustentabilidade urbana.

Uma vez esclarecidos os conceitos e premissas ideológicas de maneira mais global, no capítulo III - *A cidade fragmentada, Odivelas* - dedica-se atenção em apresentar, de forma mais profunda, o lugar, as suas características, história, problemáticas e dinâmicas. Procura-se entender Odivelas no seu todo, a Vertente Sul de Odivelas que é a zona que será uma das mais afetadas com a intervenção e o Parque do Silvado que é efetivamente o local de intervenção proposto. O título do capítulo retrata a interpretação da principal questão de inquietação referente ao local, assim, parte sendo uma análise crítica em que ao longo do desenvolvimento, consegue-se perceber a razão pela dita *fragmentação*. Procura-se fazer uma análise, caracterização e compreensão do lugar. Este capítulo apresenta também de forma desenhada e escrita a organização urbana e morfológica do mesmo, ou seja, o construído, a malha urbana, as características ambientais, climáticas e geográficas do território e com algum enfoque, os equipamentos existentes.

Assim, pretende-se evidenciar e justificar os pontos considerados motivadores da escolha do lugar, dos objetivos propostos com o projeto, das problemáticas que se comprometeu a dar resposta e da adequação das principais temáticas com relação ao lugar.

O capítulo IV - *As lições tangíveis da arquitetura* - apresenta um conjunto de casos de estudo nacionais e internacionais, usados como modelos para o apuramento de conceitos associados à sua materialização. Os exemplos surgem abordados de forma mais aprofundada no capítulo IV com o objetivo de tornar mais clara a pertinência dos mesmos face às premissas da proposta, uma vez que os contextos conceptuais e do lugar foram anteriormente enquadrados. A partir da observação direta e indireta de arquitetura materializada, foi possível retirar-se lições de aplicabilidade imediata no projeto. A análise destes exemplos práticos de arquitetura tem a finalidade de validar as linhas de pensamento teórico, as premissas projetuais e as abordagens face aos desafios do contexto. O contributo dos casos é evidente nas várias dimensões que cada um traz para a conceção do projeto. Diferentes exemplos são estudados para aspetos particulares do projeto como métodos de abordagem, lógicas programáticas, organizações espaciais, criação consequente de atmosferas, conceitos formais, materialidades e lógicas estruturais.

Como anteriormente referido, a parte teórica e conceptual foi desenvolvida em paralelo com a parte prática de projeto, influenciando-se uma a outra. Porém no capítulo V - *Os meios de inte(g)ração, o projeto* - o projeto, propriamente dito, é apresentado e descrito com o propósito de materializar e sintetizar as reflexões teóricas. O nome advém de um dos objetivos da proposta, a arquitetura e o espaço serem meios para que se possa alcançar a integração territorial e promover a interação social. A proposta compõe-se por três escalas. A escala urbana ampliada que combina as premissas urbanas estudadas numa estratégia que aborda a questão do corredor verde e os espaços de transição como articuladores de duas margens fragmentadas e que têm em conta as pessoas. A segunda escala, *A escala do parque*, dedica-se ao desenho urbano pormenorizado, em que se pode perceber como efetivamente a estratégia urbana pode ser materializada. Esta escala permite perceber elementos determinantes da conceção urbana como o desenho de ruas, mobiliário urbano, espaços de vivência e seus ambientes. Nesta escala apresenta-se também a relação do objeto arquitetónico com o universo urbano preexistente e proposto. Finalmente a escala da arquitetura que apresenta a solução adotada nas suas lógicas conceptuais, formais, programáticas, de pormenor, materialidade e espaço criado por via de desenhos técnicos, diagramas, maquetas, axonometrias e esquiços.

Finalmente, no capítulo VI - *As considerações finais* - conclui-se com uma reflexão das discussões teóricas, as resoluções projetuais e sua coerência tendo em mente o caso específico de Odivelas. Os anexos representam a síntese de trabalho final e também ao longo do período de trabalho, o seu processo. Aqui são apresentadas imagens, maquetas, investigações complementares, experimentações e registos gráficos do desenvolvimento. Estes anexos possuem uma organização autónoma de forma a categorizar os diferentes momentos da investigação, desde os levantamentos até aos painéis finais de apresentação.







*“As cidades são, talvez desde sempre, o lugar privilegiado da arte e da cultura. (...) enquanto contextos privilegiados da produção e da criação artística e cultural; enquanto palcos ou cenários principais da apresentação e da performance, da participação e do consumo culturais; e, por último, enquanto objetos, em si mesmas, de representação estética e de valor artístico, cuja singularidade reside tanto na sua configuração arquitetónica como nas formas da vida social e cultural que pulsam no seu interior.”* (Abreu & Ferreira, 2003, p. 2)

## CAPÍTULO II

---

### AS RELAÇÕES DA ARQUITETURA

## 2.1 A ARQUITETURA E A CULTURA

Segundo Pallasmaa (2005), a arquitetura tem como propósito a materialização de metáforas das experiências vividas que estruturam a existência humana no mundo. Assim, ela manifesta e internaliza concepções e imagens de uma vida ideal. O ser humano, sendo ele sujeito social, cultural e político, reflete-se na arquitetura com estes mesmos valores. A expressão arquitetônica contribui não só para o reconhecimento de quem nós somos mas também quem aspiramos ser.

Assim, a arquitetura sempre esteve ligada à construção da identidade e da memória dos indivíduos servindo como suporte espacial para as mesmas. As características físicas dos elementos espaciais, são confrontados com o comportamento dos grupos sociais que ocupam estes espaços.

No sentido de enquadrar a discussão teórica deste capítulo, torna-se pertinente perceber que significado tem a arquitetura enquanto conceito, e não apenas como suporte físico de abrigo e proteção às atividades humanas.

### A ARQUITETURA

Do grego, *arkhitekton*, em que *arkhé* significa “principal” e *tékhton*, “construtor” ou “construção”, a arquitetura pode ser abordada segundo os diversos aspectos que a compõem: forma, função, materiais, técnica, escala e espaço, e por estes definida. Segundo Zevi, “a definição mais precisa que se pode dar atualmente da arquitetura é a que leva em conta o espaço” (Zevi, 1984, p. 24). Não obstante a necessidade desta se materializar através do conjunto dos vários aspectos anteriormente enunciados. A arquitetura constitui-se então, pelo espaço que cria, materializado pelas suas componentes físicas e caracteriza-se pelo conjunto de valores técnicos, funcionais, decorativos, sociais, econômicos, e culturais nela refletidos.

O espaço arquitetônico, por muitos estudiosos considerado como protagonista da arquitetura, é percebido, experienciado e apropriado pelo homem, seu principal agente externo influenciador. Daí, este espaço desenvolver uma relação evidenciada com as manifestações humanas.

Do ponto de vista da forma, é fundamental trazer à discussão os princípios de Vitruvius para a concepção e caracterização arquitetônica. *Firmitas*, firmeza - referente à estabilidade e aspecto construtivo da arquitetura; *Utilitas*, utilidade - associada à funcionalidade e adequação aos usos; e *Venustas*, beleza - que diz respeito à apreciação estética, são os três elementos fundamentais da arquitetura (Vitruvius, 1999).

A arquitetura, deve então ter em conta o espaço que cria, o seu impacto social e de suporte à vida humana, mas ela também deve seguir os fundamentos de uma arquitetura equilibrada na sua dimensão global, tendo em conta a sua estabilidade física, devendo ter uma função além da materialização física da mesma e ser dotada de aspectos de apreciação estética.

## A CULTURA

A cultura, como já referida, faz parte do conjunto de influentes do espaço e conseqüentemente da arquitetura. Como cultura, pode-se entender o conjunto de crenças, hábitos, ideias, princípios e costumes, adquiridos pelo homem como membro da sociedade. “(...) *definindo, assim, cultura, como um fenômeno social de características simbólico-cognitivas, criado e produzido pelo homem dentro de sua sociedade, como resultado do acúmulo de suas ações, significados e conhecimentos, refletindo a época em que está inserido, e o contexto intelectual específico de cada um*” (Tavares e Costa, 2013, p. 83).

Pertinente para o estudo do quadro conceptual, assume-se também, a definição associada ao conceito de civilização, que engloba no entendimento de cultura<sup>1</sup> as noções de educação, desenvolvimento, bons costumes, erudição, intelectualidade, e valorização artística dos seres sociais (Elias, 1990). Neste contexto, a cultura é caracterizada por um particularismo da mesma, que não é popular, mas sim especializada e parte integrante de um circuito organizado. É manifestada através da expressão em meios específicos com a intenção de construir determinados sentidos e a partir deste relacionar-se com um público. Esta noção de cultura está associada também a um sistema cultural promotor de desenvolvimento das nações, uma vez que as suas atividades abrem perspectivas para a diversidade cultural e reorganização da mesma.

Uma das principais características da cultura, como conceito é a sua abstração, os elementos culturais sobrevivem através da compreensão mental dos seres humanos. A cultura, no seu entendimento conceptual é imaterial e intangível, tornando-se frágil. É importante, então perceber-se uma outra distinção no conceito de cultura. Existe o património cultural imaterial ou cultura simbólica que retrata a manifestação popular, da comunidade, e existe a concepção mais restrita da cultura que se refere à cultura material ou obras e práticas da arte, do intelectual e do entretenimento. A arquitetura encaixa-se no conjunto de cultura material, uma vez que preserva no tempo e no espaço o conjunto de valores que são interpretados a partir do conhecimento dos seus significados, podendo materializar o património cultural imaterial.

A arquitetura permite o entendimento dos signos culturais e dos dialetos da permanência e mudança, de forma a fixar o ser humano no contexto e a enquadrá-lo continuamente na cultura e no tempo (Pallasmaa, 2005). Como tal, a própria arquitetura e suas tipologias, sofrem transformações no decorrer do tempo de modo a enquadrarem-se às necessidades socioeconómicas, programáticas e a reconhecerem a cultura do homem.

---

<sup>1</sup> Uma das origens da palavra cultura surge na busca de uma síntese para definir os termos *Kultur* e *Civilization*, usados para expressar os fenómenos expressivos de duas nações em específico, França e Alemanha. Para os franceses o termo referia-se ao estado de espírito cultivado pela instrução e associado às noções de progresso e educação. Para os alemães simbolizava do espírito de uma comunidade, nos seus aspetos sociais e antropológicos e defendia as ideias de autenticidade e enriquecimento espiritual (Canedo, 2009).





Casa Oriental, Porto

### 2.1.1 A RELAÇÃO ENTRE A CULTURA E A INTERAÇÃO SOCIAL

Os parágrafos anteriores enquadram, dentro do amplo espectro de definições do termo cultura, as duas concepções que guiaram a investigação do presente documento de modo a contextualizar a proposta do equipamento de carácter cultural. A cultura pode ser interpretada como os modos de viver que caracterizam um coletivo, uma comunidade e como o conjunto de obras e práticas artísticas, de atividades intelectuais e de entretenimento.

A cultura que é definida pelo coletivo, que engloba todo um património cultural imaterial - a tradição oral, modos de estar e fazer, organização social, costumes e crenças (Fig. 3 e Fig. 4) - tem uma direta relação com a interação social, este tipo de cultura produz-se através do contacto dos indivíduos, através das relações diretas entre os grupos sociais e é indispensável para o desenvolvimento das sociedades. Pode-se dizer que a cultura permite aos indivíduos, através dos processos interativos, transformarem-se em sujeitos sociais.

*“O estado do indivíduo inclui não só o seu estado biológico e fisiológico, mas sua interpretação estrutural do mundo, como ele o vivencia, baseado nas suas experiências prévias de socialização como membro da cultura”* (Cook-Gumperz e Gumperz, p. 136, 1982).



Fig. 3 e Fig. 4 - Manifestações culturais dos habitantes de Odivelas. Encontro de Tunas de Odivelas

Coloca-se, assim, a questão da seguinte maneira: os processos de comunicação e de pensamento que estruturam o diálogo humano e a troca de ideias entre os indivíduos baseiam-se no conjunto de princípios culturais que estes partilham. Sendo assim, o intercâmbio comunicativo pode ser compreendido através de um entendimento e conhecimento dos princípios culturais básicos (Cook-Gumperz e Gumperz, 1982).

A ausência da cultura no universo de um indivíduo leva a um alinhamento deste em relação às questões ambientais no qual se insere, além de uma comunicação enfraquecida pela falta de signos de compreensão mútua. O ser humano é um ser individualizado e ao mesmo tempo, um ser coletivo. A cultura é essencial para a construção da individualidade de uma pessoa e para que esta desempenhe o seu papel na sociedade. Assim como é fulcral à construção da identidade de uma nação.

A participação na comunidade por parte dos individuais advém da necessidade de comunicação entre os mesmos que é fortemente afetada pela cultura. A identidade cultural permite a construção de uma consciência social que, por sua vez fortalece as relações sociais e sentido de comunidade como um todo e possibilita a redução dos problemas sociais enfrentados na atualidade (Canedo, 2009).

É a partir das relações culturais que somos influenciados pela sociedade. A formação da personalidade é decorrente de um processo de socialização onde os fatores genéticos e inatos são intervenientes (Cornick e Savoia, 1989). A importância da interação social é percebida nesta perspectiva, como auxiliador da formação da personalidade dos indivíduos sociais. As questões relacionadas com a aceitação, afeto e inserção tornam o ser humano dependente da interação, que pode até influenciar a sobrevivência deste.

Por interação social entende-se o conjunto das relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e pelos grupos sociais. É a partir desta interação, mediada pelos processos culturais que o homem desenvolve as suas redes de relações e comportamentos sociais.

As interações sociais geram comportamentos específicos dos sujeitos de um grupo social. Este conjunto de comportamentos, normas e deveres de cada indivíduo constituem o papel social de cada pessoa. Estes são variados dependendo do conjunto de valores culturais que estruturam este grupo social. Pode-se então perceber a relevância da cultura na organização social de uma comunidade, sendo que esta relaciona-se com a construção da personalidade do indivíduo, contextualiza o mesmo num grupo social e no ambiente, contribui para o reconhecimento da identidade cultural e social de uma nação que por sua vez se traduz numa sociedade saudável, em constante crescimento, inter-relações e comunicação.

A noção de cultura que define a mesma como um conjunto de obras artísticas e da criatividade, atividades da intelectualidade e erudição, tem um papel igualmente relevante nos processos de interação social. Está diretamente ligada a construção da personalidade do indivíduo e do seu reconhecimento como membro da sociedade. Esta dimensão da cultura está associada a um desenvolvimento cognitivo e intelectual humano, uma capacidade de expressar sentimentos e sensações, compreender as diversas manifestações artísticas, um desenvolvimento de pensamentos e ideias, e um sentido crítico do mundo (Strey, 2014).

A manifestação física da cultura através das artes visuais, por exemplo, é uma forma do homem expressar os seus pensamentos, sentimentos e ideais, resultando numa obra de valor estético, que é compreendida e interpretada por um público. Este público recetor é influenciado assim por uma maneira de responder à realidade do artista, enquanto este mesmo público acrescenta à obra a sua própria manifestação de sentimentos e pensamentos na sua interpretação. Esta cultura permite a troca de experiências, impressões, visões e conhecimento.



Este processo é fundamental para o desenvolvimento das sociedades e tem-se revelado assim ao longo dos vários anos de evolução da sociedade em que a cultura esteve sempre presente. A obra passa a ser um meio de comunicação social.

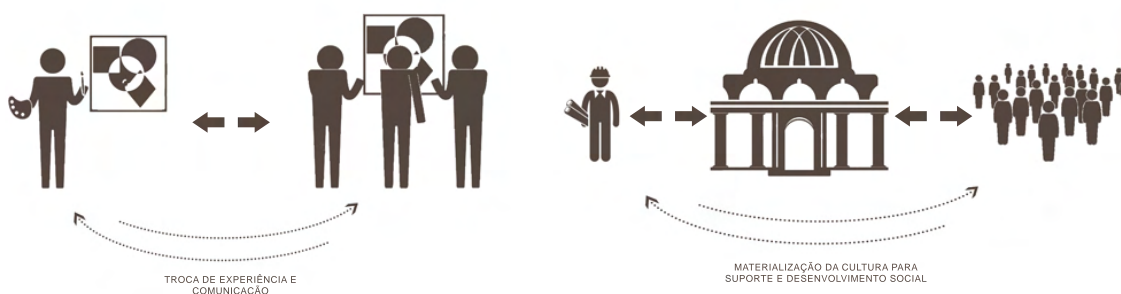


Fig. 5 e Fig. 6 - Esquemas relativos à obra como meio de comunicação social

A dinamização e reestruturação das cidades pode ser dada, por meio da cultura, com vista na promoção de valores socioculturais que contribuem para o desenvolvimento não só social, mas também económico e político das comunidades. Faz parte da discussão o conceito do agente da comunicação, no caso os intermediários da cultura. São os seres especializados em uma determinada área de valor cultural e responsáveis pela produção da obra, como pode ser compreendido pelos esquemas acima (Fig. 5 e Fig. 6). A arquitetura, como inicialmente referido e adiante mais explorado, é uma manifestação cultural e ela tem a sua concretização através de um arquiteto, indivíduo culturalmente especializado que presta um serviço a um público, tendo em mente a realização da obra de forma a que esta seja compreendida e aceite pelo grupo social.

A existência do agente que produz um bem de valor cultural também implica a presença de um outro fenómeno que, fomentado pela interação social, troca de valores e relações de contacto, contribui para o desenvolvimento das sociedades: o fator socioeconómico. A produção cultural no âmbito artístico, intelectual e de entretenimento pressupõe um consumo por parte de um público. Além das trocas sociais, de interação entre indivíduos e suas personalidades, existe a questão da produção cultural como estratégia de desenvolvimento socioeconómico (Tavares e Costa, 2013).

Os benefícios deste fenómeno podem encontrar-se na contribuição para expansão da economia, diversificação da mesma e geração de emprego e rendimento. Pode-se então entender a cultura como um dinamizador de economia.

Resumidamente, a cultura, compreendida como um conjunto de valores de grupos humanos, ou como atividades artísticas e intelectuais, está intrinsecamente ligada ao reconhecimento contextual dos indivíduos, ao desenvolvimento social das comunidades, à dinamização económica das nações.

### 2.1.2 O PAPEL SOCIAL E CULTURAL DA ARQUITETURA

A arquitetura serve de alicerce para o desenvolvimento social, económico e político de um povo, assim como contribui para a valorização e conservação do património social, cultural e histórico deste povo. Neste sentido, ela, e os seus agentes, os arquitetos desempenham um papel fundamental no processo de formação e crescimento do corpo social.

Para Pedro Vieira de Almeida (Almeida, 1964), a responsabilidade social da arquitetura pode ser representada em três níveis fundamentais de importância progressiva, que apesar de independentes, coexistem nos cenários da realidade. O primeiro nível constata a arquitetura como uma atividade artística que se enquadra nos esquemas da estética, sociologia da arte e filosofia. O papel da arquitetura neste contexto é um mais reflexo do que proponente, uma vez que o ato de criação, de qualquer atividade artística, no caso, deve possuir uma “*consciência sociológica*”, que, sem a qual, a criação revela-se inconsciente e desconexa. Com isto, quer-se dizer que a relação dinâmica entre arte e sociedade, deve estar presente, “... a arte é, não um produto da sociedade, mas um fator e (...) têm não só de se explicar mutuamente, mas ainda de se inter explicarem” (Almeida, 1964, p. 239).

Tendo em mente a abordagem anterior, pode-se distanciar a arquitetura das restantes artes da seguinte forma: o segundo nível de responsabilidade da arquitetura, enraíza-se na particularidade que esta tem de se vulnerabilizar perante, e de analisar os fenómenos sociais. O arquiteto ao tomar consciência das implicações que os fenómenos sociais têm na sua arte, ele próprio toma conhecimento dos problemas que diretamente afetam a sua prática. Isto, defende o autor, não quer dizer que a arquitetura por si, pode alterar situações sociais de injustiça, exclusão e liberdade, por exemplo. O papel dela encontra-se na herança de um esquema funcional, um conjunto de normas, construído através de vários contributos que são materializados através das técnicas do arquiteto. Portanto, o arquiteto deve reconhecer os limites de atuação possíveis através da sua técnica, mas procurando um constante conhecimento intelectual para que as suas atitudes sejam coerentes e responsabilizadas.

A última hipótese proclama o nível mais alto de responsabilidade que a arquitetura tem, colocando-a numa posição de “*convite de uma promoção social.*” Esta perspetiva evoca na arquitetura uma premissa crítica que, segundo o autor, deve acompanhar a mesma na sua essência. Uma vez que a atuação social do arquiteto funde-se com a sua atividade profissional, a resposta da atividade deve ser real e integral face aos problemas colocados. Assim, pode-se compreender um conceito de *arquitetura-espaço praticável* como um instrumento de atuação imediata que não só controla, como propõe, instiga e sugere determinadas experiências. O papel da arquitetura é o de modelação de espaços-praticáveis, sejam estes interiores ou exteriores. Sendo assim, o papel do arquiteto deve ser acompanhado de uma consciência crítica, que se alarga no seu campo de atuação, não se distanciando das responsabilidades já pressupostas pela profissão da arquitetura.

“(…) é que a arquitetura, a crítica e o projetar têm de caminhar com uma relação muito mais estreita do que qualquer outra(…). Por outro lado, embora inicialmente posta em relevo por motivos didáticos, sobretudo em relação ao «interior» da construção, esta noção foi logo (e necessariamente para uma continuidade conceptual entre arquitetura e urbanismo) alargada para o exterior, para a ordenação de ambientes urbanos” (Almeida, 1964, p. 242).

Em suma, o arquiteto tem como incumbência social a criação de objetos sensíveis, representativos da comunidade, enquadrados no espaço e no tempo e abrangentes de uma dimensão para além do que é interno à construção. Devendo ser capaz, a arquitetura, a partir de uma crítica constante, ser proponente de comportamentos e experiências sociais. A arquitetura deve ser capaz de produzir cultura.

Uma vez estabelecida a relação entre cultura e homem, é mais evidente a função da arquitetura do ponto de vista cultural, mais uma vez com relação à sociedade. Deste modo, a arquitetura desempenha três papéis fundamentais. 1) O papel de construção de uma imagem arquitetónica enquanto representação cultural, identitária, simbólica de memória coletiva e de património de uma comunidade. 2) O papel de acolhedor de produção cultural, em que o espaço torna-se central para dar lugar aos acontecimentos, relacionando-se assim com a hipótese de responsabilidade social de crítica e resposta ao espaço praticável que serve a comunidade. E finalmente, 3) o papel de espaços não reduzidos à contemplação, mas sim, capazes de mobilizar indivíduos, influenciar diretamente as vidas das pessoas, enquadrados numa demanda contemporânea multifacetada. Para tal compreensão, são abordados exemplos de arquitetura que refletem estes pontos.

A Casa da Música, na cidade do Porto, apresenta-se como um dos exemplos em que a arquitetura tem um papel principal de albergador de uma produção cultural, a música. Trata-se do primeiro edifício português dedicado exclusivamente à música, seja como espaço de apresentação, espetáculos e uso público, como para a criação e formação artística. “(...) um edifício de características únicas onde a música teria uma residência.” (Casa da Música, s.d., para. 1). De autoria do arquiteto holandês, Rem Koolhaas, o projeto da Casa da Música tenta dar resposta às questões de vivência social na cidade com a integração de processos de renovação urbana e reestruturação da rede de equipamentos da cultura.



Fig. 7 e Fig. 8 - Casa da Música, Porto

Apesar deste exemplo retratar a arquitetura como propiciadora de espaço para a cultura, pode-se afirmar que ela própria materializa-se como uma produção cultural. O edifício dotou a cidade do Porto de uma referência arquitetônica a nível metropolitano, nacional e até internacional. A Casa da Música transformou-se num símbolo identitário da cidade e das pessoas. Neste sentido, o edifício converteu-se “*num grande centro cultural e social, símbolo da modernização e vanguardismo arquitetónico*” (Montaner & Muxí, 2010, para. 10).

A grande estrutura em betão armado branco, caracterizada pela assimetria e recortes marcantes na forma, posiciona-se central ao terreno onde se implanta. Esta decisão possibilitou o desenho do espaço urbano envolvente enfatizado pela plataforma pública onde as pessoas são convidadas a estar, passar e vivenciar. A sua organização interior, desenvolvida em torno do grande auditório que depois liga os restantes programas públicos através de um percurso contínuo, é o fator que dita a forma aparentemente aleatória do edifício. Assim, a forma segue a função neste objeto, sendo que são privilegiadas as características de permeabilidade, amplitude e acessibilidade. Com o objetivo de promover a coesão social e da cultura, o edifício da Casa da Música retrata um marco na cidade e um espaço que serve as pessoas e as suas atividades.

No final do século XX, com a emergência da multiculturalidade desencadeada pela globalização das grandes cidades, iniciou-se uma promoção estratégica de espaços culturais de “*interstício*”<sup>2</sup> como revitalizadores urbanos e sociais. O Tate Modern (Fig. 9), de Herzog & de Meuron, foi um projeto realizado em Londres, Inglaterra, cujo principal objetivo foi a criação de um espaço contemporâneo, de promoção social e cultural, porém que fosse consciente do contexto histórico do edifício e que resgatasse o seu passado. O projeto de requalificação do antigo edifício industrial procurou a inserção de diversas atividades contemporâneas de importância atrativa equivalente à dos espaços de exposição. Este centro da cultura destacou-se na proposta de um programa mais equilibrado, que se traduziu na presença de galerias de exposição, cafés, livrarias, bares, restaurantes, espaços de produção artística, educativa e lúdica, entre outros.

A extensão do Tate Modern foi construída sobre os tanques de óleo em desuso, onde se criou uma sala de exposição dedicada a instalações de arte de grande escala, *performances* e filmes. Esta extensão, totalmente nova, procurou uma relação com o edifício existente através de elementos físicos como a materialidade e a geometria bem definida como resposta à monumentalidade retilínea da central elétrica. A relação entre o conjunto também se procurou através da complementaridade dos programas, com a adição de espaços expositivos, de aprendizagem, produção e lazer. Este exemplo, demonstra como a arquitetura desempenhou um papel de mobilizador social através da sua adaptabilidade a atividades contemporâneas e de caráter multifuncional.

---

<sup>2</sup> Conceito definido como “*espaço-entre*” ou o *terceiro espaço* onde homi Bhabha propõe um novo lugar para a cultura, um mais híbrido, afastando-se da ideia de homogeneidade das culturas. Assim, promove-se a articulação cultural das diferenças e identificações. No seu livro *The Location of Culture*, Bhabha proclama o *terceiro espaço* como um espaço metafórico onde distintos paradigmas sociais e culturais interagem de maneira a criar novas formas de pensamento e comportamento, mais misto (Bhabha, 1994).

A decisão de tornar o espaço urbano envolvente ao edifício mais amplo, com recurso a uso de espaços verdes e pavimentados qualificados, tornou mais convidativo este edifício monolítico de caráter industrial. Os acessos ao edifício são, assim, mediados pelos jardins e possíveis pelas quatro direções principais. No interior, os arquitetos visionaram o *hall* central das turbinas como um grande átrio de passagem e reunião das pessoas, dando a elas um grande sentido de espacialidade (Fig. 10).

O projeto do Tate Modern transformou o edifício da central elétrica de Londres, antes devoluto, num símbolo da arte moderna, espaço cultural e social de grande valor para a cidade. As atividades que atendem às questões de usos de espaços e programas da sociedade atual, trouxeram uma nova dinâmica na área. A renovação da zona ribeirinha de Londres compreendeu a requalificação do interior do edifício, mas também a sua componente espacial exterior, de maneira a que toda a envolvente pudesse receber novas vivências por parte das pessoas. Assim, este projeto tem o seu mérito na maneira como revitalizou uma zona urbana, ao proporcionar espaços e atividades que influenciam as pessoas e a sua maneira de estar e viver, neste caso, ao promover uma convivência entre presente e passado histórico, apropriação e convivência temporal, cultural e espacial.



Fig. 9 - Tate Modern

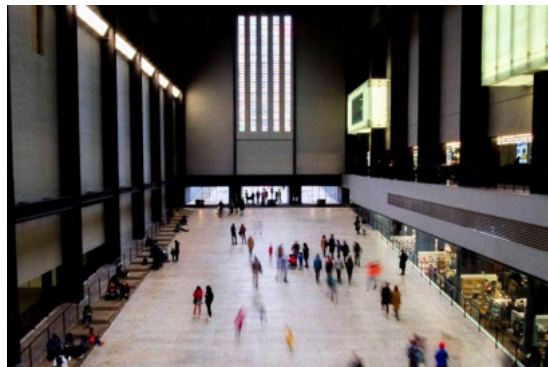


Fig. 10 - Átrio central do Tate Modern

Quanto ao papel social desempenhado pela arquitetura e o papel cultural da mesma, é importante compreender a indissociabilidade presente entre os mesmos. A arquitetura deve servir as pessoas, que por sua vez são seres culturais, produtores de cultura.

As distintas hipóteses em que a arquitetura pode ter uma responsabilização social, referidas acima, além de se caracterizarem pela simultaneidade, também pressupõem a presença da componente cultural do homem. Desta maneira as funções sociais e culturais da arquitetura são intrínsecas em toda a dimensão da atividade de projetar. Os exemplos apresentados, embora categorizados, evidenciam a amplitude de aspectos do espectro sociocultural aos quais a arquitetura deve ser consciente, responsabilizada e responsiva.

### 2.1.3 O EQUIPAMENTO CULTURAL COMO PLATAFORMA DE INTERAÇÃO SOCIAL

*“É a qualidade desse equipamento, a sua composição e distribuição, o justo equilíbrio entre as necessidades que vão surgindo e os serviços que se prestam, que distinguem uma cidade de um simples aglomerado de habitação” (Freitas, 1969, p. 59).*

Os equipamentos têm por objetivo responder às necessidades da sociedade, logo, devem acompanhar o desenvolvimento social, cultural, económico e tecnológico dos serviços coletivos que os mesmos abrigam. Surgem como consequência direta do desenvolvimento e assim desempenham um papel determinante na organização urbana e territorial (Névoa, 2012).

Estes equipamentos podem ter o seu êxito em três fatores principais: na capacidade de oferecer serviços de valor acrescentado à comunidade, na qualidade de autonomia relativamente à entidade que os gerou e no posicionamento dos seus intervenientes, como no caso dos arquitetos ao compreender o espaço envolvente como parte integrante do desenho do equipamento.

Segundo o PDM de Odivelas (Câmara Municipal de Odivelas, 2009) os equipamentos coletivos têm uma função de estruturação e socialização dos espaços urbanos de significativa importância no planeamento e ordenamento do território. Enquanto elemento físico, distinguem-se pelo seu marco arquitetónico simbólico, que faz uso do espaço de maneira distinta às restantes ocupações, de valor singular e como criador de referências. Quanto à socialização que promove nos espaços urbanos, o acesso a equipamentos coletivos pode ser indicador de qualidade de vida e rentabilidade económica quando participa numa lógica de promoção privada. A existência de equipamentos coletivos pode ser, por exemplo, fator contribuinte na escolha de uma zona de residência de uma família.

Os equipamentos culturais, além de constituírem um património cultural, material e imaterial, também estão associados à estruturação territorial, participando assim, na construção da identidade. As estratégias projetuais que envolvem o equipamento cultural tendem a ser particularmente bem sucedidas devido à relação que este equipamento pode estabelecer com a envolvente pública. Existe uma forte componente de inserção urbana e dependência entre exterior e interior, vazio e construído.

A relação estratégica entre equipamento e espaço público demonstra-se essencial na medida em que o espaço público desempenha um papel fundamental na cidade. O espaço público participa na organização social e económica dos territórios e relaciona os distintos elementos urbanos, espaço privado, espaço coletivos e equipamentos. Considera-se este espaço um “fórum público”, com o seu papel de “expressão de vida coletiva” (Mota, 2016, p. 66).

*“Os equipamentos culturais constituem importantes estruturas na promoção do território e da qualidade de vida das populações, tendo vindo a registar uma procura crescente, que tende a aumentar pelas alterações sociais geradoras de novas necessidades no domínio do lazer” (Câmara Municipal de Odivelas, 2009, p.10).*



Fig. 11 - Centro Pompidou, Praça do centro

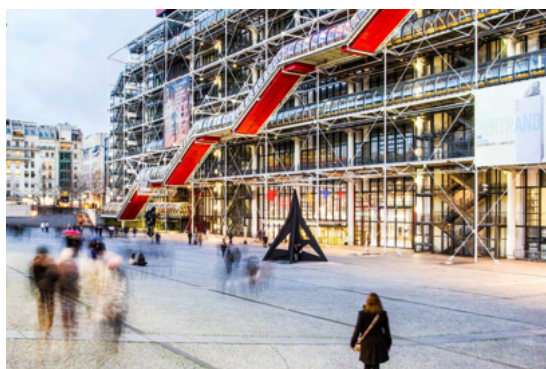


Fig. 12 - Centro Pompidou, nível do pé

Os espaços culturais, como é exemplo o Centro Pompidou dos arquitetos Renzo Piano e Richard Rogers, em Paris, representam intervenções com grande potencial de dinamização sociocultural e revitalização urbana. A implantação da arquitetura deste equipamento, possibilita a existência de um espaço urbano (a praça do centro) ao qual as atividades do interior se estendem, estabelecendo uma inter-relação entre a cidade, o espaço público e a envolvente. Este centro cultural para o presidente Georges Pompidou, alberga assim um conjunto de equipamentos, a Biblioteca Pública de Informação, o Musée national d'Art Moderne, o centro de música e pesquisa acústica, IRCAM, entre outros. Esta diversidade dota o complexo de uma capacidade de atração social, promovendo o contacto entre diferentes indivíduos, o usufruto cultural e a apropriação quotidiana. O edifício, pioneiro dos equipamentos dedicados à cultura, associado ao espaço público que cria, possui um papel importante da integração urbana e como plataforma para a interação social na capital francesa.

De forma a que o equipamento cultural seja capaz de dar resposta às reais necessidades dos indivíduos e melhorar a qualidade de vida, é fundamental perceber as carências, os motivos e tipos de utilização dos espaços por parte destes indivíduos. Desta maneira, visando servir as pessoas, recorre-se a alguns parâmetros de caracterização do equipamento e do espaço público: segurança, acessibilidade e mobilidade, continuidade e permeabilidade, diversidade e adaptabilidade, sustentabilidade social e física, conforto e apazibilidade (Gehl, 2010).

Como mais adiante poderá ser visto, o setor cultural de Odivelas possui uma maior expressão em bibliotecas escolares e espaços polivalentes de natureza associativa. Existe uma pobre diversidade de formatos e serviços, além do que muitos encontram-se em mau estado de conservação, fator que diminui a atratividade destes locais. Estas carências tornam limitada a aderência das pessoas aos espaços. Os equipamentos culturais tornam-se interessantes na medida em que, sendo elementos adaptados às necessidades da contemporaneidade, procuram uma interatividade tanto entre e com os utilizadores, como também com o espaço e o território.

O SECS de Pompéia, de autoria da arquiteta Lina Bo Bardi é um projeto de requalificação do antigo edifício industrial, adaptando-o a novos usos. Trata-se assim, de um centro cultural e desportivo no bairro Vila Pompéia, em São Paulo, Brasil, com teatros, pavilhões desportivos, restauração, espaços de exposição, área de leitura, oficinas, entre outros. Este projeto de caráter social e cultural destaca-se com alguns aspetos fundamentais como a capacidade do mesmo de promover experiências sensoriais e lúdicas, a relação indivíduo-espaço possibilitada pelas experimentações corporais e apropriação do espaço por parte dos utilizadores e das múltiplas funções possíveis.

Quanto à sua forma, o projeto surge com três volumes prismáticos próximos aos galpões da antiga fábrica de tambores de Pompéia que foram também aproveitados. Os espaços são amplos e abertos, possibilitados pelo espaço preexistente da fábrica, agora reconvertidos. A horizontalidade que é inicialmente descoberta no edifício é enfatizada pela sequência de galpões que tiveram a sua estrutura e espaço preservados e apropriados. Tal decisão facilitou a inserção na malha urbana do novo edifício da SESC. O acesso ao centro pela rua é feito a partir destes galpões. Os prismas, de aproximadamente cinquenta e cinco metros de altura em média, caracterizam-se como um marco vertical na paisagem paulista, que correspondem aos blocos desportivos e à torre caixa d'água. Estes blocos cumprem o programa de circulação vertical, espaços de contemplação e circulação com os mezaninos de betão à vista, pavilhões polidesportivos, vestiários, salas de ginástica e outros.

O aspeto cénico deste projeto, mais virado para o “espetáculo” procura servir de suporte de interação espacial, entre utilizadores, entre utilizador e espaço e entre própria a arquitetura e o espaço. O projeto propõe-se a incitar reações das pessoas que dele desfrutam, tendo estas a liberdade de se expressarem por completo, apropriarem-se nos diferentes tipos de espaços, mais constrangidos e protegidos ou amplos e expostos, atraindo assim o interesse de inúmeras pessoas de idades, classes e géneros múltiplos. Não obstante, o edifício tem um caráter forte de promoção cultural, funcionando ele mesmo como um símbolo da cultura.

A relação histórica que este edifício procura reavivar com os galpões industriais, é equilibrada com os blocos desportivos novos, marcantes de uma necessidade contemporânea e complementada pela atitude de integrar elementos da natureza, como elementos vegetais, luz natural, ao que se percebe por um conjunto de caráter industrial.



Fig. 13 - SESC Pompéia, interior



Fig. 14 - SESC Pompéia



Fig. 15 - SESC Pompéia, vista aérea



## 2.2 OS MEIOS DE INTERAÇÃO: OS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO

*“Intervalo” - “O valor deste conceito é mais explícito na soleira «par excellence», a entrada de uma casa. Estamos lidando aqui com o encontro e a reconciliação entre a rua, de um lado, e o domínio privado, de outro” (Hertzberger, 1999, p. 31).*

Ao se falar de espaço de transição, compreende-se que a dimensão temporal está implícita. Os espaços de transição, para que assim o sejam, partem da existência de dois extremos e um intervalo espacial, variado no tempo. O intervalo ou intermediário, na arquitetura, é utilizado para possibilitar uma mudança gradual, regular uma passagem que, de outra maneira, seria abrupta (Balsini, 2014).

Para a percepção humana os conceitos de espaço e tempo são compreendidos como lugar e ocasião, respetivamente. Os espaços intermediários ou de transição entre público e privado traduzem-se igualmente em lugar e ocasião (Oudenampsen, 2011). Estes lugares e ocasiões são indispensáveis para promover o contacto e a coesão social. A casualidade de apropriação por parte dos indivíduos dá-se nestes momentos de interstício de dimensões, entre o fora e o dentro, na esquina de uma rua, na escada da praça. As pessoas tendem a apropriar-se das coisas e lugares, fazendo uso delas o melhor possível. Sem intencionalidade, as coisas e lugares apresentam-se como oportunidades inesperadas de uso para estas pessoas (Hertzberger, 1999).

*“Quando a calçada é tão alta que podemos nos sentar ou nos encostar nela, em ruas com declive, por exemplo, o lugar, se estiver situado favoravelmente (como numa esquina), pode tornar-se um lugar onde as pessoas se encontram e descansam” (Hertzberger, 1999, p. 177).*

Os espaços de transição constituem lugares indispensáveis aos edifícios e a sua qualidade de vivência pois são proporcionadores de convívio, capazes de incentivar as inter-relações sociais, são meios de interação entre as pessoas. Além do mais, estes espaços estimulam o sentido de responsabilidade comum e de pertença, uma vez que são fruto de apropriação individual. As demarcações territoriais servem-se dos espaços de intervalo para atenuar as divisões rígidas entre as diferentes realidades. Neste sentido, estes intervalos devem ser igualmente acessíveis a ambos os lados, não obstante a pertença administrativa ser de um único domínio (Hertzberger, 1999).



Fig. 16 - Crianças a brincar nas escadas, Porto anos 50/70



Fig. 17 - Lisboa nos anos 50/70



Fig. 18 - Sucessão de ambientes, Porto anos 50/70

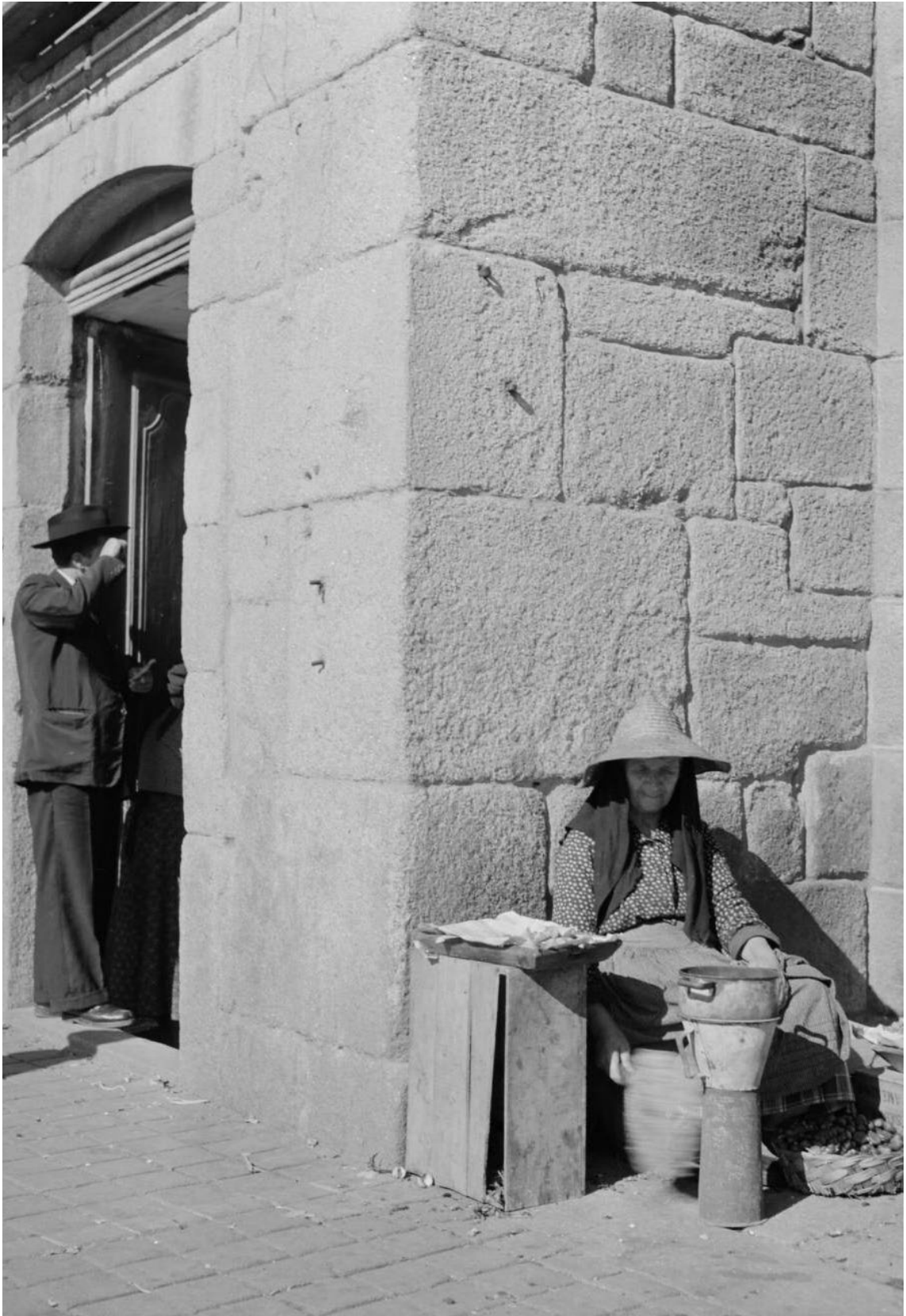
Enquanto elementos físicos de interligação, eles também preservam a privacidade entre os espaços, conseqüentemente das pessoas, controlam a luz, os ruídos, os acessos, as intrusões físicas e visuais, a poluição, e a qualidade ambiental. Deste tipo de espaços podem ser exemplos os corredores, átrios, antecâmaras, alpendres, portas, soleiras, varandas, pátios, desníveis e praças, e fazem a gerência entre os espaços dinâmicos e os espaços estáticos. O conceito de espaço de transição inevitavelmente requer uma abordagem aos temas dos espaços público e privado, e bastante pertinente para este estudo, os espaços interior e exterior, uma vez que a proposta projetual debruça-se sobre um ambiente de domínio público. Nesta ordem de ideias, quando se estuda a dualidade entre público e privado, faz-se a equivalência para o que seria também interior e exterior. Os espaços público e privado são os, anteriormente mencionados, extremos dos quais os espaços de transição intermedeiam.

O espaço público é então, o lugar das relações sociais, onde a vida urbana se desenrola (Gomes, 2002), está associado ao acesso livre e à igualdade, enquanto que o espaço privado pressupõe a pertença e controle de um indivíduo ou um grupo, é uma região protegida. E para que a cidade se torne uma estrutura conexa, é necessário que estes diferentes espaços se relacionem. A esta compreensão, importa referir que o conjunto de elementos privados, formando um espaço público entre os mesmos, não representa uma relação necessariamente desejada. É necessária a relação de comunicação, coesão e interligação entre os elementos privados e o espaço público. Mais uma vez, é onde os espaços de transição desempenham o seu papel. Em *A relação com o espaço urbano* será possível compreender como é que o espaço público é essencial às necessidades de interação humanas, porém destacam-se os espaços de transição como igualmente importantes meios para estas interações e lugares imprescindíveis de comunicação e encontro entre as pessoas. Porém, é necessário que se criem condições que estimulem estes encontros e comunicações.

Segundo Jan Gehl (2011), as pessoas sentem-se atraídas pelas pessoas e as atividades tendem a aumentar as suas duração e extensão quando há muitas pessoas e algo a acontecer. Como estratégia para manter as pessoas nos locais, deve-se garantir espaços para o movimento, assim como condições de permanência prolongada. A questão do argumento para passar tempo no exterior é igualmente relevante, é necessário ter-se um interesse ou uma necessidade para a participação das atividades nos diferentes espaços. A necessidade pode ser representada pela indispensabilidade dos serviços públicos aos indivíduos, por exemplo o supermercado. O interesse pode ser motivado por algum elemento ou atividade cativante, por exemplo um jardim agradável ao final da rua.

Os espaços de transição constituem meios de interação tanto social, servindo de plataforma de reunião de pessoas, como de espaços, servindo de elementos de ligação entre espaços públicos e privados na cidade e entre espaços interiores e exteriores. Estes podem tomar diversas formas, ser apropriados de distintas maneiras e interpretados segundo perspectivas específicas dependendo do ponto de referência. Porém, são indispensáveis para que haja uma fluidez equilibrada na cidade.





Esquina, Porto, Anos 50/70

## 2.2.1 A TRANSIÇÃO NA ARQUITETURA

Para que a arquitetura cumpra os princípios fundamentais - *Firmitas, Utilitas e Venustas* - já anteriormente referidos, ela deve estabelecer ligações entre os espaços interiores e exteriores. O espaço de transição, responsável por esta articulação, ao unir “o espaço do homem e tudo o que está fora dele, abole a separação entre o exterior e o interior” (Simmel, 2020, p. 162). O primeiro momento de relação entre o edifício e o utilizador é na maioria das vezes feito através de um espaço de transição que pode acrescentar ao aspeto funcional do edifício um usufruto estético e espiritual. Os espaços de transição revelam uma grande importância na conceção global dos edifícios pois, além de cumprirem com a função de transição e movimento entre espaços, reforçam a afirmação visual e estética dos edifícios e participam na experiência sensorial e espiritual do homem nos espaços.

Para Vitruvius (1999), os espaços de transição desempenham um papel estético significativo, por serem “em primeiro lugar para os olhos” (Vitruvius, 1999, p. 197), e estabelecem o equilíbrio entre a dimensão exterior e interior. A organização espacial das edificações também tira partido dos espaços de transição ou intermediários para alcançar uma hierarquia e lógica de unidade e sucessão com o conjunto criado. O valor dos espaços de transição na arquitetura, é tal para alguns arquitetos, que Siza Vieira chega a afirmar que a inexistência destes espaços resulta numa perda de qualidade de vida:

*“Na travessia entre dentro e fora é sempre necessária uma mediação, uma transição. Temos uma tradição riquíssima, de origem árabe que, sobretudo no sul de Portugal, torna visíveis os espaços de transição, em que a luz muda até se perder na intimidade do interior. (...) E contudo, esta transição, que em substância constitui uma câmara de descompressão, permite evitar a passagem imediata e desagradável de um ambiente interior, eventualmente com ar condicionado, para os rigores do exterior. Portanto estes espaços de varandas ou pórticos, têm exatamente a função que tem o pátio noutros projetos confrontados com um tecido urbano mais ou menos consolidado. (...) Daqui resulta, portanto, a necessidade destas pausas, que de certo modo desmaterializam a casa e criam uma sensação de continuidade e de passagem suave entre a dimensão do interior e a complexidade do exterior”* (Siza e Giangregorio, 2012, p. 45).

Para Siza, a paisagem e a arquitetura têm uma relação de união entre partes de um todo. Como tal, para que a paisagem seja devidamente apropriada, a intervenção deve ser trabalhada nos vários níveis de acontecimentos, através de ações e gestos, e de participação ativa com a envolvente, de forma a que a transição seja desejável e inevitável. Os aspetos de clausura e privacidade na arquitetura, são o que lhe confere caráter e permitem que o utilizador desenvolva a sua personalidade. O distanciamento com o exterior é um fator necessário para poder transformar o espaço encerrado num mais intimista, que se complementa pelo percurso até este por ambientes de transição (Tainha, 2006).

Sendo assim, a arquitetura deve-se relacionar com a paisagem de forma a construir um conjunto coexistente entre ambos. Porém, deve ser presente a distinção em relação ao que é interior e exterior. A mediação destas realidades é alcançada com os espaços de transição que contribuem para a qualidade espacial do conjunto.

Os momentos intermédios, na arquitetura, dão ao homem a oportunidade de se aproximar da natureza e da paisagem. A necessidade da relação entre paisagem e arquitetura torna-se mais significativa quando enquadrada no contexto contemporâneo em que o ambiente construído ao nosso redor tem-se vindo a afastar significativamente de um ambiente natural mais saudável. Os espaços interiores albergam e restringem a esfera intelectual e emocional da vida humana, enquanto o ambiente exterior defronta estas dimensões sensoriais com as necessidades naturais humanas; estrutura-as e as compartimentaliza. Desta maneira, estes espaços impactam significativamente a vida. A relação entre um e outro (interior e exterior), com o ambiente natural é imprescindível para que se alcance uma harmonia na arquitetura e na vida humana.

O impacto positivo da arquitetura, tanto mental como fisicamente nas pessoas pode ser materializado com o recurso à integração de ambientes naturais de desafogo, como por exemplo jardins interiores e terraços verdes (figuras 19, 20 e 21). Os espaços de transição promovem a contemplação e apreciação destes elementos, ao criarem momentos de pausa, de passeio aquando da realização da sua função de conectores.



Fig. 19 - Jardim da água, CCB, Lisboa



Fig. 20 - Pátio ajardinado casa Nogal, Argentina



Fig. 21 - Relação de Jardim da Fundação Calouste Gunbenkian

Não obstante a importância do contacto com a natureza no quotidiano humano, no contexto mediterrânico, o interesse demonstra-se principalmente, no que Pedro Vieira de Almeida (1962) chama de *semi-aberto*. Este ambiente “*aberto protegido do sol no verão e do vento no inverno*” (Almeida, 1962, p. 127) serve a vida e as atividades, preserva um certo nível de intimidade, e suporta as interações humanas, num espaço que nem é interior, nem é exterior. De forma muito direta, podemos falar do pátio como um espaço semi-aberto que conecta o homem com a natureza, protege das condições exteriores, suporta as atividades e medeia os níveis de privacidade das interações. O pátio como um agente de transição será explorado mais adiante.

Como espaços da categoria do semi-aberto também podemos evidenciar o caso da “*marquise lisboeta*”, que se afasta de um espaço secundário de varanda e arrumação, e passa a ser um espaço de desenrolar de vida, com possibilidades múltiplas. O semi-aberto é um espaço de transição, que tanto serve funcionalmente os espaços da arquitetura, como complementa as possibilidades de apropriação dos espaços pelas pessoas (Almeida, 1962).

Alternativamente à função do espaço de transição como espaço de movimento, anteriormente explanada, podemos debruçar-nos também sobre o ponto de vista de Pedro Vieira de Almeida. Partindo de uma categorização teórica dos espaços em arquitetura, existem as noções de espaço nuclear, espaço complementar e espaço de transição. Vieira defende que os espaços interiores e exteriores são (ou devem ser) compostos por espaços nucleares, onde é feita uma associação ao estado de permanência, e espaços complementares, onde a função de estadia é substituída por um conceito de locomoção e não repouso. Com estes, surge o espaço de transição que conecta o exterior e o interior, salvaguardando a ideia de continuidade entre os mesmos de forma controlada. Todas estas subcategorias do espaço fazem parte do chamado, espaço modelado, ligado à ação de estar no espaço e defini-lo, em oposição do espaço não moldado, aquele “que não é absorvido pelas estruturas primárias” (Almeida, 1962, p. 78).

A continuidade controlada surge em oposição às ideias modernas da planta livre e da sua ambiguidade que demonstrou incorrer a algumas fragilidades do ponto de vista do autor, como a mudança demasiado imediata entre os espaços. Para que exista uma verdadeira continuidade nos espaços é importante que os espaços nucleares sejam claramente perceptíveis. Sem este aspeto, a indefinição espacial torna-se dominante. O autor esclarece o entendimento de espaço de transição com o seguinte exemplo: “O claustro da Sé (...) é um espaço exterior modelado, mas o espaço que as arcadas cobrem é um espaço de transição” (Almeida, 1962, p. 96).

O espaço de transição, caracterizado por uma ambiguidade<sup>3</sup> formal, assume a existência e a necessidade dos núcleos como espaços de ação definida e orientadora. A ambiguidade formal, é então o fator determinante para a existência da ambiguidade de ação, em que as atividades podem-se desenvolver de forma espontânea. Nesta ordem de ideias, os espaços de transição têm uma função de estruturação e hierarquização na arquitetura, porém, para que a “definição” da sua ambiguidade seja clara, há que se perceber a definição dos restantes espaços que compõem a percepção da arquitetura como um todo. O esquema a seguir trata-se de uma reinterpretação do esquema originalmente desenvolvido pelo autor relativamente às categorias dos espaços.

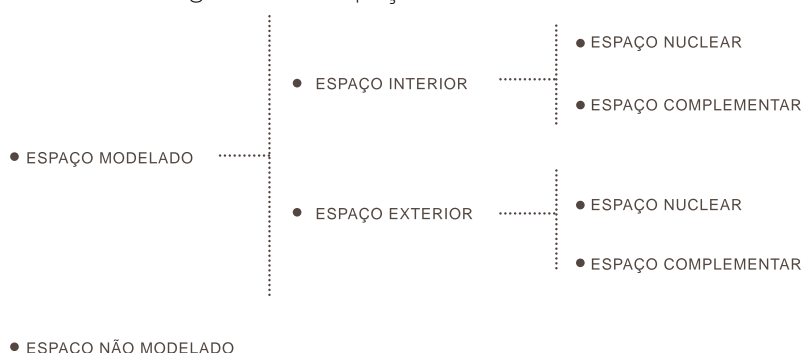


Fig. 22 - Esquema do tipo de espaços da arquitetura

<sup>3</sup> O conceito de ambiguidade, aqui define-se como uma categorização segundo a maior ou menor adesão do espaço a um programa. Quanto menos o espaço cumpre a função do programa inicial, maior a sensação de ambiguidade. Esta é característica dos espaços de transição e dos espaços complementares distanciando-se dos espaços nucleares nesta mesma ambiguidade formal (Almeida, 1962).

## 2.2.2 OS TIPOS DE TRANSIÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS

Os elementos na arquitetura que evidenciam e enfatizam o fenômeno de transição entre realidades espaciais possibilitam as múltiplas funções que os espaços de interstício podem ter, ao mesmo tempo que participam na sua qualidade. Os “tipos de transição” entre espaços, aqui explorados, fazem parte do conjunto de elementos preferidos para materializar os espaços de transição presentes no projeto. Este estudo mais aprofundado procura perceber as suas características físicas variáveis, as suas qualidades e os seus valores intrínsecos, como elementos de transição e de fronteira entre o interior e o exterior.

### O CORREDOR

Fundamentalmente, o corredor é o elemento que mais remete à transição, no sentido imediato da palavra. É um espaço cujo principal propósito é ligar diferentes ambientes, permitindo a transitoriedade dos utilizadores. É um local de passagem. Apesar de, por norma, ser um espaço despojado, ele pode constituir um momento importante de relação visual e comunicação entre as pessoas de polos diferentes, ou mesmo um espaço de pausa antes de se iniciar uma atividade de outro espaço. Para tal, é imprescindível que este seja cuidadosamente estudado para que não se torne num espaço claustrofóbico e desconfortável.

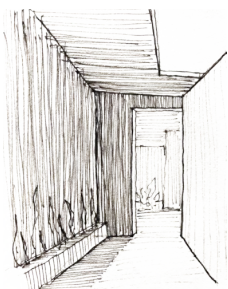


Fig. 23 - Corredor com relação de luz

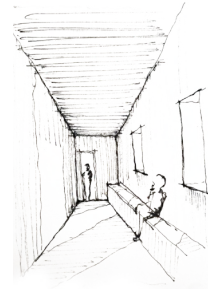


Fig. 24 - Corredor com banco de luz

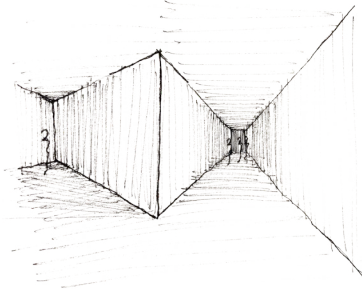


Fig. 25 e 26 - Corredores de circulação

### A ENTRADA E O ÁTRIO

A entrada é um espaço de grande valor social, mental e espiritual. Este, permite ao homem adaptar o seu comportamento social mediante o tipo de espaço que vai encontrar. A passagem suave de uma realidade a outra, favorecida pelo espaço de entrada, permite também uma mentalização sensorial e espiritual do próprio espaço. As emoções associadas ao momento da chegada permitem ao homem uma descompressão total de forma a alcançar um estado mental de sossego. Tal como a entrada, o átrio também permite uma absorção das qualidades espirituais do espaço. É um momento de interação de pessoas.

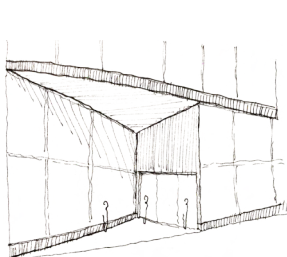


Fig. 27 - Entrada de edifício



Fig. 28 - Entrada com degrau

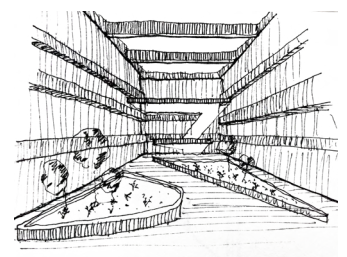


Fig. 29 e 30 - Átrio de entrada



## O VÃO

A principal característica do vão é a sua dualidade. Este pertence a duas realidades em simultâneo, desempenhando variados papéis: de intermédio entre os mesmos, ativador de realidades e mediador de relações. “O vão significa o limite e a sua transgressão” (Brito, 2011, p. 84). Podendo assumir diferentes formas consoante os objetivos e expressões culturais pretendidas, os vãos podem servir como filtros entre interior e exterior, como os cobogós, por exemplo. A comunicação que o vão permite estabelecer é de significativa importância nos espaços que de outra forma seriam isolados, escuros e desconexos. A partir das características dos vãos, pode-se perceber a expressão de um lugar, o tipo de crenças espirituais, o clima, a segurança, a luminosidade, as práticas, os hábitos e a comunidade em si. Estes podem ser: janelas, portas, arcos, postigos, claraboias, soleiras, os seus filtros (portadas, etc) e outros.

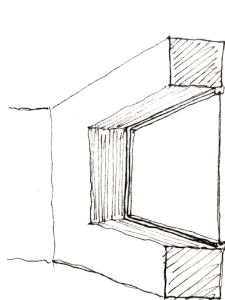


Fig. 31 - Vão em corte perspectivado

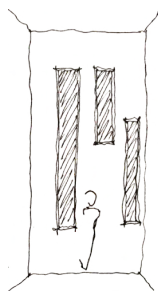


Fig. 32 - Vãos altos

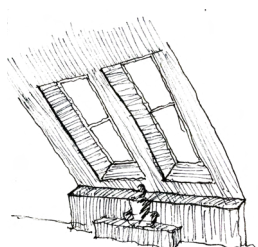


Fig. 33 - Claraboia

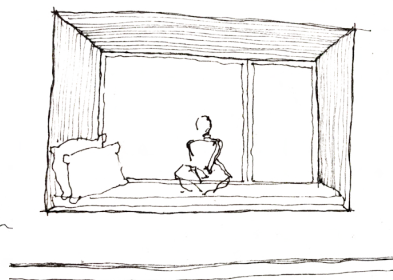


Fig. 34 - Vão com peitoril de sentar

## O DESNÍVEL

O desnível constitui um momento de distinção entre dois espaços, porém faz uma transição particularmente suave em comparação com elementos verticais, como o muro. As alterações de cotas, oferecem a possibilidade de uma apropriação casual, de descanso e repouso, de recreio de crianças, de momento de espera, passeio e apreciação. Os desníveis devem ter em conta o impacto que a variação de cotas pode ter a nível interpretativo do utilizador. Um espaço mais baixo transmite a sensação de proteção e intimidade. Subir até a algum lugar, pressupõe uma visão limitada ao que se encontra no topo, um desconhecido e também uma exposição. Estes desníveis podem ser materializados sob forma de escadas, rampas, lancis e modelação do terreno. Os desníveis também podem criar relações de afastamento de espaços indesejáveis e de aproximação a espaços de contemplação.

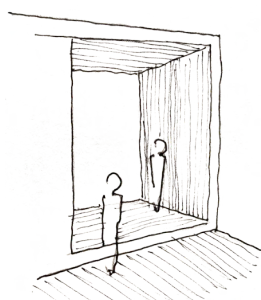


Fig. 35 - Desnível interior/exterior

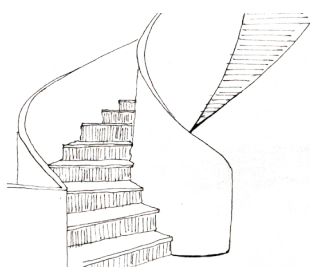


Fig. 36 - Escadas de circulação



Fig. 37 - Escada com rampa

## O PÁTIO

O pátio é um espaço central, a céu aberto, que pode ser um espaço de encontro entre pessoas, ou um espaço privativo que organiza os espaços à sua volta e transporta o exterior para o interior. Estes espaços estão quase sempre associados aos sentidos de segurança, privacidade e pertença. Como espaço de intermediação do exterior e o interior, tem a capacidade de abrigar diferentes usos e apresenta-se com formas, tamanhos, níveis de permeabilidade e caráter diferentes. O vazio presente no pátio estabelece um diálogo forte com o cheio envolvente, complementando assim a arquitetura. No espaço público, o pátio adquire um caráter mais íntimo e fortalece as relações de vizinhança entre as pessoas. O pátio é um filtro para as dinâmicas urbanas e transmite a ideia de sossego. Pode ser apropriado de inúmeras maneiras e assim vivenciado de forma versátil.

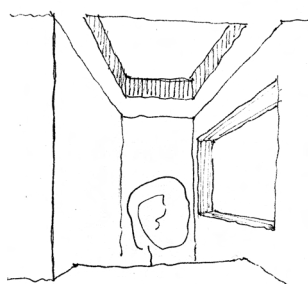


Fig. 38 - Pátio

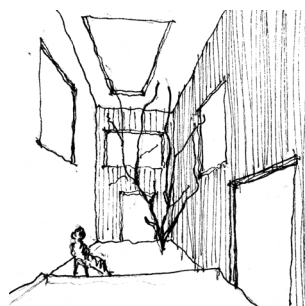


Fig. 39 - Pátio interior

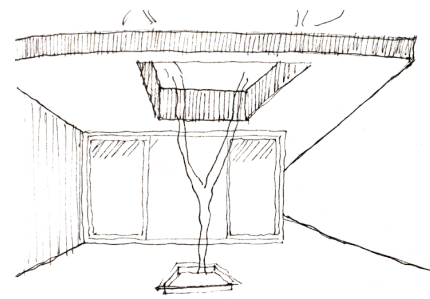


Fig. 40 - Pátio exterior

## A ARCADA

A arcada nada mas é, do que um conjunto de arcos dispostos de maneira a criarem um espaço de transição entre o interior e o exterior, de forma a suavizar a mudança entre os mesmos. Pode ser um espaço de estadia, pois normalmente está protegido da iluminação excessiva e das intempéries. A arcada oferece a sensação de se estar próximo a um espaço interior ao mesmo tempo que se participa passivamente dos acontecimentos do exterior. O ritmo proporcionado pelos apoios dos arcos, os pilares, também transmite uma sensação de dinâmica e possibilidade de desenrolar de atividades. As dimensões que o espaçamento entre arcos e pilares pode adquirir regula a maior ou menor conexão entre os diferentes ambientes. Quanto maior, mais exposto o espaço intermédio é em relação à luz, ao vento, às atividades da rua, e quanto menor, mais protegido e relacionado com o interior.

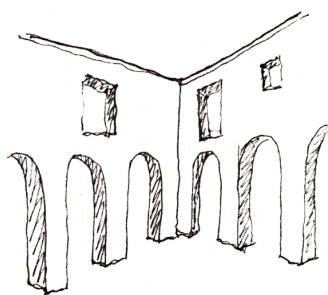


Fig. 41 - Fachadas com arcadas

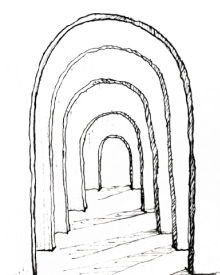


Fig. 42 - Arcos em sucessão

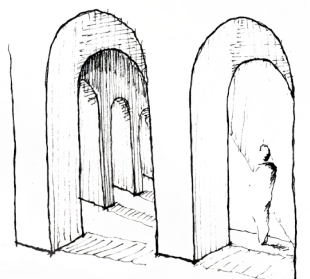


Fig. 43 - Arcada



Fig. 44 - Arcos

## A GALERIA

A galeria é o elemento de circulação exterior, podendo ser equiparada ao corredor. Porém, esta desenrola-se num ambiente que é coletivo ou público e exterior. As galerias são desejáveis como espaços públicos de transição pois, possibilitam a convivência entre indivíduos, são espaços onde as crianças brincam sem o perigo dos automóveis e outras atividades ao ar livre. Por ser associada à rua, a galeria também deve possuir elementos de composição semelhantes, como o mobiliário urbano, materialidade mais característica dos espaços públicos e deve ela mesmo transmitir esta sensação de espaço pertencente a um conjunto. No entanto, ela também pode-se assumir como uma extensão dos ambientes privados, onde atividades mais íntimas podem acontecer. As pessoas tendem a fazer uma apropriação deste espaço, uma vez que se relaciona com as suas duas realidades.

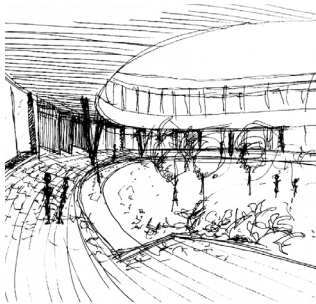


Fig. 45 - Galeria exterior

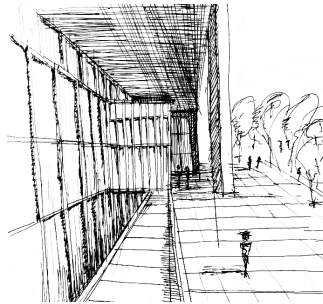


Fig. 46 - Galeria pública

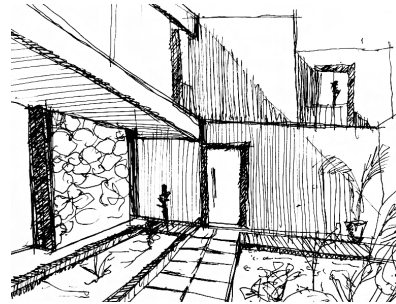


Fig. 47 - Galeria privada

## A PRAÇA

A praça é o espaço central onde, por excelência, a vida sociocultural se desenvolve. Muitas vezes referida como o palco dos acontecimentos da cidade, é um espaço de interação, troca de impressões, permanência e manifestações entre os indivíduos. Os edifícios que a delimitam, normalmente de uso coletivo, dão à mesma um significado e caráter. A praça pode significar poder, quando ganha uma importância nacional e de imagem de uma cidade, acompanhada de uma composição formal e de ordem; caráter económico, quando funcionam como núcleo de estabelecimentos comerciais, atividades mobilizadoras das pessoas e da economia; e símbolo de ambiente natural, com os espaços livres, abertos, arborizados, assegurando a salubridade da malha urbana onde se integra. A praça pode também traduzir uma cultura, tradição, identidade e história de um povo.

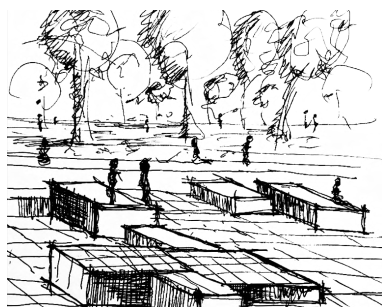


Fig. 48 - Praça contemporânea

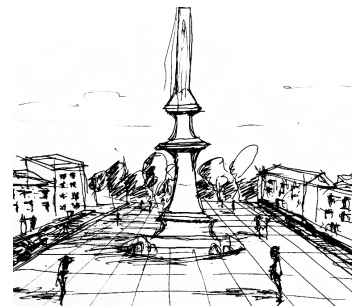
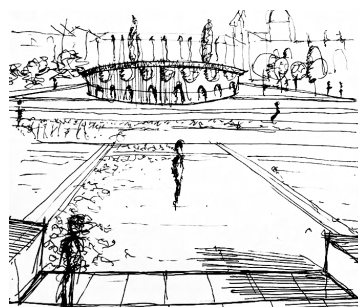


Fig. 49 e 50 - Praças públicas

### 2.2.3 A TRANSIÇÃO ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

A ligação entre arquitetura e urbanismo é já reconhecida por muitos profissionais e estudiosos como imprescindível. Sem a continuidade que o urbanismo transmite, a arquitetura torna-se uma ilha. “A experiência espacial própria da arquitetura tem o seu prolongamento na cidade, nas ruas, nas praças, nas ruelas e nos parques, nos estádios e nos jardins, ali onde a obra do homem delimitou vazios quer dizer onde criou espaços cerrados” (Almeida, 1962, p. 61).

A conexão entre a cidade e a arquitetura pode ser feita através de espaços de transição. Para que a cidade seja considerada um todo, é necessária a coesão nas mais diminutas escalas, como é a escala da rua. É nesta, que os edifícios e os espaços circundantes se confrontam. Zevi (1996) reconhece que a arquitetura não é determinada apenas pelo ambiente interno que cria, mas igualmente pelo seu exterior e como este se articula com a envolvente. O momento de transição entre cheio e vazio é precisamente o que caracteriza o espaço urbano, no interstício entre cidade e edifício (Amaral, 2007).

“A cidade é desenhada e vivenciada exatamente nos espaços onde se encontram o público e o privado, e principalmente onde são estabelecidas as relações entre eles, onde a vida pública encontra a riqueza dos dois mundos” (Amaral, 2007, p. 12).

Jan Gehl (2010) considera que no processo de construção da cidade a partir da materialização de edifícios e espaço público, a atenção deve ser depositada na qualidade dos espaços e também na interação entre forma, função e conectividade entre os elementos. A vida do espaço urbano é decisivamente influenciada pela qualidade dos espaços de transição da cidade, como no caso do tratamento dos pisos térreos dos edifícios. Sendo que os principais elementos de transição foram anteriormente apresentados, resta neste subponto, perceber melhor a importância desta transição para a cidade e para a arquitetura.

Sendo o conceito de *intervalo* anteriormente estudado, pode-se acrescentar que este, é uma ferramenta indispensável para eliminar a divisão rígida entre espaços com características distintas, substituindo-a por uma mudança, pertencente a, e ativamente presente em ambas as esferas. A fronteira entre o espaço público e privado tem o seu interesse também na ideia de “*public-private boundary*” defendida por Anderson (1986) com sendo capaz de produzir um ambiente bem estruturado. O espaço privado, segundo o autor, acaba por ser de usufruto público respondendo às necessidades públicas, de maneira a estabelecer inter-relações de dependência entre um e outro.

A ideia da privacidade dos espaços é integrante na arquitetura, no construído, mas é na transição entre arquitetura e cidade que os vários níveis desta privacidade surgem e permitem uma gradual interação, dissolvendo as barreiras existentes. De outro ponto de vista, no espaço de transição também podem ser reconhecidos mecanismos de proteção e privacidade. O afastamento que os espaços de transição proporcionam entre o interior e o exterior, distanciam os sons, intromissões e poluição dos interiores.

Além de ser um aspeto prático, este de proteção, a ideia de chegada a um lugar realmente íntimo, induz no psicológico humano uma sensação satisfatória e de segurança. Ao contrário, os espaços de transição possibilitam o alcance a um momento de expressão coletiva, em que as pessoas não se sentem confrontadas com todas as realidades do meio urbano, mas sim, paulatinamente vão-se integrando e familiarizando com as mesmas.

Desta maneira, os espaços intermédios têm um papel social relevante, pois, nestes espaços o homem permite-se a apropriação dos mesmos, fortalecendo o seu sentimento de pertença, o que tem impacto no fenómeno de sustentabilidade social da cidade. “... *permite que as pessoas se avaliem, se relacionem e se identifiquem umas com as outras*” (Van der Ham e Ulden, 2015, p. 146). Impactando também o estímulo espiritual do homem, ao intervalo é atribuída uma carga simbólica de passagem de um universo para o outro.

Subentendida nas explicações prévias, mas importante ser frisada, é a importância da relação entre a própria cidade física e os indivíduos que dela participam. A dificuldade de criação de um vínculo entre os espaços físicos de suporte das atividades humanas e as pessoas, tem-se demonstrado mais acentuada nos últimos tempos. Apesar dos fragmentos urbanos estarem fisicamente ligados por infraestruturas de comunicação, o desenvolvimento perimetral em extensão, de forma descontínua e de frágil planificação urbana, incorreu na dependência destes com o centro. A carente estrutura pública é evidente, no momento em que as pessoas pouco se relacionam com estes espaços públicos, têm dificuldades em ver as suas vidas quotidianas se desenrolarem nestes, e dificilmente conseguem associar a estes um significado sociocultural. Assim, pode-se recorrer ao conceito de transição como meio de reforço do sentido de vivência urbana e de reafirmação social nos espaços.

Os espaços de transição podem ser classificados segundo o seu acesso como semi-públicos e como semi-privados. Os locais semi-públicos (Fig. 51 e 52) são a continuação mais restrita dos espaços públicos. Os semi-privados (Fig. 53) são considerados espaços privados, entretanto, partilhados por um grupo restrito de pessoas. Ambos oferecem possibilidades de dinamização dos mesmos e auxiliam os momentos de transição.



Fig. 51 - Arco - Espaço de transição semi-público, Lisboa

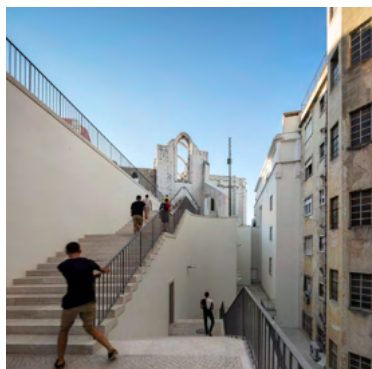


Fig. 52 - Ligação pedonal Chiado, semi-público, Lisboa



Fig. 53 - Logradouro de apartamentos semi-privado, Cidade do México

Para a transição entre arquitetura e cidade, vários são os elementos que podem tomar esta função. Apesar de se ter estudado alguns que fazem a transição tanto na arquitetura como na cidade em *Os tipos de transição entre os espaços*, importa refletir sobre mais alguns. Um momento de transição pode ser um jardim (Fig. 57), um passeio com vegetação, um alpendre, as fachadas dos edifícios, os pisos térreos, os pisos térreos vazados (Fig. 55), as reentrâncias (Fig. 54) e as áreas de recuo dos edifícios.

As fachadas dos elementos arquitetónicos ganham grande destaque nesta função de transição pois pertencem visualmente ao domínio público. “O espaço da rua rouba as fachadas das paredes em volta para construir seus contornos. Essa condição paradoxal cria a impressão de que as fachadas dos prédios são paredes interiores de uma sala ao ar livre” (Holston, 1993, p. 129).

A transição entre a dimensão urbana e a dimensão arquitetónica é fundamental para a cidade coesa. Como tal os espaços de transição facilitam a relação entre as dimensões, apresentando-se como um limite ao mesmo tempo como um momento de conectividade. As variadas tipologias e caracteres que estes espaços podem assumir enriquecem a condição física, social e cultural da cidade. A necessidade das pessoas viverem os espaços da cidade, sejam estes espaços de permanência, de transição, de atividades, de refúgio, de reunião ou de intimidade, é o que mantém a cidade viva.



Fig. 54 - Reentrâncias do Centro Social, Grândola

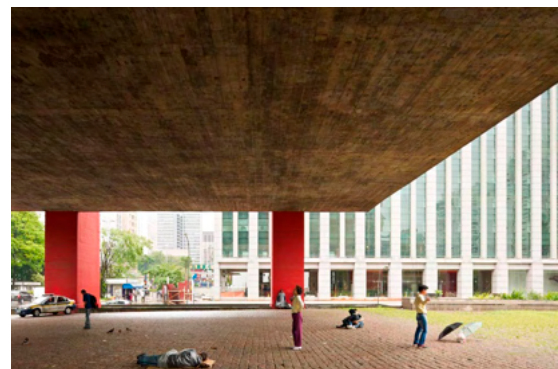


Fig. 55 - Piso vazado do MASP, São Paulo



Fig. 56 - Parque do Museu Politécnico, Moscovo



Fig. 57 - Jardim da Gulbenkian, Lisboa

## 2.3 A RELAÇÃO COM O ESPAÇO URBANO

*“Se questionarmos, portanto, como encontrar na atual cidade periférica, fragmentada, um elemento estruturador comum capaz de a tornar um objeto uniforme e coeso, a resposta passa certamente pelo sistema de espaços públicos: este sistema é a rede que conecta os vários elementos da aglomeração, relacionando-os entre si; é o conjunto de espaços que o sujeito percorre e a partir dos quais lê e percebe a cidade; é a malha que organiza a edificação e que perdura para além dela” (Portas, 2012, p. 187).*

A partir do excerto e das anteriores linhas de pensamento, podemos chegar a uma afirmação, o espaço público é o verdadeiro espaço de transição e conexão entre a arquitetura e a cidade. Ele é o espaço intermediário entre as áreas urbanas e os edifícios. O espaço é público quando a sua condição de acesso é livre, imediata e comum aos indivíduos, e segundo Hertzberger (1999), quando é presente um senso coletivo de responsabilidade pela sua manutenção.

Embora certo que o espaço público é o espaço de acesso livre que faz a intermediação entre cidade e arquitetura, este não se esgota aí. Tal como os espaços de transição e arquitetônicos, acima referidos, este passa por um processo de apropriação humana. A apropriação é o que afasta o espaço urbano de um onde os seus elementos desempenham papéis específicos à definição dos mesmos, como a rua destinar-se apenas à circulação. Pelo contrário, o espaço urbano é um espaço social, cultural, funcional, comercial e espiritual. Abandona-se a ideia de que a arquitetura é o meio onde as pessoas se socializam, trabalham e se recolhem e a cidade o aglomerado destes objetos arquitetônicos ligados pelo espaço público. O espaço de interstício passa a desempenhar um papel de acolhedor de ambas as tarefas, unindo assim as partes, em todas as dimensões. O poste que ilumina a cidade passa a ser um “holofote” onde as crianças brincam quando a luz do dia se dissolve, mesmo antes de terem de voltar para casa. Este aspeto torna a cidade num espaço mais humano e diverso (Cullen, 2015).

De forma a servir as pessoas, as suas necessidades determinadas e espontâneas, o espaço pode ser apropriado pelo movimento, um passeio, e pela ocupação estática, relacionada ao ato de permanecer. E quando um espaço é apropriado destas duas maneiras pode ser considerado um espaço com viscosidade (Cullen, 2015). A ideia de viscosidade revela-se pertinente quando se considera que um espaço para ser rico e apelativo deve favorecer ambas as formas de apropriação, além da sua característica funcional de transição entre objeto arquitetônico e cidade. Desta maneira, revelam-se bem sucedidas as intervenções que consideram a multiplicidade de eventos que um espaço público pode oferecer.

Em a *Paisagem urbana* (Cullen, 2015), o autor apresenta-nos a ideia de que o espaço urbano é um local de muita vida. O ambiente ao nosso redor é construído a partir de uma lógica sensata, de garantir a funcionalidade, privacidade, conveniência e saúde, e a partir de um conjunto de valores subjetivos das pessoas. Ambas são complementares e fundamentais para que o espaço urbano seja completo.



**Fig. 58** - Apropriação da parte inferior de uma infraestrutura, San Antonio- Texas



**Fig. 59** - Esplanadas na Rua cor-de-rosa, Lisboa



**Fig. 60** - Cinema ao ar livre no Topo do Chiado, Lisboa

Ao falar-se de espaço urbano, pressupõe-se o entendimento de um espaço público coletivo no contexto da cidade. Porém, entender o conceito de urbanidade, também auxilia a interpretação deste espaço de partilha comum entre um conjunto de pessoas e edificações. Ao equilíbrio entre a cidade como espaço coletivo e a individualidade de cada pessoa que compõe a cidade, podemos entender por Urbanidade (Dias, 2006).

As relações que o homem estabelece com o espaço urbano são principalmente de afastamento, pela necessidade que este tem de se refugiar num espaço mais privativo e íntimo, e de aproximação, pela funcionalidade do espaço e as necessidades económicas das pessoas. Porém, como visto antes, os valores subjetivos, são o que tornam o espaço urbano num espaço humano de urbanidade. Este, possui aspetos fundamentais que o caracterizam: é *espaço identitário*, participa ativamente na construção de uma identidade coletiva e individual da sociedade; é *espaço relacional*, uma vez que os vários elementos que o ocupam coexistem entre si e se relacionam; é *espaço histórico*, a partir do desenrolar das atividades no tempo, este espaço constrói uma memória coletiva da comunidade (Neves, 2013).

Tal como a arquitetura, o espaço urbano serve o homem. Quando se assume que o homem desenvolve as suas atividades em ambos estes espaços, nota-se que a arquitetura como acolhedor destas é insuficiente. Como tal serve-se da relação que estabelece com o espaço urbano para se complementar. As temáticas seguintes focam-se num conjunto de boas práticas de interpretação e de intervenção no espaço urbano de forma a que este seja sensível aos mais variados aspetos de ação humana e suas manifestações físicas de forma a complementar a arquitetura e a cidade.







Vivências urbanas, Porto nos anos 50/70

### 2.3.1 A CIDADE E O BAIRRO PARA AS PESSOAS

*“There is much more to walking than walking!”* (Gehl, 2010, p. 19).

O homem foi feito para caminhar e é através desta atividade que a diversidade da cidade se revela perante ele. Uma cidade sustentável, segura e equilibrada, é uma que oferece oportunidades de uma boa caminhada. Quando o desenvolvimento da cidade tem como foco principal a escala humana, as pessoas mais facilmente têm acesso à interação direta com outras pessoas, com a comunidade, experiências espontâneas, informação, contacto com a natureza, ar fresco e tempo no ambiente exterior (Gehl, 2010). A importância de se pensar a cidade em consideração ao pedestre, ou seja à uma escala dimensional do homem e temporal da velocidade do passo revela-se, quando Gehl (2010) afirma que passeios e espaços qualificados atraem mais pessoas, ciclovias seguras atraem mais ciclistas, estradas novas atraem mais carros. Chega-se ao entendimento que o impacto das decisões tomadas para a cidade, afetam diretamente o seu curso e as pessoas.

“Cidades com vida”, pode ser um objetivo aquando do planeamento das mesmas, ou seja, projetar para que as pessoas mais tarde dela se apropriem. Contudo, também faz parte do processo de planeamento para que a cidade tenha qualidade, seja segura, saudável e sustentável. Restringir o pensar a cidade nas questões dimensionais, geométricas e tipológicas dos elementos que a compõem, pode ser insuficiente para garantir a interação das pessoas.

Pensar na componente vida, pessoas, espaços onde diversas atividades podem tomar lugar, conseqüentemente nos aspetos físicos que suportam estes fenómenos é imprescindível para que a cidade tenha vida, e atraia mais vida. Um dos aspetos muito importantes no espaço da cidade é a imprevisibilidade e casualidade com que as ações podem acontecer, e segundo Gehl (2010), é o que torna a mesma atrativa e interessante. A ideia de poder tomar decisões espontâneas por parte do homem, transmite uma sensação de confiança e empoderamento de si mesmo no espaço. As pessoas são atraídas por pessoas e por eventos inspiradores. Desta forma o autor categorizou as diferentes atividades que podem tomar lugar na cidade e no bairro.



Fig. 61 - Pessoas a andar nas ruas de Lisboa

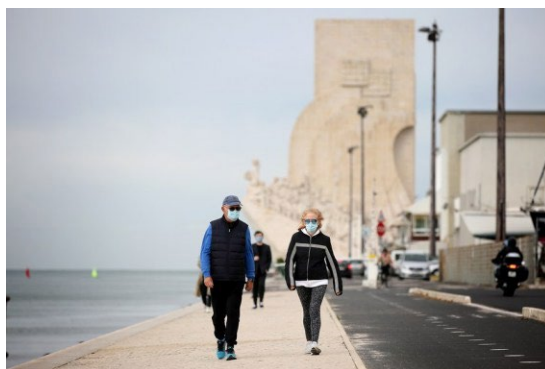


Fig. 62 - Pessoas a caminhar adaptando-se às circunstâncias, Lisboa

As atividades podem ser: necessárias, sociais e opcionais. As atividades necessárias são aquelas que se desenrolam independentemente das condições externas ou espaciais, por exemplo ir trabalhar. Mediante cidades “mal” estruturadas ou “boas” cidades, as pessoas precisam sempre de procurar sustento, alimentação e educação. O planeamento pode impactar positiva ou negativamente este tipo de atividade, mas não o controla.

As atividades sociais, são aquelas que podem ser influenciadas, em parte, pelas condições dos espaços da cidade, porém também possuem um nível de autonomia no seu surgimento, pois o homem é um ser social, e onde existem pessoas, elas socializam. As atividades necessárias também estimulam as sociais. Como é exemplo: reunirem-se os vizinhos na esquina do bairro para conversar na volta do trabalho.

Por último, são as atividades opcionais que envolvem: um passeio por uma zona ribeirinha, observar a vista panorâmica da cidade, sentar-se no parque, entre várias outras. Estas, dependem principalmente das condições do espaço, a sua boa qualidade. Quanto melhores forem as mesmas, mais as pessoas escolhem desempenhar atividades opcionais. O clima tem uma influência relevante, pois as pessoas sempre apreciam estar no exterior quando o clima é agradável. Porém, o maior impacto, pelo menos, que pode ser controlado, está na estruturação da cidade e na qualidade dos espaços.



Fig. 63 - Esquema das atividades consoante a qualidade do espaço

Como já há pouco referido, a escala do homem é muito importante no planeamento dos espaços componentes da cidade. É neles que o homem tem a oportunidade de desfrutar da qualidade da cidade ou sentir falta da mesma. Segundo o autor, o ponto de partida para o planeamento das cidades à escala humana é a promoção de qualidade dos espaços das atividades básicas do homem: andar, estar em pé, sentar, observar, falar e ouvir. A atenção à esta escala, associada aos fenómenos sensoriais humanos, é determinante para o sucesso dos espaços. Sendo assim, as proximidades, as acessibilidades e a mobilidade tornam-se focos a considerar.

Num contexto de cidade fragmentada, a ideia de cozer os extremos através de espaços conectores, com possibilidades de apropriação humana, pelo movimento e pela ocupação estática (Cullen, 2015), pode ser de grande pertinência, sendo que estas iniciativas devem também garantir as condições de vida nas cidades. Ou seja, os espaços conectores devem promover o uso das pessoas, a sua velocidade de circulação, a percepção sensorial destas no ponto de vista do homem.

Podemos tomar como exemplo, não em todas as dimensões do planeamento da cidade, mas nas dinâmicas à escala humana, as vivências e o tipo de atividades que se podem desenrolar, a baixa de Lisboa. A Rua Augusta é uma rua estruturante da baixa de Lisboa, que liga o Terreiro do Paço, Praça do Comércio ao Rossio, Praça Dom Pedro IV. Esta, é uma rua pedonal, inacessível ao trânsito automóvel. A rua é dotada de comércio em toda a sua extensão desde cafés, lojas e restaurantes, de edificado com não mais de quatro pisos (Fig. 64). Os motivos de celebração arquitetónica, como o Arco triunfal da Rua Augusta (Fig. 65), enriquecem a mesma, tornando-a mais atrativa às pessoas.

Portanto, as esplanadas dos cafés e restaurantes, as montras das lojas e os artistas de rua que criam espetáculos, convidam as pessoas a parar, observar, conversar, sentar e apreciar o espaço e as suas atividades. As sensações de segurança, de espaço aberto protegido, agradável, com luz e sombra, são conseguidas por meio da cêrcea dos edifícios, que não é muito alta. Gehl (2010) defende que a arquitetura edificada, na cidade, não deve exceder os cinco pisos, que é mais ou menos o limite do campo visual de conforto do homem. Mais do que isto, as pessoas começam a sentir-se fora de escala em comparação com os edifícios e a sua visão fica constrangida pela silhueta dos mesmos.

A dimensão da Rua Augusta, a sua materialidade, os pontos de interesse que conecta e a sua extensão controlada, propícia para um passeio não muito exaustivo, culminam numa rua de características adequadas para a atividade de caminhar. Assim podemos afirmar que esta rua possui vida e tem um valor adicional na cidade e na vida das pessoas.



Fig. 64 - Esplanadas da Rua Augusta, Lisboa



Fig. 65 - Arco triunfal da Rua Augusta, Lisboa

### 2.3.2 O CORREDOR VERDE COMO ARTICULADOR DE ESPAÇOS FRAGMENTADOS

Em prol da procura de um espaço de cidade para as pessoas, sustentável e saudável, o acesso a ambientes verdes de contacto com a natureza é um fator importante para garantir um bom nível de qualidade de vida. Os corredores verdes são redes de áreas naturais, parques arborizados, espaços abertos com um funcionamento ecológico fundamental para a cidade. Contribuem para a proteção da biodiversidade e dos ecossistemas, para a melhor qualidade do ar e da água e proporcionam oportunidades de recreação, lazer e coesão sociocultural. As infraestruturas verdes são sistemas ecológicos de suporte da vida natural, do ambiente, da vida social, economia e saúde das cidades (Benedict e McMahon, 2006).

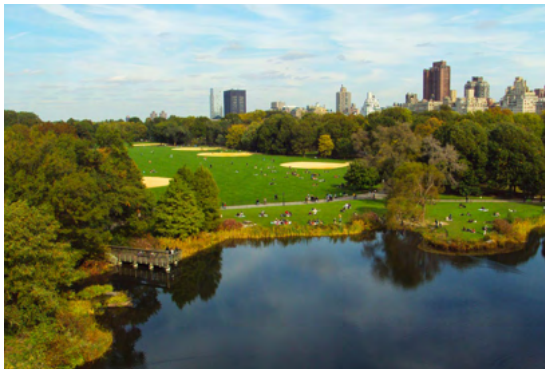


Fig. 66 - Central Park, Nova Iorque



Fig. 67 - Parque Florestal Monsanto, Lisboa

Os corredores verdes podem constituir estratégias de mitigação do isolamento entre fragmentos. A criação de redes no meio urbano, corredores e áreas verdes, que se conectam entre si permeando a matriz urbana, criam uma articulação dos fragmentos da cidade e tornam-na coesa. O conceito dos corredores verdes, caracterizado pela sua extensão interconectada, proporcionando circuitos, baseia-se em cinco ideias chave: linearidade, conectividade, multifuncionalidade, desenvolvimento sustentável e sistemas lineares integrados (Penteado e Alvarez, 2007).

A Linearidade materializa-se na ideia dos elementos que servem a atividade pedonal das pessoas, os ciclistas e transporte público, podem ser passeios, avenidas, passagens, ruas, entre outros. Conectividade traduz-se na ligação potencial entre polos diferentes e pontos de interesse isolados através destas estruturas verdes. O uso de equipamentos comerciais, lúdicos, comerciais, promovem uma diversidade de atividades nestes corredores, tornando-os mais atrativos e sustentando melhor a sua incorporação, daí a multifuncionalidade como ideia-chave. No sentido do desenvolvimento sustentável, é mais afeto o setor ambiental da sustentabilidade com a redução da poluição e purificação do ar, a retenção das águas pluviais pela permeabilidade dos solos e atenuação da subida de temperaturas a partir do sombreamento. Finalmente, a ideia dos sistemas lineares através da criação de uma rede de mobilidade acessível e conectada.

*“Greenways, ou vias verdes, são tipos especiais de corredor com significância ecológica, recreacional e estética ou que possuam valor histórico e cultural ou outros propósitos compatíveis com o conceito de uso sustentável do solo, ou seja, incorporam valores ecológicos e culturais” (Penteado e Alvarez, 2007, p. 59).*

Importa mencionar que no contexto português os corredores verdes são componentes do que se conhece como Estruturas Ecológicas (EE) da Paisagem ou do Território, podendo em definição ser equivalente ao conceito de infraestruturas verdes, definidas anteriormente. Os corredores verdes também são usados como instrumentos para preservar as áreas ecológicas sensíveis e de proteção legal. Ao compatibilizar estas áreas com o tecido urbano, os corredores verdes contribuem na requalificação da malha urbana, na recuperação da biodiversidade dos espaços, e na conectividade sociocultural nos ambientes naturais (Ferreira e Machado, 2010).

Anteriormente foi enfatizada a importância da natureza na arquitetura para a vida das pessoas, do mesmo modo, surge a importância da relação homem-natureza na cidade. Os recursos e ambientes naturais sustentam o território e as sociedades humanas. Os corredores verdes devem, não só proteger a biodiversidade, como devem também compatibilizá-la com as atividades sociais de modo a melhorar a qualidade da paisagem, da cidade e das pessoas.

Além das funções ecológicas destas áreas, dos corredores verdes pode-se enumerar algumas das suas principais funções sociais:

1. Contribuem para o acesso a produtos alimentares frescos como o que acontece com as hortas urbanas que podem contribuir para um melhor aproveitamento dos solos, sustentabilidade e saúde.
2. Possibilitam a preservação de património histórico e cultural. A relação debatida anteriormente entre cultura e sociedade relaciona os corredores verdes como importantes elementos de valor social quando a partir deles se garante uma proteção dos territórios, espaços e objetos de valor patrimonial para as nações.
3. Proporcionadores de espaços de recreio, lazer e bem-estar. Os corredores verdes por serem espaços protegidos dos riscos do trânsito, espaços amplos e sem barreiras físicas de obstrução, permitem atividades lúdicas, recreativas, de espetáculos por parte das pessoas das diferentes faixas etárias, principalmente das crianças. Estas oportunidades fomentam a convivência, a comunicação e a interação social.
4. Como elementos de valorização estética da paisagem. Os espaços quando apelativos esteticamente, comunicam com a sociedade de maneira a atraírem-na. A qualidade da imagem da cidade quando melhorada, neste caso com os corredores verdes, fortalece o sentido de pertença, e a qualidade de vida das pessoas.



Fig. 68 - Corredor Verde de Monsanto, Parque Eduardo VII, Lisboa



Fig. 69 - Corredor Verde de Monsanto, Parque Florestal de Monsanto, Lisboa

O Corredor Verde de Monsanto faz parte das EE da cidade de Lisboa que liga o Parque Eduardo VII ao Parque Florestal de Monsanto, numa extensão de 2,5 km e uma área de 51 hectares. A rede de trilhos que esta incorpora é de cerca de 40 km. O arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles foi o principal responsável pelo desenho do mesmo. Trata-se do primeiro corredor verde da cidade e contou com uma série de jardins e parques, um parque hortícola, uma seara, uma área experimental de prados biodiversos, equipamentos polivalentes, ciclovias, parques infantis, restaurantes, miradouros, quiosques e skate-parque. A diversidade arbórea do corredor é também bastante rica, com carvalhos, sobreiros, ameixoeiras e outros.

O Corredor Verde de Monsanto integra: (Sul), a Avenida da Liberdade, o Parque Eduardo VII, o Jardim Amália Rodrigues, a ponte ciclo pedonal sobre a Rua Marquês da Fronteira, a zona do prado biodiverso de sequeiro perto do Palácio da Justiça, a ponte ciclo pedonal “Gonçalo Ribeiro Telles” sobre a Avenida Calouste Gulbenkian, o Jardim da Amnistia Internacional, o Parque Hortícola Jardins de Campolide, o Parque Urbano da Quinta José Pinto (Norte) e o Parque Florestal de Monsanto que constitui-se de forma autónoma na estrutura dada a sua dimensão (Câmara Municipal de Lisboa, s.d).

O Corredor Verde de Monsanto constitui uma importante infraestrutura verde de conexão territorial, proteção da biodiversidade, articulador de sistemas e subsistemas: de mobilidade, circulação e gerência de águas, e mais; e é um importante proporcionador de atividades recreativas, sociais, culturais e saudáveis.

A cidade de Lisboa, após a inauguração do corredor em 2012, tornou-se numa mais coesa e articulada, desde a sua zona sul até norte, onde é possível, por meio de uma sucessão de espaços verdes qualificados e de apoio às atividades das pessoas, atravessar a cidade de forma pedonal ou de bicicleta, ou mesmo pelo sistema de transportes coletivos.

Os corredores verdes demonstram ser estratégias potencialmente eficazes, de estruturação e planeamento do território, ao mesmo tempo que influenciam as dimensões sociais, ambientais, de salubridade, culturais e históricas da cidade e das pessoas. Os resultados positivos nestes vários setores contribuem para uma cidade mais sustentável, coesa e funcional.







*"As cidades de hoje são, mais do que nunca, espaços fragmentados do ponto de vista urbanístico, social e cultural. (...) Mas a consequência é a mesma: incomunicabilidade. Por falta de tempo, de vontade ou de capacidade, através de estratégias explícitas de distinção ou simplesmente como consequência da voracidade dos novos tempos, a cidade cresce e torna-se mais complexa num contexto de fragmentação cada vez mais acentuado"* (Ferrão, 2004, p. 1).

## CAPÍTULO III

---

### A CIDADE FRAGMENTADA, ODIVELAS

### 3.1 BREVE NOTA HISTÓRICA SOBRE ODIVELAS

A região de Odivelas tem vindo a ser ocupada já desde a Idade do Ferro, e como registo, na zona de Caneças encontramos o “*Sítio das Pedras grandes e das Batalhas*”, com os Dólmenes de pedra que lá se encontram (Fig. 70). Também em Famões foram encontrados monumentos megalíticos, uma necrópole, objetos cerâmicos e instrumentos de pedra e osso. Estes vestígios e a presença da água suportam a conotação da existência de terrenos muito férteis e produtivos em Odivelas desde os primeiros assentamentos. Durante o século III a.C., após a conquista da Península Ibérica por parte dos Romanos, as regiões de Caneças e Ramada, foram testemunhas do legado deixado por este povo. Nestas regiões foram encontrados uma das estradas de rede de comércio (Fig. 71) e objetos do quotidiano dos Romanos.



Fig. 70 - Dólmenes de pedra de Caneças



Fig. 71 - Estrada romana em Odivelas

Por volta do século XIII, durante o reinado de D. Dinis, o território de Odivelas foi ocupado por campos agrícolas e dotado do Mosteiro de S. Dinis a mando do rei. Hoje o mosteiro alberga o túmulo de D. Dinis do século XIV sendo que é considerado “*uma das mais emblemáticas obras de escultura tumular*” (Veiga, 2018, p. 66). Crê-se que o nome Odivelas teve a sua origem na evolução do termo “*Ide vê-las*”, proferido pela Rainha, D. Isabel, nesta mesma altura. O nome, surge oficialmente documentado em 1990, mencionado na compra de algumas herdades de Odivelas por parte do Mosteiro de S. Vicente.

O roubo na Capela do Convento de Odivelas, a 11 de maio de 1671, deu origem ao monumento de pedra adornado com azulejos com motivos pintados que levantam pistas sobre a presença da Inquisição na região. Considerado por muitos como sendo a primeira banda desenhada portuguesa, o Padrão do Senhor Roubado é hoje um monumento histórico de Odivelas.



Fig. 72 - Padrão do Senhor Roubado



Fig. 73 - Mosteiro de S. Dinis e S. Bernardo

Odivelas, um território com características rurais, era pontualmente ocupado por quintas, pertencentes a habitantes da cidade de Lisboa, na sua maioria, que usufruíam destes terrenos para o cultivo e para aproveitar o verão. Após o terramoto de 1755, grande parte da população lisboeta mudou-se para este território em busca de uma melhor qualidade de vida e “ares mais saudáveis”, uma vez que a região de Lisboa ficou completamente destruída. Esta busca levou a um crescimento exponencial da população onde, no território residiam 1 435 habitantes em 353 habitações. Apesar dos danos causados pelo terramoto, também afetos a Odivelas, as pessoas continuaram a mudar-se para esta região (Veiga, 2018).

Entre as quintas de Odivelas, três delas tiveram um papel relevante no desenvolvimento da cidade. A Quinta da Memória, insere-se no centro histórico ao longo da Rua Guilherme Gomes Fernandes, é um edifício construído entre o século XVII e XVIII e possui uma vista privilegiada sobre a envolvente. A Quinta Espírito Santo, trata-se de um palacete de estilo barroco e neoclássico. Foi construído no século XVIII e localiza-se junto à ribeira de Odivelas usufruindo de uma forte ligação com a natureza. A Quinta Mendes, situada na zona a norte da região, foi construída no século XVII. Durante o século XX o desenvolvimento deste território assentava não só na agricultura, mas como na procura de pequenos terrenos para construção de quintas de veraneio e palacetes da alta burguesia como são os casos da Quinta da Memória e da Quinta Espírito Santo, na construção de bairros sociais e na compra de grandes propriedades por parte de grupos económicos como foi o caso da Quinta do Mendes.

Entre os anos 40 e 80, com o contínuo crescimento demográfico, Odivelas chegou a ser registada como a freguesia mais populosa do país. Devido aos preços inacessíveis no centro de Lisboa, do êxodo rural para a periferia das cidades, aproveitando da proximidade à metrópole e habitações a preços mais acessíveis, a população cresce de 6 772 habitantes em 1950 para 51 395 habitantes em 1970 (Câmara Municipal de Odivelas, 2009). Surgem as primeiras AUGIs, que rapidamente transformam o território num de intensa urbanização. Maioritariamente destinados à habitação, os edifícios enquadravam-se nas diversas tipologias de quarteirão desenvolvidas. Os limites das quintas serviram de estrutura para os novos aglomerados habitacionais. Os núcleos urbanos com mais de 2 500 habitantes teriam que elaborar planos de urbanização segundo as diretrizes de Duarte Pacheco. Este fenómeno levou a uma diversidade de características identitárias nos núcleos, resultando numa malha urbana desconexa e fragmentada.

Nos anos 90 a zona das Colinas do Cruzeiro desenvolveu-se dando origem a novas urbanizações de grandes dimensões. Porém, estas urbanizações encontram-se desconexas dos bairros envolventes, o bairro da Arroja Velha e dos Pombais. O território de Odivelas, pode assim, ser agrupado segundo as suas quatro zonas fragmentadas. O centro histórico, os bairros de AUGIs, os bairros dos anos 40 a 80 e as novas urbanizações dos anos 90. Nesta década também se observou o novo plano de acessibilidades rodoviárias para Odivelas que compreendeu a CRIL, CREL, Radial da Pontinha e Radial de Odivelas, com a consequente interligação entre Lisboa, Odivelas e as regiões vizinhas.





Padrão do Senhor Roubado, Odivelas



## 3.2 ODIVELAS E A VERTENTE SUL ATUALMENTE

Odivelas posiciona-se de forma estratégica em relação à Lisboa, encontra-se no segundo anel da Área Metropolitana de Lisboa. Por este facto, foi alvo de profundas mudanças num espaço de tempo relativamente curto. As alterações abruptas de desenvolvimento deste território, a extensão do tecido urbano e sua densificação tiveram repercussões a nível social, territorial e económico. A Vertente Sul é um dos territórios representativos das dificuldades originárias deste desenvolvimento acelerado. Além da área ter sido alvo de assentamentos ilegal e pobres estratégias urbanas, encontra-se fisicamente alinhada do resto do município devido aos elementos de fragmentação (CRIL).

A Vertente Sul de Odivelas, delimitada pela CRIL e pelo concelho de Lisboa, e onde se posiciona a estação do metro do Senhor Roubado é caracterizada, principalmente, pelos bairros de génese ilegal, formalmente conhecidos como AUGIs. Estas AUGIs correspondem a 27% da área do município de Odivelas tornando-o num dos municípios com mais AUGIs no território de Lisboa. As características problemáticas destas áreas desencadeiam situações desfavoráveis ao desenvolvimento sustentável holístico do concelho. Algumas das dificuldades encontradas na vertente sul são:



Fig. 74 - Construções na encosta



Fig. 75 - Terrenos de pertença informal e sem cumprimento de regras legais de construção

1) A localização em zona de acentuado declive e com risco de escarpas e de cheias.

2) Ausência de titularidade legal dos terrenos e casas.



Fig. 76 - Lixo acumulado no espaço público



Fig. 77 - Zona sem passeios e sem espaço público de estadia

3) Falta de infraestruturas como, de saneamento básico

4) Espaços públicos e espaços verdes desqualificados



Fig. 78 - Localização das poucas paragens de autocarro, junto ao metro do Senhor Roubado

5) Insuficiência de transportes públicos para mobilidade dentro da área



Fig. 79 - Largo da Saudade, dos poucos centros com equipamentos, Bairro Vale do Forno

6) Carência de equipamentos e comércio de serviço às pessoas



Fig. 80 - Zona de linha de água com construções ilegais

7) Construções sem segurança e em áreas protegidas



Fig. 81 - Fábrica devoluta, onde foram registados incidentes de vandalismo e criminalidade

8) Insegurança e criminalidade e exclusão social

A escala municipal uma boa parte do território é constituído por áreas clandestinas e aglomerados urbanos ilegais. Enquanto que a zona central do município encontra-se relativamente bem equipada, com um plano de urbanização estruturado, habitações e espaços públicos qualificados, a periferia do concelho encontra-se bastante desequilibrada, com problemas a nível social, económico e urbano.

A contextualização do território de Odivelas com enfoque na Vertente Sul advém da intenção da proposta de intervenção de afetar positivamente as pessoas da área, em particular da Vertente Sul. O posicionamento estratégico do equipamento cultural procura estabelecer uma relação direta do equipamento com as pessoas da Vertente Sul e das zonas a norte. Neste sentido, torna-se importante perceber os aspetos que compõem o território como um todo e desta área mais fragilizada.





Parque Urbano Rio da Costa, Odivelas

### 3.2.1 O ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

#### ODIVELAS

Odivelas é um território inserido no distrito de Lisboa e possui uma área de 26,4 km<sup>2</sup> de acordo com os censos de 2011. A população residente no concelho é de 144 549 habitantes, com uma densidade populacional de 5 484,3 hab/km<sup>2</sup>. Está inserido na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e faz fronteira com os concelhos de Loures a Nordeste, Lisboa a Sudeste, e Amadora e Sintra a Oeste, como indica a figura 82.



Fig. 82 - Enquadramento de Odivelas na AML

Em termos administrativos o município de Odivelas divide-se atualmente em quatro freguesias: União das Freguesias de Ramada e Caneças, União das Freguesias de Pontinha e Famões, União das Freguesias de Póvoa de Santo Adrião e Olival Basto, e Odivelas (Fig. 83). No entanto, os dados estatísticos para análise do território têm em conta os censos que antecedem esta organização administrativa.



Fig. 83 - Organização administrativa do concelho de Odivelas

A proximidade do município de Odivelas com Lisboa, traduz-se numa vantagem e motivo de atração de novos residentes para o território, como também acarreta diversos problemas de acessibilidade e nas redes de transportes públicos, estes ficam saturados, o que impacta significativamente a vida dos residentes, a sua mobilidade e relações socioterritorias. Existe um desequilíbrio na distribuição da infraestruturização que se torna evidente com as principais infraestruturas de acessibilidade que atravessam o território e possibilitam a circulação entre concelhos e a insuficiência de rotas e redes de transporte de acesso público dentro do próprio território como no caso da Vertente Sul, adiante discutido.

Os principais eixos rodoviários regionais que atravessam o município, que contribuem para um desenvolvimento socioeconómico são o Itinerário Complementar 17 - Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL), o IC22, IC16 - Radial da Pontinha, a Autoestrada 9 - Circular Regional Exterior de Lisboa (CREL), a Estrada nacional 8 - Estrada da Estremadura e a EN250 (Fig. 83). Em termos de redes de transporte público, temos o autocarro 736 da Carris e a linha de Metro Amarela (Odivelas-Rato) que liga Odivelas a Lisboa. A Rodoviária de Lisboa, também faz a distribuição com carreiras suburbanas e dentro do próprio concelho e entre freguesias, como se observa na figura 83.

A Freguesia de Odivelas (Fig. 84) possui uma área de 5,04 km<sup>2</sup> e situa-se na zona central do concelho de Odivelas. Inicialmente pertenceu ao 4º bairro de Lisboa e de seguida ao concelho de Belém e Olivais. Odivelas foi durante vários anos uma zona maioritariamente rural. A procura de melhores condições de vida levou à ocupação de inúmeras famílias do interior da capital. Atualmente é uma zona maioritariamente residencial e é uma das freguesias com maior número de população do país (Neves, 2013).



Fig. 84 - Freguesia de Odivelas e Principais acessibilidades do concelho

## VERTENTE SUL

Tal como o nome indica, a Vertente Sul localiza-se na parte sul do município de Odivelas, delimitada pelo Vale do Rio da Costa e pela CRIL, e faz fronteira com o município de Lisboa ligando-se ao mesmo pela antiga Estrada Militar. A expansão dos assentamentos ilegais nesta área deu origem aos cinco bairros que constituem a Vertente Sul. Estes são: Vale do Forno, Encosta da Luz, Serra da Luz, Quinta José Luís e Quinta das Arrombas (Fig. 85). Os bairros possuem todas características muito distintas e resultam num total de 120 hectares de área clandestina (Paulo, 2019).



Fig. 85 - Enquadramento da Vertente Sul

Na seguinte figura 86 observa-se o limite do território correspondente à Vertente Sul, os 5 bairros que o compõem, a relação de proximidade da Vertente Sul com o município de Lisboa, a antiga Estrada Militar e a CRIL que constituem elementos de fronteira entre Odivelas e Lisboa e o próprio concelho de Odivelas. Os problemas encontrados no território, anteriormente referidos, motivaram a elaboração de um Plano de Urbanização da Vertente Sul que conta com 161 hectares de terreno que inclui os cinco bairros de AUGI e área envolvente, com o objetivo de requalificar os espaços e reconverter as zonas ilegais. Na imagem, também se percebe o limite deste plano.

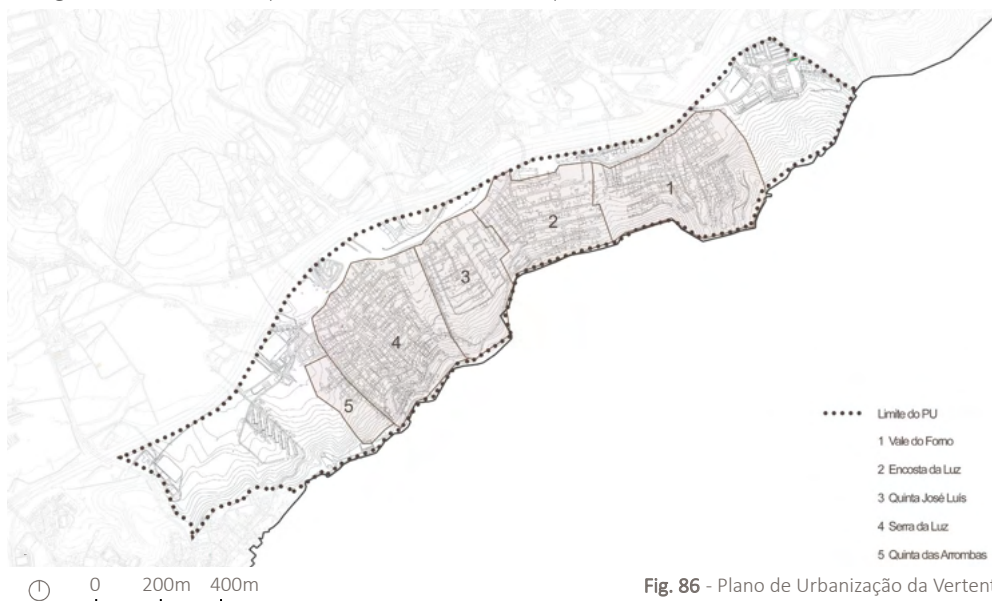


Fig. 86 - Plano de Urbanização da Vertente Sul de Odivelas

### 3.2.2 ORGANIZAÇÃO URBANA E MORFOLÓGICA

As fragilidades urbanístico sociais, a nível de carências de infraestruturas, equipamentos, e áreas descaracterizadas são fatores que classificam Odivelas como uma Área Crítica Urbana da AML. O território de Odivelas pode ser agrupado mediante as suas áreas principais: o centro histórico, os centros urbanos dos anos 40 a 80, as novas urbanizações, e as AUGI (Fig. 87). A falta de homogeneidade no território, causa uma abrupta disrupção na transição entre zonas. As AUGIs da Vertente Sul encontram-se totalmente alienada e isoladas da restante estrutura urbana.



Fig. 87 - Padrões de Ocupação do território

O centro histórico, como se pode observar no mapa da figura 88, é bem servido de equipamentos e comércio tradicional. Este, responsável por manter a identidade do local, é dotado de alguns espaços verdes, e edificado com uma morfologia que permite ao moradores acesso a estacionamento. No entanto, no centro histórico podemos encontrar edifícios antigos, com condições frágeis. O espaço público do território caracteriza-se como um espaço de interesse histórico, multicultural e de localização privilegiada em termos de vistas. Porém, os pontos de interesse para relações sociais, zonas de parques de pouca atratividade, desqualificam a imagem de Odivelas.

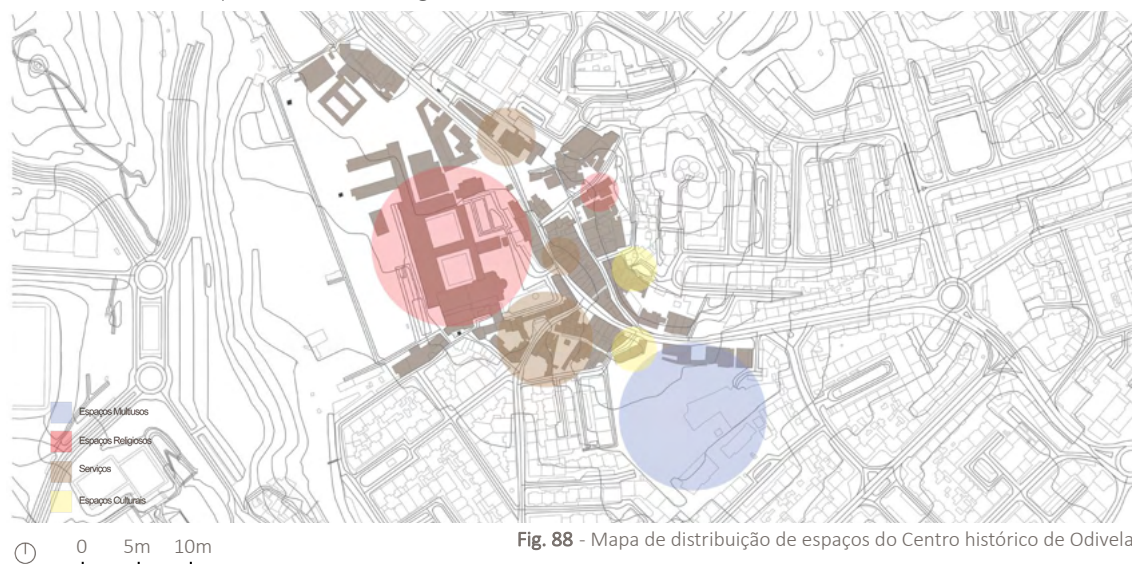


Fig. 88 - Mapa de distribuição de espaços do Centro histórico de Odivelas



Alguns dos elementos de valor patrimonial são classificados como Nível 1<sup>4</sup> do património cultural do concelho de Loures e Odivelas, como por exemplo: o Memorial de Odivelas e o Convento de Odivelas (Monumentos Nacionais), a Igreja Matriz de Odivelas (Património em vias de Classificação) e o Palacete da Quinta do Espírito Santo.

Relativamente à constituição do edificado no território de Odivelas, a maior parte do mesmo destina-se à habitação que por dificuldades económicas e falta de incentivo para a reabilitação, encontra-se degradada. Cerca de 3,5% (em 2011) dos edifícios encontravam-se em condições de degradação. A média de vida dos edifícios no concelho é de 31 anos, sendo que em 2011 eram 16 344 edifícios neste estado. Os alojamentos habitacionais são na sua maioria ocupados por apenas uma família, cerca de 98,1% (140 668) dos mesmos (Fig. 89) (Pereira, 2018).

FREGUESIA	Alojamento com 1 família	Alojamento com 2 famílias	Alojamento com 3 ou + famílias
Odivelas	58 127	740	414
Pontinha	22 507	296	113
Ramada	19 140	275	55
Póvoa St. Adrião	12 719	213	81
Caneças	11 772	140	4
Famões	10 846	83	20
Olival Basto	5 557	164	68
<b>Concelho de Odivelas</b>	<b>140 668</b>	<b>1 911</b>	<b>755</b>

Fig. 89 - Famílias por alojamento no território de Odivelas

A falta de hierarquização dos espaços também é uma consequência do processo de urbanização em núcleos que resultou na fragmentação dos espaços. O concelho carece igualmente de uma hierarquização de vias principais, ruas secundárias e terciárias que estructurem o tecido urbano e o espaço. Deste modo, torna-se difícil a leitura global da cidade e a homogeneidade da mesma.

Os diferentes modelos ocupacionais do espaço construído têm influência consoante o contexto em que se inserem e segundo o Plano Diretor Municipal de Odivelas são oito padrões distintos. As “Zonas Antigas” desenvolvem-se em torno do Mosteiro de D. Dinis e têm como principal característica o surgimento do espaço construído a partir do espaço público. Este primeiro padrão apresenta problemas como a falta de estacionamento levando a que o espaço público se torne no mesmo, e o abandono dos edifícios devido às más condições de conservação. O segundo padrão refere-se às “Zonas de Tipologia Unifamiliar e Dispersa” caracterizadas pela ausência de espaço público, carácter rural e pelas construções isoladas, ligadas por redes viárias apenas. O terceiro inclui as “Zonas de Tipologias Unifamíliares Concentradas”, associadas às AUGIs e à ausência de hierarquia dos espaços. As “Zonas Lineares de Tipologia Multifamiliar”, o quarto padrão, distinguem-se das “Zonas de Tipologia Unifamiliar” pelo número de pisos.

<sup>4</sup> O Segundo o Art. 81º do Diário da República n.º 182/2011, Série II de 2011-09-21 - *Espaços urbanos com valor patrimonial* - o Nível 1 classifica os aglomerados onde o valor patrimonial do mesmo apresenta homogeneidade entre o edificado e a estrutura urbana passível de ser protegida como núcleo antigo (Câmara Municipal de Odivelas, 2011).

O quinto, as “Zonas Centrais de Tipologia Multifamiliar” caracterizadas pelo espaço público pensado, com praças e jardins associados aos espaços construídos. O sexto padrão inclui as “Zonas de Nova Tipologia Multifamiliar”, onde os edifícios possuem grande número de pisos, piso térreo para comércio ou serviços e a rede viária como elemento estruturante. O sétimo, as “Zonas Monofuncionais” são ocupadas por uso industrial. O oitavo padrão, as “Zonas Problemáticas” caracterizam-se pela ocupação desordenada, construções em zonas de risco, ausência de espaço público e rede de acessibilidades precárias.



Fig. 90 - Colinas de Odivelas



Fig. 91 - Linha de água em zona de vale em Odivelas

A paisagem de Odivelas é composta por colinas e vales maioritariamente, sendo que a cidade se desenvolve ao longo de uma várzea. As altitudes variam entre os 0 e os 350 metros. Nos vales situam-se as principais linhas de águas e as zonas de reserva agrícola dada a maior fertilidade do terreno. Porém, a continuidade do espaço construído é dificultada por estes elementos que se transformam em barreiras físicas. As encostas acentuadas com declives superiores a 20%, são ocupadas pelos assentamentos ilegais, onde as construções encontram-se ameaçadas pelas escarpas, mais precisamente, na Vertente Sul. As zonas com declive inferior a 15% são correspondentes à ocupação urbana onde a cidade se desenvolve predominantemente.

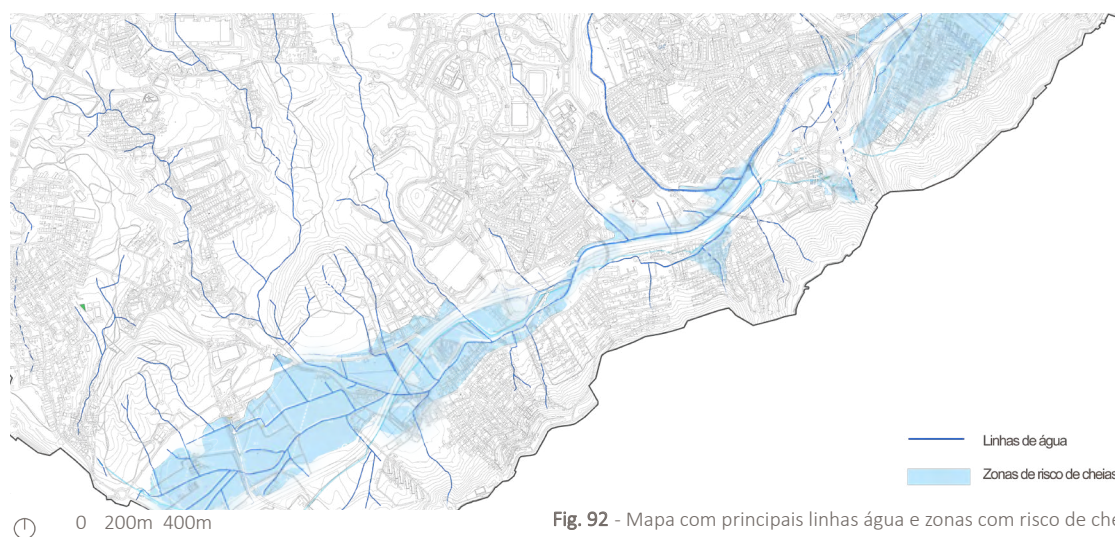


Fig. 92 - Mapa com principais linhas água e zonas com risco de cheias

Hidrograficamente, os principais cursos de água do território são as ribeiras de Odivelas, Caneças, Freixinhos e Famões (temporários) e o rio da Costa que converge com a ribeira de Odivelas, resultando na ribeira da Póvoa (permanentes). O Concelho de Odivelas encontra-se englobado na bacia hidrográfica do rio Tejo. Em suma, o território possui um considerável número de linhas de água e nas zonas dos vales existem uma grande ameaça de cheias.

### 3.2.3 A ESTRUTURA SOCIAL

Para a percepção da identidade de um lugar, é fulcral a compreensão dos fatores sociais, e como surgem os aglomerados urbanos. Odivelas é um dos mais populosos concelhos do país com uma densidade populacional cerca de seis vezes maior que a média da AML (Câmara Municipal de Odivelas, 2009). Tal como o restante território nacional, Odivelas sofreu um crescimento populacional significativo, de 3% entre 1991-2001 e de 8% entre 2001-2011 (Fig. 93) (INE, 2011). Atualmente, o território representa cerca de 7% da população residente da Grande Lisboa (Fig. 94) (Câmara Municipal de Odivelas, 2013).

	POPULAÇÃO RESIDENTE			VARIACÃO POPULACIONAL			
	1991	2001	2011	1991 - 2001		2001 - 2011	
				N.º	%	N.º	%
Portugal	9 867 147	10 356 117	10 562 178	488 970	5,0	206 061	2,0
Lisboa	2 520 708	2 661 850	2 821 876	141 142	5,6	160 026	6,0
Grande Lisboa	1 880 215	1 947 261	175 136	67 046	3,6	95 218	4,9
Amadora	181 774	175 872	206 479	-5 902	-3,2	-736	-0,4
Cascais	153 294	170 683	547 733	17 389	11,3	35 796	21,0
Lisboa	663 394	564 657	205 054	-98 737	-14,9	-16 924	-3,0
Loures	192 143	199 059	192 143	6 916	3,6	5 995	3,0
Mafra	43 731	54 358	76 685	10 027	24,3	22 327	41,1
<b>Odivelas</b>	<b>130 015</b>	<b>133 847</b>	<b>144 549</b>	<b>3 832</b>	<b>2,9</b>	<b>10 702</b>	<b>8,0</b>
Oeiras	151 342	162 128	172 120	10 786	7,1	9 992	6,2
Sintra	260 951	363 749	377 835	102 798	39,4	14 086	3,9
Vila Franca Xira	103 571	122 908	136 886	19 337	18,7	13 978	11,4

Fig. 93 - Variação de jovens e idosos no território

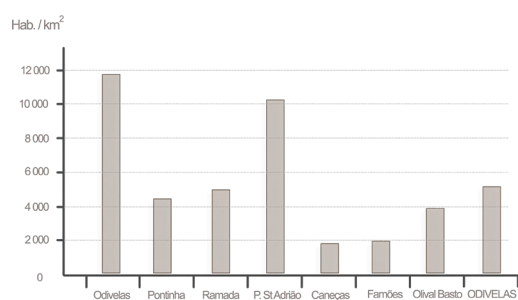


Fig. 94 - Distribuição dos habitantes por km² em Odivelas

A população ativa do concelho de Odivelas é relativamente baixa pelo facto da população encontrar-se maioritariamente envelhecida. A maior parte dos habitantes encontra-se na faixa etária dos 65+ anos. Em 2011 o índice de envelhecimento registou-se a 107,3%, ou seja, para cada 100 jovens, existem 107 idosos. A freguesia de Odivelas, assim como Ramada, Caneças e Famões, possui uma taxa de variação do índice de envelhecimento menos acentuada, devido ao crescimento urbano da mesma.

FREGUESIA	ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO		
	1991	2001	2011
Odivelas	41,8	89,0	107,2
Pontinha	46,7	95,6	133,8
Ramada	26,6	50,6	68,7
Póvoa St. Adrião	28,6	70,0	145,2
Caneças	50,5	82,0	108,6
Famões	20,7	41,6	73,8
Olival Basto	50,8	120,7	159,0
<b>Concelho de Odivelas</b>	<b>39,6</b>	<b>81,1</b>	<b>107,3</b>

Fig. 95 - Índice de Envelhecimento

FREGUESIA	2001		2011	
	Jovens (%)	Idosos (%)	Jovens (%)	Idosos (%)
Odivelas	14,1	12,9	15,1	16,2
Pontinha	14,8	14,1	14,1	18,9
Ramada	16,7	8,4	17,2	11,8
Póvoa St. Adrião	12,9	10,2	13,2	19,2
Caneças	16,0	13,1	15,7	17,1
Famões	17,8	7,3	16,9	12,4
Olival Basto	13,5	16,3	13,0	20,7
<b>Concelho de Odivelas</b>	<b>14,7</b>	<b>11,9</b>	<b>15,2</b>	<b>16,3</b>

Fig. 96 - Variação de jovens e idosos no território

Olival Basto, Póvoa de Santo Adrião e Pontinha apresentam um índice de envelhecimento alto, consequentemente, o peso da população ativa é reduzido. Existem muitas pessoas com idades entre os 65 anos ou mais, ou seja há menos pessoas com idade ativa nestes territórios.

Além da questão dos grupos etários, pode-se perceber as dinâmicas do território através da distribuição da população pelo sexo. Existe, regra geral, uma maior predominância de população masculina nos primeiros anos de vida 0-14, sendo que os grupos etários acima dos 65 anos, são predominantemente do sexo feminino. O grupo etário dos 30-34 anos é representado pelo equilíbrio entre os géneros.

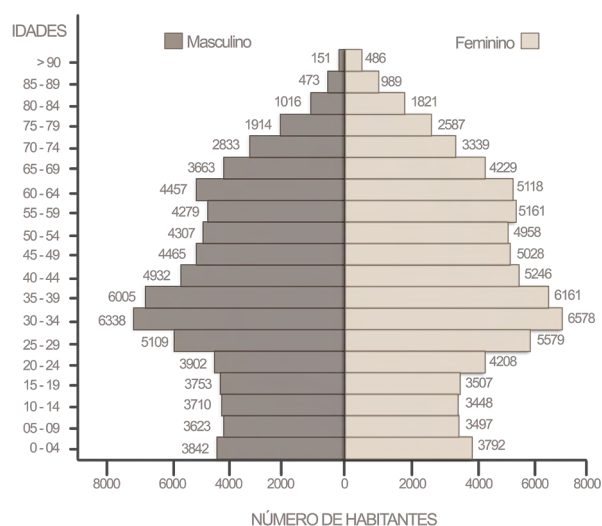


Fig. 97 - Pirâmide etária por sexos no território de Odivelas

O acelerado crescimento urbano proporcionou o surgimento de inúmeras construções clandestinas, o que levou à fragilidades sociais, como a insegurança e a exclusão social, desqualificação do território e insuficiência de equipamentos de resposta às necessidades socioeconómicas da nova população. Estas AUGIs são ocupadas principalmente por imigrantes de várias nacionalidades, brasileiros, asiáticos: paquistaneses, indianos; africanos: cabo-verdianos, angolanos, santomenses, guineenses. Porém, bairros como da Arroja Velha e dos Pombais a população é, na sua maioria, originária dos meios rurais de Portugal (Câmara Municipal de Odivelas, 2013).



Fig. 98 - Artista músico de origem africana



Fig. 99 - Moradores muçulmanos de Odivelas

A população estrangeira de Odivelas, em 2015, apresentava um número de 12 802 estrangeiros. 8,9% da população estrangeira reside no concelho, sendo assim o terceiro com maior População Estrangeira com Estatuto Legal de Residente, logo a seguir a Amadora e Cascais (Veiga, 2018).

NACIONALIDADES											
ÁFRICA			ÁSIA		AMÉRICA		EUROPA				
Guiné Bissau	1 714	Moçambique	321	China	467	Brasil	4 250	Espanha	136	Ucrânia	955
Angola	1 879	S. Tomé e Príncipe	528	Índia	2 348	Outros países	183	França	81	Roménia	812
Cabo Verde	973	Outros países	430	Nepal	290			Reino Unido	109	Moldávia	65
				Outros países	1 459					Outros países	483

Fig. 100 - Habitantes estrangeiros em Odivelas

As famílias de Odivelas são na sua maioria pequenas/pequenas-médias, com dimensão média de 2,5 membros. Os agregados familiares com 3 a 5 elementos correspondem a 33,06% das famílias, sendo o grupo mais representativo. Seguidamente são as famílias unipessoais (1 pessoa), que correspondem a 22,46% das mesmas. As famílias grandes, com 6 ou mais elementos, compõem 1,58% das famílias de Odivelas (Veiga, 2018). O conjunto das famílias no concelho de Odivelas é de 57 782 famílias, segundo os CENSOS de 2011. Na freguesia de Odivelas encontra-se a maior porção deste valor com 24 584 famílias, seguidamente da União de Freguesia da Pontinha Famões com 13 223 famílias.

FREGUESIA	FAMÍLIAS	NÚCLEOS FAMILIARES RESIDENTES
Odivelas	24 584	18 468
Pontinha e Famões	13 223	10 470
Ramada e Caneças	12 130	9 922
Póvoa St. Adrião e Olival Basto	7 843	5 886
Concelho de Odivelas	57 782	44 746

Fig. 101 - Distribuição das famílias por freguesias de Odivelas

O carácter residencial do território e a dependência a Lisboa que os habitantes de Odivelas possuem, torna-se evidente com o fenómeno de *cidade dormitório* com o qual a cidade é adjetivada. As pessoas têm as suas residências em Odivelas porém, trabalham, passam o tempo livre e socializam em Lisboa. Sendo que o setor predominante de atividade económica é o setor terciário, grande parte recorre à zona metropolitana, com a qual Odivelas se posiciona estrategicamente. Faz falta em Odivelas, espaços onde as pessoas possam se reunir, sociabilizar, interagir e trabalhar. Dada à população maioritariamente envelhecida, torna-se necessário atrair população ativa para o território e devido à diversidade de nacionalidades, é fulcral a interação entre os mesmo de modo a mitigar as segregações sociais.

### 3.2.4 OS EQUIPAMENTOS

Os equipamentos coletivos têm importantes funções de estruturação e socialização dos espaços urbanos do território. Em Odivelas, a rede de equipamentos é composta por um leque de tipologias, desde equipamentos educativos, de apoio social, património histórico, de saúde, até de administração e segurança pública.

#### MOSTEIRO DE S. DINIS E S. BERNARDO

O Mosteiro de Odivelas que teve um significativo papel de gerador da cidade onde, à sua volta surgiram novas habitações, edifícios de carácter público, é exemplo a igreja matriz de Odivelas. Foi construído em finais do século XIII pelo El-Rei D. Dinis, na Quinta de Vale de Flores. Sofreu alterações ao longo dos anos, principalmente após o terramoto de 1755. Este local excepcional na cidade, é até hoje de relevante importância, pois encontra-se na malha urbana integrado por um espaço público envolvente, com a existência de uma praça, um largo e hortas que servem as pessoas. É considerado Monumento Nacional pelo Dec. de 16/06/1910 (Câmara Municipal de Odivelas, s.d.).



Fig. 102 - Mosteiro de S. Dinis e S. Bernardo, fachada principal



Fig. 103 - Mosteiro de S. Dinis e S. Bernardo, vista aérea

#### BIBLIOTECA DE S. DINIS

Localiza-se próximo ao Convento de S. Dinis no núcleo do centro histórico da cidade. Durante o século XIX, foi adquirida pelo beirão José Rodrigues Mendes. Após um incêndio em 1992, a Câmara Municipal de Loures decidiu recuperar o edifício dando-o um novo uso, um espaço público de cultura e educação. A biblioteca foi inaugurada a 22 de novembro de 1997, e em 1999 passa a fazer parte do património cultural do Município de Odivelas.



Fig. 104 - Biblioteca de D. Dinis, entrada principal



Fig. 105 - Biblioteca de D. Dinis

## CENTRO CULTURAL MALAPOSTA

O edifício que hoje alberga o centro cultural foi construído entre 1855 e 1856 com o objetivo de servir de modelo para as futuras construções do serviço de mala-posta<sup>5</sup> ou diligência nacional que se concretizaram até ao final do século XIX. Servia de paragem de diligência e de substituição dos cavalos para garantir a comunicação rápida. Depois de algum tempo devoluto, o edifício sofreu reabilitações, na década de 80 para albergar o projeto de atividades culturais. Este foi adaptado para a realização de eventos como o teatro, formações a vários níveis, concertos, animação e outros. O Centro Cultural Malaposta, mandado construir pela Câmara Municipal de Odivelas, foi inaugurado a 2 de dezembro do 1989 e é hoje um importante núcleo de recreação artístico-cultural.



Fig. 106 - C.C Malaposta, entrada principal



Fig. 107 - C.C Malaposta, auditório

## CENTRO DE EXPOSIÇÕES

Localizado junto aos Paços do Concelho na Quinta da Memória, este centro faz parte da iniciativa de Projetos Integrados que albergam vários equipamentos culturais que possam dar às pessoas espaços de promoção de eventos e atividades culturais. O projeto é de arquitetura notável, denotado como *um edifício de luz*, composto por três pisos. Piso 0: entradas, sala polivalente, área de exposição; Piso 1: áreas de exposição; Piso 2: cafetaria com esplanada, área de exposição, proximidade ao Jardim da Música e à Praça (Câmara Municipal de Odivelas, s.d.).



Fig. 108 - Centro de Exposição, fachada para o Jardim da Música



Fig. 109 - Centro de Exposição, sala expositiva

<sup>5</sup> Mala-posta foi um serviço de transporte de correio ou pessoas numa carruagem puxada por cavalos. Iniciou-se em 1798 e foi até 1804, sendo posteriormente retomado em 1852 e só parou em 1864 com a conclusão da linha férrea entre as cidades de Lisboa e Porto. O termo vem de Mala (caixa ou saco) e Posta (postal de correio) (Ferronha, s.d.).

## DISTRIBUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS

De modo geral, a oferta educativa é baixa, quer em termos de quantidade, quer em qualidade. Os equipamentos educativos do município de Odivelas culminam em 48 estabelecimentos de educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário. A procura por equipamentos desportivos tem vindo a aumentar com o crescimento demográfico. No território, a maior parte dos equipamentos desportivos pertencentes às instalações escolares, sendo que existem poucos espaços para a prática do desporto. Quanto aos equipamentos de apoio social, 50% dos existentes dedicam-se ao apoio de jovens e crianças, e 44% de apoio a idosos. Apenas 5 unidades das totais prestam serviços de Reabilitação e Integração de Pessoas com Deficiência (Câmara Municipal de Odivelas, 2009). No setor da saúde Odivelas e Pontinha possuem os dois centros de saúde do município de Odivelas. Existem, no entanto, unidades de saúde nas áreas urbanas mais densas. A oferta cultural no município é pouco diversificada com 27% sendo bibliotecas culturais e 20% espaços polivalentes. No território, assistem-se a 5 mercados municipais e das feiras realizadas, destaca-se a Feira do Silvado de considerável dimensão e tradição, realizada às segundas-feiras.

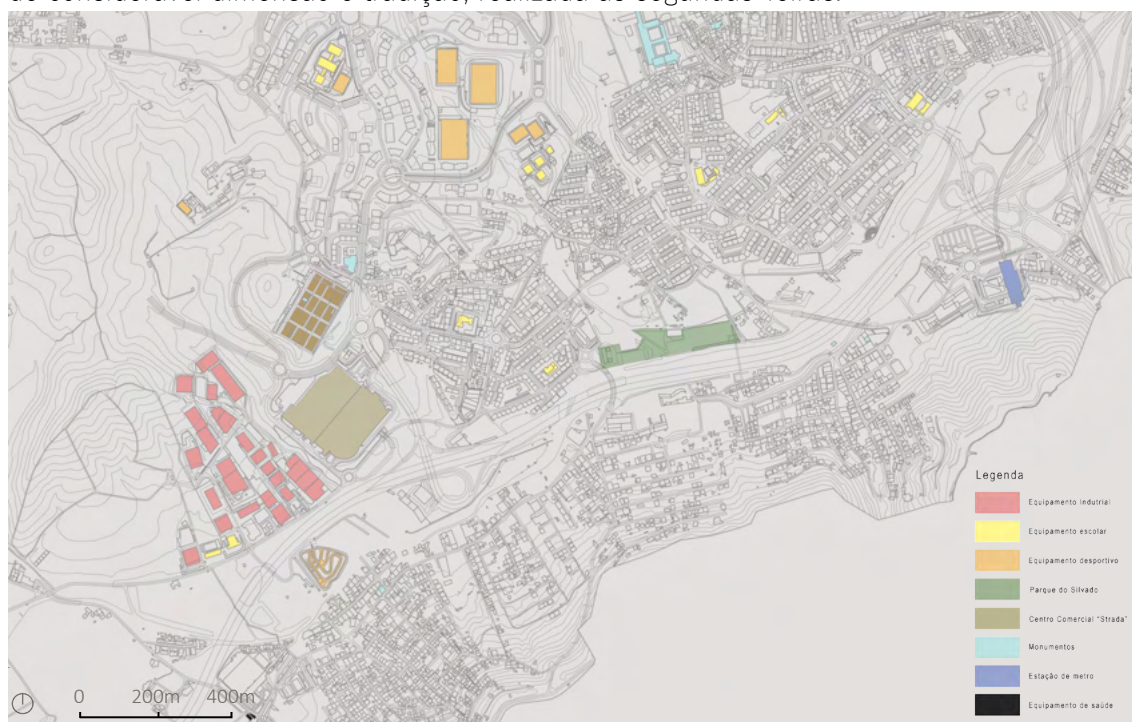


Fig. 110 - Planta de distribuição de equipamentos

EDUCATIVO	DESPORTIVOS	APOIO SOCIAL	SAÚDE	CULTURAL	MERCADOS E FEIRAS				
E. Básica 1ºCiclo	18	Grandes campos	9	A. Idosos	34	C. S. Odivelas	Biblioteca Escolar	16	M. Municipal de Caneças
E. Básica 1ºCiclo/Jardim de infância	12	Pequenos campos	90	A. Crianças e Jovens	39	Extensão Odivelas A	Biblioteca Municipal	2	M. Municipal de Odivelas
Jardim de infância	4	Pavilhões	9	A. Saúde Mental	0	C. S. Pontinha	Núcleo Museológico	4	Feira do Silvado
E. Básica 2º e 3º Ciclo	8	Espaço desporto informal	14	A. Família e Comunidade	0	Extensão Caneças	Espaço Polivalente	22	Feira Arroja
E. Secundária	5	Salas de desporto	60	A. Toxicodependentes	0	Extensão Famões	Espaço Informativo	4	Feira do Artesanato
E. Secundária Profissional	1	Pistas de atletismo	5	A. Pessoas com deficiência	5	Extensão Urmeira	Sala de Espetáculo	9	M. Municipal da Pontinha

Fig. 111 - Quadro do número de equipamentos



### 3.2.5 O ENQUADRAMENTO DOS IGT

O caráter social da utilização dos solos no território de Odivelas foi por muito tempo manipulado pelo setor privado e pelo loteamento urbano. É resultado, assim, o excesso de edificado residencial e a falta de planeamento dos espaços urbanos públicos e equipamentos coletivos. Os novos Instrumentos de Gestão Territorial assentam em paradigmas de urbanização que procuram promover empreendimentos de dimensão e qualidade significativas. A REM (Rede Ecológica Metropolitana), que compreende Odivelas para o sistema de áreas e ligações que integram e atravessam as Unidades Territoriais<sup>6</sup>, tem como ponto principal a resolução de fragilidades no sistema urbano como um todo. Desta forma, conta com a concretização de espaços públicos, de lazer e recreação para melhorar a qualidade dos espaços do território de Odivelas, assim como o restante território metropolitano.

Como anteriormente referido, Odivelas enquadra-se também nas Áreas Críticas Urbanas, devido às suas áreas social e urbanisticamente desqualificadas, com fragilidades a nível da mobilidade e acessibilidade, de equipamentos, carência de espaços públicos e densidade populacional. Desta forma, o investimento na requalificação urbana e sua reestruturação é fulcral. As zonas fragmentadas, dispersas, não consolidadas, desestruturadas, com usos de solo conflituosos, características do território, incentivam os programas de intervenção que assentam nos seguintes objetivos: *qualificar, manter, reabilitar, consolidar e integrar* (Câmara Municipal de Odivelas, 2009).

Segundo o PDM, as potencialidades do território devem ser aproveitadas de forma a criar um espaço de vivências, socialmente integrante, agradável, competitivo e atrativo. Deste modo conta com três objetivos: “*reforçar o papel de Odivelas no contexto metropolitano (...), qualificar Odivelas como espaço urbano e humanizado (...)* e *qualificar Odivelas como espaço de oportunidade (...)*” (Silva, 2013, p. 73).



Fig. 112 - Principais usos do solo de Odivelas

<sup>6</sup> As Unidades Territoriais (NUTS) são sistemas hierárquicas de divisão territorial dos estados-membros da União Europeia. São delimitadas através da análise de fatores territoriais com fins de elaboração estatística pela Eurostat, e usadas para a definição de políticas de regionais e atribuição de fundos de coesão pela União Europeia (PORDATA, s.d.)

A cidade de Odivelas, por se encontrar na zona envolvente à AML, enquadra-se sob o Plano Regional do Ordenamento do Território (PROT-AML) com as seguintes orientações principais:

- O desenvolvimento sustentável com vista na redução do passivo ambiental.
- Redução das assimetrias regionais e coesão do sistema urbano através da articulação entre áreas metropolitanas e restantes centros urbanos.
- Consolidação urbana e reorganização das áreas metropolitanas de forma a reduzir o fenómeno de suburbanização.
- Desenvolvimento da mobilidade territorial por via da gestão e organização de redes de transportes sustentáveis, fiáveis e competitivos.

Dentro do conjunto das opções estratégicas que o PROT-AML possui, existem alguns objetivos principais mais pertinentes para este trabalho, que se enquadram nas estratégias ambiental, de coesão territorial e social.

#### **ESTRATÉGIA AMBIENTAL**

Esta estratégia coloca as questões ambientais e da sustentabilidade como fatores essenciais de desenvolvimento da área metropolitana. Segundo o PROT, as áreas protegidas, agrícolas, florestais, e de condições naturais, linhas de água e zonas de água, devem ser potenciadas e aproveitadas pelo valor da sua especificidade ao local, não podendo ser afetadas pelas infraestruturas e dinâmicas territoriais de desenvolvimento económico ou social.

#### **ESTRATÉGIA DE COESÃO SOCIOTERRITORIAL**

Com o objetivo de mitigar a exclusão social e a pobreza, desencadeadas pelas alterações tecnológicas, económicas e sociais, surgem as estratégias de intervenção territorial que visam a requalificação das áreas sociais e urbanas degradadas, bem como a integração económica, social e profissional de populações de risco. Procura-se assim a implementação de políticas de valorização dos recursos humanos, requalificação de áreas degradadas, e políticas urbanas de equidade territorial.

#### **ESTRATÉGIA TERRITORIAL**

De forma a articular as três dimensões territoriais da estratégia da PROT-AML (a Área Metropolitana Central, a Periferia Metropolitana e a Região de Polarização Metropolitana), o fator acessibilidade através da mobilidade torna-se central. As redes de transporte e as infraestruturas de circulação auxiliam na articulação inter-regional. É neste contexto que as condições de reorganização territorial, com intervenções de valor atrativo para os diferentes polos da AML, áreas com potencialidades de transformação positiva, de atividades sociais e económicas, se tornam relevantes (Ferreira e Vara, 2002).

## 3.2 O PARQUE DO SILVADO, ODIVELAS

O Parque do Silvado é um parque urbano que se insere na zona do Silvado, em Odivelas. Faz fronteira com a CRIL a sul, com a zona dos Pombais a noroeste e o Bairro Olaio a nordeste. Está entre os espaços públicos da região de maior significado, assim como o Jardim da Alameda Infante Dom Henrique, a Praça Capitão Manuel Gomes Coelho, o Jardim do Castelinho, o Jardim da Música e o Jardim da Memória. Na zona do Silvado unem-se os principais cursos de água existentes no concelho como o Rio da Costa e Ribeira de Caneças/Odivelas, dando origem à Ribeira da Póvoa (Vidigueira, 2014).



Fig. 113 - Ortofotomapa de identificação da zona do Silvado



Fig. 114 - Jardim da Música



Fig. 115 - Praça Capitão Manuel Gomes Coelho



Fig. 116 - Jardim do Castelinho



Fig. 117 - Jardim da Memória

O presente ponto de desenvolvimento pertencente ao capítulo III - *A cidade fragmentada, Odivelas*, pretende fazer uma apresentação de contextualização geográfica, morfológica e analítica do Parque do Silvado, e da Zona de Pombais e Silvado na qual assenta o Plano de Pormenor de Pombais e Freixinho do UOPG11 | SubUOPG11\_02 do DGOU-DPUPE. Os parágrafos seguintes serão também dedicados à feira do Silvado que tem grande impacto sociocultural em Odivelas e decorre neste local. Por registos figurativos e descritivos, serão explanadas as dinâmicas sociais do local, as questões de importância cultural, o valor económico para a região e o seu peso ambiental. O principal objetivo é perceber, de forma sintetizada, o local de implantação a uma escala mais aproximada.

### PARQUE DO SILVADO

O Parque do Silvado é um complexo urbano com aproximadamente dois hectares de área, de forma retangular que atravessa o terreno de nascente a poente. Trata-se de um espaço pavimentado, com espaços sobrelevados, destinados à receção das bancas e estruturas da feira. Está estruturado de forma a que sejam percebidos os locais de circulação das pessoas e de permanência das estruturas. É composto por um equipamento desportivo: o ginásio Stage Fitness Clube a poente, um equipamento dedicado ao serviço de restauração: o restaurante Mineiro, posicionado no centro, ligeiramente a norte no terreno, um pequeno parque infantil cercado, um espaço de estacionamento, ambos mais para sul e espaços verdes. Existem duas pontes pedonais que estabelecem a ligação entre a Vertente Sul e o Parque, assim como existe uma ponte que cruza a linha de água que atravessa o terreno no sentido noroeste-sudeste.



Fig. 118 - Stage Fitness Club



Fig. 119 - Restaurante, O Mineiro



Fig. 120 - Ponte sobre a CRIL



Fig. 121 - Ponte sobre a linha de água

Nos dias em que a feira não acontece, este espaço é usufruído pelos moradores das zonas envolventes para uma caminhada, exercício físico e para atividades recreativas das crianças. O parque, neste sentido, possui pequenos equipamentos de exercício ao ar livre, como se percebe na figura 123. Durante o cenário de pandemia parte do espaço dedicado à feira serviu para a elaboração de testagem para a COVID-19, com o centro de testagem Drive Thru da Unilabs. Por se tratar de um espaço amplo a céu aberto, pode ser usado e adaptado de diversas maneiras.



Fig. 122 - Criança a andar de bicicleta no Silvado



Fig. 123 - Máquina de exercício ao ar livre

O esquema que se segue, ilustra no terreno, onde se implantam os equipamentos que constituem o parque.



Fig. 124 - Esquema do Parque do Silvado

A zona envolvente do parque encontra-se devoluta e descaracterizada. O percurso de chegada até ao local é acompanhado por zonas habitacionais onde podemos encontrar um supermercado Pingo Doce, que apoia a comunidade. Porém, o espaço de frente ao parque, além de carecer definição também carece de limpeza urbana (Fig. 126), pode-se encontrar lixo no chão, alguma vegetação seca e espaços verdes desqualificados.

A nascente encontramos pequenas habitações unifamiliares e zonas de cultivo pertencentes a estas habitações (Fig. 127). Existe uma rua entre o terreno devoluto em frente ao parque, e as habitações. Esta, apesar de possuir uma dimensão razoável, o passeio é estreito do lado do terreno do Silvado, acompanhado de um mureto que torna a rua menos apelativa ao peão (Fig. 128).



Fig. 125 - Chegada ao parque



Fig. 126 - Terreno devoluto



Fig. 127 - Zona de hortas privadas



Fig. 128 - Passeio estreito da rua

No que diz respeito à topografia, o terreno do Silvado é relativamente plano, sendo que a zona a nordeste possui uma cota mais alta, torna-se plano a meio do terreno, e volta a subir na zona da CRIL, no entanto, existem as linhas de água, na fronteira da CRIL, e diagonal ao terreno, em que a modelação da topografia é acentuada, resultando numa descida de aproximadamente 2 metros de altura.



Fig. 129 - Parque do Silvado



Fig. 130 - Linha de água

## FEIRA DO SILVADO

A Feira do Silvado é um acontecimento regular que tem lugar no Parque do Silvado todas as segundas-feiras. Situada na Rua Humberto Ataíde, este evento semanal trata-se do modo de sustento de um grande número de habitantes de toda a cidade. Os feirantes, vendem diversos produtos, desde produtos alimentares, artesanais, objetos funcionais e de decoração, têxteis, vestuário, entre outros.

Durante o verão a feira, além de albergar as tendas de vendas, recebe equipamentos de diversão, como montanhas russas, carrosséis, carrinhos de choque e outros. O ambiente é sempre de muito movimento e o evento decorre a partir do final da tarde até à noite. Também se encontram representantes de *stands* de vendas de automóvel e outros tipos de produtos. Estes pequenos e médios negócios, optam pela exposição nos dias da feira por consequência da aderência das pessoas a este evento. Existe sempre muito fluxo e as pessoas despendem um tempo considerável neste espaço.



Fig. 131 - A feira durante o dia



Fig. 132 - Carrosséis da feira



Fig. 133 e Fig. 134 - Presidente do PSD na feira

O evento, devido à sua dimensão, importância e popularidade em Odivelas, já contou com a presença de inúmeras figuras públicas. Também atrai o interesse de diversos artistas e eventos musicais, como pequenos concertos, festivais, entre outros. Além do comércio presente na feira, existem variados eventos que decorrem no espaço. O Parque do Silvado e a Feira do Silvado, são portanto, um local e um evento de uma grande polivalência.

São escassos os registos do início do evento da feira, porém desde a década de 60 a feira já tomava lugar e era onde as pessoas adquiriam a maior parte dos seus bens.

*“Era realizada todas as 2<sup>as</sup> feiras do mês. A ela compareciam vendedores de todo o lado e compradores das áreas limítrofes de Odivelas. Ali se compravam as botas, os sapatos, as boinas, a roupa, os brinquedos, as hortaliças e tantas outras “coisas”. Era uma “festa” para novos e velhos a ida à feira...”* (Serra, 2014, s.p.).



Fig. 135 - Feira do Silvado nos anos 60



Fig. 136 - Feira do Silvado em 2014

A feira do Silvado possui um grande valor social, cultural e económico, acrescentando interesse à zona do Silvado e Odivelas. Ao longo do tempo, a feira adquiriu uma escala considerável em comparação com as tendas e bancas informais que ocupavam a zona durante a década de 60. Deste modo, o Parque do Silvado foi projetado com o intuito de albergar as atividades desta feira que agora possui uma escala considerável e um grande fluxo de pessoas. Neste sentido, percebe-se a importância do evento para a comunidade de Odivelas e não só.

No entanto o peso ambiental deste evento é considerável, uma vez que a quantidade de desperdício e de resíduos é grande. Existe uma insuficiência de depósitos destinados à recolha destes resíduos, e uma carência de responsabilização por parte das pessoas depois dos eventos. Apesar de se tratar de um evento seguro e de valor positivo para a comunidade, existe esta questão que inquieta tanto as autoridades como alguns cidadãos. Não obstante, trata-se de um evento que mobiliza um grande número de pessoas e dinamiza os setores cultural e económico do território.



Fig. 137 - Resíduos após evento da feira



Fig. 138 - Medidas de segurança na feira







Parque do Silvado, Odivelas





*“O espaço interior, espaço que, (...) não pode ser representado perfeitamente em nenhuma forma, que não pode ser conhecido e vivido a não ser por experiência direta, é o protagonista do fato arquitetônico. Tornarmo-nos senhores do espaço, saber «vê-lo», constitui a chave que nos dará a compreensão dos edifícios” (Zevi, 1996, p. 18).*

## CAPÍTULO IV

---

### AS LIÇÕES TANGÍVEIS DA ARQUITETURA

## OS CASOS DE REFERÊNCIA

O presente estudo dos casos de referência consiste numa análise teórica, gráfica e física aprofundada, de obras arquitetónicas de modo a se dissecar os vários aspetos que entram em equação na realização de um projeto. Os casos de referência servem de pré experimentação de, principalmente, questões que transcendem o desenho, como a relação do edifício com a cidade, a forma como as pessoas interagem e se apropriam do mesmo, a questão temporal de transformação do edificado, questões de escala, materialidade, textura, variação de luz, sombra, programa e muitas mais.

Partindo de um tema que aborda a apropriação espacial pelas pessoas, espaços de transição (implícitos o tempo e o movimento, descritos no capítulo II), cujo objetivo é servir as pessoas, torna-se pertinente perceber as relações que diferentes materializações arquitetónicas estabelecem com a envolvente, com o indivíduo, com interior exterior e entre espaços do seu invólucro.

Em *As lições tangíveis da arquitetura* procura-se extrair um conjunto de premissas e ensinamentos de grandes exemplos de arquitetura nacional e internacional, de forma a que se possam aplicar diretamente no projeto, e de forma a contribuir para o leque de princípios para futuras abordagens. O termo *as lições*, justifica-se com a ideia de que os exemplos de arquitetura realizados por arquitetos conceituados (não exclusivamente), não só proporcionam bons espaços e boa arquitetura para a cidade e para as pessoas, como também contribuem para o universo académico e profissional da área. Portanto, é essencial fazer do mundo construído, além do mundo conceptual, uma plataforma de constante aprendizagem. A expressão *tangível* relaciona-se com a possibilidade de se experienciar alguns dos casos em estudo, e do facto desta ser realmente a maneira que mais contribui para as lições da arquitetura. A questão e importância do toque (tangível) em arquitetura é melhor traduzida por Pallasmaa:

*“A pele lê a textura, o peso, a densidade e a temperatura da matéria. (...) O sentido tátil liga-nos ao tempo e à tradição: através de impressões de toque apertamos as mãos de incontáveis gerações”* (Pallasmaa, 2005, p. 56).



Fig. 139 - Um dos mais ilustres exemplos de uma arquitetura sensorial, que apela por todos os sentidos, as termas de Vals de Peter Zumthor.

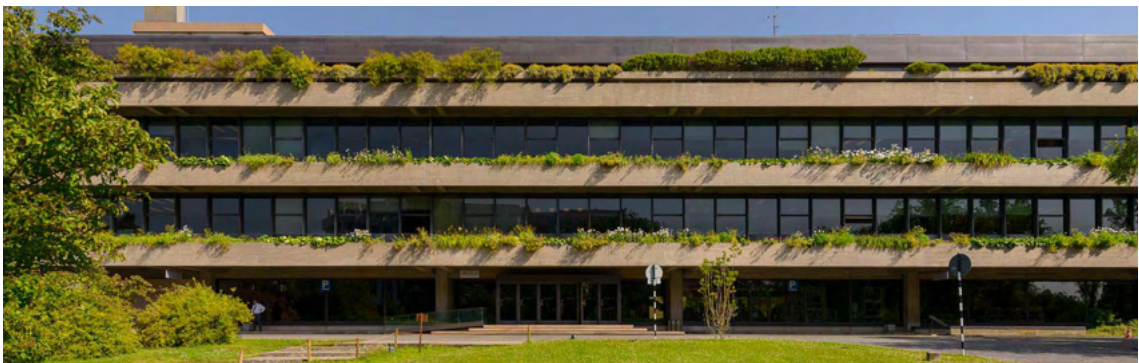
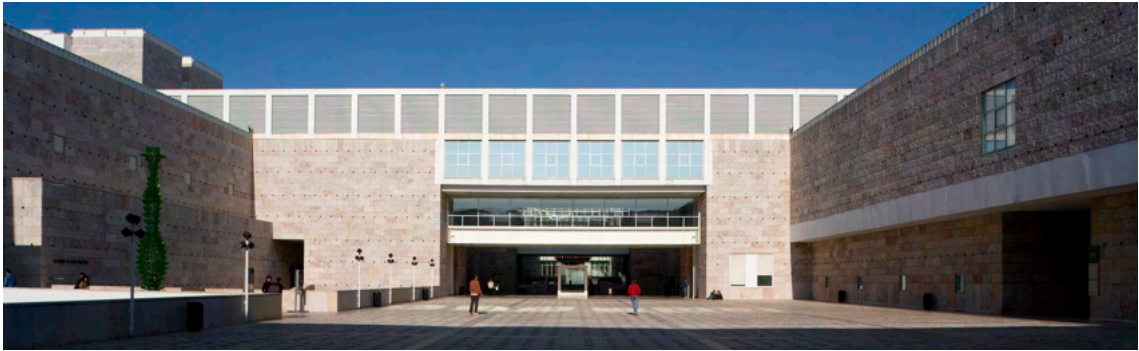
*“A arquitetura não pode, contudo, tornar-se um instrumento de mera funcionalidade, conforto corporal e prazer sensorial sem perder a sua tarefa existencialmente mediadora. (...)tem de manter o seu segredo impenetrável e mistério para acender a nossa imaginação e as nossas emoções” (Pallasmaa, 2005, p. 62).*

Estas questões, referenciadas por este e muitos autores, só podem ser experienciadas quando a arquitetura é vivida. Para nós arquitetos, é essencial a consciência intelectual destes aspetos, porém estes não se esgotam aí. Como o autor evidencia adiante, todo o nosso corpo participa ativamente na percepção da arquitetura e do espaço. *“O corpo conhece e lembra-se. O significado arquitetónico deriva de respostas e reações arcaicas lembradas pelo corpo e pelos sentidos” (Pallasmaa, 2005, p. 60).* É, desta forma, indispensável o estudo aprofundado de exemplos construídos de forma teórica e prática, apelando pela consciência intelectual, os sentidos corporais e pelo domínio das emoções e imaginação.

Os casos de estudos foram selecionados de forma consequente, visando uma correlação direta com o projeto. São os seguintes, com o principal motivo de escolha: o Centro de Arte e Cultura de Shou, pela integração de pátios de transição, o Centro Cultural de Belém, pela fluidez entre espaço arquitetónico e espaço de cidade, a Fundação Calouste Gulbenkian, pela forma como se integra na cidade marcando a sua identidade, o Centro de Artes de Sines pelo espaço público que cria, e o Centro de Design do Grupo Arca, pela diversidade de ambientes permitida pela materialidade. Tendo sido apresentadas as principais motivações, seguem-se a descrição de cada projeto, enfatizando os seus principais aspetos e os mais relevantes para este trabalho, assim como a ficha de análise gráfica, que faz recurso do desenho para se perceber as qualidades dos casos em questão.







Principais casos de referência

## 4.1 O CENTRO DE ARTE E CULTURA DE SHOU, CHINA



Fig. 140 - Vista aérea do centro de Shou



ARQUITETOS: Studio Zhu-Pei



LOCALIZAÇÃO: Condado de Shou, Anhui, China



ÁREA: 30 010 m<sup>2</sup>



ANO: 2019



PROGRAMA: Centro de cultural



CONCEITO: Inspiração nas casas-pátio com os pátios introvertidos da cultura local



RELEVÂNCIA:

- Incorporação de pátios de transição
- Relação com cultura e passado histórico
- Percurso público exterior de atravessamento do edifício
- Conceito de subtração de massa volumétrica

O Centro de Arte e Cultura de Shou está localizado no Condado de Shou, no centro da província chinesa de Anhui. Foi inspirado nas residências antigas da região, estas eram casas-pátio que se adequavam ao clima e à cultura da região. As casas, majoritariamente verticais e quase opacas nas suas fachadas, abriam-se no interior com os pátios centrais. Esta característica de solidez nas fachadas serve de recurso para proteção contra intempéries, o extremo calor do verão e o frio do inverno. As ruas estreitas faziam a ligação entre as casas nas suas várias direções.



Fig. 141 - Ruas da província de Anhui



Fig. 142 - Pátio interior das residências de Anhui

O projeto do centro tomou o lugar de um terreno plano devoluto, sem identidade e desintegrado da paisagem, que se encontrava a dois quilómetros a sudeste da cidade histórica. Nesta zona nova da cidade, os edifícios altos novos ocupam a cidade, não contribuindo para a identidade cultural e com uma construção inadequada ao clima. A procura pela integração das características dos modos de viver e construir o espaço do passado histórico da cidade tornaram-se essenciais para o novo Centro de Arte e Cultura.

O estúdio Zhu Pei criou o projeto enraizado na relação entre passado e presente, na busca de uma relação com a cidade nova com as premissas do passado. Na sua arquitetura criou vários pátios com distintas dimensões no que se percebe como um volume paralelepípedo. O edifício é relativamente cerrado e conectado por um percurso público que o atravessa de forma sinuosa e liga todos os níveis do edifício. Os momentos de constrangimento e de desafogo recriam as ruas estreitas que conectavam as residências, e os pátios que ligavam o interior com o exterior.



Fig. 143 - Pátio da entrada principal

O pátio da entrada principal (Fig. 143) forma uma praça pública e representa o *tang wu* (sala central), o pátio interior das casas tradicionais de Shou. As fachadas são dotadas de vãos de diversos tamanhos dando alguma dinâmica às mesmas. Os espaços internos são protegidos do sol e da chuva e deliberadamente fazem uso da luz e a sombra de forma a enriquecer a experiência arquitetônica.

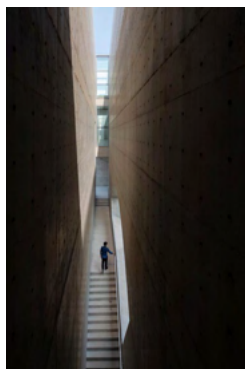


Fig. 144 - Escadas externas do edifício



Fig. 145 - Vãos da fachada

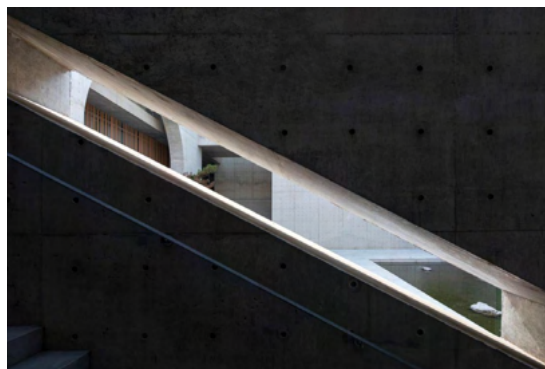


Fig. 146 - Rasgo no interior do pátio de circulação pública

Com este programa cultural, o principal objetivo era atrair pessoas de forma a que este seja explorado, experimentado, descoberto e vivido. O edifício possui um centro cultural, uma biblioteca, uma galeria de arte e áreas de arquivos. O espaço público criado também foi pensado de forma a que atividades culturais possam ser realizadas, procurando uma interdependência entre ambientes exteriores e interiores.

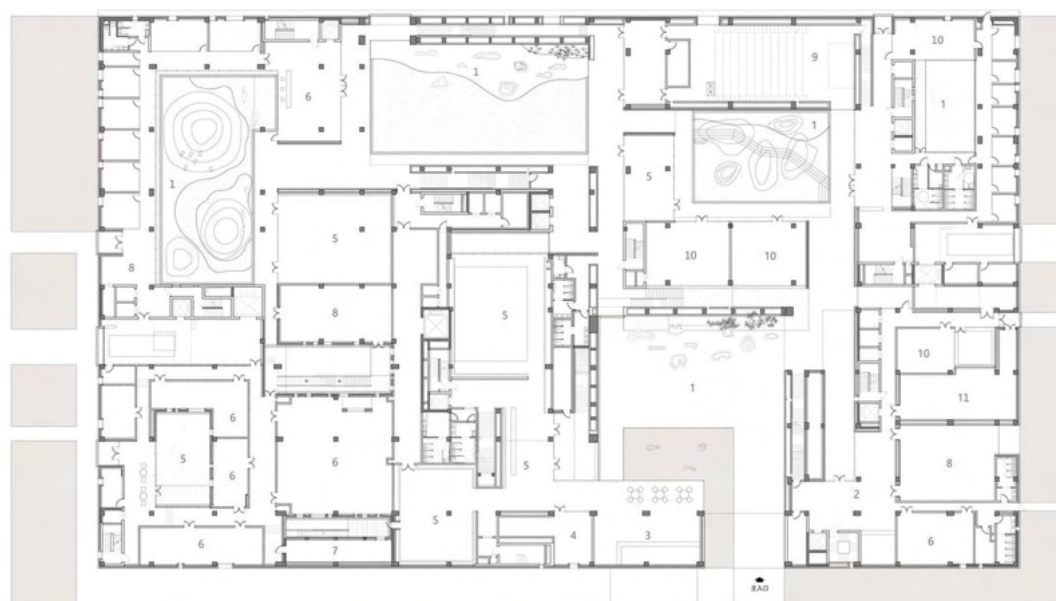
Cada programa do edifício tem acesso a dois ou três pátios. Neste projeto, torna-se forte a relação interior exterior e a fluidez de circulação pública. A partir do jardim frontal é possível fazer-se um percurso contínuo pelos pátios sem atravessar as salas interiores. Na arquitetura chinesa são pertinentes quatro princípios que neste projeto também são seguidos: “esconder, respirar, cultivar e passear”. A diversidade dos espaços e a imprevisibilidade dos mesmo são recursos usados para que o utilizador possa sentir o espírito artístico da arquitetura tradicional chinesa.



Fig. 147 - Rampas de acesso público pelo edifício



Fig. 148 - Pátio interior do centro



首层平面图 Ground Floor Plan

- |       |                 |         |              |         |                    |
|-------|-----------------|---------|--------------|---------|--------------------|
| 1 庭院  | Courtyard       | 6 档案馆   | Archives     | 11 多功能室 | Multifunction Room |
| 2 接待厅 | Reception       | 7 储藏间   | Storage Room | 12 多媒体室 | Multimedia room    |
| 3 咖啡厅 | Cafe            | 8 大教室   | Classroom    | 13 活动室  | Activity room      |
| 4 书店  | Bookshop        | 9 报告厅   | Lecture Room | 14 工作室  | Studio             |
| 5 展厅  | Exhibition Hall | 10 阅读教室 | Reading Room |         |                    |



Fig. 149 - Planta do piso térreo do centro

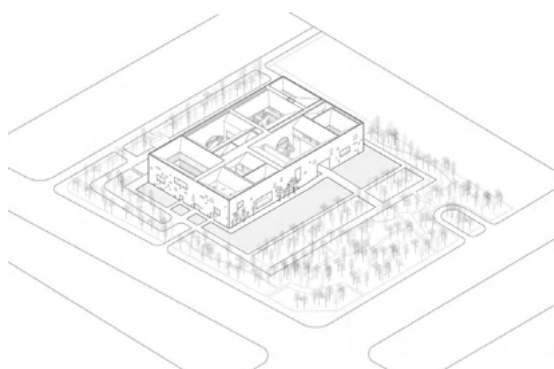


Fig. 150 - Axonometria do espaço



剖面1-1 Section 1-1

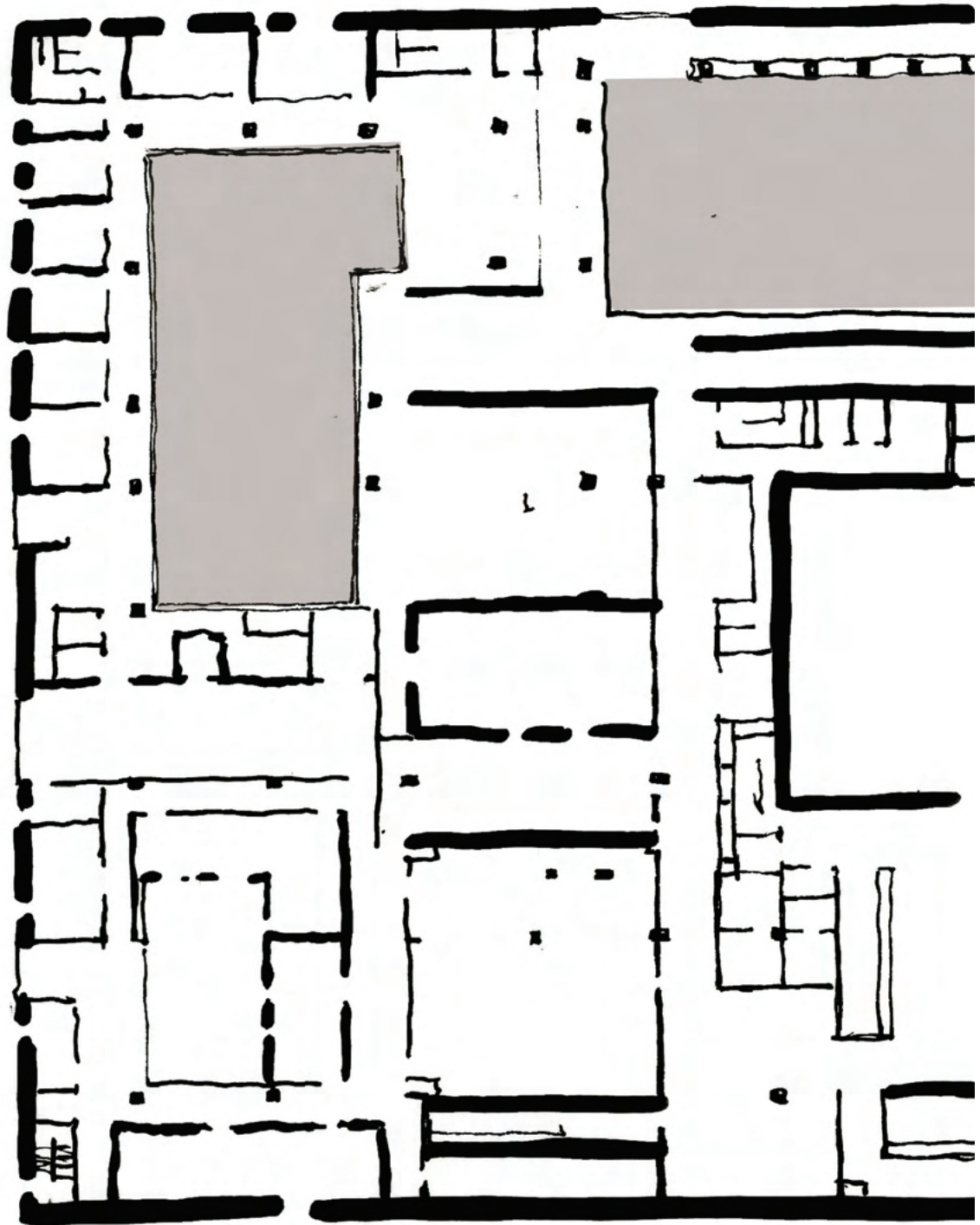
- |       |                |       |                 |
|-------|----------------|-------|-----------------|
| 1 庭院  | Courtyard      | 5 展厅  | Exhibition Hall |
| 2 接待厅 | Reception      | 6 档案馆 | Archives        |
| 3 设备间 | Equipment Room | 7 储藏间 | Storage         |
| 4 大教室 | Classroom      |       |                 |

Fig. 151 - Corte longitudinal do centro

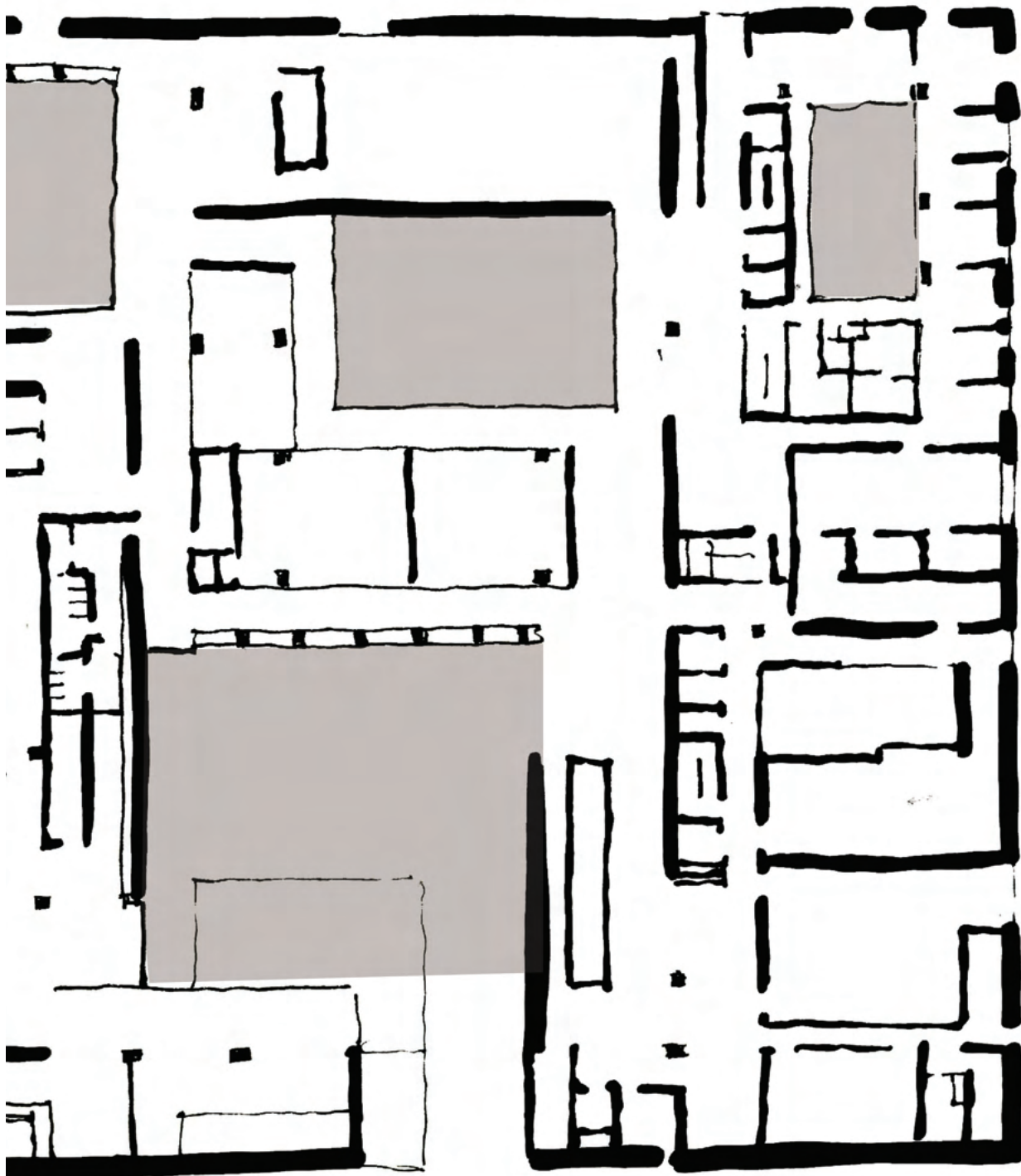
## A LIÇÃO:

Embora adquirida de maneira indireta, a partir de uma análise teórica, como lição retirada desta intervenção pode-se destacar a sensibilidade que acompanhou a realização do projeto no que diz respeito a um passado histórico construído, um sentido de identidade e uma adequação de abordagens tradicionais em relação ao clima e à cultura local. A arquitetura dificilmente se pode sustentar quando isolada do contexto. A procura por uma arquitetura em que a comunidade local se possa identificar, pode garantir a vivência no objeto arquitetónico. O partido tirado na relação programática com os espaços interiores e exteriores também se revela uma ferramenta importante para a coesão do edificado no espaço. Por se tratar de um programa cultural, a possibilidade de experienciar o espaço de forma inesperada é valorizada, os pátios de naturezas diferentes favorecem este aspeto no Centro de Arte e Cultura de Shou.

#### 4.1.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: PERCURSOS E PÁTIOS



⊙ 0 5m 10m



■ ESPAÇO EXTERIOR







Espaços de transição do Centro Arte e Cultura de Shou

## 4.2 O CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA



Fig. 152 - Vista periférica do CCB



ARQUITETOS: Manuel Salgado e Vittorio Gregotti



LOCALIZAÇÃO: Belém, Lisboa, Portugal



ÁREA: 97 000 m<sup>2</sup>



ANO: 1992



PROGRAMA: Centro cultural



CONCEITO: Recuperação da memória da cidade através da compreensão da envolvente



RELEVÂNCIA:

- Fluidez dos espaços exterior com a cidade
- Multiplicidade de espaços de transição
- Relação e comunicação com a envolvente histórica
- Organização volumétrica associada aos programas

O Centro Cultural de Belém ou CCB é uma obra pública inicialmente destinada à receção da Sede da Presidência do Conselho das Comunidades Europeias em 1992 e foi inaugurado na década de 90 em Lisboa. Ocupou o terreno devoluto onde se encontrava um dos pavilhões da Exposição do Mundo Português até 1950. O projeto assentou numa análise da envolvente e a sua contextualização cultural e física específica. O projeto deste espaço de importância urbana e cultural deveria resolver as relações da frente ribeirinha do Tejo com a cidade de génese romana, o Bairro do Bom sucesso, com os monumentos históricos da Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, e com a Praça do império, de onde surgiu a necessidade de criar o seu alinhamento respeitando o traçado do jardim.

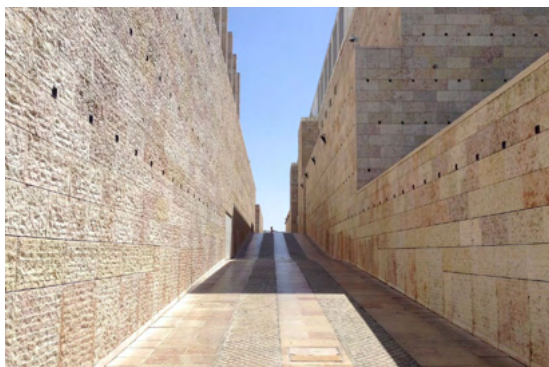


Fig. 153 - Rua transversal ao edifício que liga a cidade ao rio



Fig. 154 - Praça CCB, onde as zonas de exposição se convergem

Tendo em conta as particularidades do terreno, Gregotti e Salgado recorreram à sua interpretação como um todo de forma a traçar as premissas do projeto. O edifício, assim integra-se na paisagem pré existente através do encontro de diferentes escalas, das relações estabelecidas entre o próprio e a envolvente, com a articulação das malhas urbanas, nos ritmos e espaços que cria e com o programa multicultural e dinamizador que propõe.

O edifício encontra-se entre a Avenida da Índia e o Mosteiro dos Jerónimos a poente da Praça do Império. O percurso pedonal entre o Convento do Bom Sucesso a poente, e a Praça do Império fazia parte o enunciado do concurso para o centro, resultando numa interpretação que permitiu que o projeto tivesse um micro sistema urbano muito perceptível. Esta organização urbana interna é marcada pela Praça CCB (Fig. 154) e o Caminho José Saramago (Fig. 155) que atravessam o complexo e relacionam o lado poente ao nascente, e pelas ruas do edifício. Os arruamentos estreitos que atravessam o edifício transversalmente (Fig. 153), remetendo à malha medieval encontrada em Lisboa, fazem a ligação física com a zona ribeirinha do Tejo e criam relações visuais interessantes, de descoberta da paisagem.



Fig. 155 - Caminho José Saramago no alinhamento da Praça do Império

O centro procura complementar a paisagem histórica através da aproximação à uma escala monumental, servindo como momento de transição entre os dois elementos principais (a torre e o mosteiro). Contudo, atenta a não tirar o foco destes monumentos através da opção de uma linguagem simplista, sóbria e monolítica no exterior, com o uso da pedra lioz, comum em Lisboa, e pavimento com calçada à portuguesa, de forma a promover uma maior integração na paisagem.

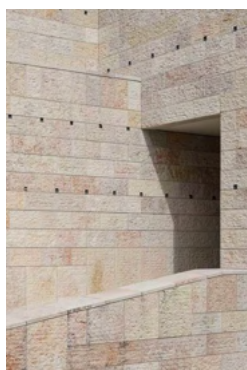


Fig. 156 - Pedra lioz que reveste o edifício

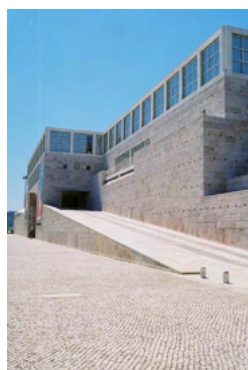


Fig. 157 - Entrada poente



Fig. 158 - Jardim da Água, jardim de receção do museu

A estratégia adotada para a concretização do CCB é simultaneamente complexa e flexível de maneira a estabelecer as relações internas e externas entre edificado e envolvente. O conjunto interpreta-se como blocos que possuem uma relação mais controlada e fechada para a envolvente exterior, abrindo-se para o conjunto de pátios, praças e claustros que cria. Tendo feito referência à Praça do CCB, da qual as salas de exposição tiram partido, existem também os jardins e o terraço. O Jardim da Água posiciona-se a norte do edifício e serve como momento de intermediação entre o Museu Coleção Bernardo e a cidade, este possui um espelho de água e pode ser acedido a partir da Rua Bartolomeu Dias (Fig. 158). Na extensão da fachada sul encontra-se o Jardim das Oliveiras com vista privilegiada sobre o rio Tejo (Fig. 159). Este jardim procura uma utilização mais prolongada dos utilizadores fazendo assim recurso à sombra do edificado e da vegetação. O Terraço do Tejo, é um espaço de relação com a natureza e com a paisagem do rio. É um espaço polivalente com pavimento em calçada e zonas ajardinadas e desfruta de uma vista sobre a Praça do Império e o rio Tejo (Fig. 160).



Fig. 159 - Jardim das Oliveiras, relação do jardim com espaços de sombra com edifício

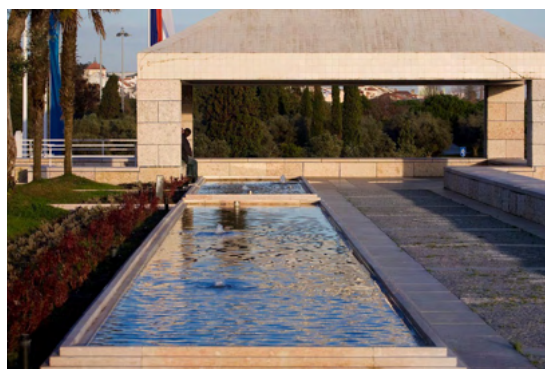


Fig. 160 - Terraço do Tejo

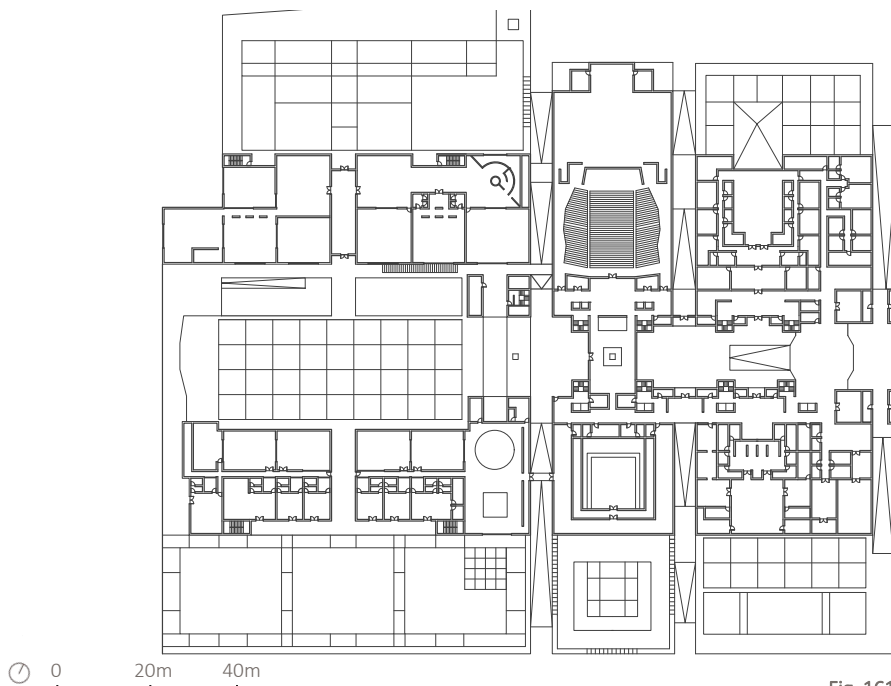


Fig. 161 - Planta do primeiro piso

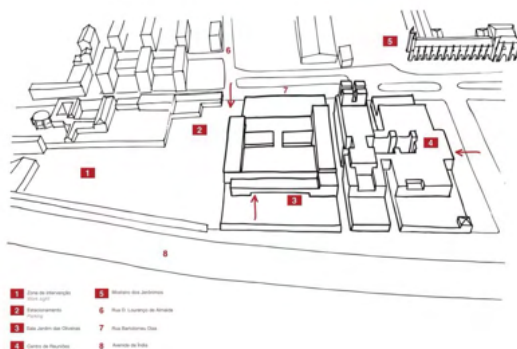


Fig. 162 - Axonometria do espaço

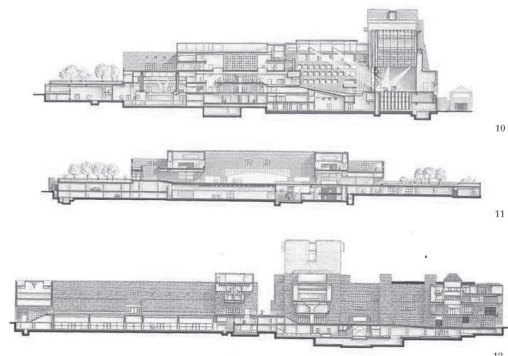


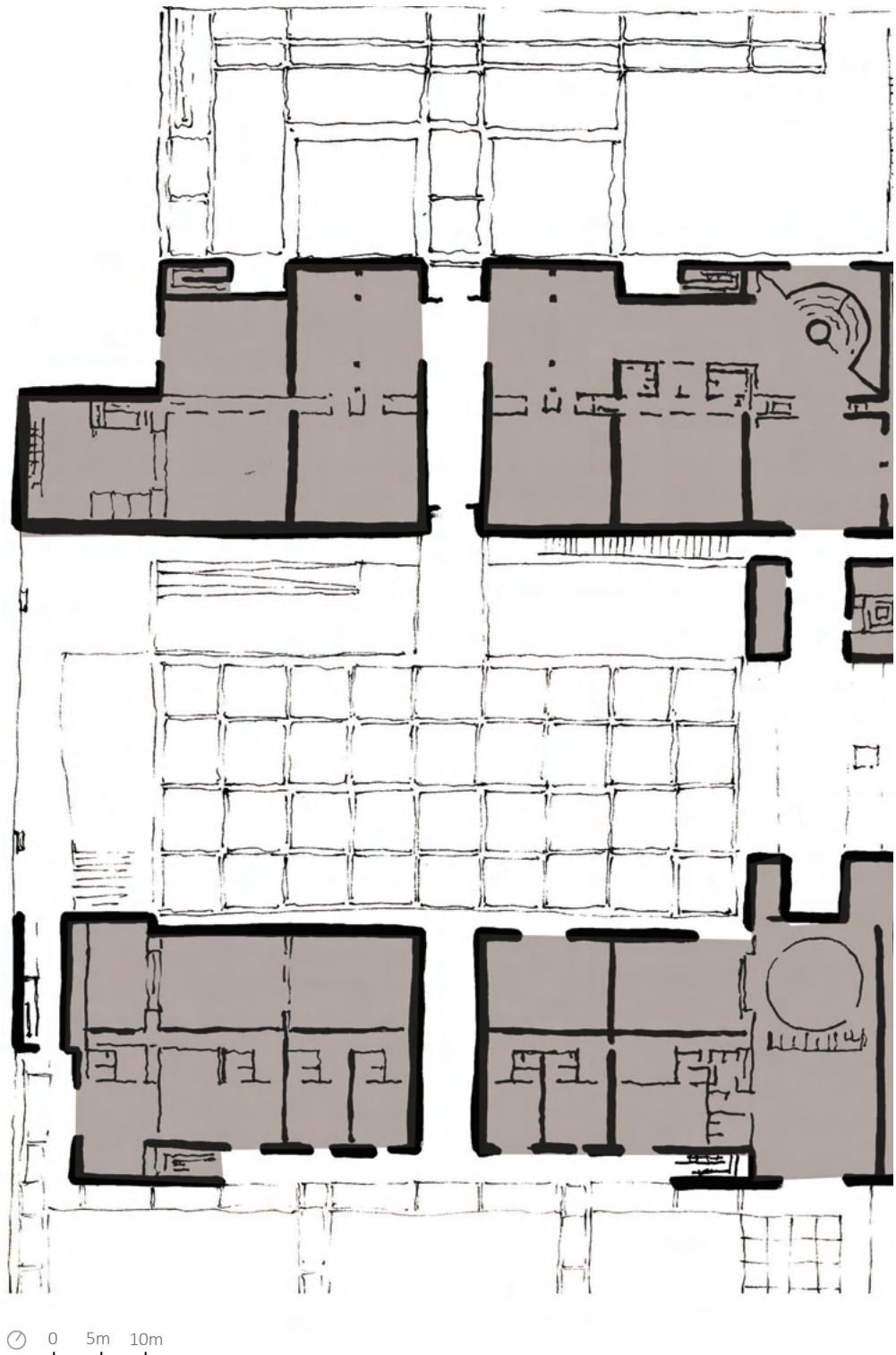
Fig. 163 - Cortes do centro

Em termos programáticos, o CCB é composto por três áreas principais: o conjunto projetado para a Sede da Presidência da União Europeia, com salas de congresso, de reuniões e administração correspondente ao bloco que faz frente à Praça do Império; o Centro de Espetáculos com dois auditórios, o Grande Auditório com cerca de 1500 lugares e o Pequeno Auditório com 400 lugares e o Centro de Exposições organizado em quatro níveis com salas de pé direito duplo e triplo, uma biblioteca e serviços de apoio.

#### A LIÇÃO:

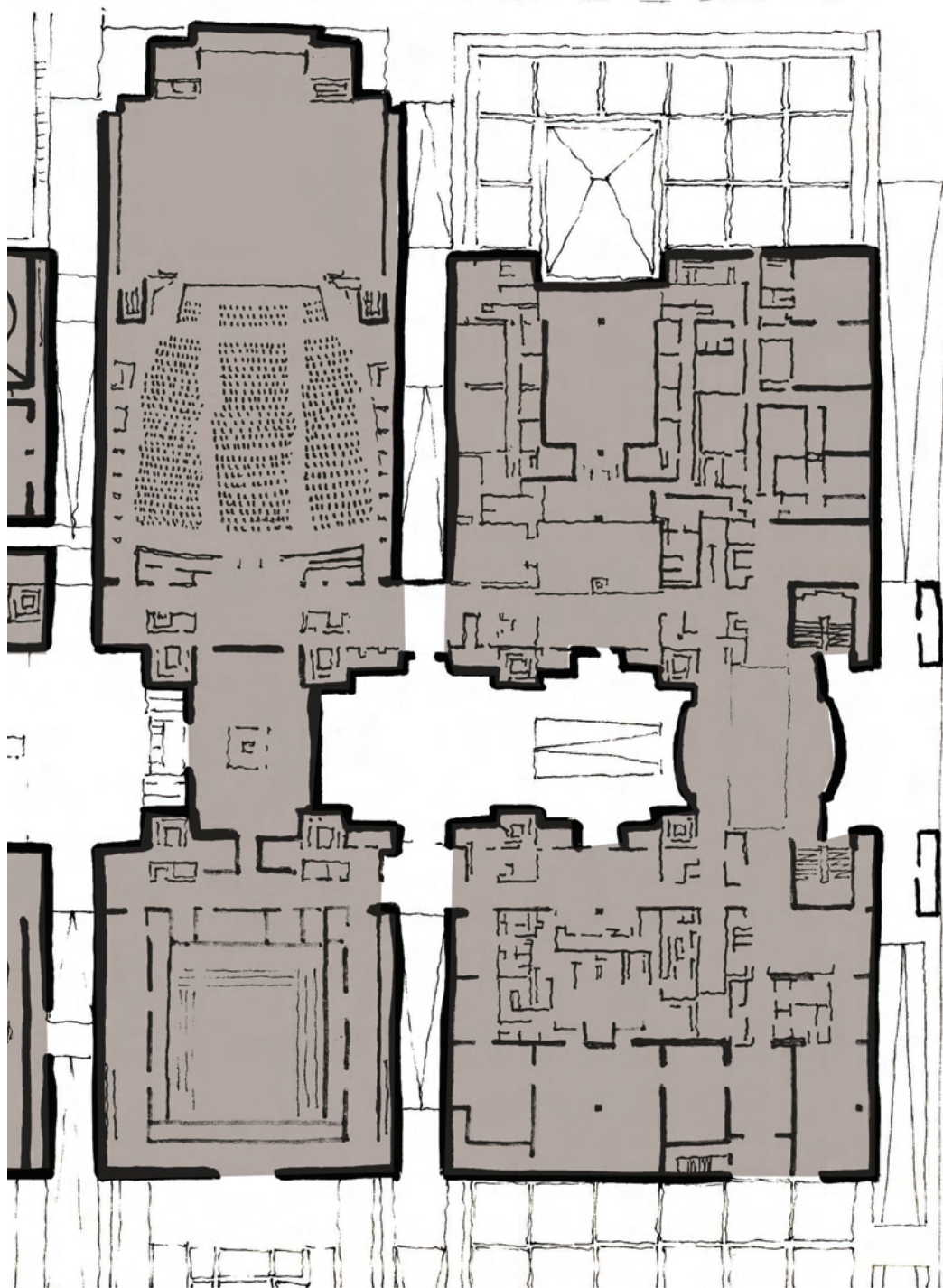
A relação que o CCB estabelece com a envolvente é de uma grande sensibilidade e entendimento da envolvente. A partir da materialidade, da escala e do jogo de cheios e vazios, o edifício consegue relacionar-se com as distintas realidades da cidade. É de se destacar também o recurso aos espaços exteriores como meios de interação entre envolvente e edifício, as praças, claustros, pátios e ruas como espaços de transição e oportunidades de apropriação pelas pessoas através dos acessos públicos que circundam e intersejam o edifício.

#### 4.2.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: TRANSIÇÃO E FLUIDEZ





Inserção do CCB na cidade



INTERIOR







Ruas do Centro Cultural de Belém

### 4.3 A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA



Fig. 164 - Entrada do museu da Gulbenkian



ARQUITETOS: Ruy d'Authougia, Pedro Cid e Alberto Pessoa.

Paisagismo: Gonçalo Telles e António Viana



LOCALIZAÇÃO: Praça de Espanha, Lisboa, Portugal



ÁREA: 25 000 m<sup>2</sup>



ANO: 1969



PROGRAMA: Centro cultural e museu



CONCEITO: Edifícios modernos austeros que se interligam por jardins



RELEVÂNCIA:

- Jardins como espaços de transição
- Circulação fluída dos espaços interiores
- Posicionamento do edificado no terreno e face à cidade
- Espaço verde público e edificado como protagonistas

O museu e Sede da Fundação Calouste Gulbenkian é um conjunto de edifícios-jardim icónico, construído na década de 60, no centro da cidade de Lisboa. Um dos objetivos deste complexo de expressão arquitetónica moderna seria a dinamização da cultura, arte e ciência na cidade. Este conta com a Sede da Fundação, o Jardim envolvente e o Museu Gulbenkian que inclui a Coleção do Fundador e a Biblioteca de Arte. Localiza-se no cruzamento da Avenida António Augusto Aguiar com a Avenida de Berna.

Apesar da sua implantação central na cidade, o complexo cria uma relação de afastamento com a mesma através o jardim e do aumento de cota da zona edificada face à cidade (Fig. 164).



Fig. 165 - Jardins da Gulbenkian



Fig. 166 - Espaço interior da sede da Gulbenkian

O jardim proporciona um momento de transição entre a realidade urbana e a arquitetónica, uma vez que este é o elemento que liga a cidade e o edifício, e é acompanhado por muros baixos que o delimitam. A subtil elevação do edificado em relação ao plano da via pública resulta numa mudança de consciência em relação ao novo ambiente, tornando distintos o ambiente do espaço público e o do espaço do equipamento, que embora de fruição pública, recorre a elementos arquitetónicos e paisagísticos que levam a uma sensação de desaceleração e uma contemplação do espaço.

Primando pela horizontalidade, os três volumes principais posicionam-se no centro do parque, de forma a comunicarem com o mesmo. Estes volumes baixos, são caracterizados pelos seus traços modernos, com materiais austeros e sóbrios, o betão e o vidro (Fig. 166), e pela integração de uma estrutura verde que acompanha os seus planos corridos e sugere uma continuidade da massa verde até à massa construída (Fig. 167).



Fig. 167 - Fachada principal da Gulbenkian com terraços ajardinados

O local onde se posicionam os volumes é um espaço desprovido de arborização excessiva de maneira a que se possa perceber a presença destes elementos arquitetônicos no meio natural. Ao longo do jardim existem momentos de descoberta e maior exposição, onde pode-se ter uma vista abrangente do conjunto, da diversidade do jardim e dos planos de água. No entanto, ao longo do jardim pode-se encontrar espaços de recanto, com atmosferas mais intimistas, de sombra, com arborização mais alta, circundante e densa que convidam a permanência dos visitantes.

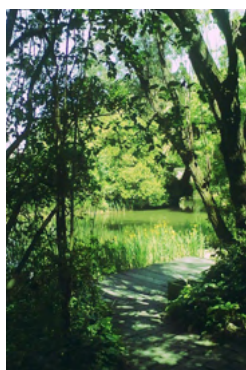


Fig. 168 - Percurso do Bosque



Fig. 169 - Percurso da Clareira



Fig. 170 - Percurso das Orlas

O jardim da Gulbenkian, é em si um espaço de transição, no entanto, existem elementos adicionais que fazem a transição no próprio jardim, de uma tipo de ambiente para outro, como é o caso dos três percursos principais: o percurso do Bosque, da Clareira e das Orlas (Fig. 168, 169 e 170 respetivamente). Mesmo para o interior podemos encontrar mais espaços que medeiam as diferentes relações. Para o acesso ao interior do museu podemos encontrar um conjunto de degraus que encaminham para um espaço intermédio coberto antes da entrada principal como ilustra a figura 171. O papel deste espaço é de anunciar uma entrada e dignificá-la. Os interiores são quase sempre recebidos por um amplo átrio de entrada, acompanhados por espaços de permanência e descanso entre atividades.

Uma das características do complexo é a forte ligação estabelecida entre o interior e o exterior. Os grandes vãos envidraçados garantem a relação visual do interior com o jardim, mesmo quando não existe possibilidade de acesso físico. Tal promove a sensação de interdependência e unidade no conjunto. Exemplo, o espaço de biblioteca, onde pela mesma não é possível o acesso direto ao jardim, porém pode-se observar o desenrolar da vida exterior, ao mesmo tempo que se vivencia o espaço interior.



Fig. 171 - Rampas de acesso público pelo edifício

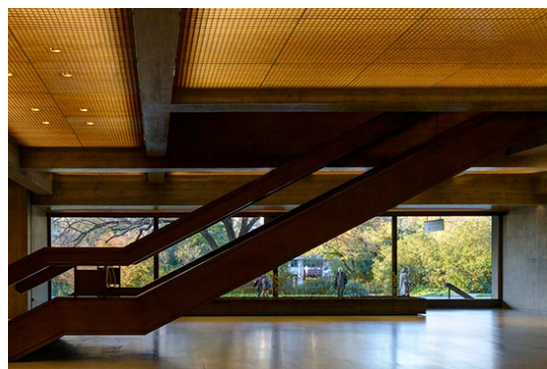


Fig. 172 - Espaço interior da sede da Gulbenkian

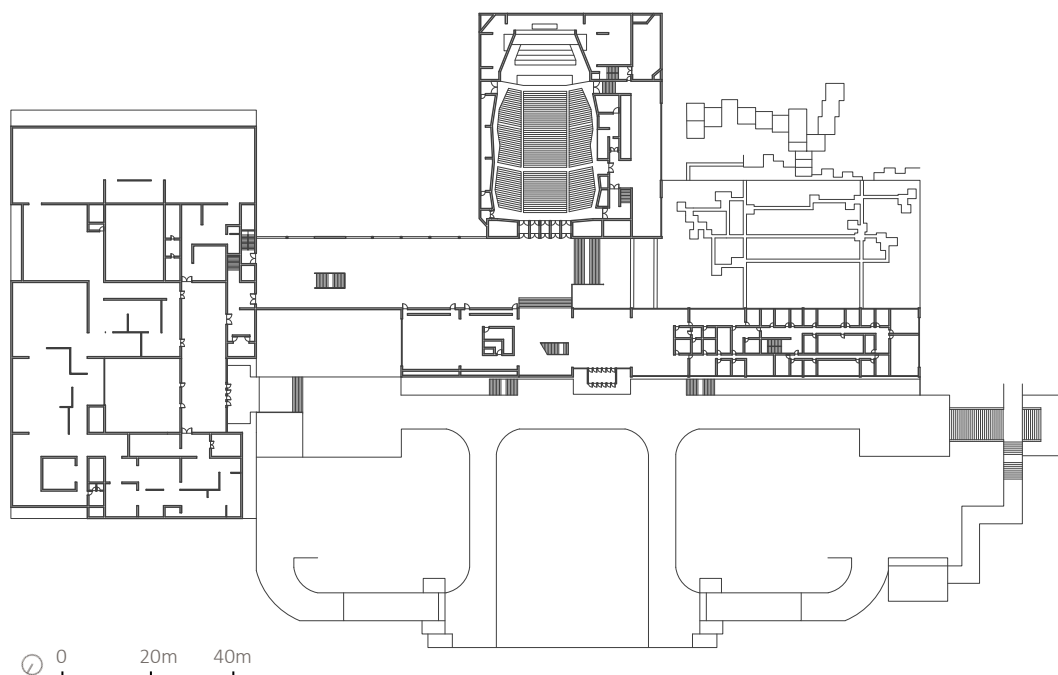


Fig. 173 - Planta do piso térreo do centro

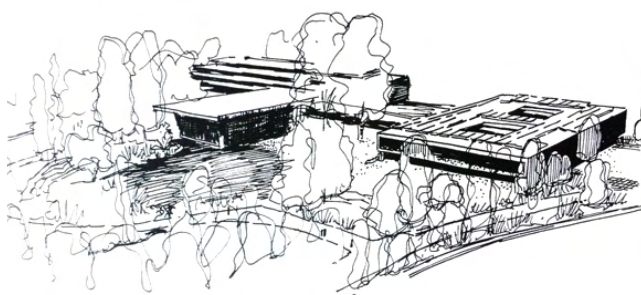


Fig. 174 - Perspetiva do espaço

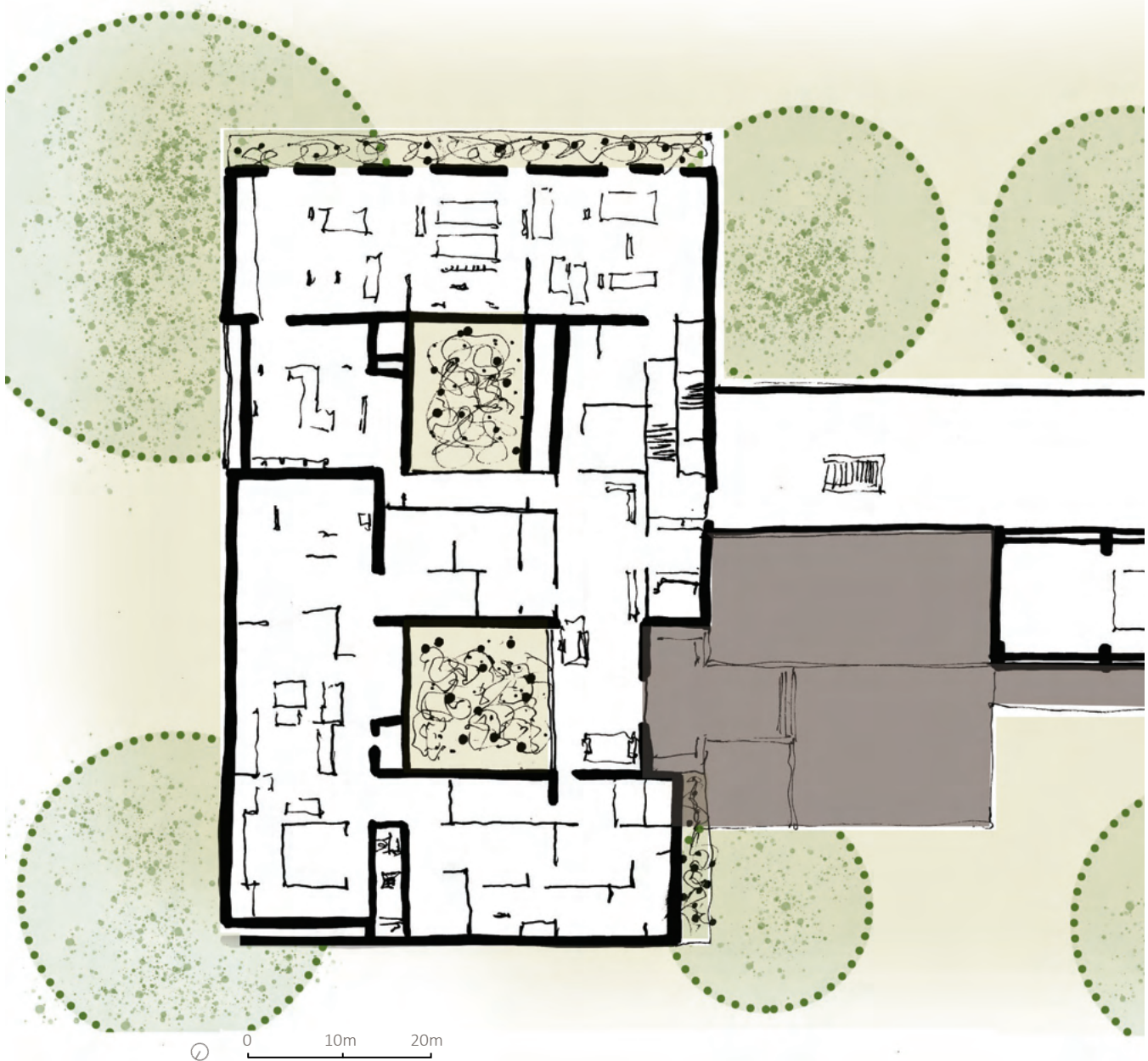


Fig. 175 - Planta de cobertura do centro

#### A LIÇÃO:

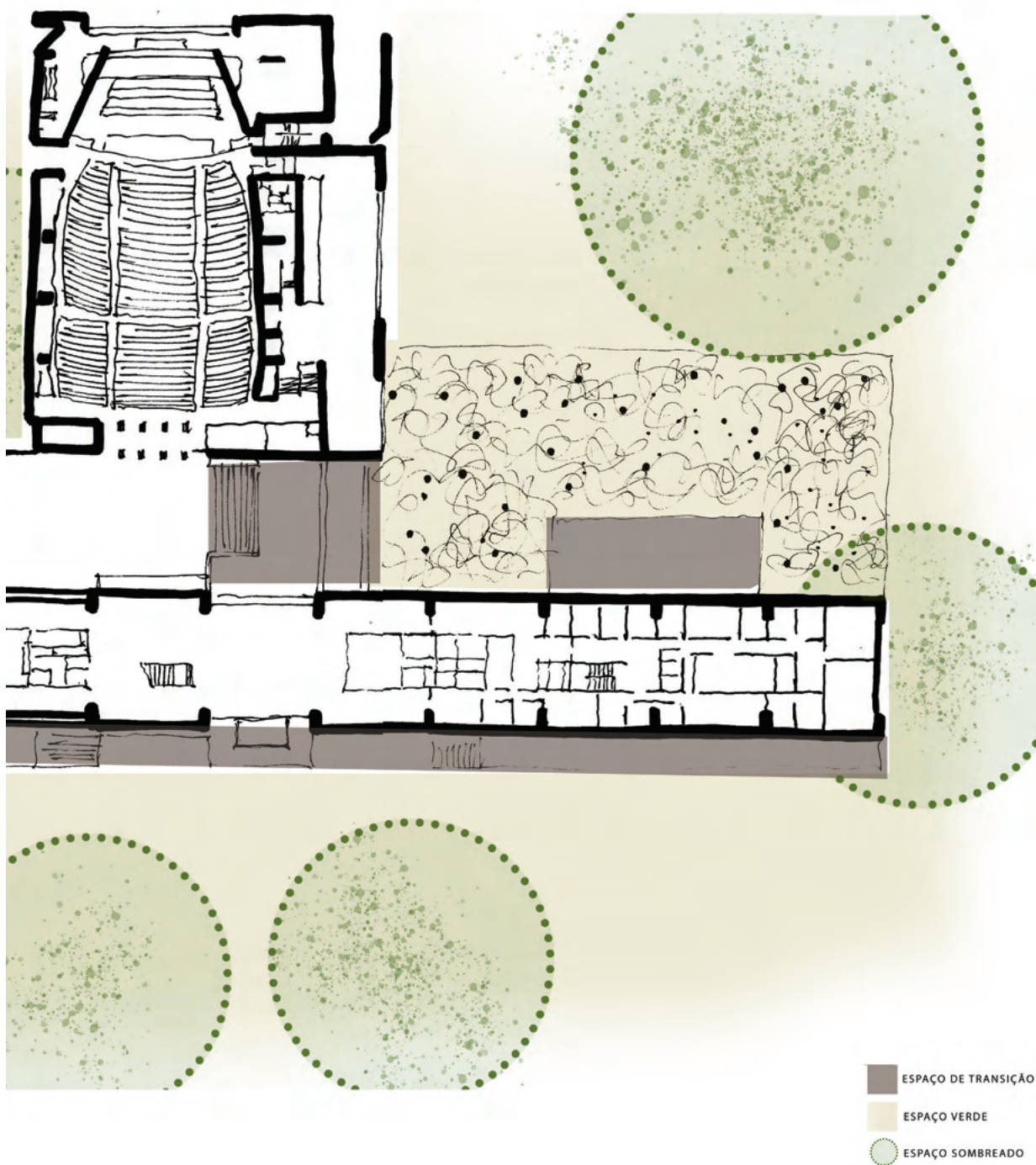
A forma como o conjunto da Gulbenkian se integra na cidade, criando uma relação de comunicação indireta, sendo ele intermediado por um conjunto de elementos, o percurso, a diferenciação de cota e o jardim, faz com que este seja bem integrado na cidade. Centrado em relação à envolvente urbana, este momento de desafogo e espaço de exceção no tecido urbano representa um bom exemplo de comunicação entre arquitetura e cidade feita a partir dos espaços de transição. É de se destacar também, os momentos de exposição e de privacidade, de desafogo e de constrangimento, de luz e de sombra, que permitem a apropriação espontânea das pessoas. As várias relações, física através dos percursos, visual através dos vãos envidraçados e material entre o verde (natural) e betão (artificial) também constituem elementos que contribuem para a harmonia do conjunto e a sensação de complementaridade, que de outra maneira poderia ser percebido como elementos isolados, contrastantes e desconexos.

4.3.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: LUZ,  
SOMBRA; INTERIOR, EXTERIOR; NATURAL, ARTIFICIAL





Inserção da Gulbenkian na cidade









Relação dos espaços de jardim com o edifício da Gulbenkian

## 4.4 O CENTRO DE ARTES DE SINES, SINES

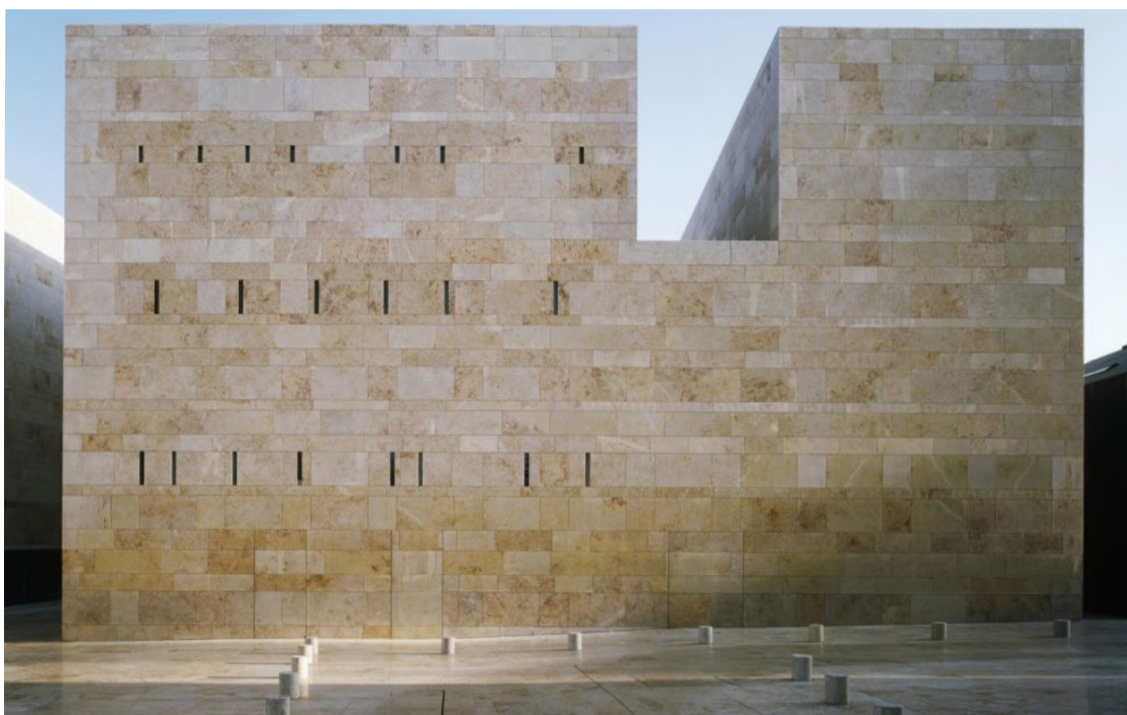


Fig. 176 - Vista frontal do centro de Sines



ARQUITETOS: Aires Mateus



LOCALIZAÇÃO: Sines, Portugal



ÁREA: 8 065 m<sup>2</sup>



ANO: 2005



PROGRAMA: Centro cultural



CONCEITO: Procura de uma escala monumental, remetendo à muralha do castelo do centro histórico, e um jogo de transparências ao nível da rua



RELEVÂNCIA:

- Robustez e transparência
- Programa multifuncional
- Projeto “entre” dimensões (cidade antiga e cidade nova)
- Gesto de arquitetura subterrânea promovendo o espaço público na cidade

De autoria dos arquitetos Francisco e Manuel Aires Mateus, o Centro de Artes de Sines encontra-se no limite norte do centro histórico da cidade de Sines e foi inaugurado a 20 de agosto de 2005. As principais premissas do projeto encontram-se presentes na relação que este edifício estabelece com a zona histórica, no modo como este se integra na cidade e na criação de um edifício de exceção multifuncional. A cidade de Sines, na região do Alentejo, é uma de grande importância colonial e histórica. O projeto feito de raiz, destinado a ocupar o espaço onde anteriormente se encontravam o Cine-teatro Vasco da Gama e o Teatro do



Fig. 177 - Recortes inspirados nas muralhas do Castelo

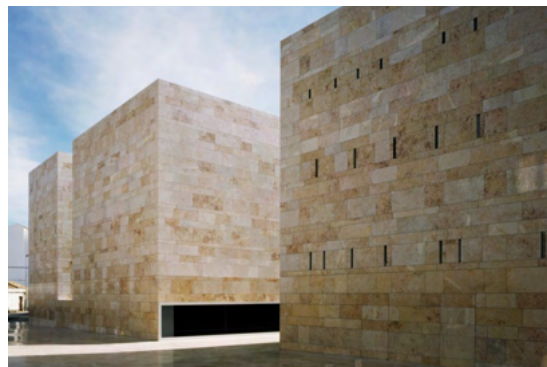


Fig. 178 - Relação do espaço público com os volumes construídos do edifício

Mar, deveria funcionar como porta para o centro histórico. A sua localização central e de grande acessibilidade coincide com o percurso medieval que abre a cidade à baía com a Rua Cândido dos Reis, e é delimitada pela Rua Marquês de Pombal, a fronteira entre a cidade moderna e a histórica. A arquitetura do edifício estabelece uma relação volumétrica com o passado da cidade através de questões de escala, buscando a monumentalidade da cidade histórica. O jogo de opacidade e transparências que o volume faz, tem como referência seteiras e aberturas das muralhas do Castelo (Fig. 176). Com uma área de construção de cerca de oito mil metros quadrados, o edifício divide-se em dois volumes autónomos. Cada um destes se subdivide em dois blocos, interligados no nível da cave e o piso térreo (Fig. 177). A decisão de desenvolver parte do edifício numa lógica subterrânea, proporciona ao mesmo uma qualidade de espacialidade urbana significativa. Resultando numa maior integração do mesmo com a cidade. O nível da rua ganha protagonismo, promovendo o desenrolar de atividades quotidianas tanto no exterior como no interior.

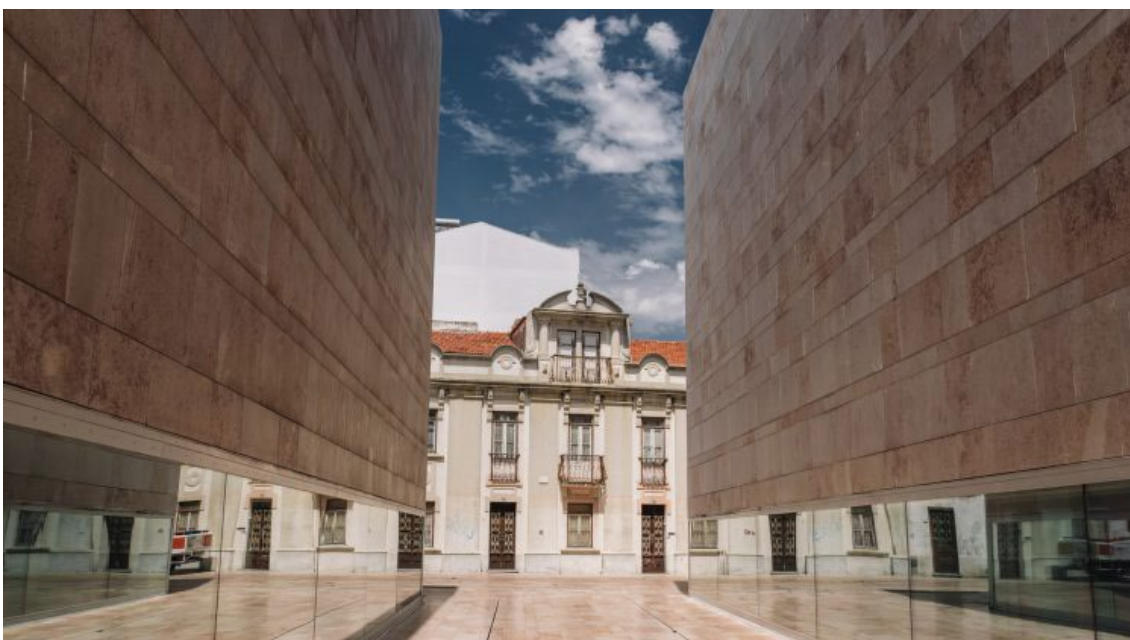


Fig. 179 - Jogo de transparências e opacidades e relação do edifício com a cidade histórica

De forma a acompanhar as intenções arquitetônicas, os materiais usados são a pedra lioz na fachada que transmite a sensação de robustez e monolitismo, e o vidro, usado principalmente ao nível de rua, com um rasgo que acompanha toda a extensão do piso térreo, conferindo uma transparência que reforça a relação de transição entre interior-exterior, edifício-rua. Este gesto, tem em conta a escala do peão, procurando promover a relação entre as atividades culturais e vida quotidiana do exterior.

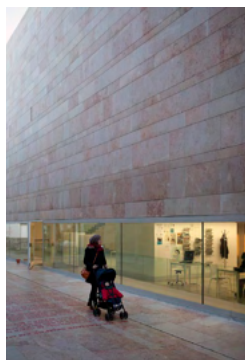


Fig. 180 - Transparências ao nível da rua

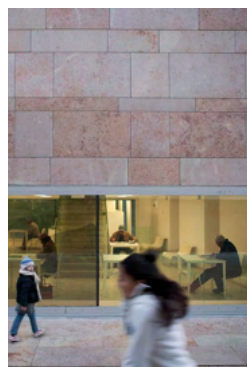


Fig. 181 - Relação interior-exterior

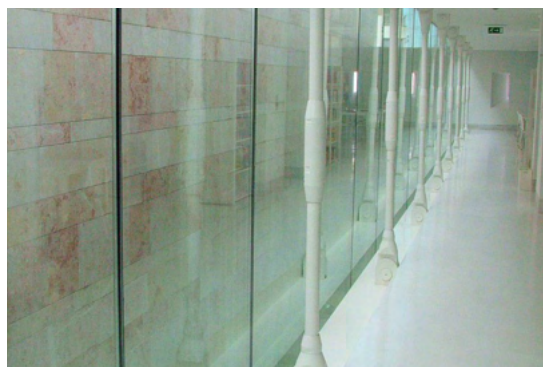


Fig. 182 - Espaço interior monocromático e vão envidraçado

No que diz respeito ao interior, procura-se a experiência de uma espacialidade integral e pura com recurso ao monocromatismo com a cor branca. Os tetos e as paredes fazem uso da pedra de mármore lisa, que com a incidência da luz natural, reflete-a, envolvendo os utilizadores na atmosfera espacial e ambiental criada. Nas paredes perimetrais do edifício é onde se encontram apoiados os pisos atirantados, que permite que a configuração espacial do solo seja adaptada às dimensões dos espaços comuns.

Essencialmente o edifício é composto por uma biblioteca, salas de exposição, um centro de documentação ou arquivos e uma sala de cinema ou teatro. A multiplicidade programática alinha com alguns dos objetivos do edifício de servir diversas funções e diferentes camadas da população, bem como funcionar como dinamizador do espaço. Em termos de espacialidade, a flexibilidade dos espaços permite que estes possam ser usados para mais do que uma função. Existe no piso subterrâneo um *foyer*, que tanto funciona como entrada e espaço de espera, como de exposições, e que liga todas as atividades e faz a distribuição para os diferentes espaços.

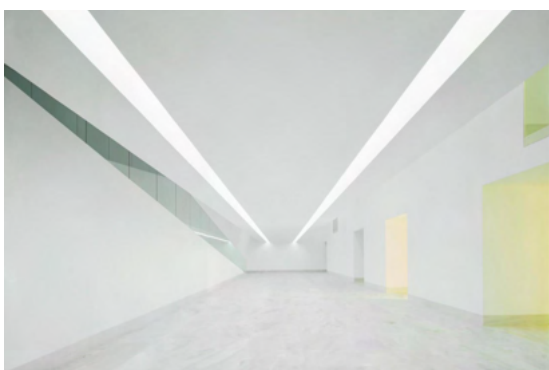


Fig. 183 - Espaço interior do centro, circulação



Fig. 184 - Sala de exposições do centro

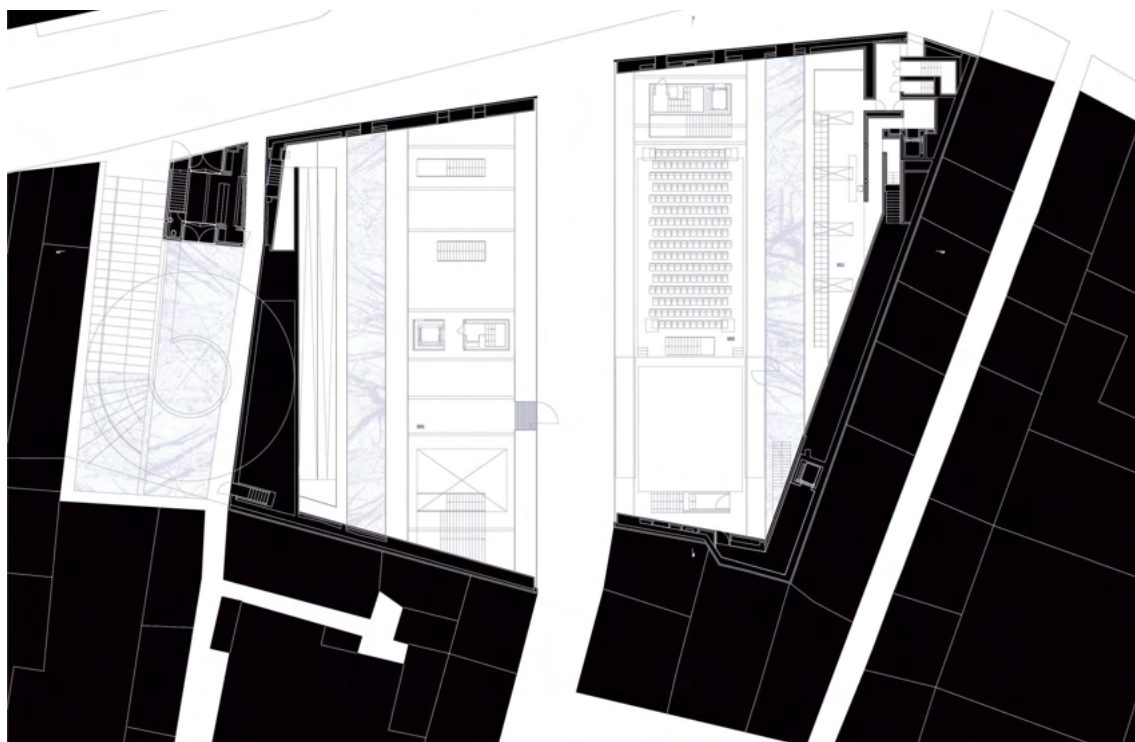


Fig. 185 - Planta do piso térreo

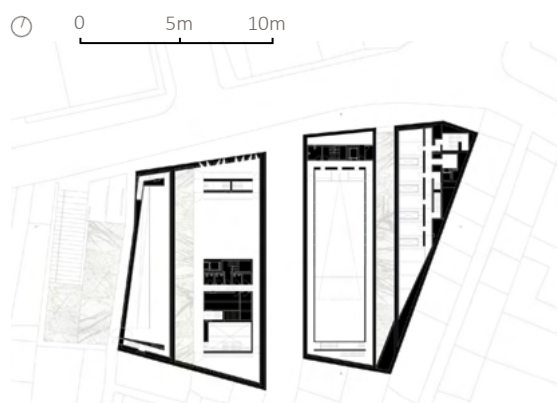


Fig. 186 - Planta do piso 2

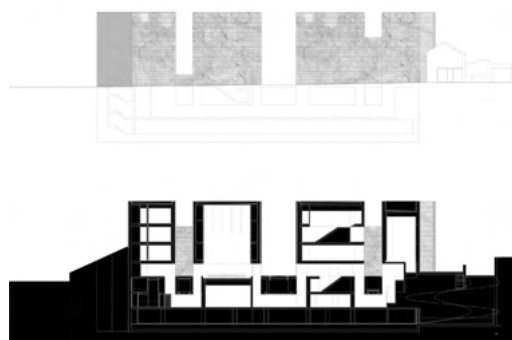
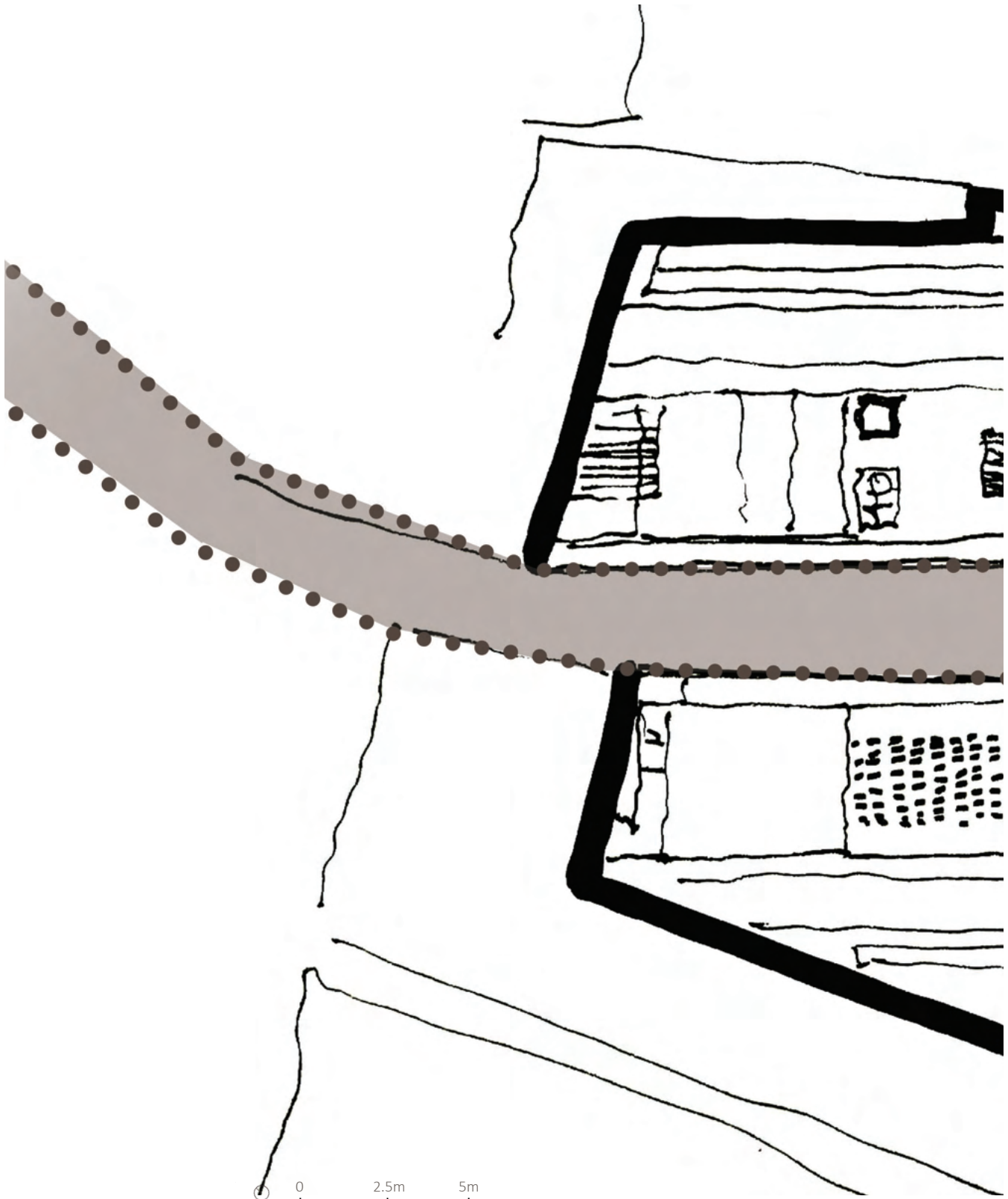


Fig. 187 - Alçado e corte longitudinal

## A LIÇÃO:

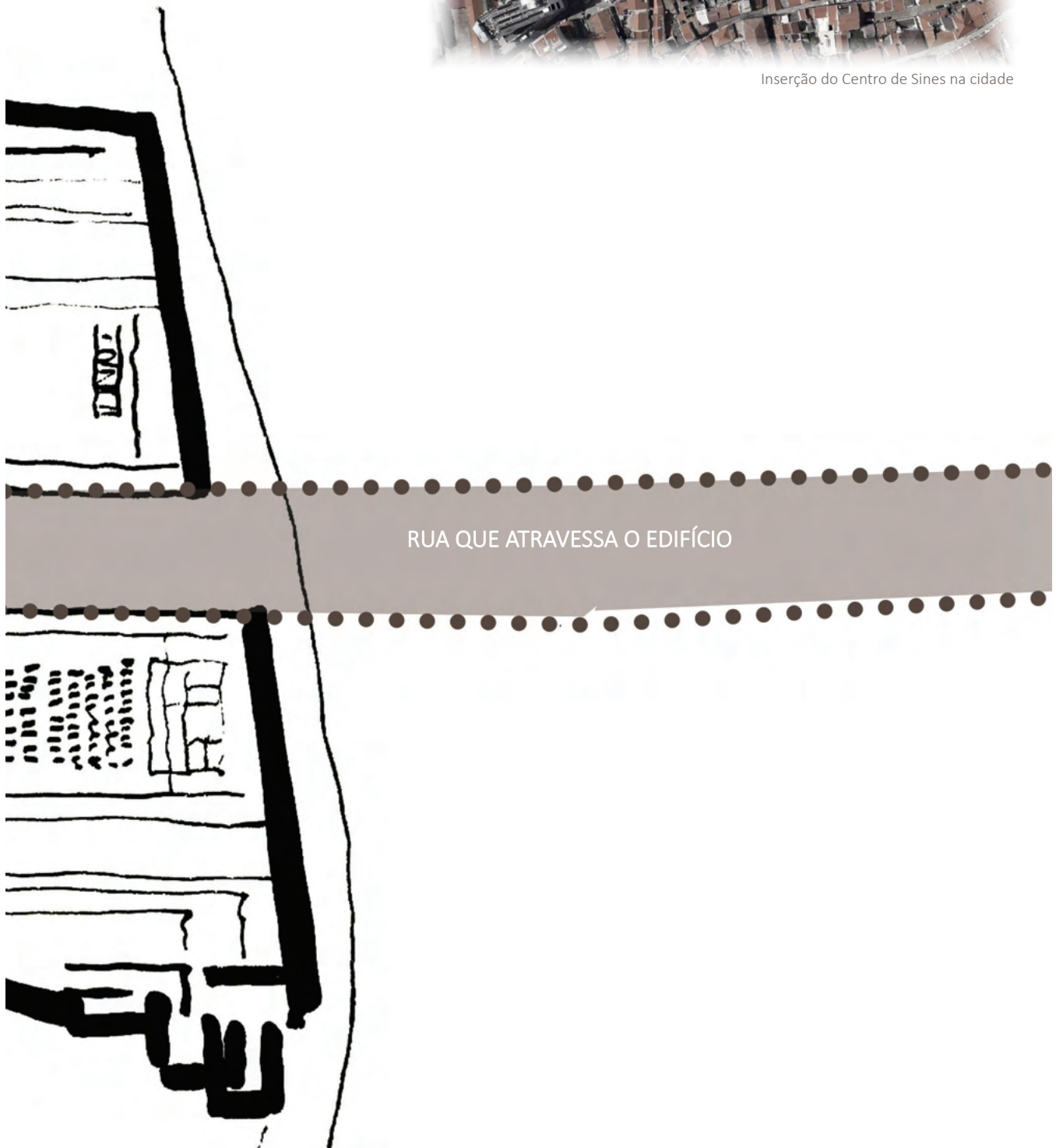
O espaço dedicado à cultura em Sines, além de ser um espaço onde diversas atividades culturais se cruzam a partir da partilha espacial que a sua arquitetura promove, também faz uma aproximação destas mesmas atividades com a vida quotidiana da cidade, com recurso à permeabilidade que existe entre os espaços interiores e exteriores. As decisões materiais no projeto deste centro cultural são consequência de premissas conceptuais e apresentam-se como ferramentas para controlar questões de visibilidade, volumetria, e integração, como é o caso da relação edifício-cidade histórica e edifício-cidade moderna. Tendo em conta a necessidade de reabilitação que a cidade histórica tinha, este projeto tem como vantagem o aumento de vida e atratividade da cidade. Este projeto reflete uma arquitetura pensada no contexto temporal e urbano em que se insere, assim como nas relações estabelecidas à escala monumental e à escala humana.

4.4.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: ENTRE TEMPOS, ENTRE ESPAÇOS



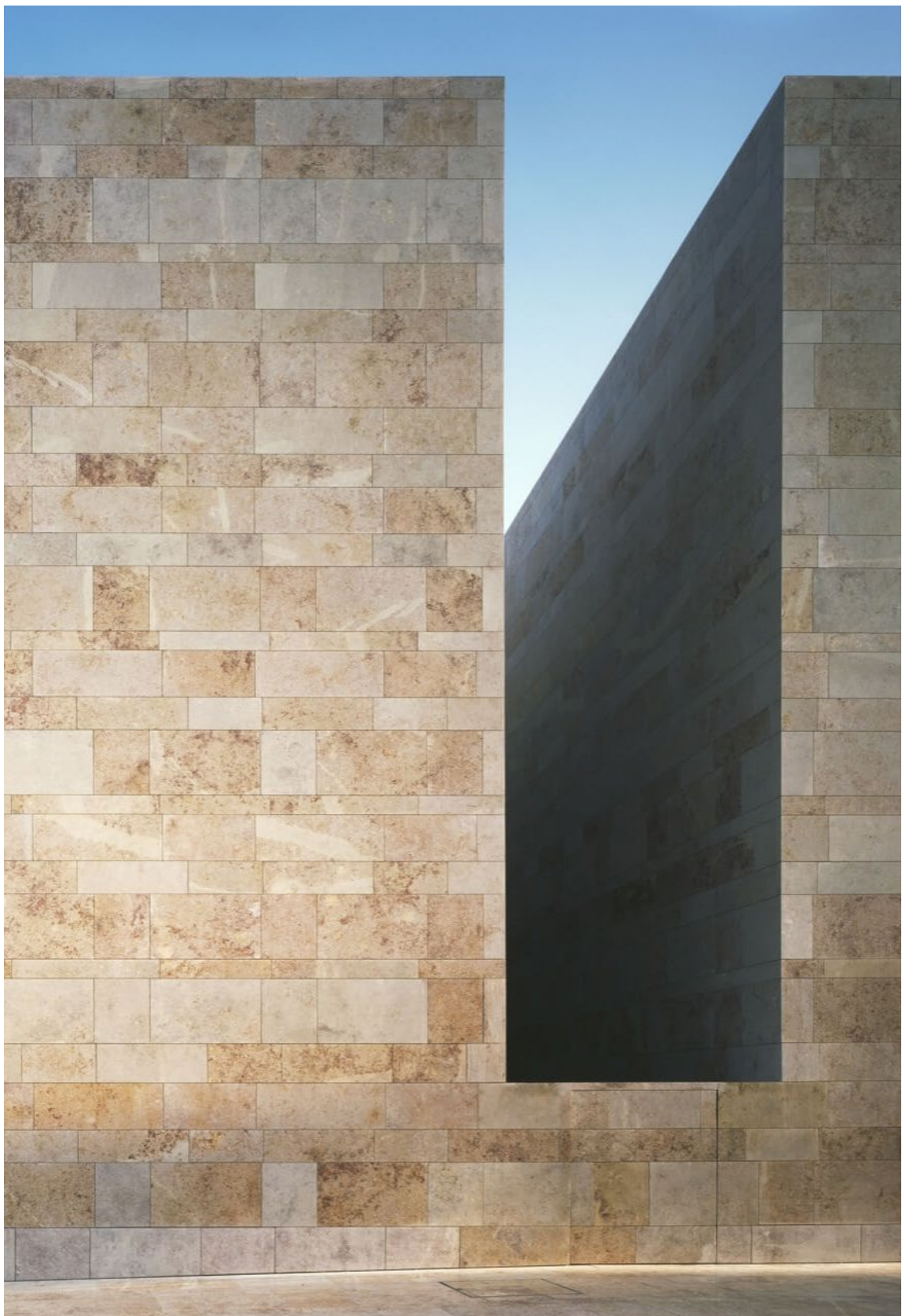


Inserção do Centro de Sines na cidade









Jogo de cheio e vazio do Centro de Artes de Sines

## 4.5 O CENTRO DE DESIGN DO GRUPO ARCA, MÉXICO



Fig. 188 - Alçado oeste (principal) do Centro de Design do Grupo Arca



ARQUITETOS: Esrawe Studio



LOCALIZAÇÃO: Guadalajara, México



ÁREA: 5 701 m<sup>2</sup>



ANO: 2019



PROGRAMA: Espaço de exposição e *showroom* de pedra



CONCEITO: Complexo monolítico em pedra remetendo a uma pedreira, onde as transações comerciais, a cultura e educação se interlaçam.



RELEVÂNCIA:

- Pátios integrantes do projeto
- Conceito de camadas materiais
- Ambientes diferentes proporcionados pela diversidade material
- Edifício de promoção de educação, cultura, tecnologia e artes

O projeto do Centro de Design do Grupo Arca é um complexo edificado multifuncional destinado à exibição comercial do material do Grupo Arca e à promoção de cultura e educação na cidade de Guadalajara. Foi desenvolvido pelo Esrawe Studio, liderado pelo arquiteto mexicano Héctor Esrawe, tendo como inspiração as pedreiras, entendidas como uma “*paisagem manufaturada*” (Baichwal, 2006, 0:35:15). Grande parte do foco do projeto é dado à materialidade, de maneira a que a experiência do espaço criado seja única, tendo a arquitetura como meio de relação entre o utilizador e os materiais na sua essência. Os espaços criados com momentos de constrangimento e desafio, com materiais dramáticos e neutros, e com uma arquitetura orgânica, constroem uma narrativa que remete às pedreiras, à busca



Fig. 189 - Vista de cima do complexo, armazém à esquerda e showroom à direita



Fig. 190 - Fachada principal vista da Plaza Acueducto, recortes com mármore travertino

pela origem dos materiais naturais. O conceito intencional recusa as noções tradicionais de um espaço de varejo, procurando um modelo inovador que relaciona aprendizagem com os campos da arquitetura, design, arte e cultura mexicana e universal. O projeto ambiciona estabelecer relações entre a comunidade, os clientes e potenciais parceiros, de forma a acrescentar valor à sociedade e promover o envolvimento e aprendizado nas formas de expressão construtiva do México.

O complexo é física e funcionalmente dividido em duas partes, o *showroom* e o armazém que se conectam a partir do *hall* de entrada principal, mediados por um pátio. De frente para a rua principal, temos o *showroom* ou centro cultural cujo objetivo é promover a arte, cultura e educação, através dos espaços da biblioteca, livraria e café, pátios de lazer, salas de exposição, e salão polivalente. O edifício no exterior é revestido em betão de cor preta, que lhe dá um aspeto monolítico, e é pontualmente recortado. Através destes recortes é revelada uma camada de mármore travertino que dá dimensão e dinâmica à fachada principal do edifício e remete às escavações feitas nas paisagens naturais das pedreiras (Fig. 190).



Fig. 191 - Ágora, pátio trapezoidal do showroom do complexo

A entrada principal, relativamente modesta, também é conseguida a partir destes recortes (Fig. 192 e 193), e encaminha o utilizador até ao pátio principal, a ágora, através de uma passagem subtil e discreta. O espaço monumental da ágora tem uma altura de três pisos e é todo ele revestido com o mesmo mármore travertino da fachada, desde as paredes ao pavimento. A decisão mono material deste espaço deve-se à intenção de demonstrar a proveniência do material e não apenas o produto final. Isto é reforçado pelo padrão de veios horizontais que remetem à estruturação arqueológica natural destes materiais.

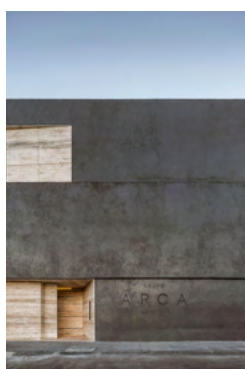


Fig. 192 - Entrada principal do edifício

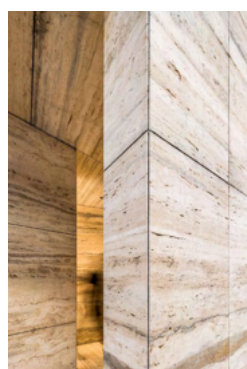


Fig. 193 - Passagem recatada da entrada



Fig. 194 - A ágora vista de cima

A ágora (Fig. 194), assim como outros pátios mais modestos tem uma função estética e de exibição dos materiais bastante importante, porém também é a principal fonte de iluminação natural do edifício, uma vez que as aberturas ao exterior são controladas. A geometria trapezoidal deste pátio é enriquecida pelas passagens com geometria irregular, com zonas de balanço, com entradas recuadas, de forma a que a experiência deste local seja mais dinâmica e única. Também existe vegetação, que além das vantagens visuais e de proximidade com a natureza, adiciona à experiência de uma paisagem natural das pedreiras. Este espaço serve para atividades de lazer, convívio e também fomenta a cultura a partir das exposições temporárias, eventos de apresentação, passagem de filmes e muitos outros.

O uso de tecnologia neste espaço foi crucial para a interação das pessoas com os espaços. A partir de códigos QR, com os seus telemóveis, as pessoas podem aceder a informação adicional sobre o material usado em cada espaço interior, uma vez que cada ambiente foi trabalhado no sentido de exaltar a materialidade de diferentes maneiras.



Fig. 195 - Espaço interior com relação com o pátio, fonte de iluminação natural

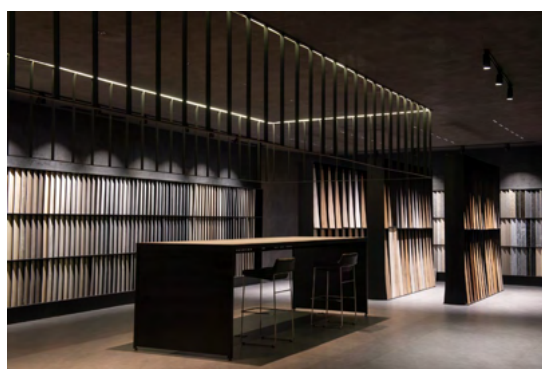


Fig. 196 - Sala de exibição de materiais

Dos espaços interiores é de se destacar o *hall* de entrada principal com o pavimento em basalto preto e uma continuidade entre as paredes e teto em micro-cimento, que reforçam a ideia de escavação de uma massa sólida (Fig. 197). Espaços para estudo individual, reuniões e também lazer, encontram-se no segundo piso. No último piso encontramos a livraria e café, que se abrem para o pátio do terraço, um espaço de relaxe. Este espaço também funciona como biblioteca para arquitetura e design. Existem espaços de exposição de materiais do Grupo Arca, onde estes têm um aspeto neutro, com luzes de exposição de forma a dramatizar a exibição dos materiais. Para complementar os ambientes, o grupo de arquitetos personalizou diversos itens de mobília, como bancos, estantes de livros, entre outros (Fig. 198).

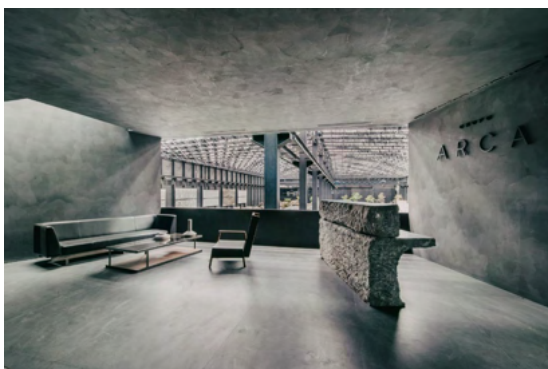


Fig. 197 - Hall principal de recepção



Fig. 198 - Livraria café

Em contraste com o primeiro bloco, em pedra, o armazém foi concebido com materiais esteticamente mais modestos, de forma a que o espaço seja neutro, não tirando o enfoque nos materiais dispostos e armazenados. O armazém é um espaço amplo, de pé direito triplo



Fig. 199 - Armazém do complexo

onde a maior parte do material para venda se encontra (Fig. 199). Neste espaço podem-se encontrar pedras naturais e artificiais, assim como tijolos e madeiras. No armazém a experiência do centro de Design tem o seu final, sendo que este encontra-se mais recatado. Também recorre-se ao uso de plantas internas para tornar o espaço agradável e sublime. As zonas de transição entre os dois edifícios são conseguidas por pátios com vegetação e instalações de exposição dos materiais.

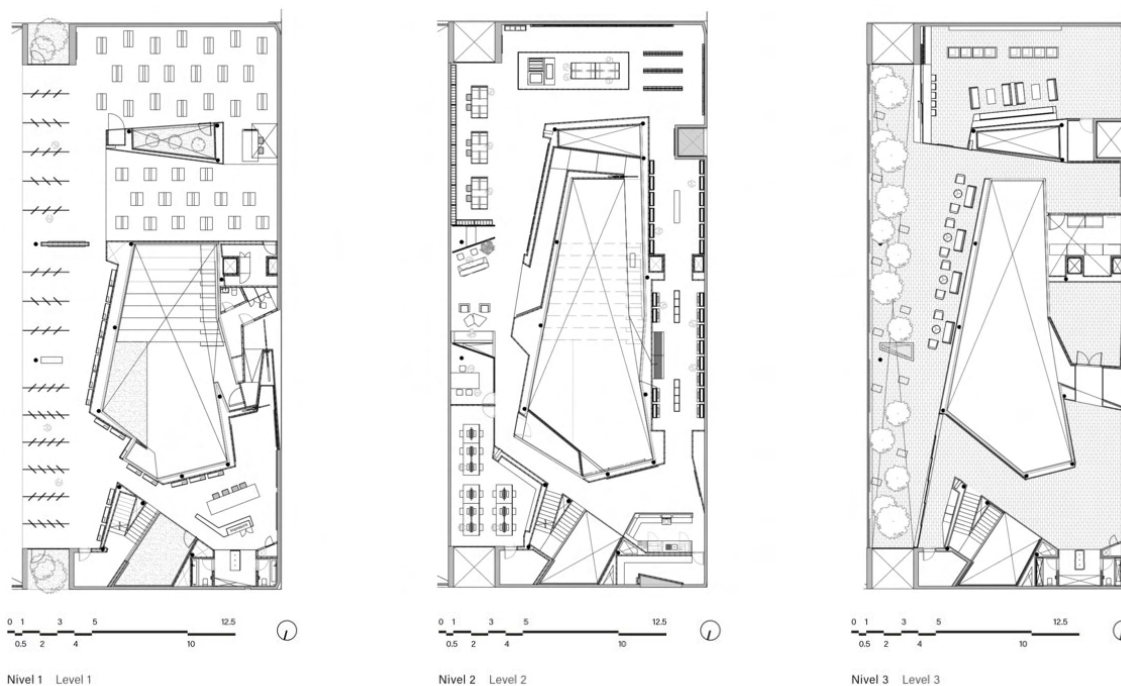


Fig. 200 - Plantas do nível 1, 2 e 3 do centro cultural

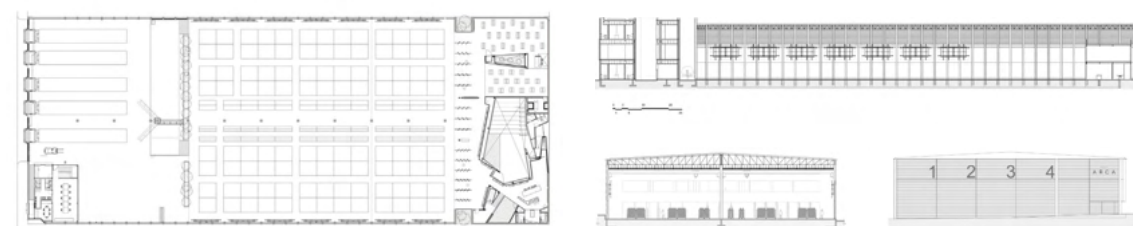


Fig. 201 - Planta do nível 1 ou piso térreo do complexo

Fig. 202 - Corte longitudinal do complexo, corte transversal e alçado nascente do armazém

Este complexo encontra-se a cerca de 10 quilómetros do centro da cidade de Guadalajara, numa zona de varejo onde se encontram o Cinemex Zapopan, variados estabelecimentos comerciais, o centro comercial Plaza Acueducto, entre outros. O complexo do Grupo Arca é enquadrado pela avenida principal Plaza Acueducto, cuja frente é a fachada poente do centro cultural. O conjunto implanta-se no terreno de forma a rematar a avenida, sendo este contíguo de outro edifício a norte. A sul encontramos o parque da cidade Colomos III, e a restante envolvente é composta por residências unifamiliares e equipamentos de natureza comercial. Com o intuito de dinamizar e acrescentar valor ao contexto existente, este complexo procura relação social direta com a rua principal e uma relação funcional e discreta com a rua posterior, para onde se abre o armazém, na fachada nascente (Fig. 202).



Fig. 203 - Pátio entre centro cultural e armazém



Fig. 204 - Pátio entre centro cultural e armazém

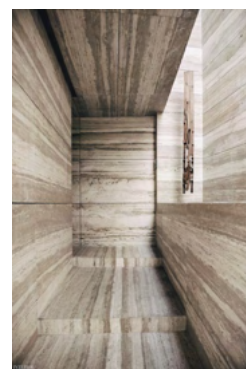


Fig. 205 - Corredor de circulação exterior



Fig. 206 - Ágora, sendo perceptível o ambiente intencional de pedra, uma paisagem natural adulterada pelo homem.

## A LIÇÃO:

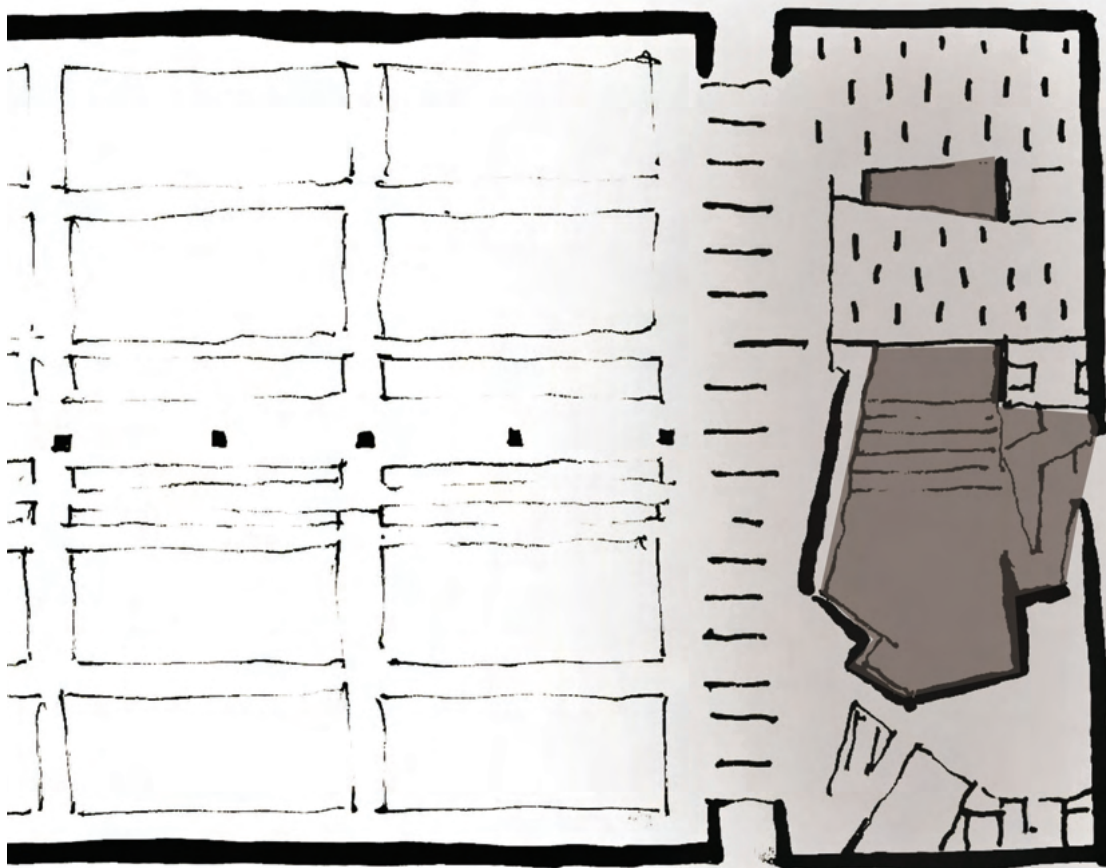
A relação entre materialidade, conceito e espaço presente neste projeto é de relevante destaque. Existe uma intenção arquitetônica, que busca inspiração em aspetos relativos à origem do material pedra, e a partir desta, faz-se recurso aos variados tipos de material para a criação de diferentes ambientes, que se relacionam com o utilizador, que evocam experiências específicas e que fazem com que o espaço se destaque ou se neutralize. A relação intrínseca entre arquitetura e materialidade torna-se bastante evidente a partir da observação deste projeto. A partir da manipulação de recursos físicos o espaço pode provocar distintas sensações. Estes espaços têm a capacidade de servir diferentes propósitos e promover diferentes tipos de atividades dependendo das questões da espacialidade mas também da materialidade. É de destacar também a componente multifuncional do complexo, como uma tentativa de participar ativamente na vida da sociedade, contribuindo para o seu desenvolvimento cultural, social, económico e tecnológico.



#### 4.5.1 SÍNTESE DE ANÁLISE GRÁFICA: ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO E MATERIALIDADE



0 5m 10m



ESPAÇO EXTERIOR





Pátio do Edifício do Grupo Arca





*“Toda a arquitetura tem um efeito na mente do homem, não fazendo apenas um serviço à moldura humana” (Ruskin, 1989, p. 8).*

## CAPÍTULO V

---

### OS MEIOS DE INTE(G)RAÇÃO, O PROJETO



## 5.1 A ESCALA URBANA

*“Para que as cidades funcionem, os esforços devem focar em todos os aspetos, desde o ambiente físico e as instituições sociais até os aspetos culturais, menos óbvios, que têm grande significado na forma como percebemos os bairros individuais e sociedades inteiras.”* (Gehl, 2010, p. 109)

Tendo em conta o enquadramento teórico feito nos capítulos acima, pretende-se a aplicação dos mesmos no que se apresenta como uma proposta urbana e arquitetónica sensível ao lugar e às suas necessidades, que tem como principal objetivo adicionar valor social, cultural e espacial à cidade de Odivelas, de forma a dar um novo significado e leitura à mesma.

Partindo de uma abordagem mais abrangente, que tem em conta as preocupações levantadas na análise feita a Odivelas, propõe-se uma estratégia de intervenção à escala urbana. Mediante as carências infraestruturais, a falta de coesão do território, e as dificuldades de acessibilidade entre margens, para complementar o projeto do equipamento cultural, é proposto um corredor verde. Este, ao mesmo tempo que articula as margens, promove uma utilização de espaços salubres e naturais. As questões relacionadas com a sustentabilidade ambiental e social servem como premissas para a proposta à escala urbana.

Com o principal objetivo de cozer os tecidos fragmentados da zona sul da freguesia de Odivelas, interpreta-se o corredor verde como um meio de integração territorial. O potencial deste revela-se na característica de ligação entre pontos de interesse que este tipo de infraestrutura tem na cidade, incentivando a mobilidade suave e a acessibilidade para todos. Aproveitando as zonas de reserva ecológica e com risco de cheias no vale com proximidade à CRIL, promove-se a implementação de espaços permeáveis para melhor gestão de águas, mitigação da poluição atmosférica dos automóveis e barreira visual contra o fluxo dos carros da autoestrada.

De forma a proporcionar a relação direta entre os limites territoriais que a CRIL cria, o corredor verde é equipado com plataformas, ou pontes que ligam a Vertente Sul com o Parque do Silvado, o Parque Urbano Rio da Costa e o centro comercial Strada. As plataformas são dotadas de pontos de permanência de forma a enriquecer e incentivar o percurso por estes locais até aos pontos de interesse. Estas seguem o princípio de dissipação de uma fronteira pela implementação de fluxos conectores, ou seja, para que a sensação de limite seja reduzida, criam-se vários fluxos de ligação entre margens.

Por fim, o conceito de *uma cidade para as pessoas* é interpretado como a preocupação da proposta urbana em se adaptar à escala humana, em responder às carências relativas ao bem-estar das pessoas de Odivelas. O corredor verde, ao promover a mobilidade suave, procura incentivar as atividades lentas, das quais: caminhar; dando oportunidade para atividades opcionais como sentar no parque, para relações sociais e escolha de atividades saudáveis. Os pontos de permanência também contribuem para os objetivos do corredor verde ao criarem atratividade e darem uma razão às pessoas para vivenciarem os espaços criados.

Uma vez enquadrados os objetivos e contexto da proposta urbana, segue-se a sua apresentação. A proposta do corredor verde afeta a extensão de margem da CRIL, de Oeste a Este, desde a zona de proximidade da Quinta José Luis e o centro comercial Strada, até ao Parque Urbano do Rio da Costa e à zona do metro do Senhor Roubado como delimitado na figura 207.



Fig. 207 - Limite da zona de intervenção da proposta do corredor verde



Fig. 208 - Esquiço representativo do ambiente no corredor verde

Como anteriormente visto, a cidade de Odivelas enquadra-se no PROT-AML que serviu como orientação para a elaboração da proposta que se segue. Dentro das várias estratégias do plano, a estratégia ambiental, que apela pela potencialização das áreas verdes, agrícolas e de água, reforçou a pertinência deste corredor verde para resolução das questões do espaço urbano fragmentado de Odivelas. Também de forma a seguir as diretrizes da estratégia territorial que tem em conta a acessibilidade, mobilidade e atratividade no território, a proposta procura incentivar as formas mais básicas de deslocação, a deslocação pedonal e de bicicleta em ambiente seguro com ligações de interesse que promovem as atividades sociais, culturais e económicas. Deste modo o corredor verde é acompanhado de uma reestruturação de vias, e dos espaços pertencentes aos limites do corredor e circundantes de forma a que os bairros da Vertente Sul, as zonas residenciais a norte da CRIL e os equipamentos envolventes se inter-relacionem.

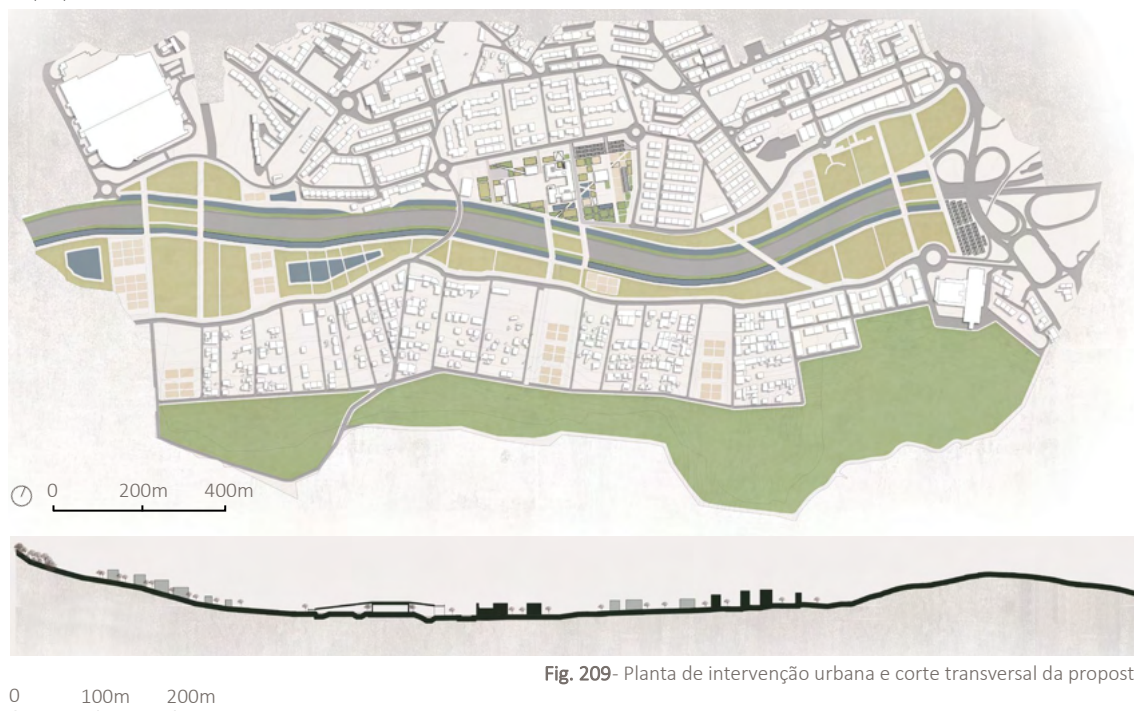


Fig. 209- Planta de intervenção urbana e corte transversal da proposta





O corredor verde de Odivelas sul

### 5.1.1 O CORREDOR VERDE COMO MEIO DE INTEGRAÇÃO TERRITORIAL

A proposta do corredor verde como um meio de integração no contexto de Odivelas, um território fragmentado, ambiciona a promoção da vivência comunitária, assim como a coesão da malha urbana. À semelhança do corredor verde de Monsanto na cidade de Lisboa, este, pretende a articulação dos diferentes fragmentos territoriais, visando a sustentabilidade e funcionalidade do território e da cidade. Um dos conceitos motivadores da proposta do local de intervenção é o de continuidade, defendido por Solá Morales (ver anexo II, p. 213), como solução de integração territorial. A ideia admite que os fluxos e as conexões contínuas podem atenuar a sensação de fronteira. O corredor verde, neste caso é então compreendido como elemento capaz de dissipar as fronteiras física e urbana através das ligações, fluxos, ritmos e conexões que cria no território, unindo-o, e através da possibilidade de acesso comum criando iguais oportunidades de vivência espacial entre as pessoas.

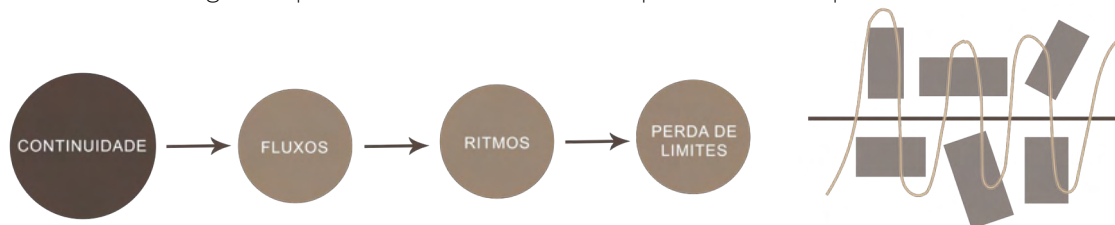


Fig. 210 - Esquema ilustrativo do conceito para o corredor verde

A pertinência desta infraestrutura ecológica também tem base nos fatores geomorfológicos do território. Visto que a área correspondente à proposta do corredor verde compreende áreas com risco de cheias, de reserva ecológica e de acentuado ruído devido à CRIL, o corredor verde atua como elemento de mitigação do efeito das cheias através da permeabilidade do solo, atenuador acústico (embora limitado devido à pouca extensão da massa vegetal), barreira visual e meio de conservação das áreas verdes na cidade. Tendo sido anteriormente estudados os corredores verdes e as suas ideias chave, parte-se das mesmas de forma a consolidar a proposta para a zona de margem à CRIL de Odivelas sul e assim garantir um funcionamento apropriado e de relevância positiva no território.

#### LINEARIDADE

Baseando-se no conjunto de elementos que dão lugar às movimentações pedonais, a partir de bicicletas e transportes públicos, este conceito revela-se indispensável para a mobilidade sustentável. O corredor verde proposto incentiva, através de vários percursos, transversais e longitudinais, a atividade de caminhar. A procura de uma proposta que considere distâncias que podem ser feitas de forma pedonal, segura, agradável e salubre, por um lado procuram contrariar a atual tendência dos espaços do território carentes de condições para os pedestres, e por outro incentivar esta atividade. Ao longo do corredor, ciclovias também foram criadas, de forma a promover o uso da bicicleta, não só para fins de lazer, mas também como meio alternativo de deslocação (Fig 211).

#### CONECTIVIDADE E MULTIFUNCIONALIDADE

Além dos principais pontos de interesse que o corredor liga, o centro comercial Strada, o centro do Senhor Roubado e o equipamento cultural proposto, adiante referenciados, o conjunto

infraestrutural verde também prevê a utilização diversificada. Esta multifuncionalidade é alcançada através da natureza variada dos espaços que compõem o corredor. Neste sentido, prevê-se espaços de quiosque, de anfiteatro aberto, campos e zonas desportivas e exercício físico, espaços de parque infantil, espaços dedicados à agricultura e pequenas hortas urbanas, zonas de água propícias para a contemplação e o desenvolvimento de biodiversidade, espaços de jardim livre, pequenas praças dedicadas à permanência e zonas verdes de massa arbórea densa incentivando a flora variada.

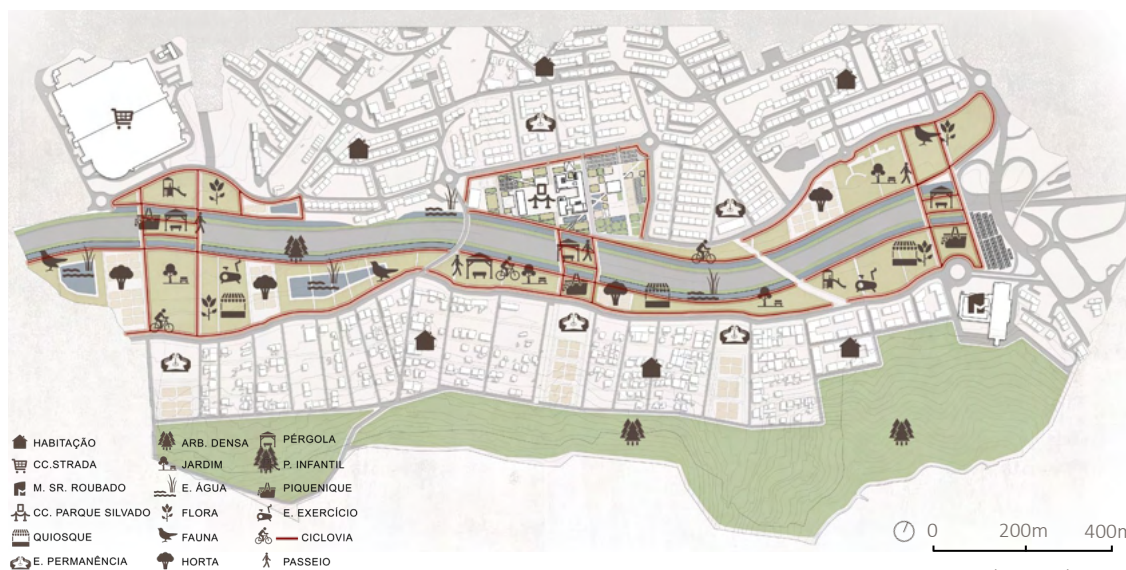


Fig. 211 - Programa do corredor verde

## DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

As vantagens do ponto de vista ambiental da presença de corredores verdes na cidade são inúmeras e de grande impacto. Neste caso, pode-se evidenciar o desenvolvimento a nível da sustentabilidade ambiental uma vez que a proposta do corredor, dota a cidade de uma extensão considerável de espaço verde. A redução da poluição atmosférica e sonora provocada pelos carros que atravessam a CRIL, o controle de temperatura devido às zonas de sombreamento, a purificação do ar, o desenvolvimento da biodiversidade, a relação de contacto entre o homem e a natureza e a permeabilidade dos solos que permite a melhor gerências da águas pluviais, constituem algumas das vantagens que a proposta apresenta para o território.



Fig. 212 - Perfil esquemático do desenvolvimento sustentável

## 5.1.2 AS PLATAFORMAS DE LIGAÇÃO ENTRE LIMITES

De forma a efetivamente estabelecer uma ligação física entre as margens e permitir a acessibilidade das pessoas, incentivando a mobilidade suave, faz-se recurso a passagens aéreas de ligação entre os pontos de interesse e o corredor. As citadas “plataformas” são as pontes que assumem este carácter de plataforma, por não só permitirem o atravessamento, como também favorecem a apropriação estática e a permanência nas mesmas. A ideia de continuidade é então reforçada com estas estruturas de largura considerável, de modo a atenuar a sensação de fronteira.



Fig. 213 - Esquema ilustrativo da estratégia das plataformas

Por conseguinte, interessa perceber quais as ligações destas plataformas, e a natureza dos espaços que estas criam. A figura 213 demonstra os locais de interesse aos quais as plataformas permitem a relação das pessoas, seja as que percorrem o corredor verde com intuito de lazer, seja dos residentes, principalmente da Vertente Sul que atualmente encontram constrangimentos a nível da mobilidade e acessibilidade a estes locais. A plataforma A liga o centro comercial Strada com a zona do corredor verde que possui a maior extensão de zona verde e pequenos equipamentos de apoio ao jardim. Também liga a zona residencial da Quinta José Luis. No extremo oposto ao da plataforma A existe a C que liga o Parque Urbano Rio da Costa à zona do Metro do Senhor Roubado, zonas estas já existentes com um potencial social e económico, que apesar de atualmente serem ligadas por uma passagem, esta possui fragilidades: é pouco convidativa devido aos passeios estreitos, insegura por ser próxima à estrada de circulação rápida de automóvel e não possui nem sombreamento nem mobiliário urbana que possibilitaria a apropriação tanto estática como pelo movimento. Assim, a incorporação deste elemento de transição e de utilização pública (a plataforma), confere um novo significado à relação de transição entre os dois locais. Por fim, propõe-se uma ligação, a plataforma B, que se encontra central às duas outras e que liga a proposta do centro cultural no Parque do Silvado e o local da Feira do Silvado ao corredor verde e aos bairros Vale do Forno e Serra da Luz.

Quanto ao desenho das mesmas, estas procuram alinhamentos como as vias e arruamentos existentes e propostos, de modo a estabelecer uma coerência visual e lógica de intervenção.

A qualificação destes espaços e momentos de transição entre margens é indispensável para garantir os fluxos e apropriações das pessoas. Procura-se atingir um espaço com viscosidade, que define Cullen (2015) como sendo um espaço que permite a apropriação pela ocupação estática simultaneamente pelo movimento. A necessidade de movimentação e deslocação de uma margem da CRIL para a outra é colmatada através de rampas de acesso que permitem também o uso por bicicletas e indivíduos como mobilidade condicionada. O recurso a escadas também é feito, dando a possibilidade adicional de se transformar num lugar de pausa, permanência (Fig. 214).

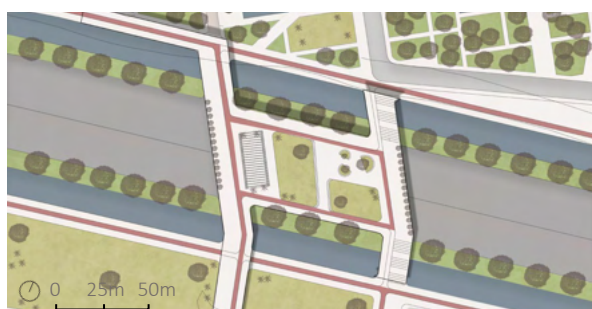


Fig. 214 - Acesso às plataformas em rampa e em escada, planta

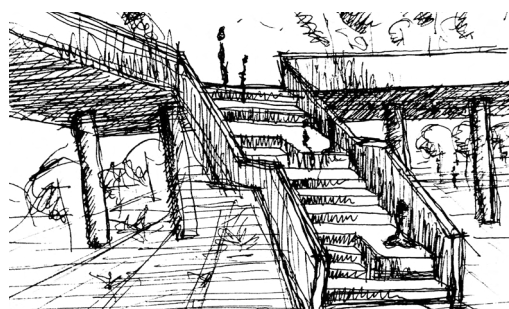


Fig. 215 - Acesso às plataformas em rampa e em escada, perspectiva

A natureza dos espaços nas plataformas é melhor explicado com os perfis seguintes (Fig 216, 217, 218 e 219). Estas são dotadas de locais de sombreamento das pérgolas e da vegetação, mobiliário urbano que permite as atividades sociais e individuais como sentar, conversar, parar, observar, entre outras e possuem vistas privilegiadas da cidade e do conjunto verde proposto. Visando uma mitigação acústica e visual, estas plataformas também procuram fazer uso de vegetação baixa e densa e de planos verticais com propriedades de absorção sonora. Os espaços com pavimento seco e piso ajardinado oferecem uma versatilidade de usos. Os jardins possibilitam a permanência, enquanto que o pavimento (de lajetas de betão) promovem a circulação pedonal e outras atividades lúdicas. Mesmo nas plataformas é assinalada a ciclovia de forma a garantir a segurança dos utilizadores destes espaços.

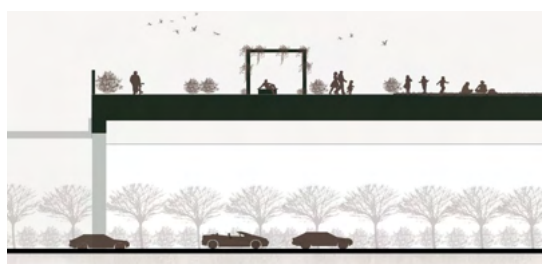


Fig. 216 - Ambiente da plataforma em corte

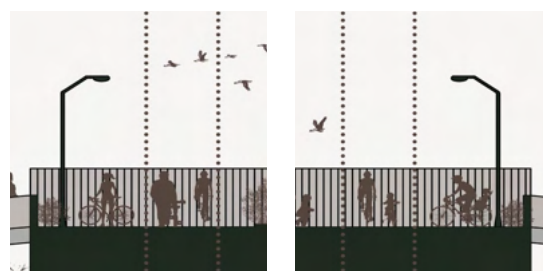


Fig. 217 - Ciclovias na plataforma

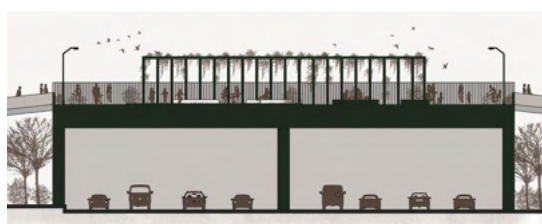


Fig. 218 - Perfil transversal da plataforma



Fig. 219 - Planos verticais na plataforma



Na procura de uma proposta que se adequasse às questões espaciais, urbanísticas e arquitetônicas do contexto de Odivelas, demonstrou-se indispensável uma adequação às questões de sociabilidade de forma a garantir o funcionamento integral da nova intervenção. A cidade tem por objetivo servir de palco para o desenrolar da vida das pessoas. Desta forma, ela deve ser capaz de criar espaços que permitam a vinda e ida, assim como deve ser favorável aos estados de permanência e atividades inesperadas. *A cidade de Odivelas para as pessoas* traduz-se num conjunto de princípios, práticas e ferramentas que procuram a conciliação do espaço público, espaço da cidade com a vida das pessoas, servindo as suas necessidades e atividades. Suportadas nas diretrizes defendidas por Jan Gehl (2010 e 2015) e acompanhadas nas interpretações do territórios e suas dinâmicas sociais, foram tomadas decisões projetuais sensíveis à escala urbana: a proposta como parte integrante de um todo; e à escala humana: uma interpretação minuciosa, considerada das pessoas que utilizam o espaço e dos pequenos detalhes.

Uma das ideias fundamentais tidas em conta aquando da realização da proposta do corredor verde, é a de que a qualidade dos espaços tem uma grande influência no tipo de atividades que podem tomar lugar. “... várias categorias de atividades ao ar livre são influenciadas pela qualidade do espaço exterior, e em particular como é precisamente as funções opcionais, em grande parte recreativas e atividades sociais que têm a chance de desenvolver onde tal qualidade é melhorada” (Gehl, 2011, p. 129). A proposta em questão foca no estímulo das atividade opcionais e sociais, aquelas que dependem até certa medida das condições externas para que os indivíduos as pratiquem.

Segundo Gehl (2011), para garantir a qualidade dos espaços é necessário ter-se em atenção os detalhes e a escala reduzida. Posto isto, tem-se em consideração as mais básicas atividades humanas e como estas podem ser determinantes no desenho do espaço. Os diagramas que se seguem representam as soluções adotadas para o corredor verde proposto, tendo em conta as atividades referidas.

#### CAMINHAR

O ato de caminhar pode ser considerada a forma mais básica de movimento, pode ter uma função formal de deslocação, mas também pode significar um reconhecimento de si perante o contexto envolvente. Neste sentido, é necessário espaço (para caminhar) e qualidade (para desfrutar). Como referido acima, a proposta foca-se na mobilidade suave, desta forma ao longo do corredor pode-se encontrar variados tipos de espaço de passeio e deslocação.



Fig. 220 - Espaços para caminhar

## PERMANECER

As pessoas têm a necessidade de participar da vida e do seu desenrolar. A possibilidade de permanecer e interagir com alguém, parar por um momento, observar, também influenciaram as decisões tomadas nos espaços criados. Os degraus de altura suficiente para sentar, as guardas, consideradas de um apoio quando duas pessoas conversam, os locais de sombra e de recanto e também a natureza como um motivo de contemplação representam estas decisões.



Fig. 221 - Espaços de permanência

## SENTAR

Quando existem oportunidades para sentar, o tempo dispendido no local em questão aumenta. Neste sentido, o corredor verde não dispensa de mobiliário urbano que convide a que esta atividade tome lugar: bancos sombreados, mesas para piquenique, bancadas. No entanto, esta atividade, assim como as anteriores, pode ser feita de forma espontânea em locais, à partida, não próprios: degraus, jardins. Tem-se em conta também a posição, na qual as pessoas têm preferência de ter as costas viradas para um local protegido, relativamente protegido das variáveis climáticas e sem a obstrução de vista.



Fig. 222 - Espaço para sentar

De uma maneira resumida, a proposta do corredor verde tem em conta em primeiro lugar o contexto em que se insere, com o propósito de atenuar as fragilidades provocadas pela fragmentação espacial e pela falta de espaços qualificados de suporte à vida. Tendo em conta o enquadramento dos IGT, torna-se pertinente considerar a questão da sustentabilidade ambiental, procurando mitigar o efeito das cheias, proteger as áreas verdes existentes e incentivar a produção agrícola. No que diz respeito ao desenho, este baseou-se na morfologia do próprio território, procurando alinhamentos que culminassem em percursos que ligassem locais de interesse. E por fim, procurou-se incorporar a escala humana, prestando atenção aos pormenores, que influenciam a qualidade do espaço e incentivam a utilização e usufruto público.



0 50m 100m



A proposta do corredor verde de Odivelas sul

## 5.2 A ESCALA DO PARQUE

Um dos aspetos essenciais da proposta é a forma como o espaço público exterior se relaciona com o equipamento que é proposto: como este faz a transição a escala da cidade para a escala da arquitetura e como o espaço serve de suporte para as atividades interiores, dando a possibilidade desta se estenderem para o exterior. A proposta à escala do parque tem por objetivo a percepção das subtilidades existentes na transição entre as dimensões urbana e arquitetónica. A própria implantação do centro cultural foi pensada a nível das relações que este estabelece com a vizinhança habitacional mais próxima, com o espaço da feira do Silvado que decorre uma vez por semana naquele espaço, e com o espaço verde pertencente ao corredor verde proposto.

O espaço público que envolve o edifício é dotado de uma diversidade de funções de forma a possibilitar os vários tipos de uso do mesmo. Existe um espaço de praça em que a feira semanal do Silvado pode decorrer, sendo que existem estruturas cobertas de apoio a este tipo de atividades. Odivelas tem um terreno maioritariamente fértil e de natureza agrícola, desde modo, parte do espaço de intervenção é aproveitado para pequenas atividades agrícolas, de forma a encorajar esta atividade no território. O espaço verde, é dotado de jardins, espaços de lazer, plantas, espaços de água e outros de forma a promover a relação dos espaços com a natureza. Estes espaços pertencentes à escala do parque, procuram promover a apropriação das pessoas, ao mesmo tempo servir de base para as vivências e interações sociais.

Em *A escala do parque* irá ser feita uma abordagem descritiva e ilustrativa da estratégia adotada para a implantação do edificado, assim como as suas fundamentações. Uma vez que se trata de um terreno relativamente extenso e anteriormente residual na cidade, é conveniente perceber como este se articula com a envolvente e com a arquitetura, e como este se relaciona com as pessoas e suas atividades. Para que o espaço público criado se articule com a arquitetura, este deve se adaptar às situações particulares do edificado, às suas funções, dinâmicas e configuração. As relações que os diferentes espaços propostos estabelecem com o centro cultural, derivam desta análise e procuram adequar-se ao mesmo e encorajar a interdependência. Por fim procura-se evidenciar os recursos recorridos para a materialização destes espaços, os espaços de transição, as oportunidades de uso, os equipamentos e mobiliário, a qualidade dos espaços, os materiais utilizados e os ambientes propostos.

A presente proposta de pormenor urbano, de espaço envolvente do projeto arquitetónico é entendida como um meio de interação social, pois promove as relações entre espaço e utilizadores e entre diferentes utilizadores, e meio de integração da arquitetura no espaço circundante.

A proposta insere-se num contexto espacial com algumas particularidades notáveis como percebido na figura 224. A norte encontram-se edificações residenciais, pertencentes ao bairro Doutor Lima Pimentel, com cinco pisos em média, separadas do local de intervenção, por uma rua asfáltica com duas faixas de rodagem automóvel. Trata-se de uma via estruturante proposta, com o objetivo de articular os diferentes espaços e delimitar as zonas, que liga os bairros Pombais (à poente) e Olaio (à nascente), contíguos ao local de intervenção. A sul, o espaço envolvente do edifício é descoberto pela a plataforma B do corredor verde. É presente uma continuidade entre a natureza dos espaços, de forma a congregar estes dois momentos. A nascente e a poente encontram-se os bairros residenciais acima mencionados. Porém, a zona do Silvado é ainda equipada de elementos da preexistência como é o caso do ginásio Stage Fitness Club, que conciliam as suas funções com as da nova proposta, tirando partido do espaço público criado. Esta decisão provém do intuito da proposta de promoção da sustentabilidade, bem-estar e saúde dos utilizadores.

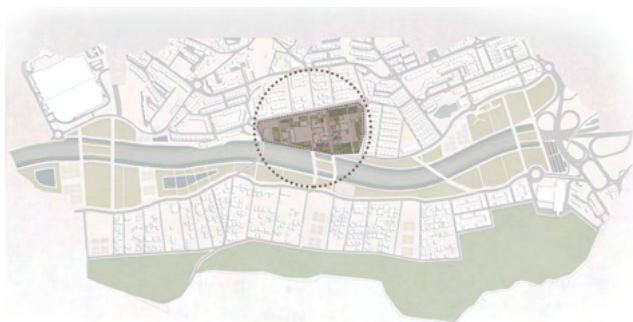
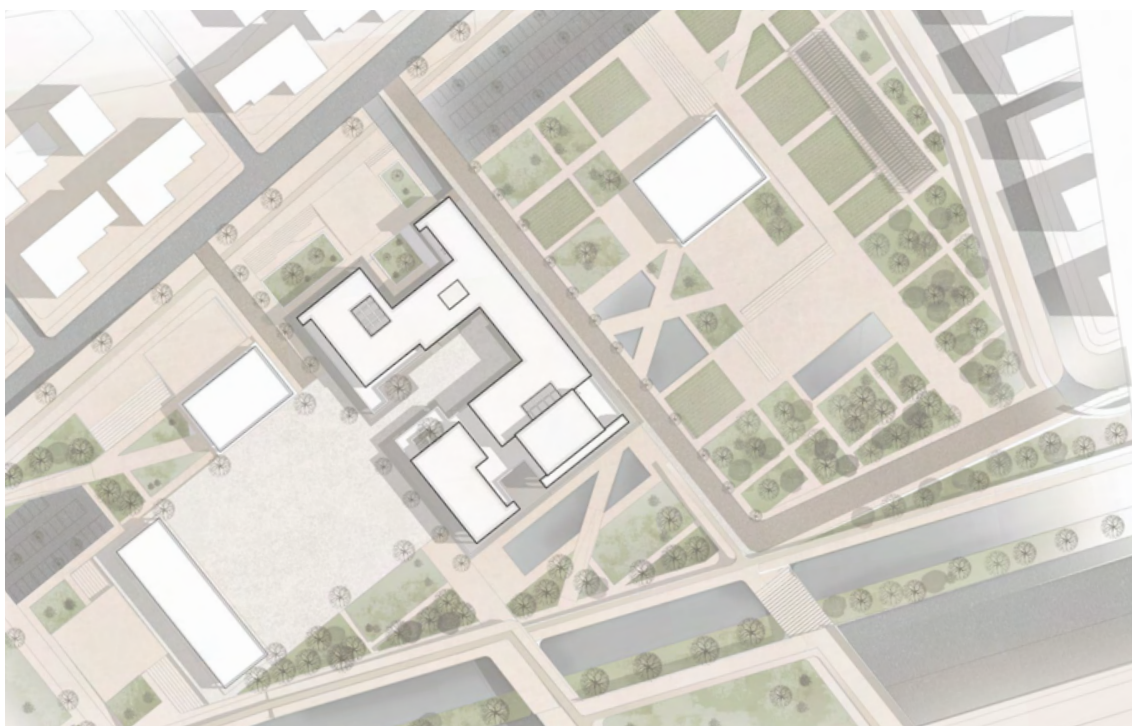


Fig. 223 - Plantas de identificação do local de intervenção

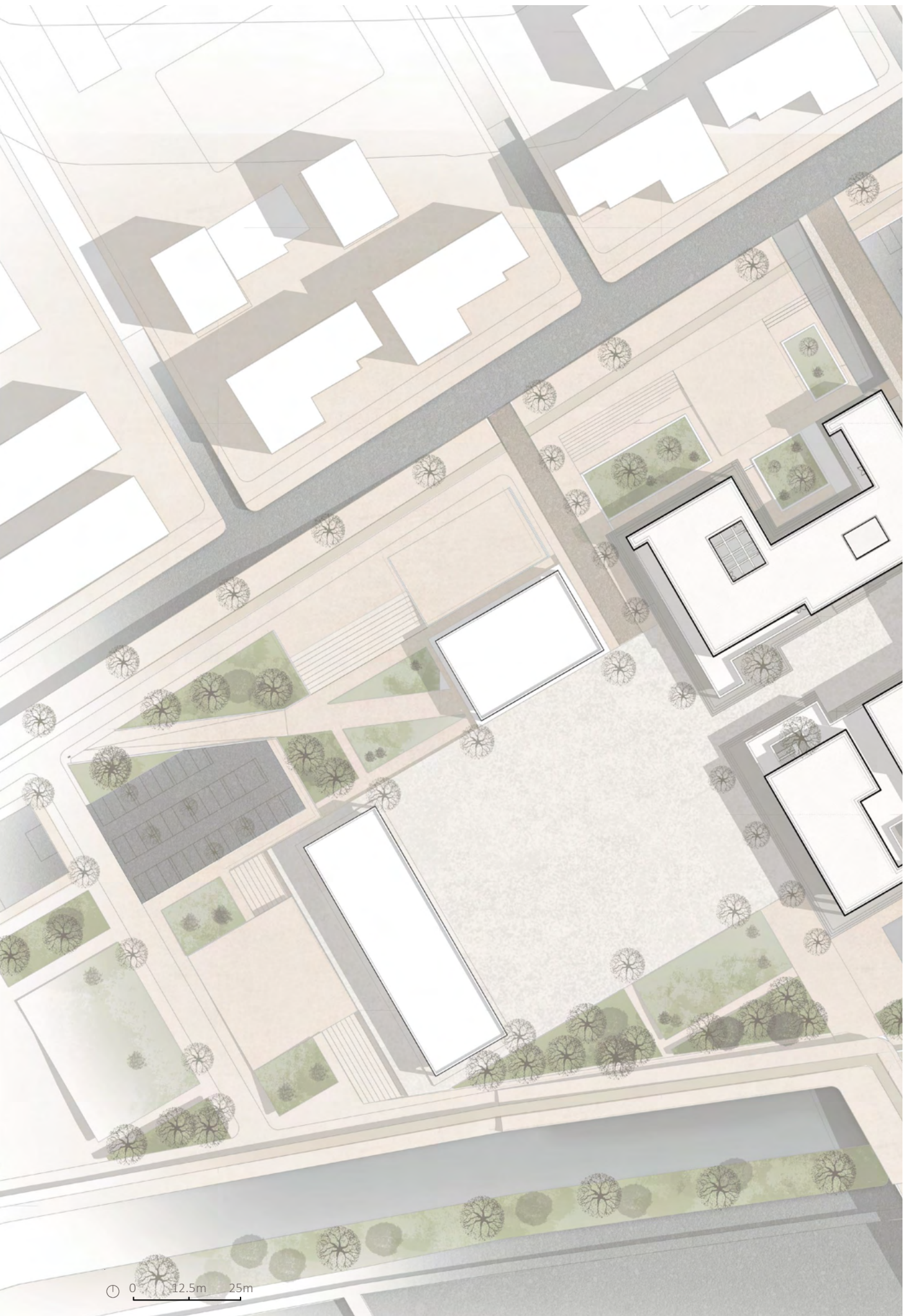


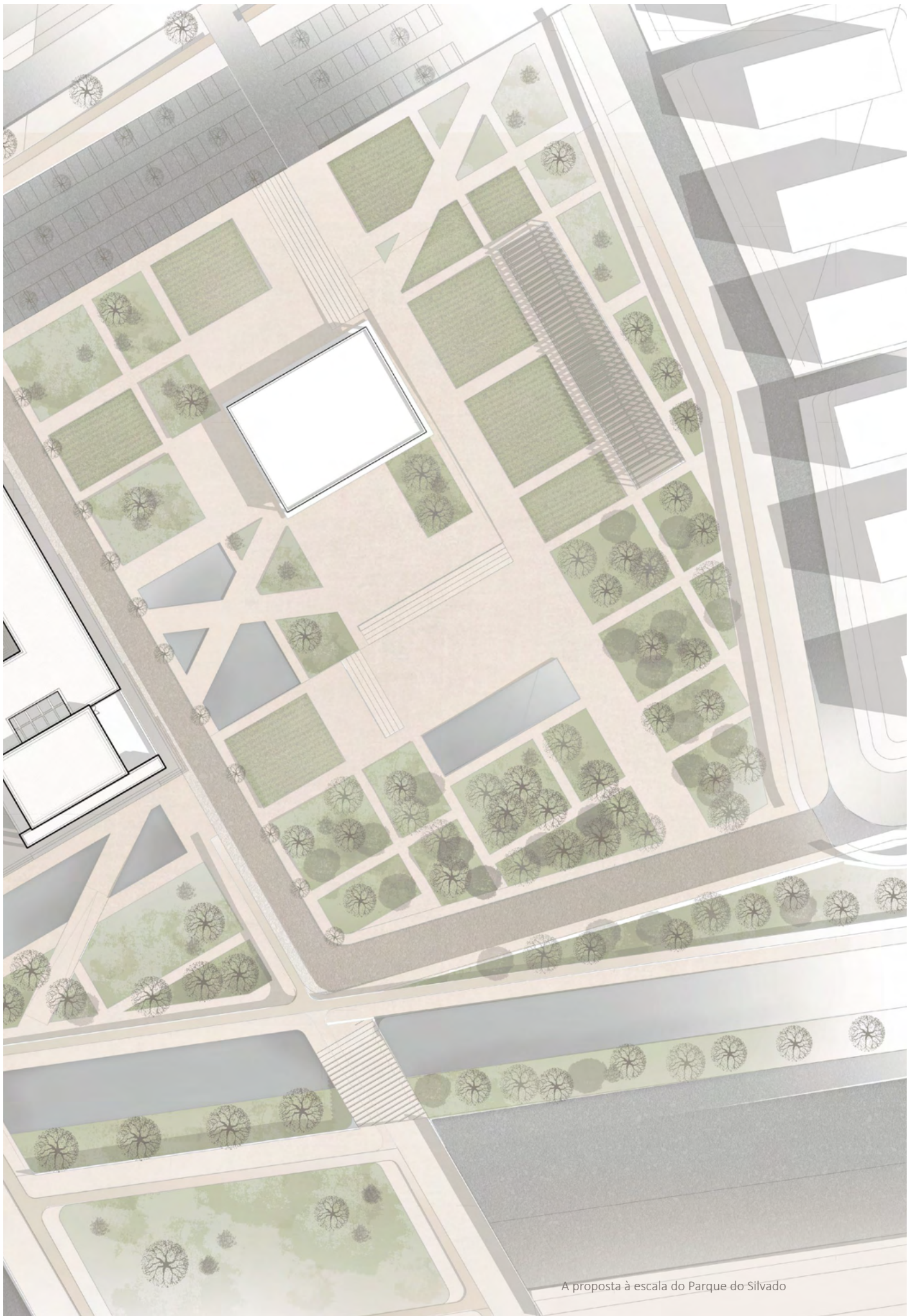
Fig. 224 - Ambiente do Parque, arborização



0 12.5m 25m

Fig. 225 - Esquema ilustrativo da escala do parque





A proposta à escala do Parque do Silvado







As arcadas

## 5.2.1 A ESTRATÉGIA DE IMPLANTAÇÃO

“O locus é a relação entre um determinado local específico e os edifícios que estão nele. É ao mesmo tempo singular e universal” (Rossi, 1982, p. 103).

A situação em que um objeto arquitetónico se encontra, sua situação física, temporal, geográfica, morfológica, simbólica e social, é o que condiciona a compreensão deste mesmo objeto (Rossi, 1982). O contexto ou *locus* em que este se encontra é determinante para que o objeto esteja ancorado ao lugar, seja sensível à sua situação e, desta maneira, funcione como elemento participativo da cidade. A estratégia de implantação do centro cultural passou por uma consideração dos fatores do local de intervenção, a topografia, a natureza do edificado existente, os tipos de espaço público, as carências e as fragilidades.

Inserido na zona do Silvado, *a priori* foi determinado o local de implantação do centro cultural de forma a se relacionar diretamente com a proposta urbana do corredor verde, salvaguardando a sua acessibilidade. A partir de percursos efetuados com uma mobilidade suave, deveria ser possível chegar-se ao centro cultural. Esta premissa influenciou as subseqüentes decisões. O próprio Parque do Silvado foi o local elegido devido à sua localização tática, pela proximidade com a zona residencial, relativamente consolidada do centro de Odivelas, nomeadamente os bairros Pombais e Olaio, e pela possibilidade de se relacionar com a Vertente Sul a partir das plataformas do corredor verde, e responder à necessidade de espaços públicos qualificados para o local.

O centro cultural é concebido, assim, como um local de interesse, pertencente ao corredor verde, promovendo uma continuidade da mancha verde na zona de margem da CRIL, mas que ao mesmo tempo faz a transição da proposta com a cidade, do espaço verde com o espaço edificado. A forma como o edifício da Sede da Fundação Gulbenkian se insere na cidade, implantada no centro de Lisboa mas criando uma sucessão de momentos de transição a partir do jardim, do desnível e dos elementos de descoberta, resulta a partir de uma relação de afastamento com os elementos da cidade. Embora harmoniosa esta transição de ambientes, o afastamento permite que o ritmo seja reduzido e que o espaço seja experienciado e claramente distinguido da dinâmica da cidade. No contexto em que o edifício do centro cultural se insere (na dualidade entre o verde e o construído) a intenção de criar uma sucessão de momentos: o passeio mais alargado, com vegetação, o desnível acompanhado de escadas e rampa, os jardins frontais; tem influência no caso da Gulbenkian e a forma como este se relaciona com a cidade.



Fig. 226 - Perfil da transição ao centro cultural

O edifício em si procura estabelecer relações com as suas quatro orientações, sendo que três delas são principais. Em um primeiro momento, é a relação de chegada a partir da cidade, em que existe uma zona aberta composta por jardins e desníveis de acesso, de forma a criar uma sensação de descoberta e mudança de ambiente. Como relação mais significativa, revela-se a que o pátio central (adiante desenvolvido) estabelece com a praça principal onde a Feira do Silvado poderá tomar lugar. Esta praça encontra-se à mesma cota que a do pátio central de modo a reforçar a ligação visual, física e material entre ambos. Com o parque urbano proposto, o edifício relaciona-se de forma mais visual, com referência à alguns momentos do edifício da Gulbenkian, em que existem vãos de grande escala de forma a incentivar a presença e o acompanhamento dos espaços verdes no edifício. Neste caso, além da componente visual, também existe a componente física, é possível aceder-se aos jardins e à plataforma do corredor a partir do edifício.

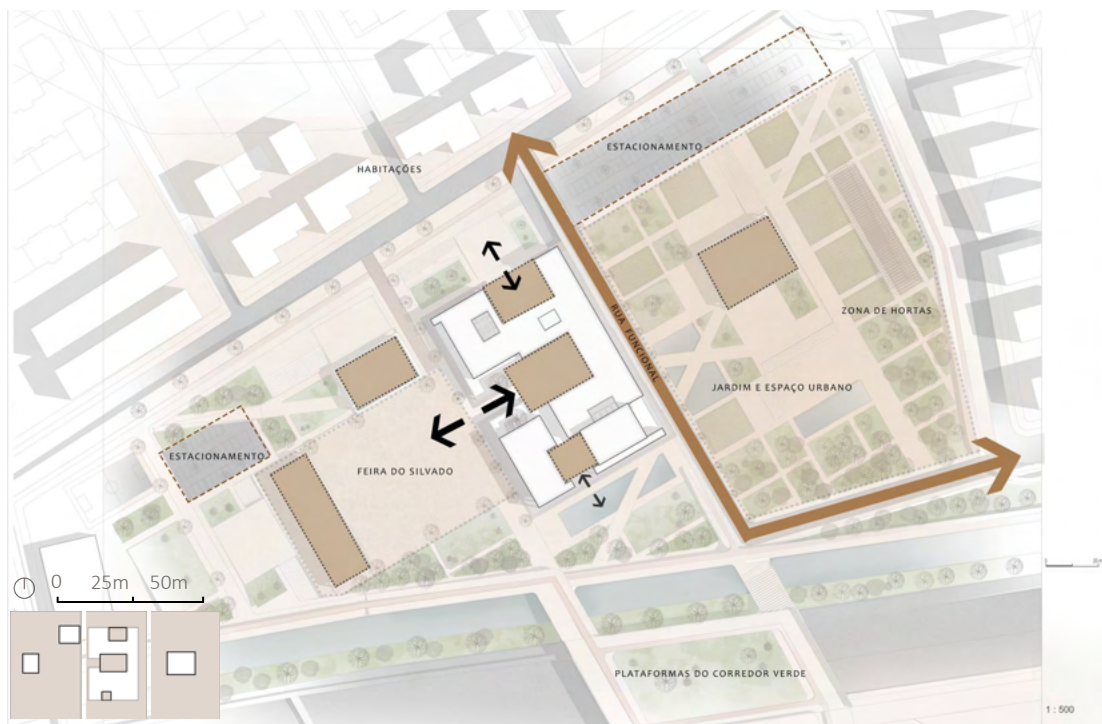


Fig. 227 - Esquema ilustrativo da estratégia da escala do parque

A nascente existem espaços dedicados à prática agrícola, uma vez que Odivelas tem uma componente ligada a esta atividade, relativamente forte. A ideia de incentivar a relação lúdica, de lazer e cultural com a agricultura representa uma forma de integração das atividades predominantes com as propostas. A relação que o edifício estabelece com o lado nascente é de maior funcionalidade. Existe uma rua funcional, que como o nome indica, serve para dar apoio às atividades desenroladas nestes espaços, assim como apoiar o centro cultural, para entrada e saída de funcionários, para cargas e descargas e é onde os acessos aos estacionamento exterior e coberto se encontram. As estruturas cobertas que complementam o espaço público foram implantadas segundo uma lógica de cheios e vazios em concordância com o edifício. Tendo em mente os vazios do edifício, criaram-se estes volumes ao longo do terreno, com intuito de apoiar o espaço público, a feira e a zona de hortas, como demonstra o diagrama acima.

## 5.2.2 AS RELAÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO COM O EQUIPAMENTO

O presente tópico destina-se à apresentação de cenários resultantes das relações estabelecidas entre equipamento e espaço público.

### O MOMENTO DE CHEGADA - NORTE

O lado norte é efetivamente aquele que se apresenta para a cidade, fazendo uma transição sucessiva entre: edifícios residenciais, rua principal, passeio, vegetação e mobiliário urbano, para seguidamente descobrir-se o edifício a partir de um desnível com escadas e rampas, e jardins. Esta relação de afastamento permite a percepção de uma diferença entre os edifícios privados (habitações) e edifício de uso coletivo, para a cidade, que se abre para ela e convida a permanecer.

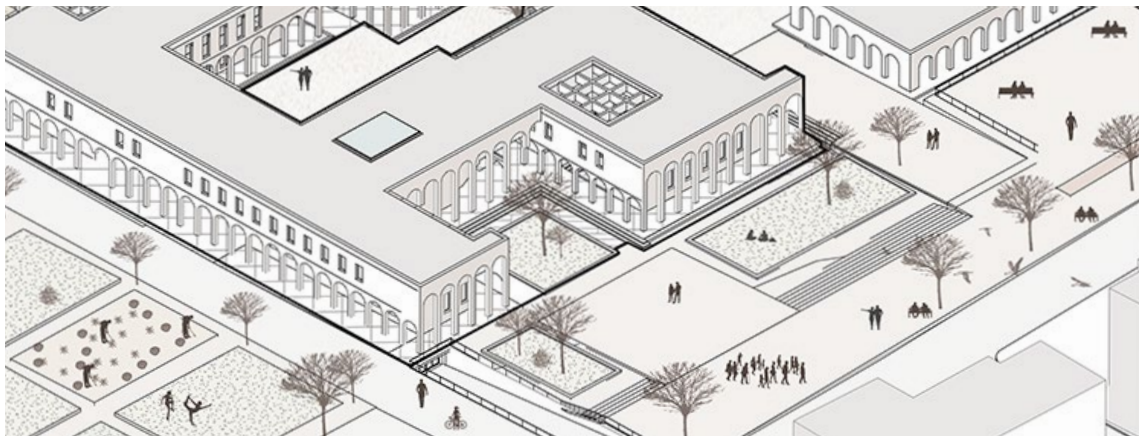


Fig. 228 - Axonometria do lado norte

### A DESCOBERTA PELO PARQUE URBANO - SUL

De modo a sustentar a correlação entre a estrutura verde do corredor e o equipamento de caráter cultural, existe um vínculo físico e visual entre ambos. Neste espaço percebe-se existência da água como um elemento mediador de relações, incitando um percurso de descoberta e contemplação. A recepção de quem vem da plataforma é feita com zonas ajardinadas, espelho de água e o edifício que permite o seu acesso a partir de um pequeno recorte (pátio) que comunica com o espaço exterior através de um pequeno desnível. Trata-se de um momento de relação do edificado com a natureza, para usufruto das pessoas.

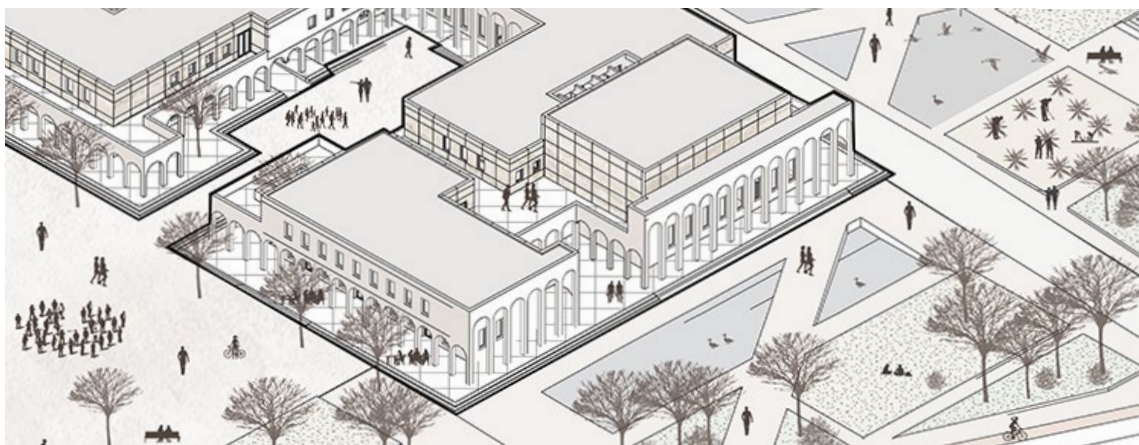


Fig. 229 - Axonometria do lado sul

## A RUA FUNCIONAL - NASCENTE

O lado nascente, onde as hortas urbanas se encontram, tem um caráter funcional. Existe uma rua que atravessa o terreno, liga a rua principal (norte) à rua que delimita o terreno à nascente e serve para eventuais funções de auxílio às hortas e ao equipamento. No entanto, o tipo de pavimento é distinto do das ruas automóveis de modo a incentivar a coexistência entre peões e veículos, estes últimos percebem que devem abrandar. O espaço é intercalado com jardins, hortas, espaços de água, uma zona coberta, e uma pérgola permitindo a utilização diversificada.

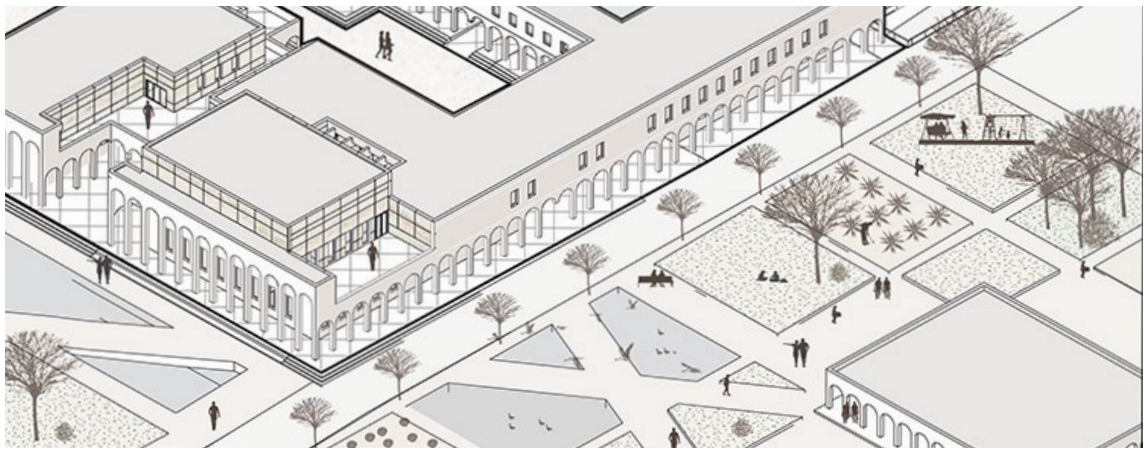


Fig. 230 - Axonometria do lado nascente

## A PRAÇA FLUÍDA - POENTE

O edifício abre-se para a praça principal com o pátio principal do mesmo, criando uma relação direta entre os dois espaços. O conjunto possui momentos de exposição: a praça seca; de sombreamento: as coberturas de apoio à feira e as árvores; cota baixa e alta, que permitem descobrir e ser descoberto, jardins e mobiliário urbano. Este é um espaço que promove a permanência e o fluxo de pessoas. Segundo Cullen (2015) os espaços com viscosidade, que permitem a apropriação múltipla, revelam-se apelativos e bem sucedidos, e é o que se procura para este espaço.

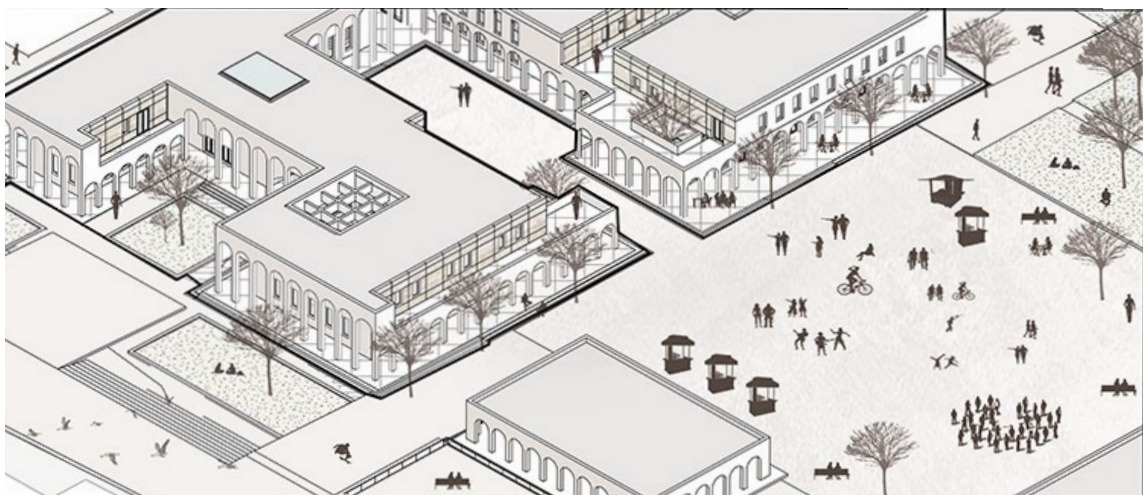


Fig. 231 - Axonometria do lado poente

### 5.2.3 OS MOMENTOS DO PARQUE

Atentando aos conceitos estudados nos capítulos acima, sobre as transições entre espaços, os meios de transição que podem enriquecer um espaço, as decisões espaciais que permitem a apropriação das pessoas e as intervenções pensadas na escala humana, este tópico é dedicado à ilustração dos recursos utilizados com o objetivo de tornar os espaços propostos mais apelativos e de serviço às pessoas. Deste modo serão tratados os espaços de transição, os espaços de permanência, o mobiliário urbano e os locais de apropriação.

#### ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO

Com a principal função de fazer a ligação entre um espaço e outro e servir a função de circulação procurou-se dotar o espaço de zonas com rampas para um acesso mais universal. Os degraus também permitem a passagem de uma cota para a outra, em simultâneo podem funcionar como bancadas, neste caso para a praça, remetendo à ideia de anfiteatro.

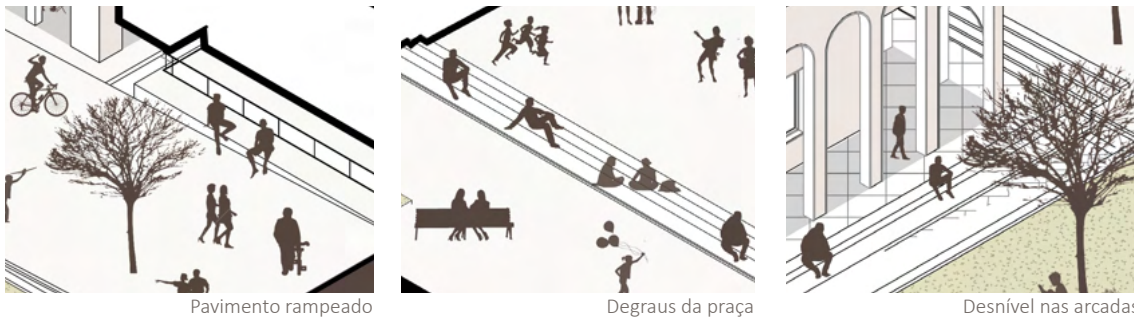


Fig. 232 - Espaços de transição no parque

#### ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA

Os espaços de permanência, aqui citados, podem também ser considerados de transição. Porém, esta designação deve-se ao objetivo de promover a permanência das pessoas, participação de variadas atividades e que estas vivam o espaço. A praça principal é um destes momentos, assim como os pequenos espaços pavimentados, delimitados pelos jardins. Os próprios jardins também atuam como locais de permanência e de proximidade com a natureza. A zona das hortas, promove uma atividade que implica o estar por determinado tempo. Existem também as pérgolas que acompanham estas hortas, as zonas de cobertura que dão lugar a alguma atividade coletiva, relaciona ou não com as hortas e feira, protegida do sol.





Fig. 233 - Espaços de permanência

## MOBILIÁRIO URBANO

Os espaços ambíguos podem ser apropriados até certo ponto, existe sempre a necessidade de um certa definição e intervenção por parte das entidades responsáveis pelo planeamento dos mesmos. Daí o recurso ao mobiliário urbano que suporta o uso dos espaços de uma forma mais holística e prolongada. Ao longo do espaço da nova proposta do Parque do Silvado propõem-se bancos em lugares de sombra e de exposição, mesas para jogos e piqueniques, bebedouros, candeeiros, pequenas bancas de biblioteca aberta, chapéus de sol, canteiros, caixotes de lixo, cabines sanitárias, estacionamento para bicicletas e placas informativas.



Fig. 234 - Mobiliário Urbano

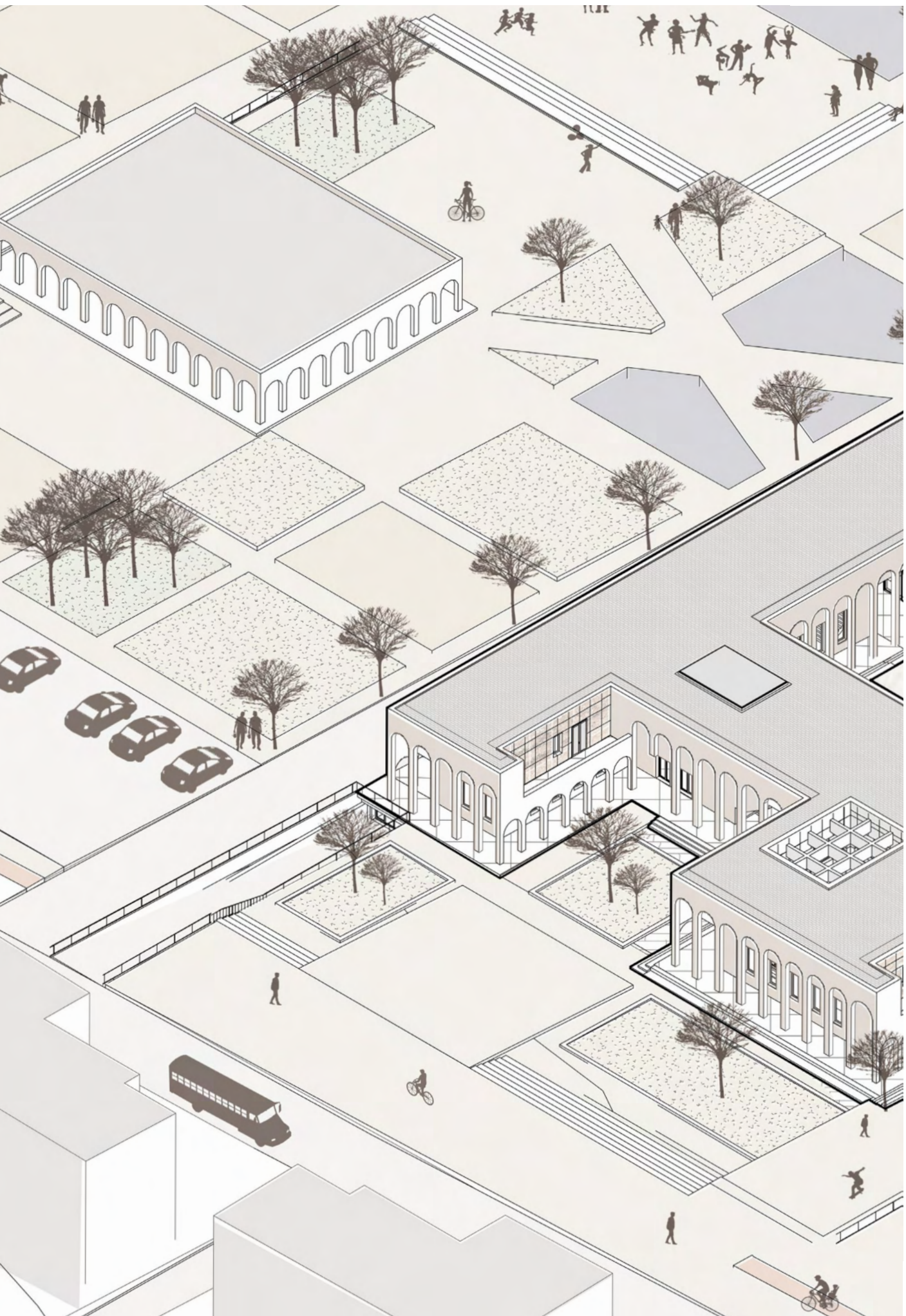
## LOCAIS DE APROPRIAÇÃO

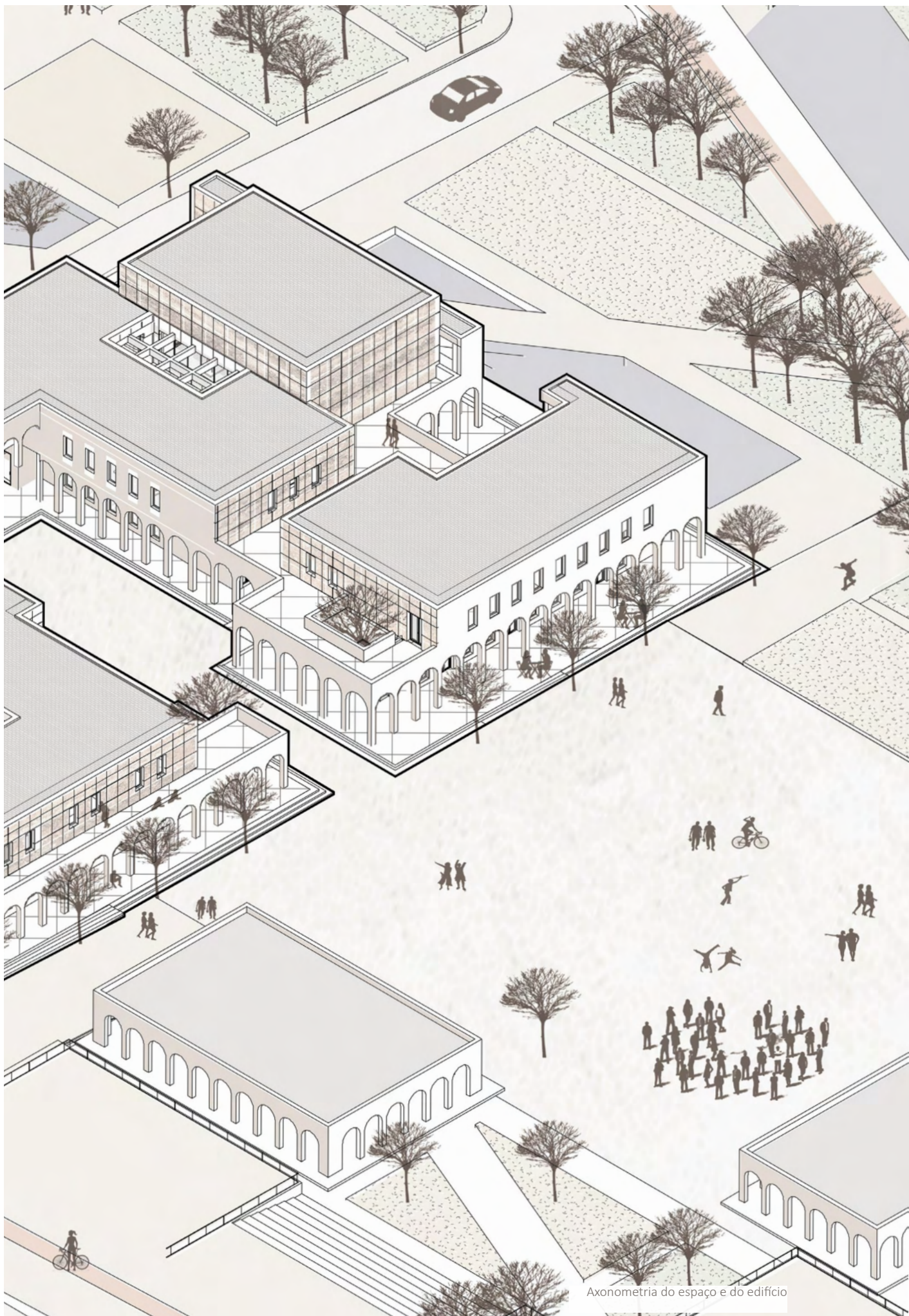
Os locais de apropriação são aqueles que promovem um uso inesperado, e cujas condições favorecem que assim o seja. Tendo em mente as lições de Hertzberger (1999), existe uma consciência das situações inesperadas que podem se suceder e garantem a popularidade dos espaços. Neste caso identificam-se as guardas onde as pessoas podem parar e apreciar, ou conversar, as zonas de arborização densa, zonas de privacidade e as arcadas.



Fig. 235 - Espaços de apropriação das pessoas







Axonometria do espaço e do edifício

### 5.3 A ESCALA DA ARQUITETURA

A arquitetura como elemento de inte(g)ração socioterritorial compreende a arquitetura como um meio de estabelecimento de relações e como um momento de transição entre várias dimensões. No capítulo II, foram abordados temas que enfatizam a relação da arquitetura com o urbanismo, e se quisermos, a interdependência destes. A arquitetura não deve ser negligente face à sua envolvente e um conjunto de edificações não constitui uma urbanização. Desta maneira, a arquitetura é entendida na sua essência, mas também tendo em conta a sua dependência com o espaço urbano acima apresentado, com as relações sociais que alberga, de forma a participar ativamente na cidade. O exercício dos espaços de transição na escala da arquitetura, o objeto arquitetónico e programa cultural procuram a interação social das pessoas de Odivelas, a interação das pessoas no espaço público construído e não construído e participam na criação de uma consciência cultural material e imaterial.

A escala da arquitetura procura elucidar da relevância da proposta arquitetónica do equipamento cultural para Odivelas. Os equipamentos fazem parte do conjunto de elementos que promovem a sustentabilidade da cidade, seja social, económica e urbana. No contexto de Odivelas, onde a oferta de equipamento é baixa, o equipamento cultural, multifuncional vem responder a esta fragilidade, resultando na melhoria da qualidade de vida das pessoas e na maior atratividade a este local.

Sendo já anteriormente discutido o papel da cultura na sociedade, torna-se pertinente a proposta de um equipamento de carácter cultural que compreende espaços de biblioteca, salas de exposição de artes, auditório para atividades múltiplas, salas de reuniões e zonas comerciais. A natureza multifuncional deste, responde às necessidades do mundo contemporâneo, em que os interesses sociais são diversificados procurando uma fácil acessibilidade aos mesmos.

Os espaços de transição, fazem a mediação entre os espaços, são a ligação de um para o outro. Sem estes, as mudanças seriam abruptas e muitas vezes indesejadas. O equipamento cultural proposto faz uma experimentação dos diversos tipos de espaços de transição na arquitetura. As galerias com arcadas, ao mesmo tempo que traduzem-se num primeiro momento de chegada ao edifício, medeiam a relação com o exterior, procuram dar a sensação de dinâmica pelo ritmo que criam, incentivando e permitindo que atividades informais decorram nas mesmas. Os múltiplos pátios que existem no interior do edifício têm funções de iluminação, desafogo e relação com o exterior. Estes exploram ambientes diferentes através dos artificios materiais e de escala, adequando-se ao espaço interior que os acolhe.

A proposta de um equipamento cultural tem como uma das funções promover atividades culturais que direta e indiretamente incentivam a interação entre as pessoas. O objeto de arquitetura que alberga este programa cultural também procura funcionar como um produto da cultura, formador de identidade, construtor de uma memória coletiva e incentivador de uma interação socioespacial.



Fig. 236 - Maqueta da proposta de arquitetura

O conceito volumétrico de conceção deste projeto parte da subtração de um volume sólido paralelepípedo. A esta caixa foram subtraídos três volumes que representam os principais pátios que comunicam com a envolvente exterior e criam uma correlação direta com o espaço público, como se estes se fundissem (Fig. 237). Esta ideia tem como referência o Centro de Arte e Cultura de Shou, tanto em termos da sua lógica de conceção física como na fluidez entre os vários espaços. Quer-se dizer, cria-se um percurso que atravessa o edifício a partir de qualquer dos extremos, permitindo a vida pública nos espaços exteriores sem que os espaços interiores sejam acedidos. Porém, os vãos garantem a relação visual entre espaços e que esta troca comunicativa aconteça na maior parte dos momentos de atravessamento. O edifício conecta-se, então, no nível superior, permitindo a fluidez também no interior. Com exceção da zona comercial que possui uma autonomia, como será adiante visto nos desenhos técnicos. Ao longo do edifícios existem mais momentos de subtração que comunicam com espaços interiores específicos, garantindo a relação interior-exterior e o momento de transição que toma formas distintas: claraboia, pátio e terraço. Os arcos que revestem o edifício surgem como um momento de intermediação entre o exterior e o interior. Conceptualmente, o edifício é compreendido como um volume homogéneo, em que se evidenciam as subtrações, tanto dos pátios, como das arcadas.

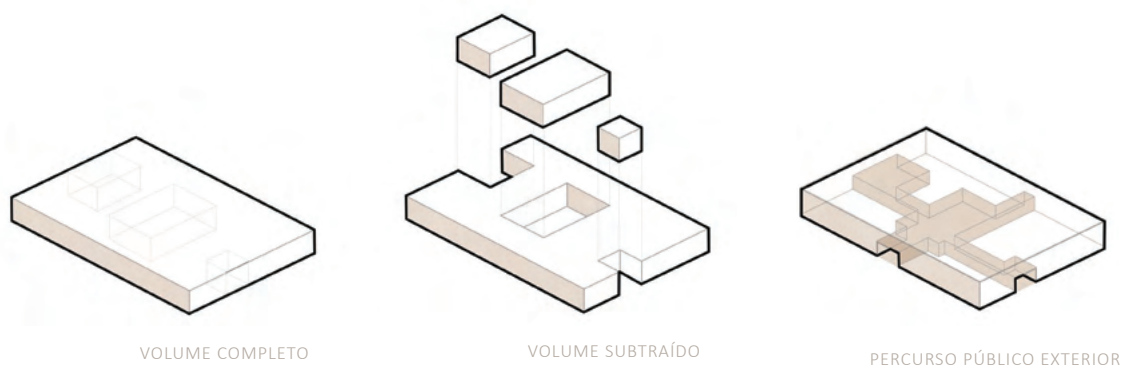


Fig. 237 - Diagramas de conceção volumétrica





Sala de Exposição

### 5.3.1 A ARQUITETURA E O PROGRAMA CULTURAL

A *arquitetura e o programa cultural* pretende apresentar o projeto, a sua disposição espacial, as interações entre interior e exterior, e com os utilizadores, associadas ao programa cultural. A proposta do centro cultural está inserido numa área de aproximadamente 50 000 m<sup>2</sup> e o edifício tem uma área de implantação de 2 000 m<sup>2</sup> e dois pisos de altura.

A entrada principal do edifício é feita a norte e é antecedida por uma galeria criada com a arcada que envolve o edifício. A entrada é evidenciada a partir de um recorte num dos pilares da galeria. O primeiro momento interior é o átrio central, amplo e iluminado por uma claraboia. Este possui duplo pé direito (8 metros de altura) e é onde se encontra a receção. A partir deste espaço é feita a distribuição para a biblioteca, a sala de exposição clara, ala sul onde se encontram o auditório e as restantes salas de exposição, e a zona de administração.

O átrio central encontra-se no primeiro piso e, apesar dos restantes espaços possuírem uma implantação neste piso, o acesso é feito a partir do segundo piso, através dos elevadores, pelas escadas-bancada do átrio ou a partir das escadas da ala sul. A sala de exposição clara, adquire este nome por possuir bastante iluminação natural, a partir do pátio da exposição, e artificial de forma a complementar a natural. Este espaço possui mezaninos que permitem acompanhar visualmente as exposições que terão lugar. De 380 m<sup>2</sup>, este espaço é dedicado a instalações de arte, preferencialmente, ou atividades que requerem um espaço amplo. Existe uma ligação direta com o exterior, preferida para questões funcionais ou atividades particulares, sendo que o acesso mais frequente será a partir do átrio. A biblioteca (a nascente), encontrada no extremo oposto à sala de exposição clara (a poente), tem uma configuração longitudinal de norte a sul, é equipada com espaços de leitura, de investigação digital, sofás e mesas de estudo e um compartimento dedicado à mediateca.

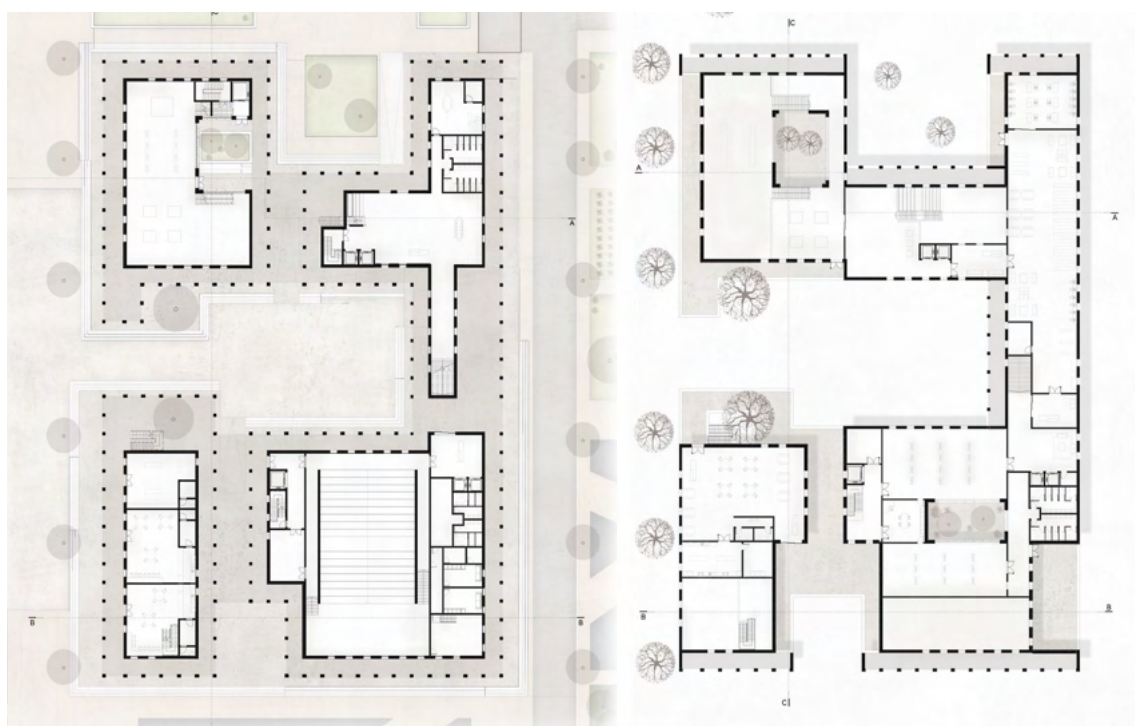
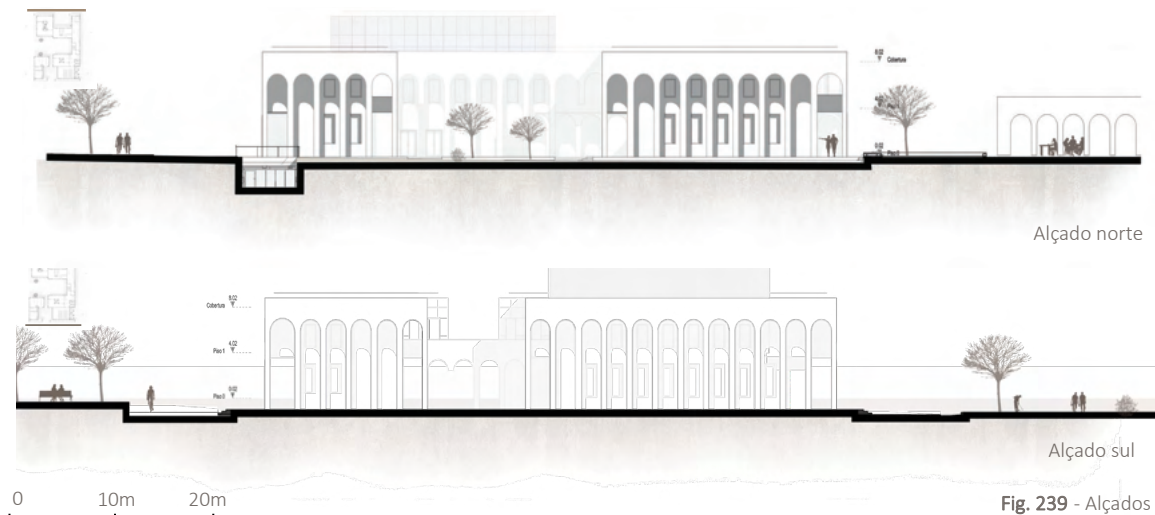


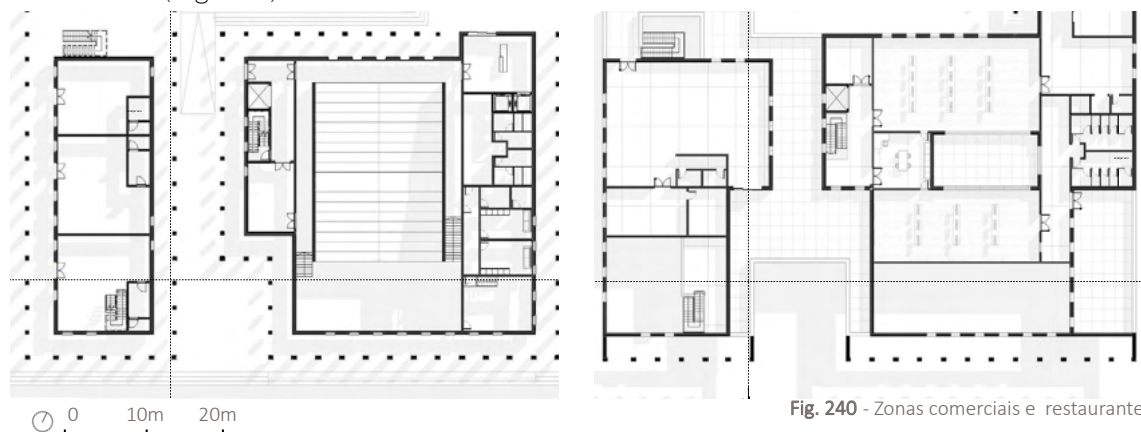
Fig. 238 - Plantas do edifício, piso 0 (esquerda) e piso 1 (direita)

Da biblioteca é possível estabelecer uma relação visual com a zona de átrio a partir dos vão que existem, oferecendo a possibilidade de comunicação entre as pessoas.



O auditório, encontrado na ala sul, tem 500 m<sup>2</sup> e capacidade para 270 pessoas. Este espaço é dedicado a espetáculos, palestras, teatros e outros tipos de atividades que usufruam de um palco e possui um acesso principal independente, com o seu próprio átrio de entrada. Desta maneira é possível a autonomia deste espaço, mesmo em dias que o restante centro não estiver funcional. Tem um pé direito que vai aumentando à medida que este se aproxima do palco de forma a dar lugar a instalações técnicas. Imediatamente acima do auditório existem duas salas de exposição intermediadas por um pátio, uma delas trata-se de uma sala escura com apenas o vão do pátio que pode ser controlado mecanicamente, para permitir a projeção de vídeos ou onde obras delicadas podem ser expostas.

A zona a ponte-sul é dedicada a unidades comerciais, para exploração privada e com a intenção de contribuir para a dinamização económica do centro cultural. Estas unidades de 80, 100 e 100 m<sup>2</sup> dedicam-se ao tipo de comércio que faz uso de esplanadas, existindo uma relação direta com o exterior. Neste sentido, a zona de galeria exterior tem uma maior dimensão, de 3 m de largura em comparação aos dois metros das restantes zonas da galeria. Existe também um espaço comercial dedicado à restauração pela sua dimensão e localização. Este encontra-se no piso superior, com relação ao terraço acedido apenas pelo restaurante (Fig. 240).





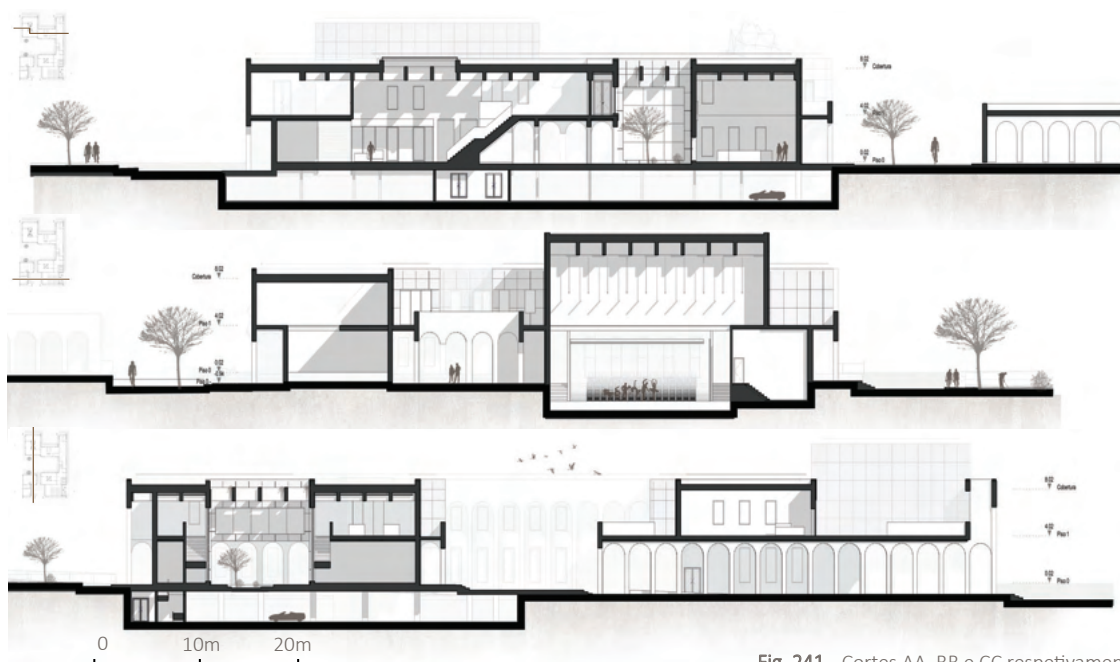


Fig. 241 - Cortes AA, BB e CC respetivamente

Em termos de fachada, o edifício possui vãos regulares que variam apenas em comprimento consoante o tipo de espaço que servem. A regularidade destes deve-se à procura pela coerência do edifício como um todo, e uma vez que quase todos os espaços têm acesso a algum espaço exterior como um pátio ou um terraço, o acesso à iluminação natural é garantido.

As arcadas acompanham a lógica do edifício, em momentos possuem duplo pé direito, quando o espaço interior não necessita de se relacionar diretamente com o exterior, e noutros são de menor altura de forma a que o espaço interior do segundo piso possa ter uma imediaticidade visual com o exterior, isto se sucede principalmente nas fachadas nascente e poente, onde o espaço exterior é mais amplo e os espaços interiores usufruem da vista. O recorte nos pilares nos locais de passagem, marcam os caminhos e acessos pelo edifício e também quebram a monotonia que de outra forma seria sentida na fachada.

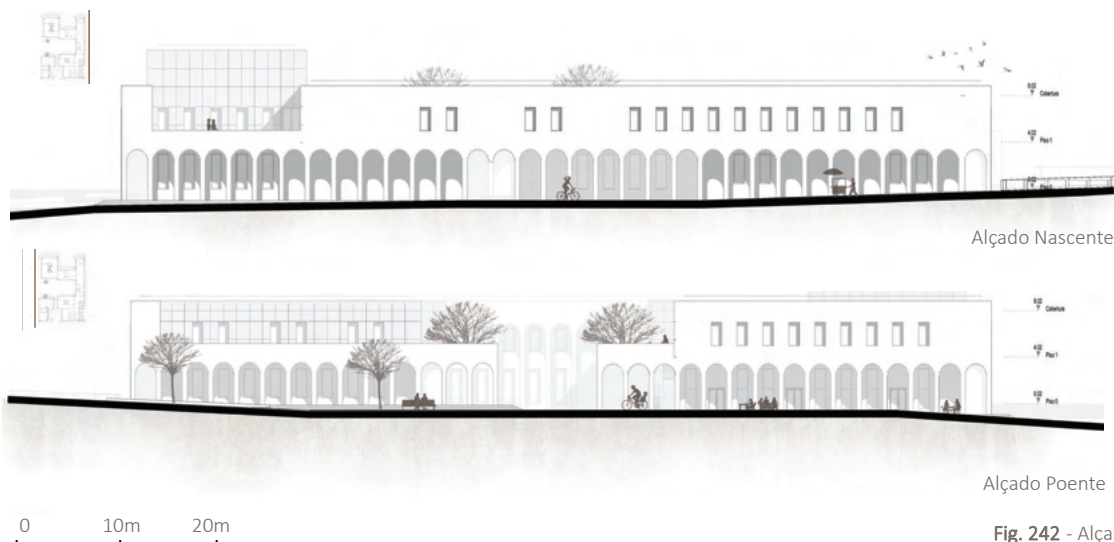
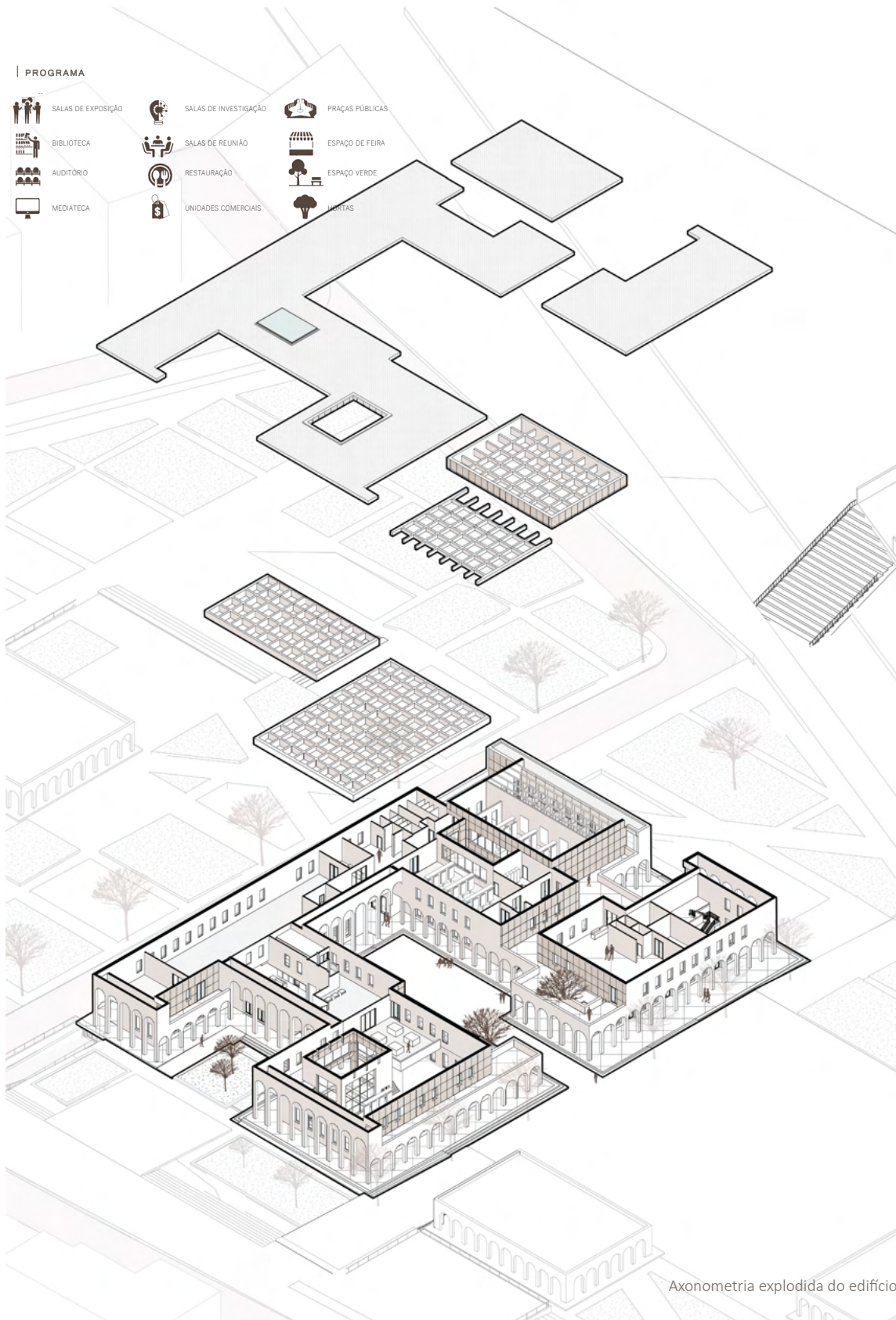
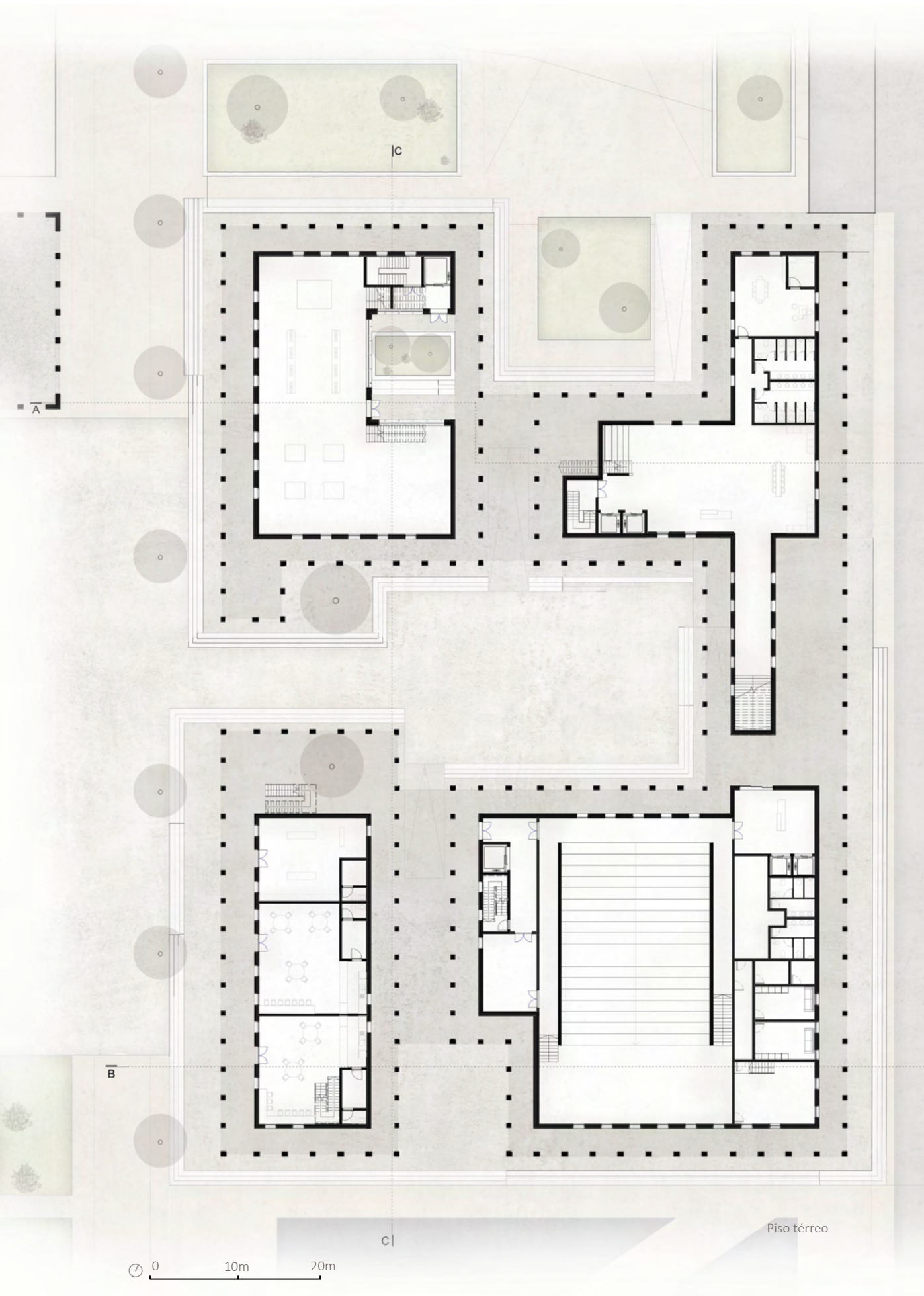
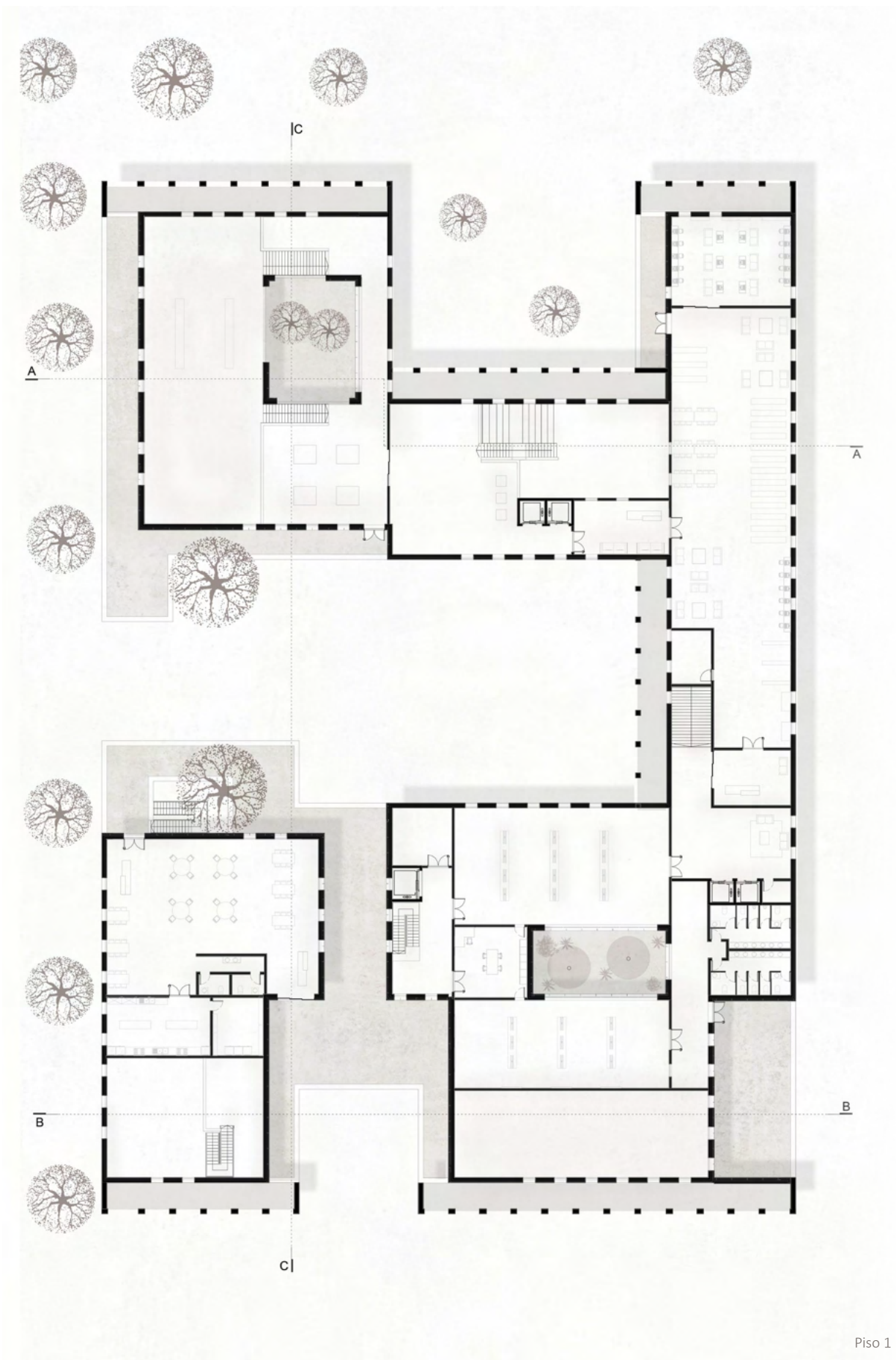


Fig. 242 - Alçados



Axonometria explodida do edifício





Piso 1

Plantas da proposta de arquitetura

### 5.3.2 A MATERIALIDADE

Para Peter Zumthor (2009), o conceito de atmosfera está diretamente relacionado com a arquitetura. O autor descreve atmosfera como um meio de determinação da qualidade arquitetónica e que comunica com a percepção emocional. A disposição do espaço, o ambiente criado, a participação dos utilizadores, a relação com a envolvente, e a sua componente estética, fazem parte da leitura da arquitetura. Assim como os materiais que dão forma física ao objeto participam da definição desta atmosfera.

Pensar sobre a materialidade envolve muito mais do que escolher os materiais que melhor se adequam ao projeto. Zumthor (2009) fala da ideia do *corpo da arquitetura*, neste sentido compreende-se a materialidade como um conjunto que depende do sistema interno invisível, o espaço, os sistemas infraestruturais que o compõem e a pele que o protege e se apresenta ao mundo. Seguidamente temos a *consonância dos materiais*, a sua combinação quantitativa e qualitativa; o *som do espaço*, neste caso pertinente pelo facto do equipamento gerir um fluxo considerável de pessoas e atividades distintas; a *temperatura do espaço*, influenciada pelos materiais na temperatura física e na sensação visual que provocam; e a *luz sobre as coisas*, tendo em conta a maneira como esta é refletida pelos materiais.

#### CORPO DA ARQUITETURA

O projeto do centro cultural parte de uma ideia de volume sólido, ao qual são subtraídas partes. Esta ideia de solidez levou à uma procura material que refletisse a mesma sensação monolítica. Opções em relação aos materiais, pedra, betão e alvenaria foram estudadas, culminando num conceito de camadas, influenciado pelo caso de estudo do Centro de Design do Grupo Arca, no México. A ideia de escavação do projeto de referência, mostrou-se apelativa e em concordância com a filosofia construtiva da proposta. O sólido aparentemente mono material, é representado pela pele de reboco com tonalidade bege. O seu “interior” é descoberto com um revestimento a pedra de travertino italiano oceano azul, uma pedra texturada, que representa as subtrações. Na fachada procura-se uma continuidade que é ocasionalmente interrompida pelos momentos de espaço exterior (volumes subtraídos), terraço, pátio. Como um momento de exceção dá-se o auditório que é um volume “interior” que cresce. Em termos de sistema construtivo, trata-se de uma alvenaria de tijolo rebocada, com estrutura de betão armado, adiante percebido no pormenor construtivo.



Fig. 243 - Materialidade da fachada do edifício



Fig. 244 - Momentos de subtração com revestimento em pedra



Fig. 245 - Ambiente da galeria

### CONSONÂNCIA DOS MATERIAIS

Numa procura entre um equilíbrio dos materiais, faz-se recurso à madeira no interior, em certos momentos de forma a adicionar uma diversidade ao espaço e também de acentuar um momento distinto dentro do mesmo espaço. Como é o caso da receção do átrio principal na figura 247, que possui painéis em madeira e um ripado como teto falso. O pavimento é cerâmico na maior parte dos espaços interiores de circulação e entrada, com textura lisa e com a estereotomia sendo a junta das peças, de cor clara, e em ripas de madeira de pavimento flutuante nos espaço dedicados à atividades como de exposição. Os vãos envidraçados possuem uma caixilharia de pouca expressão, de aço. A combinação entre o branco das paredes e do castanho da madeira resulta num ambiente apaziguador e vai buscar a paleta de tons do exterior.

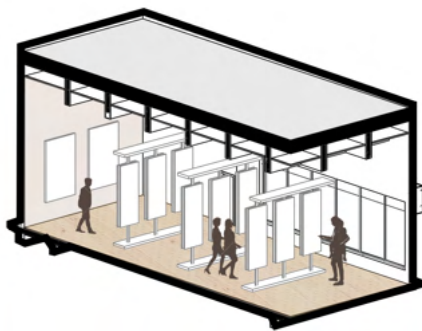


Fig. 246 - Diagrama da sala de exposição



Fig. 247 - Átrio central e espaço de receção

### SOM E TEMPERATURA DO ESPAÇO

O recurso à madeira também se deve à sensação de calor que ela transmite. Os espaços de recanto e de permanência são os preferidos para o uso deste material, como a escadaria do átrio principal, e em termos sonoros, pelas propriedades de reflexão do som, no auditório. O pavimento do auditório é em carpete, de forma a reduzir os ruídos do passo neste espaço. Este, trata-se de um espaço mais acolhedor, para que as pessoas possam estar submersas no espetáculo e desprovidas de distrações. As cores escolhidas para este espaço também contribuem neste sentido, são o preto, o castanho e alguns tons mais escuros. Nos espaços interiores onde existem pátios faz-se recurso à cor clara na procura de uma sensação refrescante de espaço amplo e ventilado.

## A LUZ SOBRE AS COISAS

O conceito à volta do projeto do equipamento aborda a questão dos pátios. Além da ventilação, relação visual e contacto com o exterior, os pátios também proporcionam uma iluminação indireta muito desejada nos espaços. A preferência por este tipo de iluminação revela-se interessante nas salas de exposição onde as obras de arte são sensíveis, e onde as pessoas usufruem de um espaço amplo e iluminado, já que pode albergar um número considerável de pessoas ao mesmo tempo. Em compensação, os vãos para o exterior, presentes nas fachadas, seguem uma métrica muito regular na sua largura, de forma a iluminar controladamente o espaço, mas principalmente para que o edifício não deixe de comunicar com a envolvente exterior. Porém mesmo os pátios possuem uma atmosfera própria com a sua materialidade e iluminação. Existem espaços onde a iluminação artificial tem um papel mais importante, e estes são a sala de exposição escura e o auditório. No interior do edifício faz-se uso de iluminação artificial para fazer sobressair as texturas dos materiais, os elementos expositivos e os locais de permanência e circulação. O átrio principal também faz uso de uma claraboia na laje superior deste espaço de duplo pé direito. A zona de maior exposição e momento de chegada é assim, ampla e iluminada, em contraste com as zonas de distribuição, mais recatadas e de pé direito mais baixo. O ambiente sombreado das galerias exteriores também procura fazer um contraste com o espaço exterior luminoso. Porém de noite, estas funcionam como pontos de luz que iluminam todo o edifício.

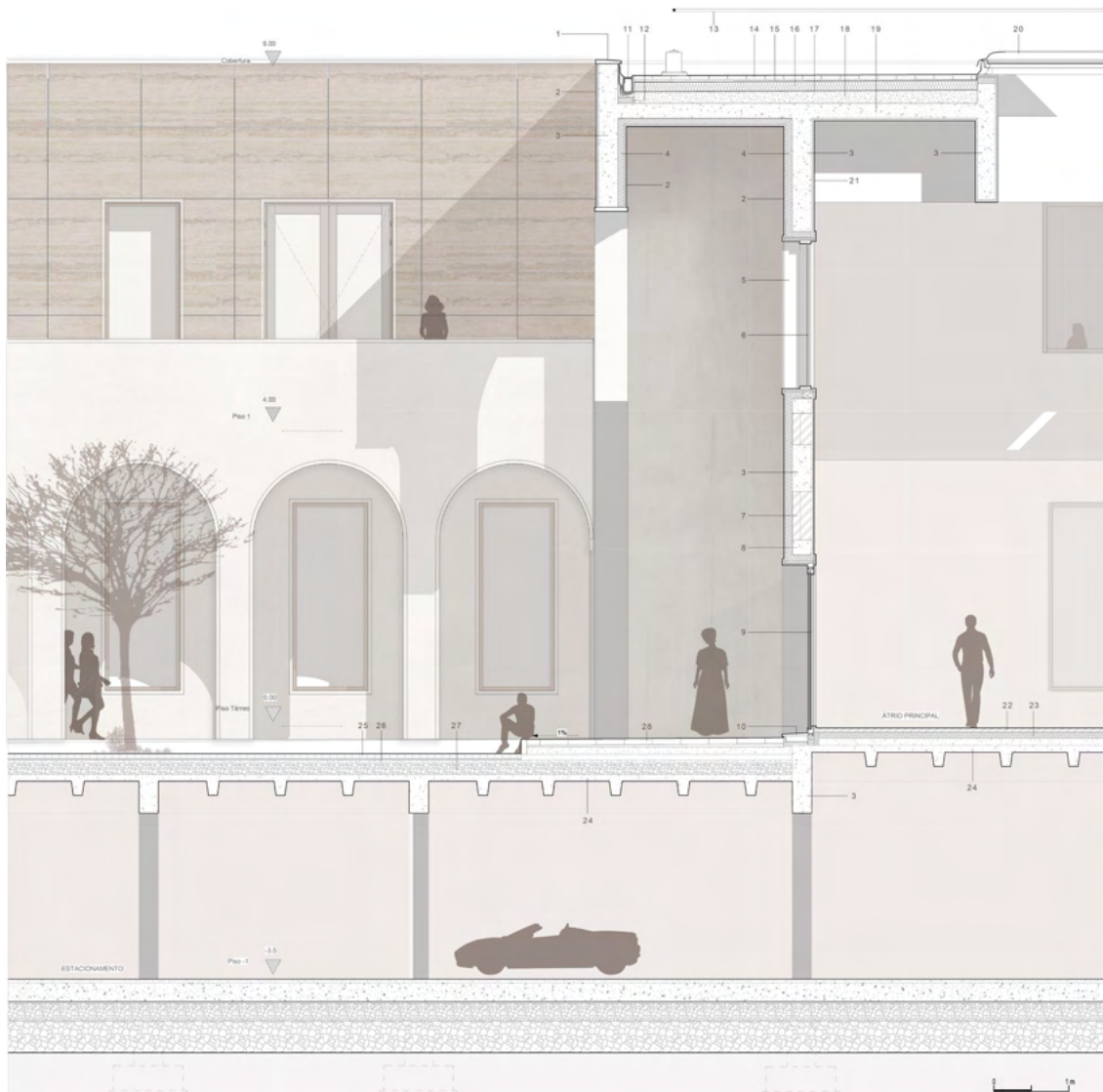


Fig. 248 - Galerias durante o dia e durante a noite

## PORMENOR CONSTRUTIVO

Atendendo à filosofia construtiva anteriormente enunciada, prossegue-se à explicação em pormenor da composição do edifício. Com o intuito de enquadrar a construção no seu contexto, faz-se recurso a uma das práticas comuns em Portugal, a construção em alvenaria de tijolo. Esta escolha, além de economicamente eficiente, alinha-se com a ideia das camadas e sucessões. Em que a própria parede é composta por um conjunto de elementos que fazem a transição do exterior para o interior. O exterior é rebocado com argamassa de cor bege, com uma alvenaria de tijolo duplo e isolamento pelo exterior. A questão das pontes térmicas é contornada com o reforço do isolamento nos pontos estruturais como vigas e pilares, pelo exterior. Assim como existe um reforço nos vãos. O espaço interior, é revestido com gesso acartonado e tinta branca e em momentos com painéis de madeira. Estas variações dependem do espaço a que corresponde e o ambiente desejado. O pavimento exterior das galerias é de pedra, distinguindo-se do pavimento exterior, reforçando a sensação de

ambiente novo, diferente do exterior. Os três momentos, exterior, galeria e interior, são os momentos de transição para a entrada do edifício. Associada à diferença material da galeria e do exterior, é presente um desnível que variam consoante a topografia entre 1 a 4 degraus. As arcadas, diferente do resto do edifício são feitas com betão armado, revestido e pintado, devido à maior facilidade de molde dos arcos. Existe uma alternância entre os pilares dos arcos que são estruturais e os que não são (ver malha estrutural em anexo IV, p. 238).



#### LEGENDA

- |   |   |
|---|---|
| 1 - Capeamento em pedra                               | 16 - Isolamento 12cm                        |
| 2 - Pintura cor bege sobre reboco                     | 17 - Camada de formação de pendentes        |
| 3 - Viga em betão armado                              | 18 - Complexo impermeabilizante             |
| 4 - Isolamento 8cm                                    | 19 - Laje em betão armado                   |
| 5 - Pré-aro metálico pintado na cor da fachada        | 20 - Clarabóia                              |
| 6 - Janela de vidro duplo com caixilharia em alumínio | 21 - Pintura sobre estuque                  |
| 7 - Alvenaria de tijolo dupla 11+15cm                 | 22 - Pavimento cerâmico                     |
| 8 - Verga em betão                                    | 23 - Isolamento 8cm                         |
| 9 - Porta de vidro duplo com caixilharia em alumínio  | 24 - Laje aligeirada                        |
| 10 - Soleira em pedra                                 | 25 - Pavimento em calçada                   |
| 11 - Cadeira metálica para drenagem de águas pluviais | 26 - Argamassa para assentamento da calçada |
| 12 - Reforço de isolamento 6cm                        | 27 - Terra vegetal                          |
| 13 - Linha de vida                                    | 28 - Mosaico de pedra                       |
| 14 - Acabamento em lajetas de betão                   |   |
| 15 - Argamassa de fixação                             |   |
| 16 - Isolamento 12cm                                  |   |

Fig. 249 - Detalhe do conceito construtivo



### 5.3.3 OS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO

A presença dos espaços de transição na arquitetura, permite que os espaços comuniquem uns com os outros de forma harmoniosa e dá a possibilidade das pessoas vivenciarem os espaços *entre*. O exercício de experimentação dos espaços funcionalmente dedicados à intermediação e transição, neste projeto, resultaram em espaços ricos, com oportunidades de uso variadas, apoderamento pelos utilizadores e auxiliam a inter-relação entre o espaço público e o espaço íntimo. Em analogia à estrutura do capítulo teórico, faz-se uma descrição acompanhada de ilustrações dos principais espaços de transição do edifício. Este tópico também trata de algumas zonas do edifício que foram ampliadas e que permitem a percepção da natureza dos vários espaços.

#### GALERIA E ARCADA

O espaço dedicado à galeria, o primeiro momento de contacto com o edifício, cria um ambiente de proteção e ao mesmo tempo de relação com as atividades decorrentes do espaço público. Permite ver e ser visto, assim como de um forma imediata aceder ao interior ou ao exterior. A arcada que envolve o edifício funciona como uma cortina translúcida que enriquece a fachada do mesmo, controla a incidência do sol e oferece privacidade no interior. Conceptualmente, a arcada é um símbolo dos espaços de transição e é interpretada como tal nesta proposta, além das funções acima mencionadas.

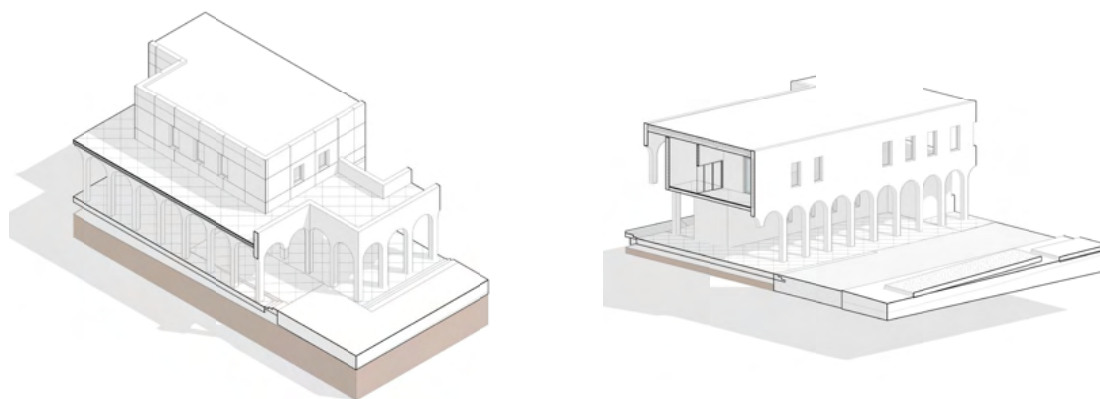


Fig. 250 - Galeria de noite, sombra/luz , pátio

#### PÁTIOS

Os pátios simbolizam as subtrações feitas ao volume inicial. Estes conferem uma diversidade em termos de forma e espaço. Os pátios são momentos em que se pode viver o exterior com um certo nível de privacidade. Os principais são o que recebe o edifício, a norte; o pátio de comunicação com a praça da feira, a nascente; e o que comunica com o corredor verde. As salas de exposição possuem pátios também. Ainda dentro desta mesma lógica, existem os terraços que, comunicam diretamente com espaços interiores específicos: da biblioteca, do corredor do auditório, da sala de exposição clara e o do restaurante. Alguns destes possuem vegetação para complementar a questão estética do espaço, e todos eles têm a presença da pedra de forma a evidenciar a “subtração”.

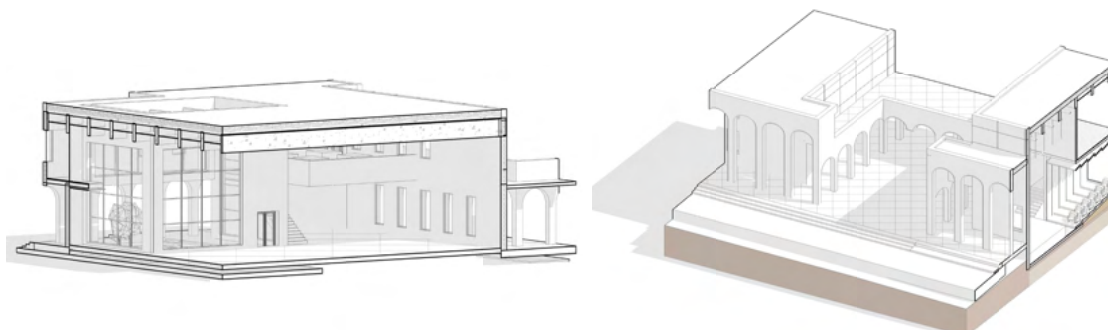


Fig. 251 - Diagramas dos pátios

## ÁTRIO

O átrio central é um espaço de transição e de distribuição. Trata-se do primeiro momento de chegada interior. A alteração de cotas do pé direito, a diversidade material nos espaços mais recatados, as escadas que funcionam como bancada também, as relações visuais permitidas pelos mezaninos e controladas pelos vãos, fazem com que este espaço seja amplo e agradável, e que funcione não só como um espaço de recepção, mas igualmente de encontro, de convívio, de atividades, de distribuição e de permanência.

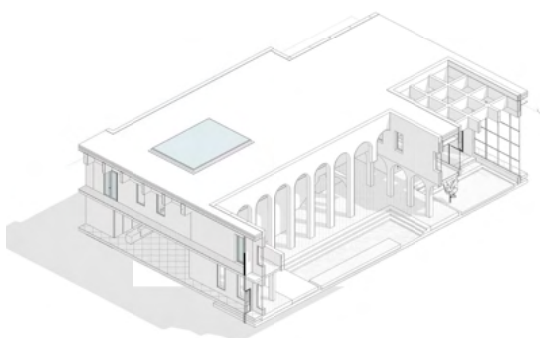


Fig. 252 - Diagrama do átrio

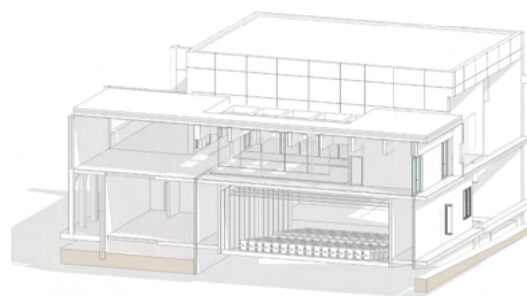
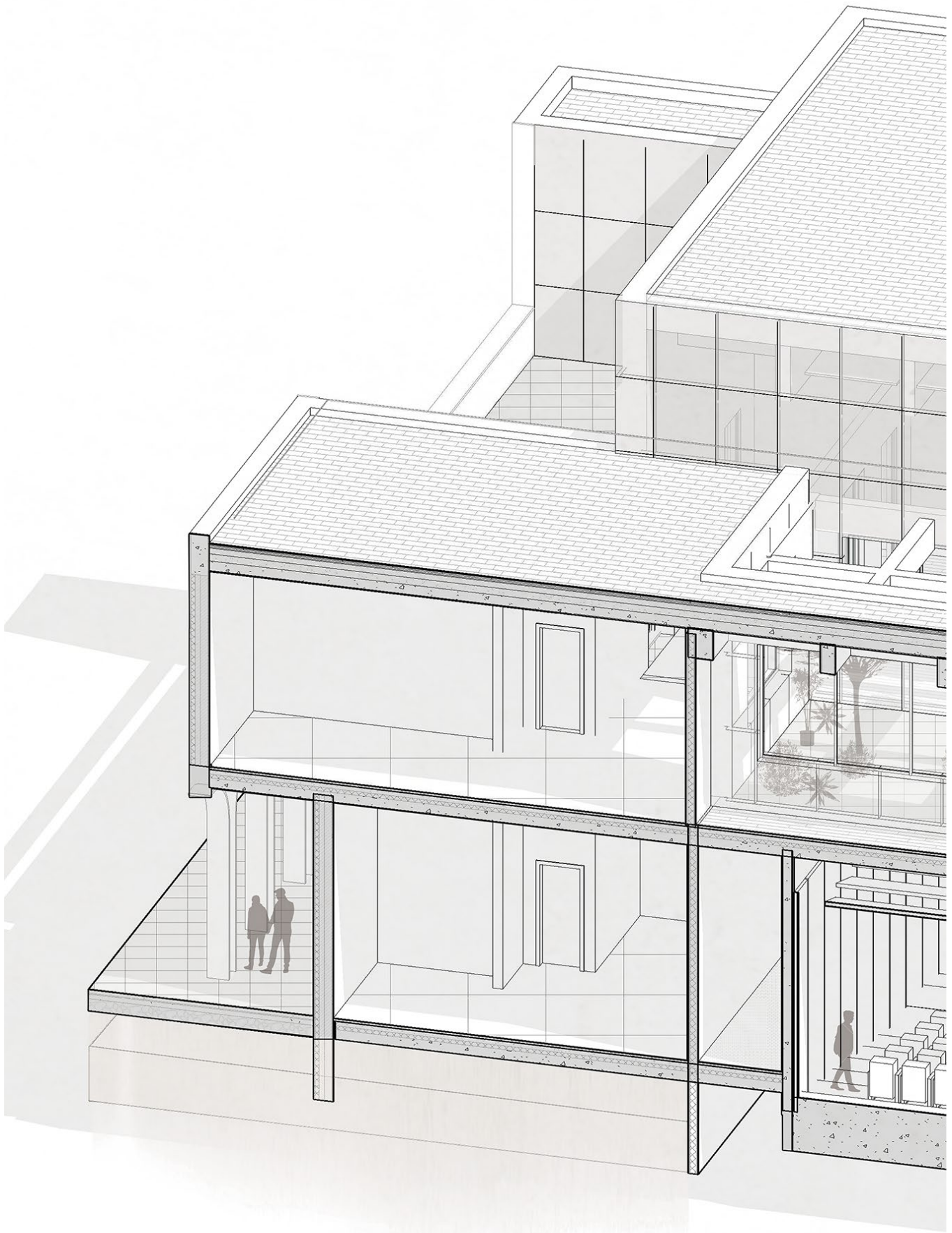
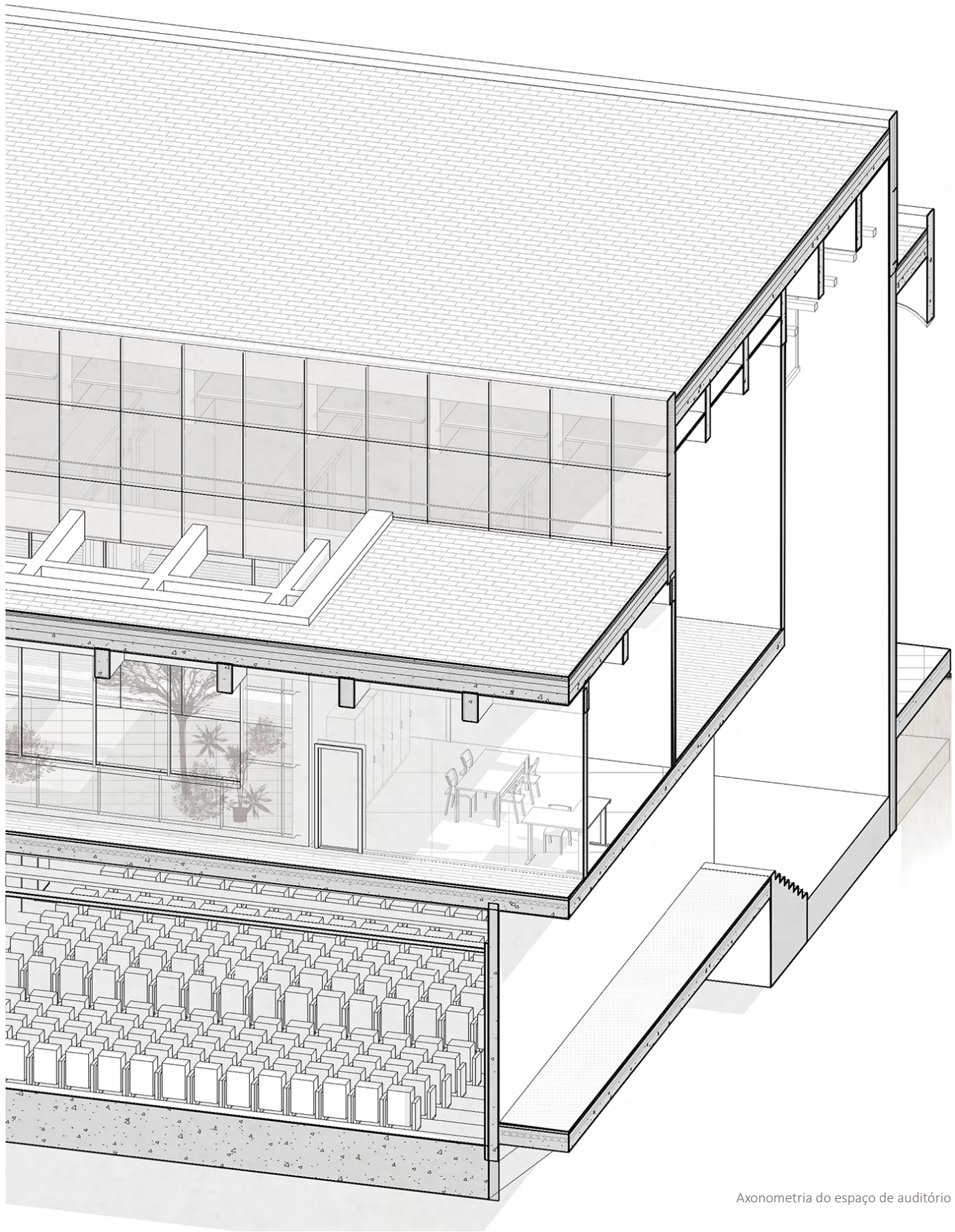


Fig. 253 - Diagrama do auditório

## AUDITÓRIO

O auditório é considerado nesta descrição pela sua diversidade material e pelo seu caráter multifuncional. Este pode servir para múltiplas atividades, desde atividades de espetáculo, a atividades educativas. É um espaço com um pé direito de quatro metros e vai aumentado até atingir um pé direito triplo. Os painéis ripados no teto funcionam como refletores de som, assim como os presentes na parede. As zonas de circulação destes espaços são separadas dos assentos por paredes por uma questão de praticidade de funções. À volta deste auditório existem salas de apoio ao mesmo, como salas técnicas, bastidores, lounge do palco e vestiários. O auditório orienta-se de forma a que os assentos se direcionem para o palco e para a vista do parque do corredor verde que é controlada por cortinados.





Axonometria do espaço de auditório



## CAPÍTULO VI

---

### O DESFECHO



## AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões de inquietação a nível urbano e social em Odivelas é a questão da fragmentação territorial que se traduz em limitações de acessibilidade e mobilidade, de relação espacial e coesão territorial, e de interação social e troca de impressões económico-culturais. As intervenções infraestruturais que por um lado facilitam a circulação intermunicipal e o acesso à Lisboa, acentuam o fenómeno de isolamento entre as partes do território odivelense. A distribuição em desequilíbrio de equipamentos, programas de manutenção urbana e condicionantes geográficas também dificultam a harmonia dos espaços e o usufruto holísticos por parte dos cidadãos.

A necessidade de se alcançar um espaço de cidade harmonioso, passa pelos aspetos físicos do mesmo, como a sua inserção no território e relação com a envolvente, a presença de ambientes saudáveis e de contacto com a natureza, o seu aspeto apelativo, atrativo, estético e de segurança. Porém, os aspetos sociais, apresentam-se como indispensáveis, a se ter em consideração. No capítulo destinado ao enquadramento conceptual, foram abordados temas sobre a relação da sociedade no espaço de cidade, com a arquitetura (da qual a cidade é composta) e com a cultura, que é um *“fenómeno social... criado e produzido pelo homem”* (Tavares e Costa, 2013, p.83). A arquitetura ao desempenhar um papel social indissociável da cultura, tem como principal função servir as pessoas. O espaço que envolve a arquitetura, ao estabelecer relações com a mesma e adequar-se aos aspetos culturais da sociedade que dele faz uso, garante a fruição integral das pessoas e assim, a vida das cidades.

A questão da transitoriedade entre dimensões espaciais dá-se através dos espaços de transição que se manifestam na escala da arquitetura, na escala da cidade e na escala humana. Os espaços de transição apresentam-se como elementos de função prática de ligação e como oportunidades de interação social. Pensar na dimensão da qualidade das vivências humanas significa ter em conta as relações que o homem estabelece com o espaço construído e não construído. O *“intervalo”* garante assim uma fluidez na cidade e adiciona qualidade aos espaços das relações humanas.

A proposta desenvolvida recorre aos conceitos alicerçados nas questões do usufruto social, tendo em conta o contexto cultural em que se insere e de forma a fortalecer, justamente, os aspetos da interação sociocultural. Tendo em conta o cenário de fragmentação do território, o projeto procura articular a Vertente Sul com o restante território de Odivelas através de uma proposta de infraestrutura verde como qualidades ao nível ambiental, com o favorecimento de uma mobilidade suave, de forma a incentivar as vivências nestes espaços. A procura pela qualidade do espaço urbano, como momento principal de transição entre a cidade e a proposta de arquitetura baseia-se na ideia de que o espaço urbano é crucial para a coesão entre cidade, arquitetura e sociedade.



Sendo assim, os gestos arquitetônicos propostos passam por uma relação de continuidade entre o espaço exterior e interior através dos pátios e vãos, por forma a que as pessoas possam desfrutar do edifício de diversificadas maneiras; por um exercício de aplicação dos espaços de transição de forma a ancorar o objeto à envolvente e fomentar vivências humanas, e por uma questão de escala significativa e posicionamento estratégico para dinamizar o território e atrair pessoas. Por ser um edifício de caráter cultural, a componente programática destina-se a incentivar a produção de manifestações culturais, reforçar relações sociais e responder às carências de equipamentos no setor cultural do lugar. A multifuncionalidade do equipamento, tem por fim dar resposta às questões da contemporaneidade, desta forma garantir que o edifício, o espaço público e a cidade, tenham vida.

Em suma, a escala urbana pretende cozer a malha urbana existente, entre si e com o objeto de arquitetura proposto, incentivar o uso das pessoas de espaços ao ar livre e preservar os ambientes naturais na cidade. A escala arquitetônica pretende dotar a cidade de um equipamento de caráter cultural, que contribui para o bem-estar das pessoas, para a interação das mesmas e que se integra e comunica com a envolvente imediata. O objetivo final do conjunto da proposta é servir às pessoas, de forma sensibilizada às suas necessidades socioculturais e consciencializada do contexto físico em que se insere, procurando melhorá-lo.





# | BIBLIOGRAFIA

## REFERENCIADA NO DOCUMENTO

- ABREU, P. E FERREIRA, C. (2003, DEZEMBRO). APRESENTAÇÃO: A CIDADE, AS ARTES E A CULTURA. *REVISTA CRÍTICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS* [ONLINE], (nº67), 3-6, : [HTTP://RCCS.REVUES.ORG/1104](http://rccs.revues.org/1104)
- ALMEIDA, P. (1962). *ENSAIO SOBRE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO EM ARQUITETURA*. [CONCURSO OBTENÇÃO DIPLOMA DE ARQUITETURA, ESCOLA DE BELAS-ARTES DO PORTO]. REPOSITÓRIO TEMÁTICO DA UNIVERSIDADE DO PORTO. [HTTPS://HDL.HANDLE.NET/10405/48199](https://hdl.handle.net/10405/48199)
- ALMEIDA, P. (1964). DA UTILIDADE SOCIAL DA ARQUITECTURA. *ANÁLISE SOCIAL*, VOL. II (nº6), 237-248
- AMARAL, M. (2007). *LIMITES E POSSIBILIDADES: A RELAÇÃO EDIFÍCIO/CIDADE NA AVENIDA PAULISTA*. [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITETURA, ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS]. BIBLIOTECA DIGITAL USP. DOI 10.11606/D.18.2007.TDE-09042008-135552
- ANDERSON, S. (1986). *ON STREETS: STREETS AS ELEMENTS OF URBAN STRUCTURE*. CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS: MIT PRESS
- BAICHWAL, J. (2006). *MANUFACTURED LANDSCAPES* [FILME]. ZEITGEIST FILM
- BALSINI, A. (2014). *ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO: ENTRE A ARQUITETURA E A CIDADE*. [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE]. BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES. [HTTP://TEDE.MACKENZIE.BR/JSPUI/HANDLE/TEDE/359](http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/359)
- BENEDICT, M. E McMAHON, E. (2006). *GREEN INFRASTRUCTURES: LINKING LANDSCAPE AND COMUNITIES*. LONDRES: ISLAND PRESS
- BHABHA, H. (1994). *THE LOCATION OF CULTURE* (1ª ED. ). LONDRES: ROUTLEDGE
- BRITO, M. (2011). *A TRANSIÇÃO ENTRE PRIVADO E PÚBLICO NO PERCURSO DO HABITAR*. [TESE DE MESTRADO EM ARQUITETURA, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA]. REPOSITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. [HTTP://HDL.HANDLE.NET/10400.5/5785](http://hdl.handle.net/10400.5/5785)
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (S.D.). *CORREDOR VERDE DE MONSANTO*. LISBOA.PT. [HTTPS://WWW.LISBOA.PT/CIDADE/AMBIENTE/ESTRUTURA-ECOLOGICA/CORREDORES-VERDES/MONSANTO](https://www.lisboa.pt/cidade/ambiente/estrutura-ecologica/corredores-verdes/monsanto)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS (S.D.). *LOCAIS DE INTERESSE*. CM-ODIVELAS.PT. [HTTPS://WWW.CM-ODIVELAS.PT/CONHECER-ODIVELAS/LOCAIS-DE-INTERESSE](https://www.cm-odivelas.pt/conhecer-odivelas/locais-de-interesse)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS (2009). *EQUIPAMENTOS COLETIVOS*. LISBOA: CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS
- CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS (2009). *ESTRUTURA E FORMA URBANA*. LISBOA: CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS

- CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS (2011). *ALTERAÇÕES AO REGULAMENTO DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DE LOURES NA ÁREA DO CONCELHO DE ODIVELAS*. LISBOA: CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS
- CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS (2013). *PLANO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA CONTRA INCÊNDIOS*. LISBOA: COMISSÃO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA DE ODIVELAS, CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS
- CANEDO, D. (2009, MAIO 27-29). "CULTURA É O QUÊ?". REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA E A ATUAÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS [DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO]. V *ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*. SALVADOR, BAHIA, BRASIL: FACULDADE DE COMUNICAÇÃO/UFBA. [HTTP://WWW.CULT.UFBA.BR](http://www.cult.ufba.br) > ENECULT2009
- CASA DA MÚSICA (S.D.). *A OBRA*. CASADAMUSICA.COM.PT. [HTTPS://WWW.CASADAMUSICA.COM/PT/A-CASA-DA-MUSICA/A-OBRA/#](https://www.casadamusica.com/pt/a-casa-da-musica/a-obra/#)
- CAVACO, C., VILARES, E., ROSA, F., MAGALHÃES, M., ESTEVES, N. E TAVARES, M. (2015). *CIDADES SUSTENTÁVEIS 2020*. LISBOA: DIREÇÃO-GERAL DO TERRITÓRIO
- COOK-GUMPERZ, J. E GUMPERZ, J. (1982). COMMUNICATIVE COMPETENCE IN EDUCATIONAL PERSPECTIVE. IN: L.C. WILKINSON (ED.), *COMMUNICATION IN THE CLASSROOM*. NOVA IORQUE: ACADEMIC PRESS.
- CORNICK, M. E SAVOIA, M. (1989). *PSICOLOGIA SOCIAL*. SÃO PAULO: MCGRAW-HILL
- CULLEN, G. (2015). *PAISAGEM URBANA* (I. CORREIA E C. MACEDO, TRAD.) LISBOA: EDIÇÕES 70 (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1961)
- DIAS, M. (2006). ESPAÇOS PÚBLICOS E ESPAÇOS FALSAMENTE PÚBLICOS. *IMPRÓPRIA: POLÍTICA E PENSAMENTO CRÍTICO*, (Nº1), 1º SEM 2012: 25-27. LISBOA: TINTA DA CHINA
- ELIAS, N. (1990). *O PROCESSO CIVILIZADOR 1* (R. JUNGMAN, TRAD.). RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR EDITOR FONTES (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1939)
- FERRÃO, J. (2004, DEZEMBRO 09). "VISÃO HUMANISTA DA CIDADE" [DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO]. *APOSTILAS - URBANISMO, NOTAS DE ESTUDO DE URBANIZAÇÃO*. LISBOA: GRUPO MEDIA DO DEPARTAMENTO DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA DO PATRIARCADO DE LISBOA. [HTTPS://WWW.DOCSITY.COM/PT/VISA-O-HUMANISTA-DA-CIDADE-APOSTILAS-URBANISMO/348947/](https://www.doccity.com/pt/visa-o-humanista-da-cidade-apostilas-urbanismo/348947/)
- FERREIRA, A. E VARA, F. (2002). *PLANO REGIONAL DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA*. LISBOA: COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO
- FERREIRA, J. E MACHADO, J. (2010). INFRA-ESTRUTURAS VERDES PARA UM FUTURO URBANO SUSTENTÁVEL. O CONTRIBUTO DA ESTRUTURA ECOLÓGICA E DOS CORREDORES VERDES. *REVISTA LABVERDE* [ONLINE], (Nº1), 69-90, : [HTTPS://WWW.REVISTAS.USP.BR/REVISTALABVERDE/ARTICLE/VIEW/61279](https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61279)
- FERRONHA, A. (S.D.). "CORREIOS: UMA HISTÓRIA DE CINCO SÉCULOS" [DOCUMENTO DE PUBLICAÇÃO]. *CTT CORREIOS DE PORTUGAL, SA, DIREÇÃO DE MARKETING*. PORTO: FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO. [HTTPS://WWW.FEP.UP.PT/DOCENTES/CPIMENTA/LAZER/WEBFILATELICAMENTE/PUBLIC\\_HTML/C001/ARTIGO\\_PDF/REVISTA900\\_1.PDF](https://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/webfilatelicamente/public_html/c001/artigo_pdf/revista900_1.pdf)

- FREITAS, A. (1969, JANEIRO). EQUIPAMENTO URBANO [DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO]. COLÓQUIO DE URBANISMO: PALESTRAS E CONCLUSÕES DAS MESAS REDONDAS, 57-70. FUNCHAL: CÂMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL.
- GEHL, J. (2010). *CITIES FOR PEOPLE*. WASHINGTON: ISLAND PRESS
- GEHL, J. (2011). *LIFE BETWEEN BUILDING: USING PUBLIC SPACES*. WASHINGTON: ISLAND PRESS
- GOMES, P. (2002, SETEMBRO 20). A CONDIÇÃO URBANA: ENSAIOS DE GEOPOLÍTICA DA CIDADE. *REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEROGRAFIA Y CIENCIAS SOCIALES* [ONLINE], VOL. IX, (Nº 535), S.P.: [HTTP://WWW.UB.ES/GEOCRIT/B3W-535.HTM](http://www.ub.es/geocrit/B3W-535.htm)
- HERTSBERGER, H. (1999). *LIÇÕES DE ARQUITETURA* (C. MACHADO, TRAD.). SÃO PAULO: LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA. (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1991)
- HOLSTON, J. (1993). *A CIDADE MODERNISTA* (M. COELHO, TRAD.). SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS. (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1989)
- INE (2011). *CENSOS 2011*. INE.PT. [HTTPS://CENSOS.INE.PT/XPORTAL/XMAIN?XPID=CENSOS&XPGID=CENSOS2011\\_APRESENTACAO](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=censos&xpgid=censos2011_apresentacao)
- MONTANER, J. E MUXÍ, Z. (2010, SETEMBRO 12). EDIFÍCIOS QUE CREAM PLAZAS. *ARQA*. [HTTPS://ARQA.COM/ACTUALIDAD/COLABORACIONES/EDIFÍCIOS-QUE-CREAM-PLAZAS.HTML](https://arqa.com/actualidad/colaboraciones/edificios-que-crean-plazas.html)
- MOTA, J. (2016). *OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA*. [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO]. REPOSITÓRIO ABERTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO. [HTTPS://REPOSITORIO-ABERTO.UP.PT/HANDLE/10216/87725](https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/87725)
- NEVES, D. (2013). *O EQUIPAMENTO E O ESPAÇO PÚBLICO COMO GERADORES DE URBANIDADE E SOCIABILIDADE. O CASO DE ODIVELAS, ENTRE A COLINA E AS AUGI'S*. [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA]. REPOSITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. [HTTP://HDL.HANDLE.NET/10400.5/6646](http://hdl.handle.net/10400.5/6646)
- NÉVOA, P. (2012). *EQUIPAMENTOS COLECTIVOS E (RE)ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: APLICAÇÃO A TRÊS BAIROS DE LISBOA*. [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA]. REPOSITÓRIO UNIVERSIDADE NOVA. [HTTP://HDL.HANDLE.NET/10362/7543](http://hdl.handle.net/10362/7543)
- OUDENAMPSEN, M. (2011). A CIDADE COMO PLAYGROUND. *PISEAGRAMA*, Nº03, 52-55. BELO HORIZONTE. [HTTPS://PISEAGRAMA.ORG/A-CIDADE-COMO-PLAYGROUND/](https://piseagrama.org/a-cidade-como-playground/)
- PALLASMAA, J. (2005). *THE EYES OF THE SKIN, ARCHITECTURE AND THE SENSES*. CHICHESTER: WILEY-ACADEMY

- PAULO, A. (2019). *RECONVERSÃO E QUALIFICAÇÃO DE ÁREAS URBANAS DE GÉNESE ILEGAL*. [DISSERTAÇÃO DE Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa]. REPOSITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. [HTTP://HDL.HANDLE.NET/10400.5/20002](http://hdl.handle.net/10400.5/20002)
- PENTEADO, H. E ALVAREZ, C. (2007). CORREDORES VERDES URBANOS: ESTUDO DA VIABILIDADE DE CONEXÃO DAS ÁREAS VERDES DE VITÓRIA. *PAISAGEM AMBIENTE: ENSAIOS* (Nº24), 57-68. SÃO PAULO: USP PORTAL DE REVISTAS. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.11606/ISSN.2359-5361.V0I24P57-68](https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i24p57-68)
- PEREIRA, S. (2018). *REALOJAMENTO NO MUNICÍPIO DE ODIVELAS - DIAGNÓSTICO DAS NECESSIDADES E PERSPETIVAS DA SITUAÇÃO MUNICIPAL*. [DISSERTAÇÃO DE Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.]. REPOSITÓRIO DA UNIVERSIDADE NOVA. [HTTP://HDL.HANDLE.NET/10362/57597](http://hdl.handle.net/10362/57597)
- PORDATA (s.d.). *BASE DE DADOS PORTUGAL CONTEMPORÂNEO*. PORDATA.PT. [HTTPS://WWW.PORDATA.PT/](https://www.pordata.pt/)
- PORTAS, N. (2012). *O SER URBANO: NOS CAMINHOS DE NUNO PORTAS*. LISBOA: IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA
- ROSSI, A. (1982). *THE ARCHITECTURE OF THE CITY*. LONDRES: THE MIT PRESS
- RUSKIN, J. (1989). *THE SEVEN LAMPS OF ARCHITECTURE*. NOVA IORQUE: DOVER PUBLICATIONS, INC.
- SERRA, A. (2014, SETEMBRO 08). AO FUNDO DA MINHA RUA: FEIRA DO SILVADO. *BLOGGER.COM*. [HTTP://AOFUNDODAMINHARUA1.BLOGSPOT.COM/2014/09/FEIRA-DO-SILVADO.HTML](http://aofundodaminharua1.blogspot.com/2014/09/feira-do-silvado.html)
- SILVA, M. (2013). *CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO: CIDADE DE ODIVELAS*. [DISSERTAÇÃO DE Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa]. REPOSITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. [HTTP://HDL.HANDLE.NET/10400.5/11876](http://hdl.handle.net/10400.5/11876)
- SIMMEL, G. (2020). *A TRAGÉDIA DA CULTURA* (T. COELHO, TRAD.). SÃO PAULO: ITAÚ CULTURAL: ILUMINURAS (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1911)
- SIZA, A. E GIANGREGORIO, G. (2012). *IMAGINAR A EVIDÊNCIA* (S. COSTA, TRAD.). LISBOA: EDIÇÕES 70 (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1998)
- STREY, M. (2014). *PSICOLOGIA SOCIAL CONTEMPORÂNEA: LIVRO-TEXTO* (ED. 7). RIO DE JANEIRO: EDITORA VOZES LTDA.
- TAINHA, M. (2006). *TEXTOS DE ARQUITECTURA*. LISBOA: CALEIDOSCÓPIO
- TAVARES, R. E COSTA, L. (2013). CULTURA E ARQUITETURA: A METAMORFOSE DO TIPO ARQUITETÓNICO DO EDIFÍCIO CULTURAL. *ARCHITECTON - REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO [ONLINE]*, VOL. 3 (Nº4), 81-103, : [HTTPS://REVISTAS.FACULDAEDAMAS.EDU.BR/INDEX.PHP/ARQUITETURA/ARTICLE/VIEW/329/312](https://revistas.faculdaedamas.edu.br/index.php/arquitetura/article/view/329/312)
- VAN DER HAM, S. E ULDEN, E. (2015, OUTUBRO 19). ZONAS HÍBRIDAS TORNAM AS RUAS PESSOAIS. *A CIDADE AO NÍVEL DOS OLHOS*, 144-149. KARSSENBERG, H. ET AL. ROTERDÃO. [HTTPS://THECITYATEYELEVEL.COM/STORIES/ZONAS-HIBRIDAS-TORNAM-AS-RUAS-PESSOAIS/](https://thecityateyelevel.com/stories/zonas-hibridas-tornam-as-ruas-pessoais/)

- VEIGA, M. (2018). *IDENTIDADE VISUAL TERRITORIAL DE ODIVELAS*. [DISSERTAÇÃO DE Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa]. REPOSITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. [HTTP://hdl.handle.net/10400.5/17867](http://hdl.handle.net/10400.5/17867)
- VIDIGUEIRA, J. (2014). *ESTUDOS E PROJETOS DE ARQUITETURA PAISAGISTA*. [RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE Mestrado em Arquitetura Paisagista, Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora]. REPOSITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA. [HTTP://hdl.handle.net/10174/18314](http://hdl.handle.net/10174/18314)
- VITRÚVIO, M. (1999). *VITRUVIUS: 'TEN BOOKS ON ARCHITECTURE'* (I. ROWLAND, ED. REVISADA). NOVA IORQUE: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1586)
- ZEVI, B. (1996). *SABER VER A ARQUITETURA* (M. OLIVEIRA, TRAD.) (5ªED.). SÃO PAULO: LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1918)
- ZUMTHOR, P. (2009). *ATMOSFERAS* (A. GRABOW, TRAD.). BARCELONA: EDITORIAL GUSTAVO GILI. (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 2006)

## CONSULTADA PARA INVESTIGAÇÃO

- CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS (2017). *DIAGNÓSTICO SOCIAL DO CONCELHO DE ODIVELAS*. LISBOA: CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS
- CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS (2019). *PLANO DE URBANIZAÇÃO DA VERTENTE SUL DE ODIVELAS*. LISBOA: DGOU-GPRUAC, CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS
- DIÁRIO DA REPÚBLICA (2015). *MUNICÍPIO DE ODIVELAS, AVISO N.º 10014/2015, PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE ODIVELAS*. DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª SÉRIE - Nº171. LISBOA: DIÁRIO DA REPÚBLICA.
- DIAS, R. (2003). *DINÂMICAS POPULACIONAIS NO CONCELHO DE ODIVELAS*. LISBOA: DGU/SIGMO
- INE (2001). *CENSOS 2001*. INE.PT. [HTTPS://WWW.INE.PT/XPORTAL/XMAIN?XPID=INE&XPGID=INE\\_PUBLICACOES&PUBLICACOES\\_PUB\\_BOUI=133411&PUBLICACOES\\_MODAL=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=INE_PUBLICACOES&PUBLICACOES_PUB_BOUI=133411&PUBLICACOES_MODAL=2)
- INGLIS, D. (2005). *CULTURE AND EVERYDAY LIFE*. NOVA IORQUE: ROUTLEDGE
- JACOBS, J. (2014). *MORTE E VIDA DAS GRANDES CIDADES*. (C. ROSA, TRAD.). SÃO PAULO: LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1961)
- KRIER, L. (2009). *THE ARCHITECTURE OF COMMUNITY*. WASHINGTON: ISLAND PRESS
- PERCURSO, C. e O.A - OFICINA DE ARQUITECTURA (2012). *PLANO DE URBANIZAÇÃO DA VERTENTE SUL DE ODIVELAS, RELATÓRIO AMBIENTAL PRELIMINAR*. LISBOA: CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS



- PEREIRA, N. (1994). PÁTIOS E VILAS DE LISBOA, 1870-1930: A PROMOÇÃO PRIVADA DO ALOJAMENTO OPERÁRIO. *ANÁLISE SOCIAL - REVISTA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA*, Vol. XXIX (nº 127) (3º), 509-524.
- PORTAS, N. (1971, SETEMBRO-OUTUBRO). TESTEMUNHO DE UM DOS AUTORES. *ARQUITECTURA: REVISTA DE ARQUITETURA, PLANEAMENTO, DESIGN, ARTES PLÁSTICAS* (nº 123), 171-172.
- QUINTAS, A. (2014, DEZEMBRO). GÉNESE E EVOLUÇÃO DOS MODELOS DE ESTRUTURA VERDE URBANA NA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES. *A OBRA NASCE* (nº8), 153-167. FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA.
- SIMMEL, G. (2009). *A FILOSOFIA DA PAISAGEM* (A. MORÃO, TRAD.). COVILHÃ: LUSOSOFIA PRESS (TRABALHO ORIGINAL PUBLICADO 1913)
- TÁVORA, F. (1999). *DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO* (4ª Ed.). PORTO: FAUP PUBLICAÇÕES
- TOSTÕES, A., AFONSO, J., LOPES, D., ET AL. (2004). *ARQUITETURA E CIDADANIA - ATELIER NUNO TEOTÓNIO PERERIA*. LISBOA: QUIMERA
- UTRAT (2012). *PROPOSTA CONCRETA DE REORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO TERRITÓRIO*. LISBOA: MUNICÍPIO DE ODIVELAS
- ZUMTHOR, P. (2011). *THINKING ARCHITECTURE*. BERLIN: BIRKHÄUSER - PUBLISHERS FOR ARCHITECTURE





# | ANEXOS

ANEXOS I	201
ORTOFOTOMAPAS HISTÓRICOS	201
DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS	203
EXPRESSÃO CULTURAL	206
ANEXOS II	209
CARATERIZAÇÃO DE ODIVELAS	209
ANÁLISE SWOT	210
PROPOSTA URBANA	214
ANEXOS III	217
ORTOFOTOMAPAS	217
LEVANTAMENTOS FOTOGRÁFICOS DA AUTORA	218
ANEXOS IV	225
PAINÉIS INTERMÉDIOS DO CASO DE ESTUDO	225
ESQUIÇOS E DESENHOS DIGITAIS	230
MAQUETAS DE ESTUDO E FINAIS	239
ANEXOS V	247
ESTRATÉGIA URBANA 1.2000	248
ESCALA DO PARQUE 1.500	252
ESCALA DA ARQUITETURA 1.200	256
ZONAS AMPLIADAS 1.100	264
PORMENORES CONSTRUTIVOS 1.20/1.5	268
FOTOGRAFIAS DA APRESENTAÇÃO	272

ANEXOS I

ORTOFOTOMAPAS HISTÓRICOS  
DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS  
EXPRESSÃO CULTURAL

## ANEXOS I

---

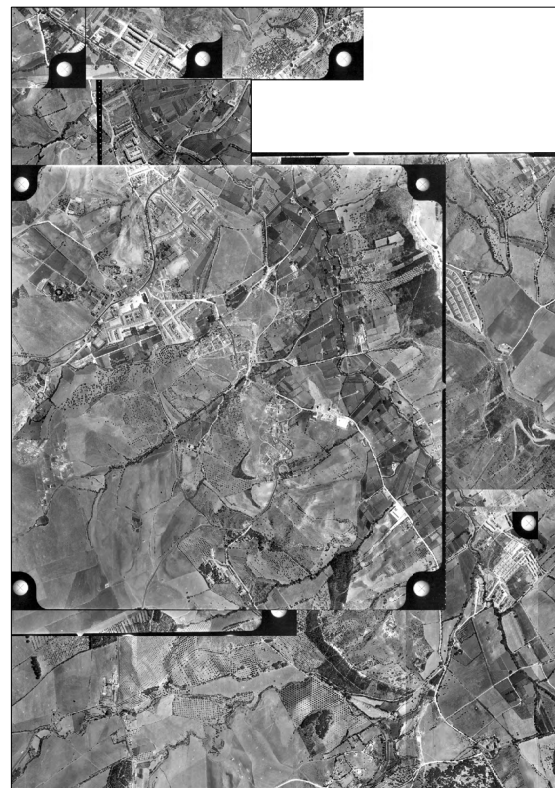
### COMPLEMENTOS À INVESTIGAÇÃO

#### ORTOFOTOMAPAS HISTÓRICOS

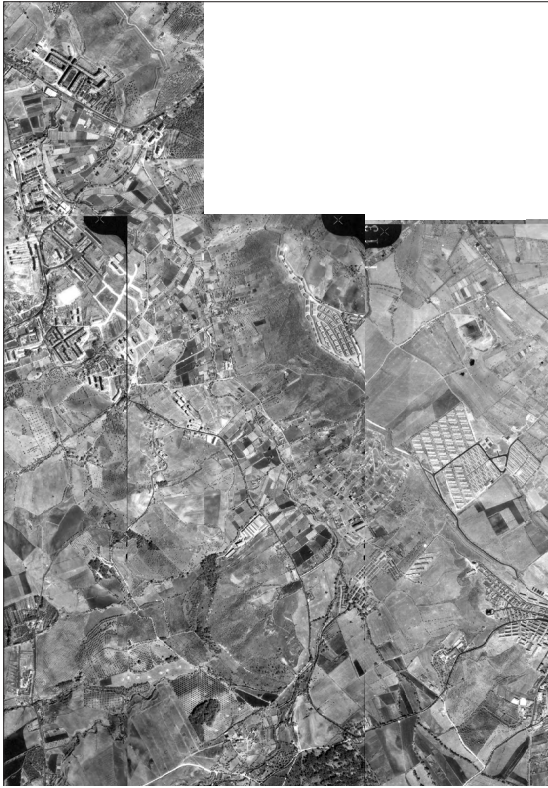
##### 1. Evolução do tecido urbano de Odivelas de 1944 a 1989



Vista aérea Odivelas 1944



Vista aérea Odivelas 1960



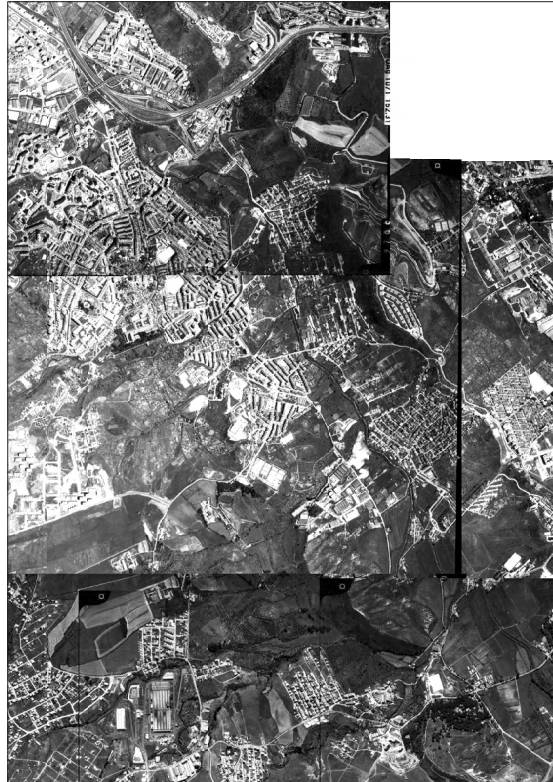
Vista aérea Odivelas 1965



Vista aérea Odivelas 1977



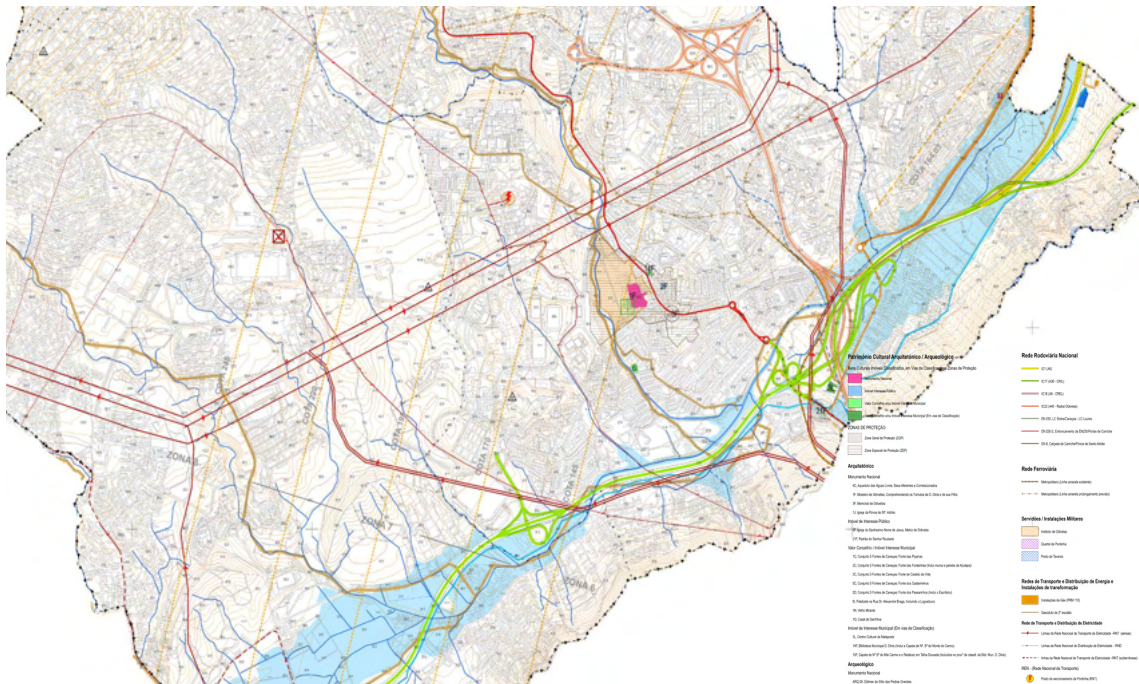
Vista aérea Odivelas 1982



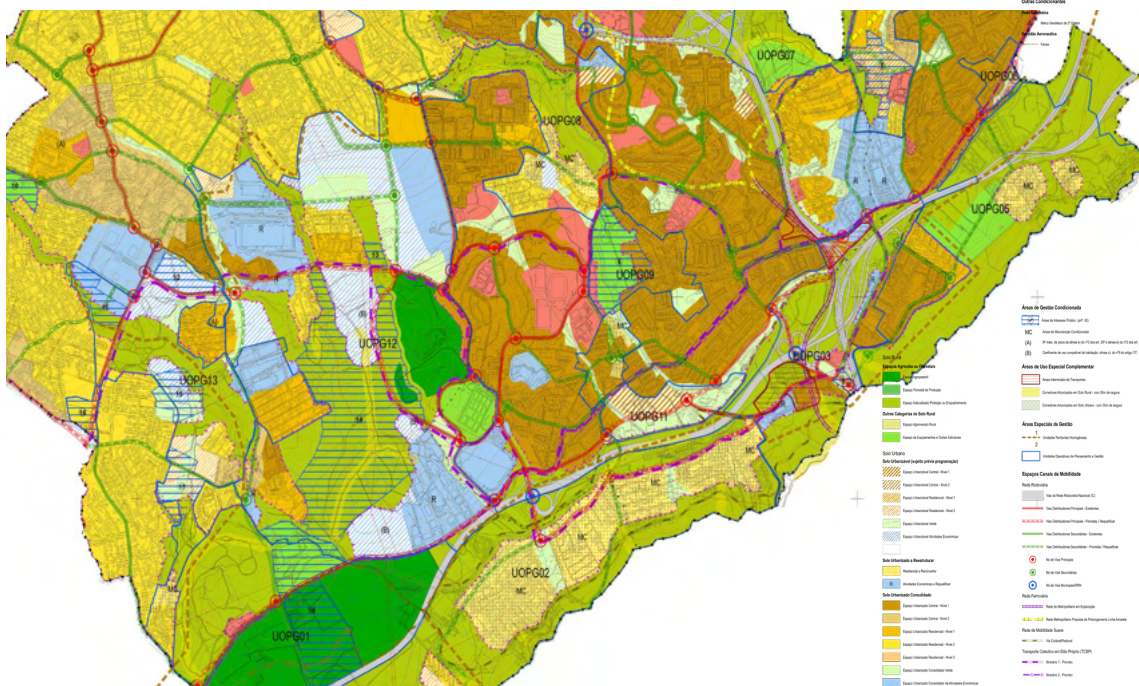
Vista aérea Odivelas 1989

# DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS

## 1. Plantas de condicionantes, CM Odivelas

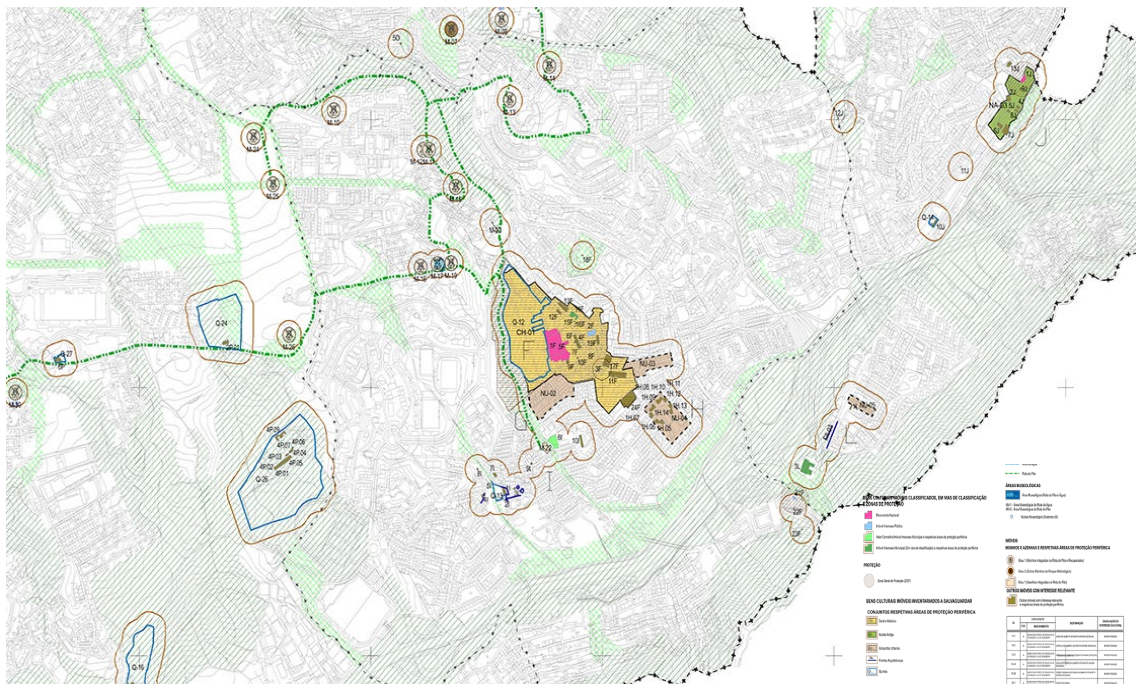


Planta de serviços administrativos e restrições de utilidade pública

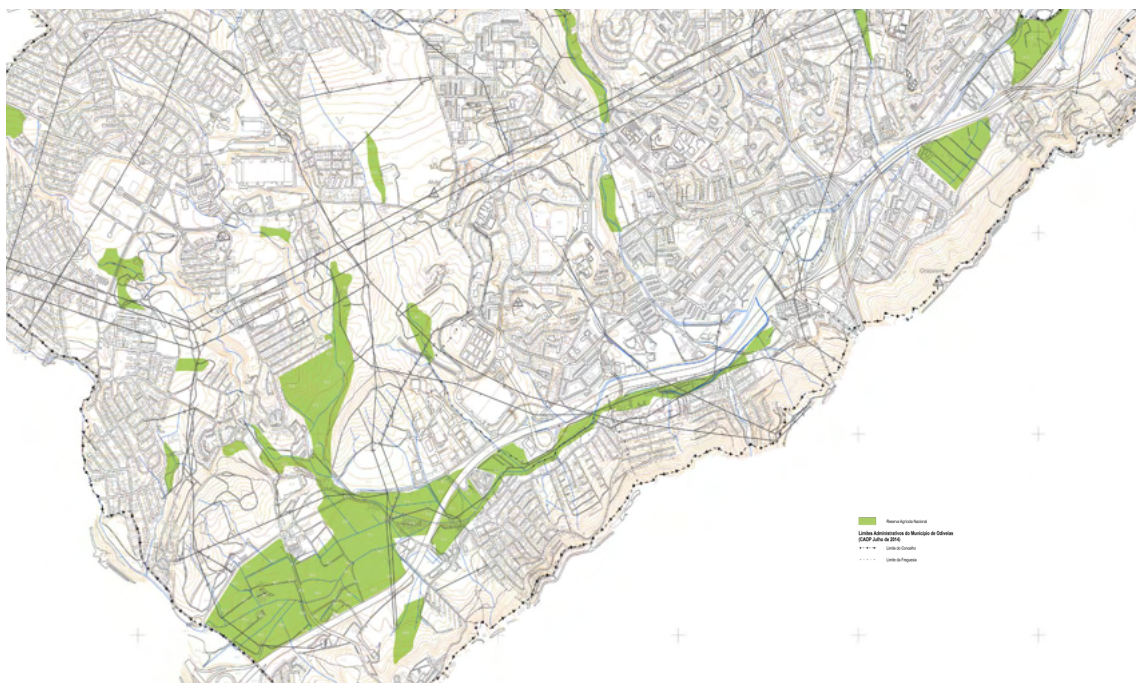


Planta de usos do solo



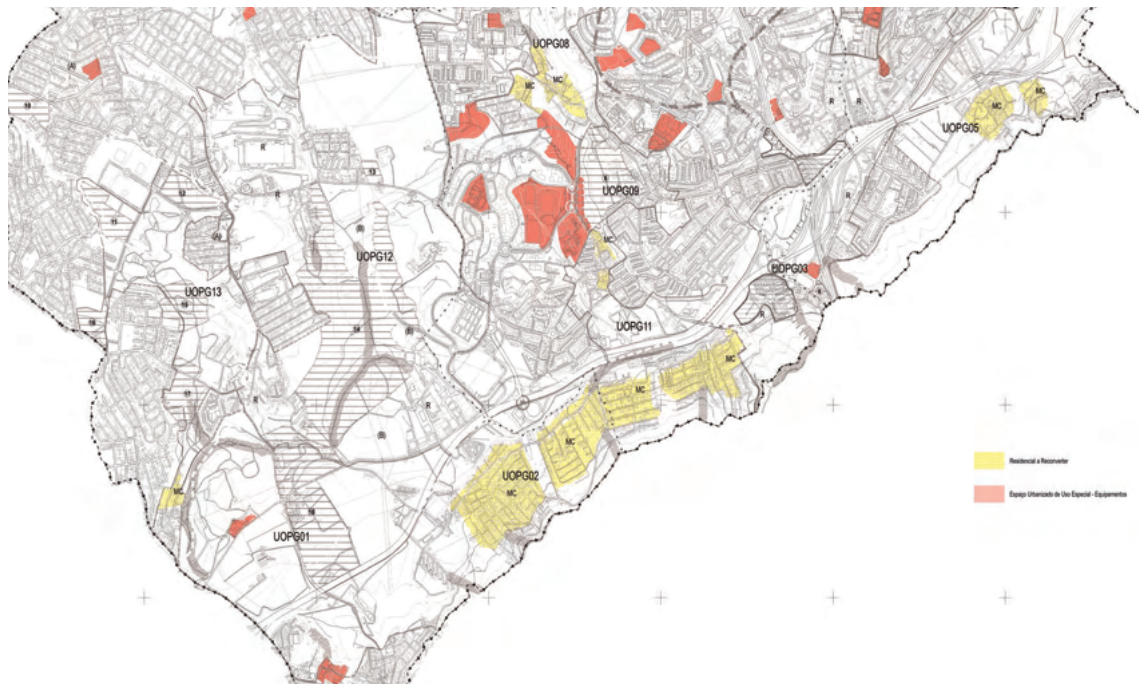


Planta de património cultural arquitetónico



Planta de reserva agrícola nacional - RAN

## 2. Plantas de principais problemáticas em Odivelas



Planta de AUGIs e Equipamentos



Planta das infraestruturas

## EXPRESSÃO CULTURAL

### 1. Cinema ao luar em Odivelas, CM Odivelas



### 2. Encontro de Tunas, CM Odivelas



### 3. Portas abertas à população no Mosteiro de Odivelas, CM Odivelas





4. Diversidade cultural de Odivelas, CM Odivelas



4. Revistas de Odivelas, CM Odivelas



## ANEXOS II

CARATERIZAÇÃO DE ODIVELAS

ANÁLISE SWOT

PROPOSTA URBANA

## ANEXOS II

### ANÁLISES DE GRUPO DO LUGAR

Grupo constituído por: Andreia Antunes, Débora Costa, Inês Gil, Márcia Évora, Virginie Leclair

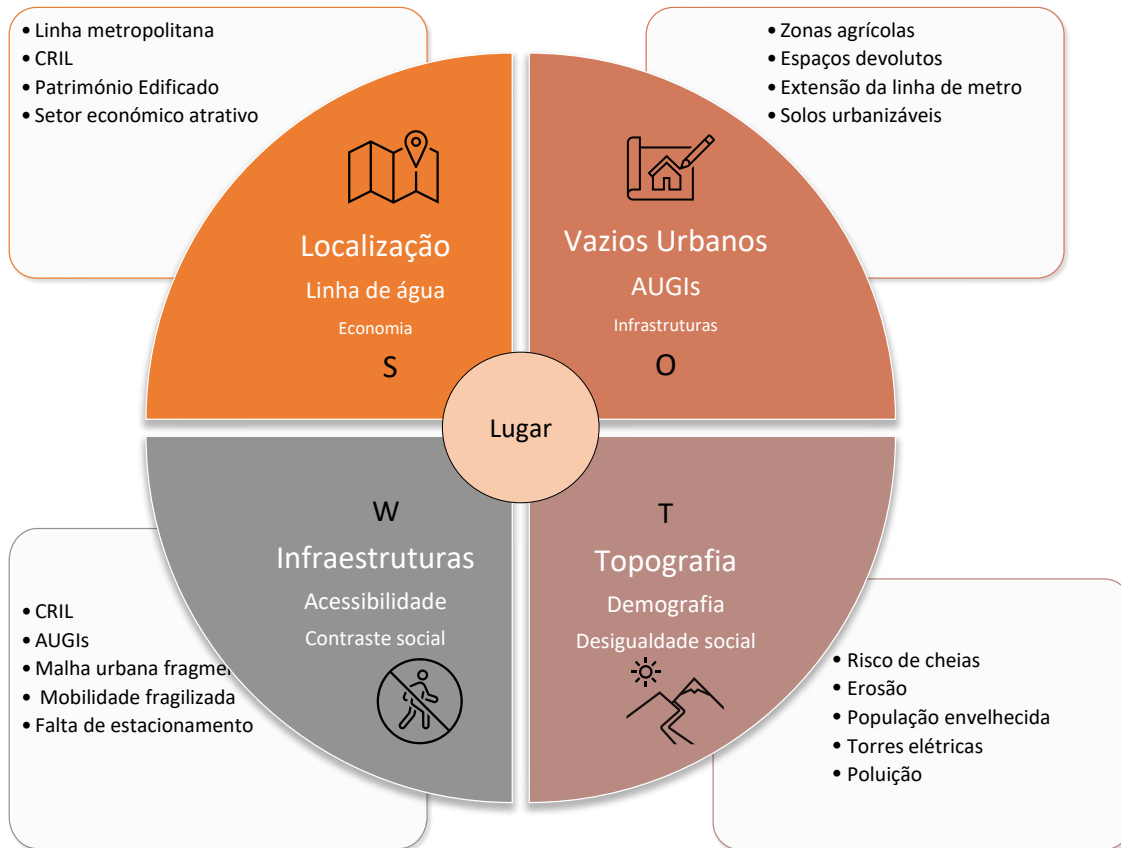
#### CARATERIZAÇÃO DE ODIVELAS

##### 1. Tomografia Urbana e caracterização do local



## ANÁLISE SWOT

### 1. Diagrama da Análise SWOT da zona de Odivelas

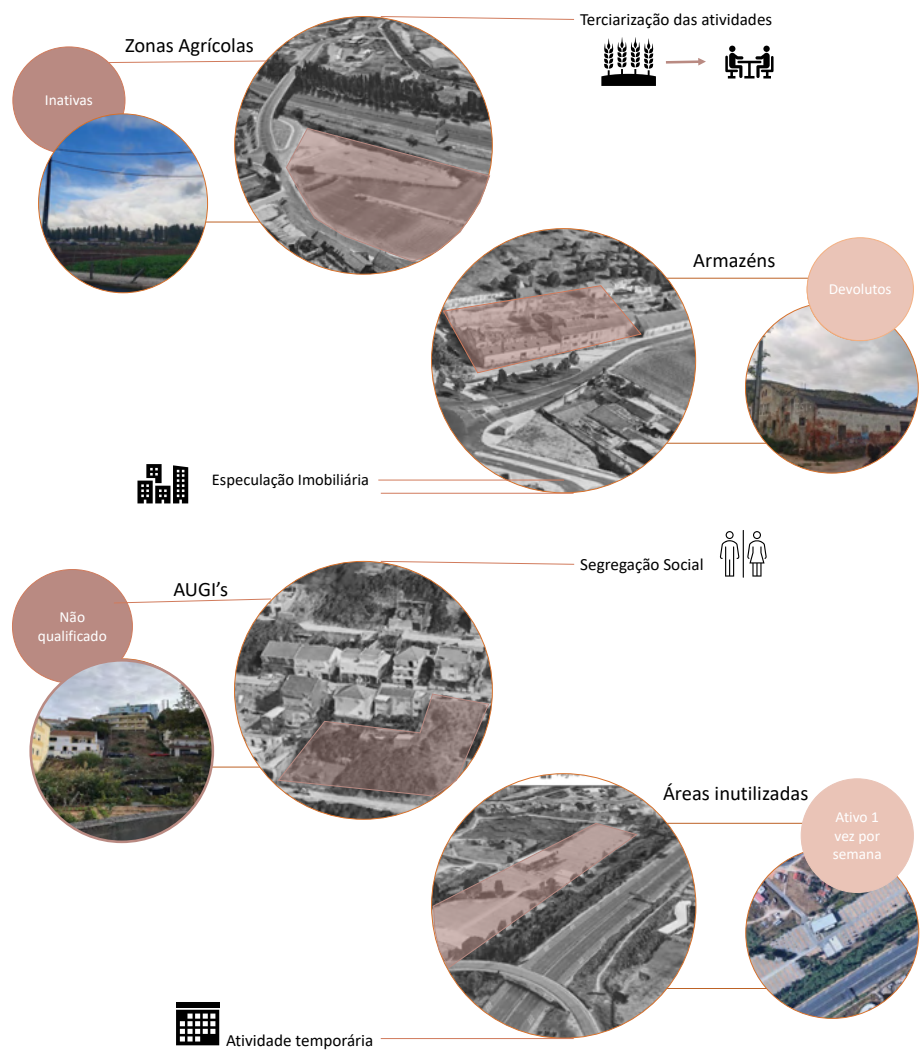


### 2. Principais pontos da análise SWOT





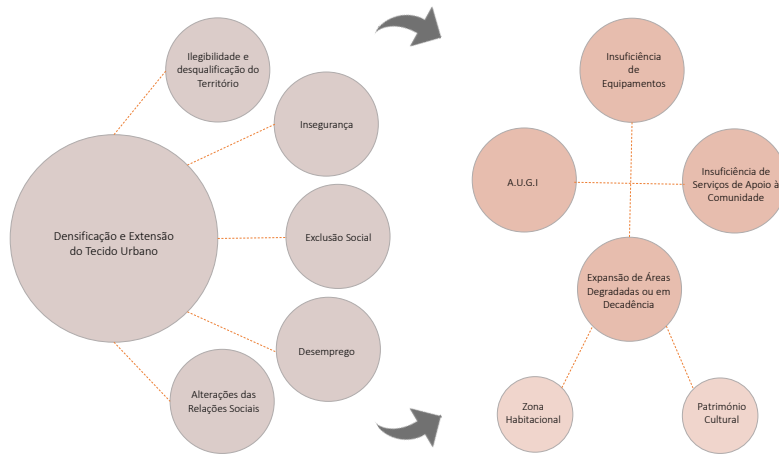
Mobilidade Sustentável



Vazios Urbanos



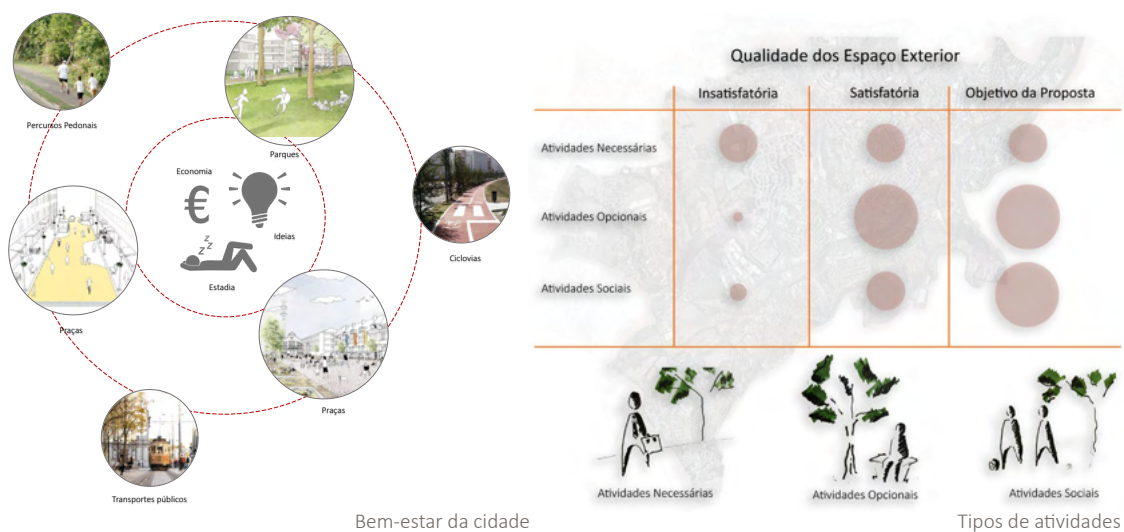
### 3. Síntese da análise



### 4. Literatura de Interesse



### 5. Princípios de Jan Gehl



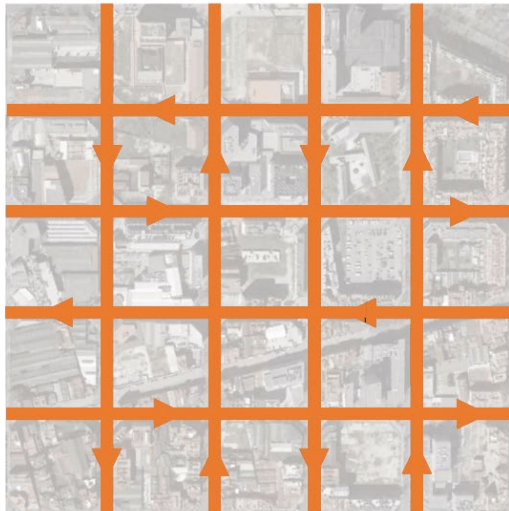


Percursos

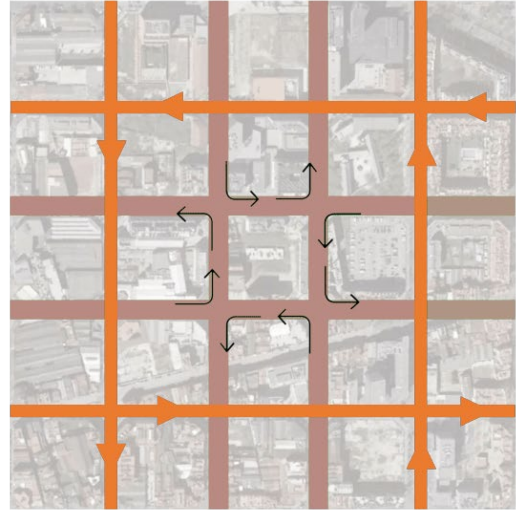


Escala Humanizada

### 6. Princípio do superquarteirão



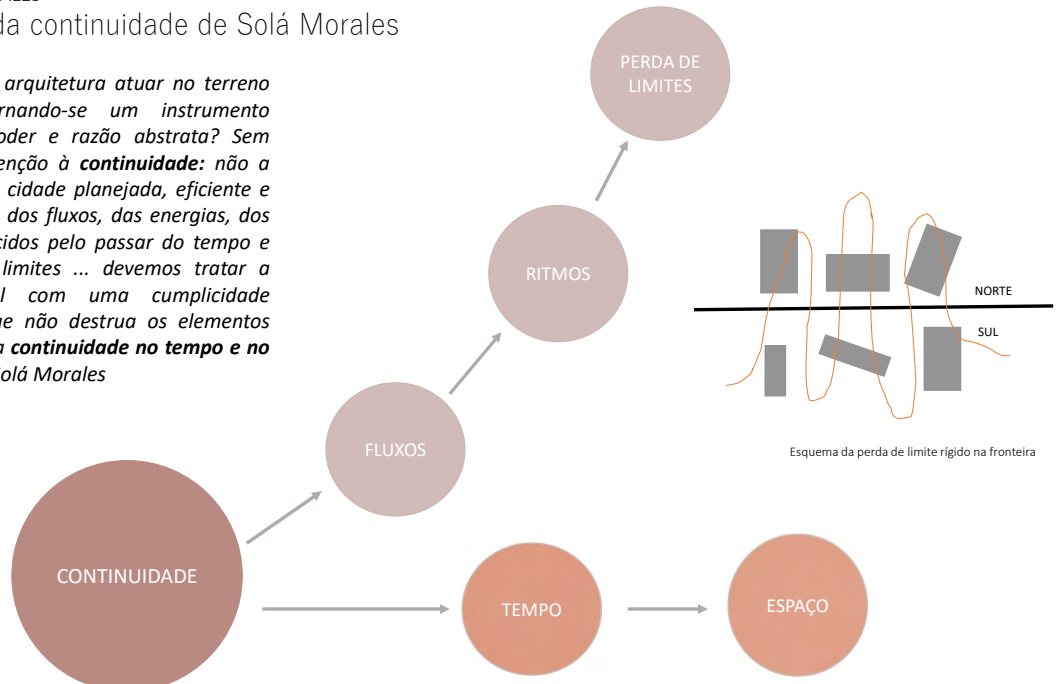
Quarteirão atual de Barcelona – Mobilidade lenta e rápida conjunta



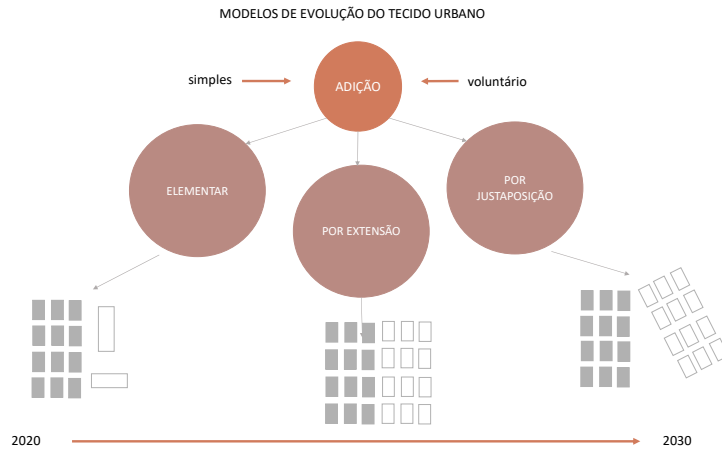
Superquarteirão de Barcelona – Mobilidade lenta no interior e rápida na periferia

### 7. Princípio da continuidade de Solá Morales

*“Como pode a arquitetura atuar no terreno vago sem tornando-se um instrumento agressivo de poder e razão abstrata? Sem dúvida, pela atenção à **continuidade**: não a continuidade da cidade planejada, eficiente e legitimada, mas dos fluxos, das energias, dos ritmos estabelecidos pelo passar do tempo e pela perda de limites ... devemos tratar a cidade residual com uma cumplicidade contraditória que não destrua os elementos que mantêm sua **continuidade no tempo e no espaço**”.* (113) Solá Morales



## 8. Princípio do tempo e forma de Dias Coelho



## 9. Corredor Verde de Monsanto



### PROPOSTA URBANA

### 1. Estratégia de ocupação e fluxos



## 2. Proposta Urbana



## 3. Proposta urbana apresentação

### DO BAIRRO À CIDADE I ODIVELAS SUL

PROPOSTA URBANA II — ODIVELAS PARA AS PESSOAS



PLANTA DA PROPOSTA URBANA 1:2000



VISUALIZAÇÃO DO JARDIM



ANEXOS III

ORTOFOTOMAPAS

REGISTOS FOTOGRÁFICOS DA AUTORA

REFERÊNCIAS ADICIONAIS

## ANEXOS III

---

### COMPLEMENTOS AO PROJETO

#### ORTOFOTOMAPAS

##### 1. Mapa de Odivelas



##### 2. Mapa do Parque do Silvado



## REGISTOS FOTOGRÁFICOS DA AUTORA

### 1. Fotografias de Odivelas

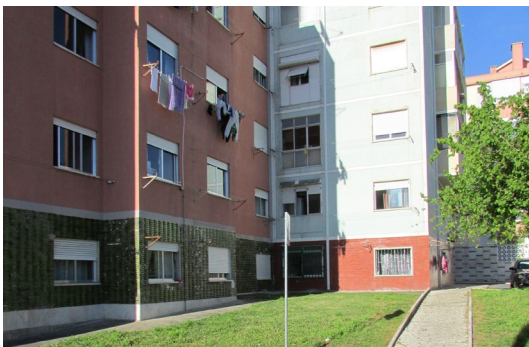














2. Fotografias do Lumiar, exemplo de espaço urbano



## ANEXOS IV

PAINÉIS INTERMÉDIOS DO CASO DE ESTUDO

ESQUIÇOS E DESENHOS DIGITAIS

MAQUETAS DE ESTUDO E FINAIS

# ANEXOS IV

## PROCESSO DE TRABALHO

### PAINÉIS INTERMÉDIOS DO CASO DE ESTUDO

#### 1. Painéis Apresentação Laboratório de Projeto VI

**1 CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS**  
PLANO DO PORMENOR  
ARQUITETURA DE TRANSIÇÃO

"Toda a arquitetura tem um efeito na mente do homem, não fazendo apenas um serviço à moldura humana".  
(Ruskin, 1989)

A arquitetura insere-se sempre num contexto existente. Para tal ela deve estabelecer relações com o envolvente. Os espaços de transição são indispensáveis para que esta relação seja alcançada de uma maneira controlada.

O centro cultural para Odivelas (su), inserido no atual terreno da Feira do Silveiro explora os vários momentos de transição entre uma realidade exterior e outra interior, coletiva e individual. Este objeto arquitetónico em si, funciona como intermédio da relação entre a feira e os espaços dedicados à agricultura, a realidade da cidade e o parque urbano.

Como resultado, o edifício é dotado de arcadas e galerias, pátios de transição e pátios internos e diferentes modalidades de circulação e percursos com mudanças de altura de pé-direito.



PLANO DE LOCALIZAÇÃO

PLANO DE DETALHAMENTO

PLANO ESCHEMÁTICO DA ESTRUTURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE ARQUITETURA

PROJETO DE ARQUITETURA - CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS (SU)

DEBORA COSTA

LABORATÓRIO DE PROJETO VI

MIRAO SC

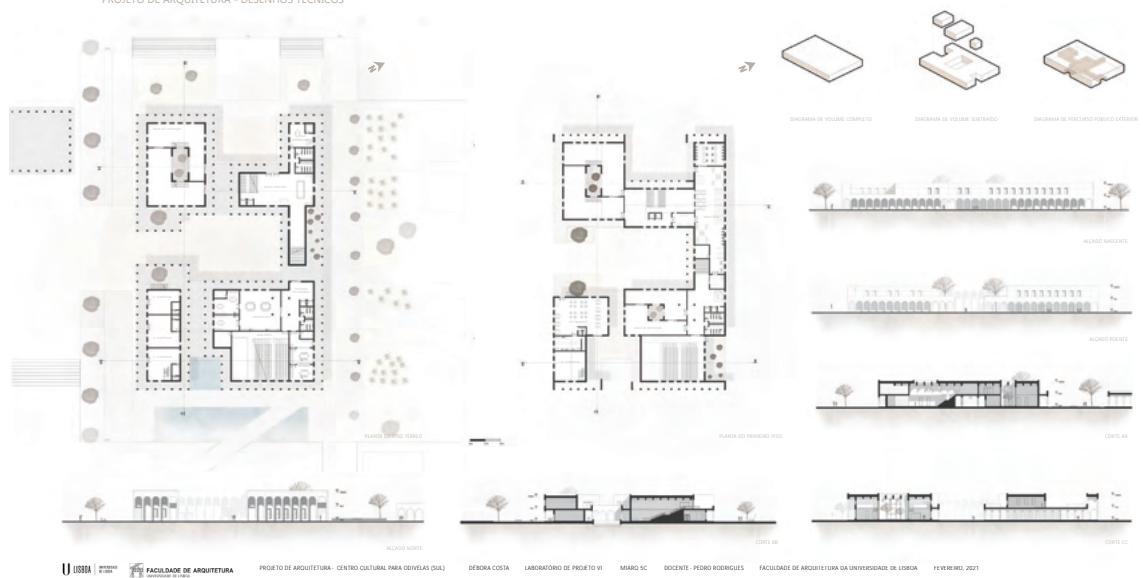
DOCENTE - PEDRO RODRIGUES

FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

FEVREIRO, 2021

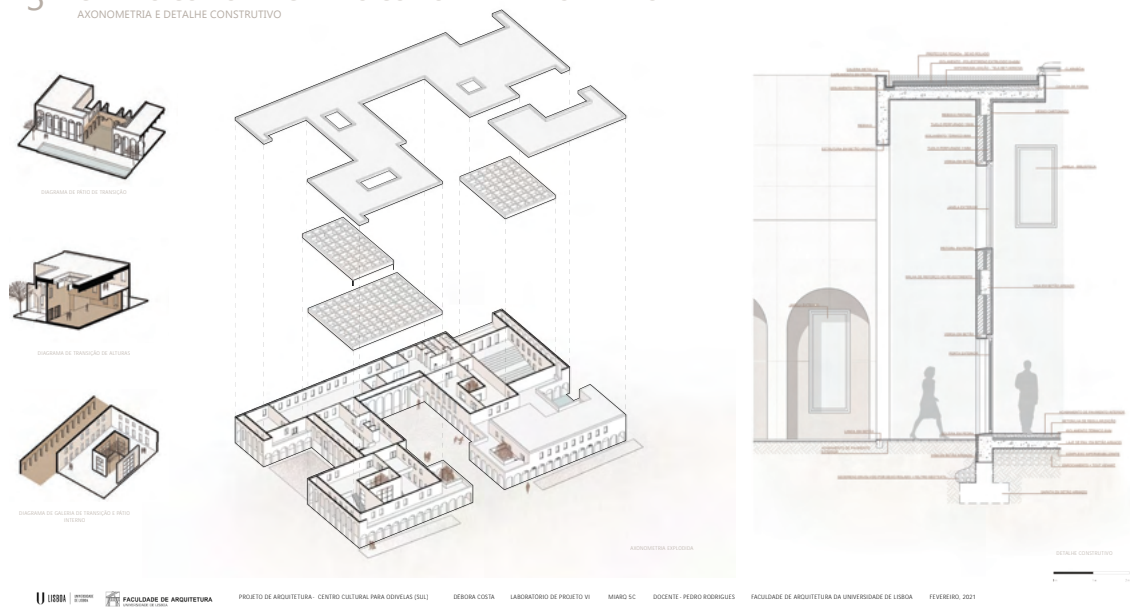
## 2 CENTRO CULTURAL CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS

PROJETO DE ARQUITETURA - DESENHOS TÉCNICOS



## 3 CENTRO CULTURAL CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS

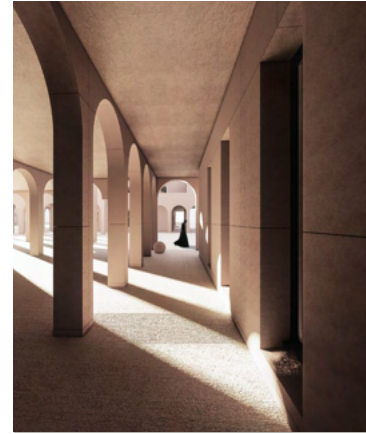
AXONOMETRIA E DETALHE CONSTRUTIVO



## 4 CENTRO CULTURAL CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS AMBIENTES



ORGANIZAÇÃO DA SALA DE EXPOSIÇÃO



ORGANIZAÇÃO DAS GALERIAS DE TRANSIÇÃO

U LISBOA | FACULDADE DE ARQUITETURA | PROJETO DE ARQUITETURA - CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS (DUA) | DÉBORA COSTA | LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARIS SC | DOCENTE: PEDRO RODRIGUES | FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA | FEVEREIRO, 2021

### I CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS O TEMA

#### NOMES RELEVANTES

TEOTÓNIO PERERIRA E NUNO PORTAS



NUNO TEOTÓNIO PEREIRA E NUNO PORTAS ANA TOSTÕES

SIZA VIEIRA

HERTZBERGER

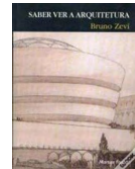
JAN GEHL



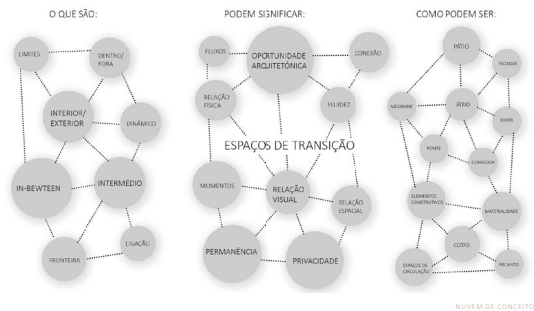
A VIDA ENTRE EDIFÍCIOS JAN GEHL

BRUNO ZEVI

JOHN RUSKIN



SABER VER A ARQUITETURA BRUNO ZEVI



MONTAGEM FOTOGRÁFICA DOS ESPAÇOS, AMBIENTES E FORMA DE REFERÊNCIA

U LISBOA | FACULDADE DE ARQUITETURA | PROJETO DE ARQUITETURA - CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS (DUA) | DÉBORA COSTA | LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARIS SC | DOCENTE: PEDRO RODRIGUES | FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA | FEVEREIRO, 2021



## 2. Painéis síntese do processo de trabalho do caso de estudo (Seminários de Apoio ao PFM)

# 01 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIO-TERRITORIAL UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

### PROBLEMÁTICA

O território de Odivelas é marcado por um desequilíbrio socio-territorial. A norte, a cidade encontra-se consolidada, com equipamentos de serviço público.

A vertente sul é característica pelas AUGIs e pobres estratégias de planeamento urbano. A CRIL e o metro do Senhor Roubado por um lado, facilitam a mobilidade rápida, mas por outro enfatizam o fenómeno de fragmentação na zona sul.

A proposta pretende articular as distintas vertentes, criar espaços de serviço e de lazer para pessoas, dotar a cidade de um equipamento de suporte à cultura.

### CARACTERIZAÇÃO VISUAL DO LUGAR



### FRAGILIDADES

#### PRINCIPAIS FRAGILIDADES:

- FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL
- DESIGUALDADES SOCIAIS
- CARÊNCIA DE EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS
- ESPAÇOS PÚBLICOS DESQUALIFICADOS
- CIDADE DORMITÓRIO

### OBJETIVOS

#### PRINCIPAIS OBJETIVOS:

- ARTICULAR AS ZONAS FRAGMENTADAS
- PROMOVER URBANIDADE E VIVÊNCIA DAS PESSOAS
- RESponder À ESCASSEZ DE EQUIPAMENTOS QUE SIRVAM AS PESSOAS
- QUALIFICAR O ESPAÇO URBANO PÚBLICO
- INTEGRAÇÃO TERRITORIAL E INTERAÇÃO SOCIAL POR MEIO DE UM EQUIPAMENTO PÚBLICO

### TEMA E PALAVRAS-CHAVE

O EQUIPAMENTO CULTURAL, O ESPAÇO URBANO QUALIFICADO E SUAS INTER-RELAÇÕES



### ESTRUTURA

#### ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

#### 2.1 A ARQUITETURA E A CULTURA



**ARQUITETURA**  
"a definição mais precisa que se pode dar atualmente da arquitetura é a que leva em conta o espaço" (Zevi, 1984, p.24).

**CULTURA**  
Cultura simbólica - que retrata a manifestação popular, da comunidade, e Cultura material - são as obras e práticas da arte, do intelectual e do entretenimento.

#### 2.2 OS MEIOS DE INTERAÇÃO: OS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO



**"INTERVALO"**  
"O valor deste conceito é mais explícito na soleira «par excellence», a entrada de uma casa. (...) encontro e a reconciliação entre a rua, de um lado, e o domínio privado, de outro" (Hertzberger, 1999, p.31)

**ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO**  
Constituem lugares indispensáveis aos edifícios e a sua qualidade de vivência pois são proporcionadores de convívio, capazes de incentivar as inter-relações sociais.

#### 2.3 A RELAÇÃO COM O ESPAÇO URBANO



**ESPAÇO PÚBLICO**  
O espaço público é o lugar das relações sociais, onde a vida urbana se desenrola. Está associado ao acesso livre e à igualdade social, e é o gerador da forma urbana.

**CIDADE PARA AS PESSOAS**  
A cidade segura é aquela que mais pessoas estão em movimento e permanecem nos espaços públicos, a cidade convida a caminhar, pedalar e permanecer. É um local de encontro e onde as pessoas podem partilhar o espaço público.

### BIBLIOGRAFIA



Saber ver a arquitetura  
Bruno Zevi



Olhos da pele  
Juhani Pallasmaa



Lições de arquitetura  
Herman Hertzberger



Apartamentos (p.u.t) arquitetura  
Pedro Vieira de Almeida



Paisagem urbana  
Gordon Cullen



Cidades Para Pessoas  
Jan Gehl

### METODOLOGIA

Estudo de Caso com uma abordagem qualitativa.

Principais componentes:

PRÁTICA E TEÓRICA COMPLEMENTARES.



### CRONOGRAMA DE TRABALHO



## 02 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIO-TERRITORIAL UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO



### CASOS DE REFERÊNCIA



CENTRO DE ARTE E CULTURA DE SHOU - Studio Zhu-Pei  
 • Integração de pátios  
 • Percurso público exterior



FUNDAÇÃO CALISTO GUBBENKIAN - Ruy d'Athouglia  
 • Relações com o espaço verde exterior  
 • Relação do edifício na cidade



CENTRO CULTURAL DE BELEM - V. Gregotti e M. Salgado  
 • Fluides interior-exterior  
 • Espaços de transição

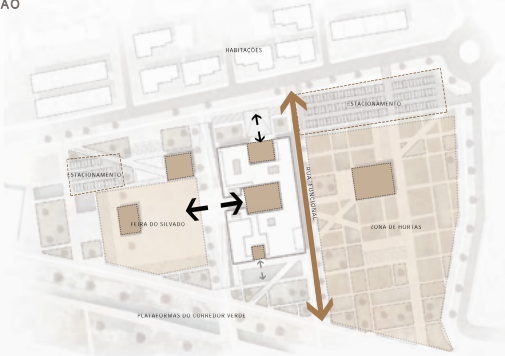


SESC POMPEIA - Lina Bo Bardi  
 • Relação espaço e comunidade  
 • Programa sócio-cultural

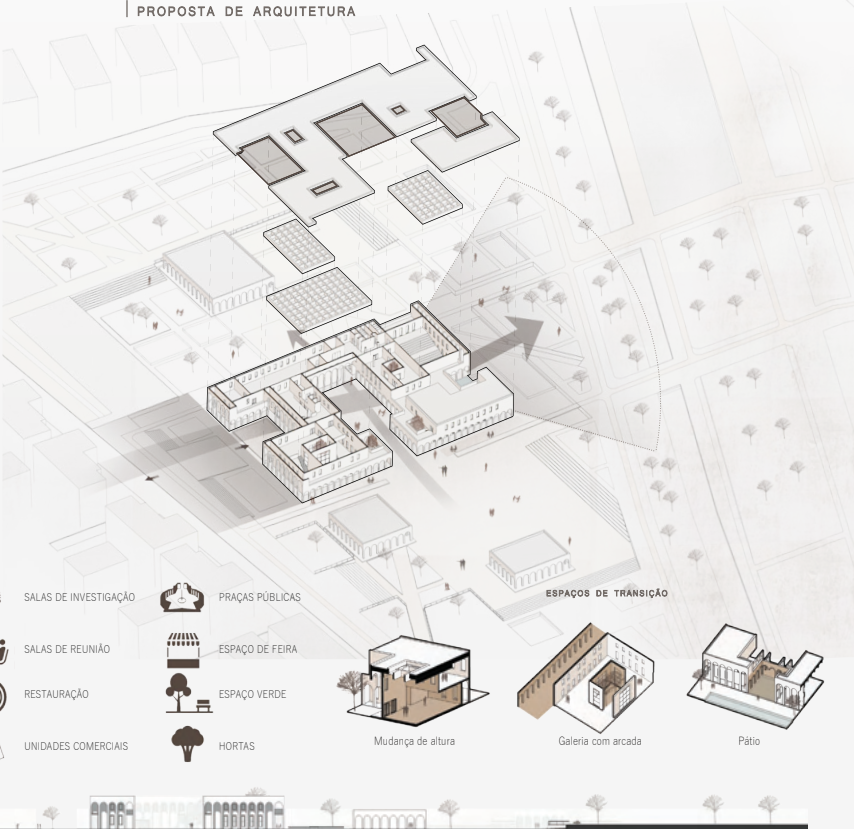
### ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

- PROPOSTA COMO TRANSIÇÃO ENTRE VERTENTES
- RELAÇÃO ENTRE EQUIPAMENTO E ESPAÇO PÚBLICO
- JOGO DE CHEIOS E VAZIOS NO PROCESSO CONCEPTUAL

#### ESQUEMA CONCEPTUAL DO VOLUME



### PROPOSTA DE ARQUITETURA



### PROGRAMA

- SALAS DE EXPOSIÇÃO
- BIBLIOTECA
- AUDITÓRIO
- MEDIATECA

- SALAS DE INVESTIGAÇÃO
- SALAS DE REUNIÃO
- RESTAURAÇÃO
- UNIDADES COMERCIAIS

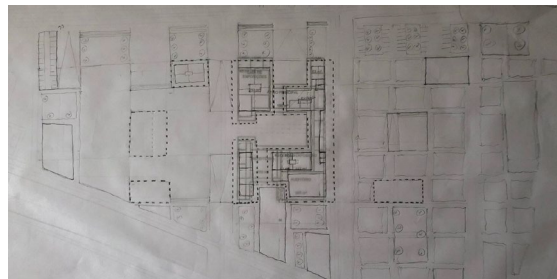
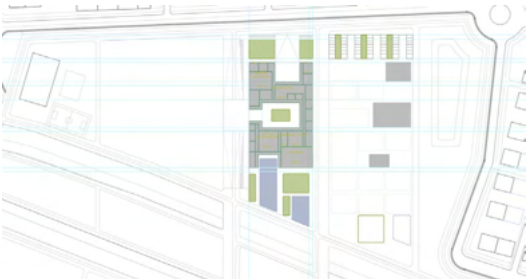
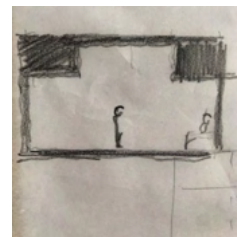
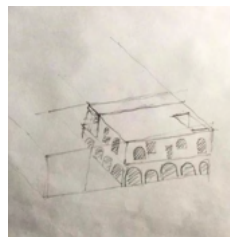
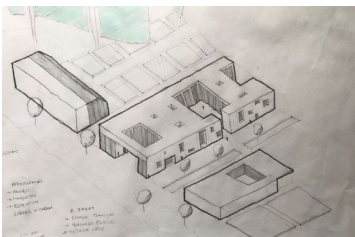
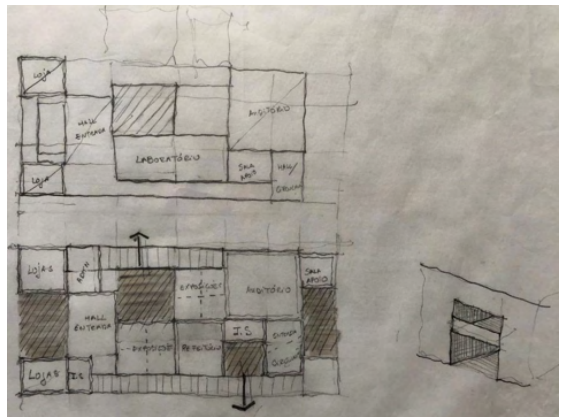
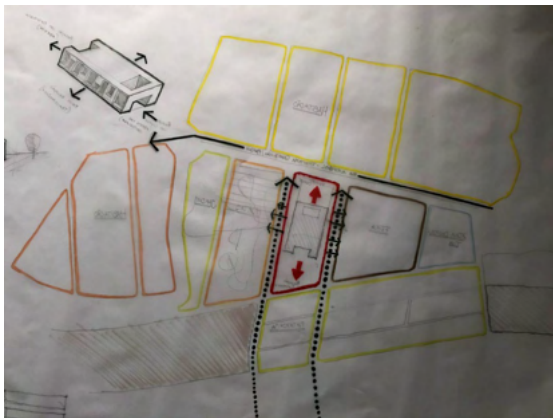
- PRAÇAS PÚBLICAS
- ESPAÇO DE FEIRA
- ESPAÇO VERDE
- HORTAS

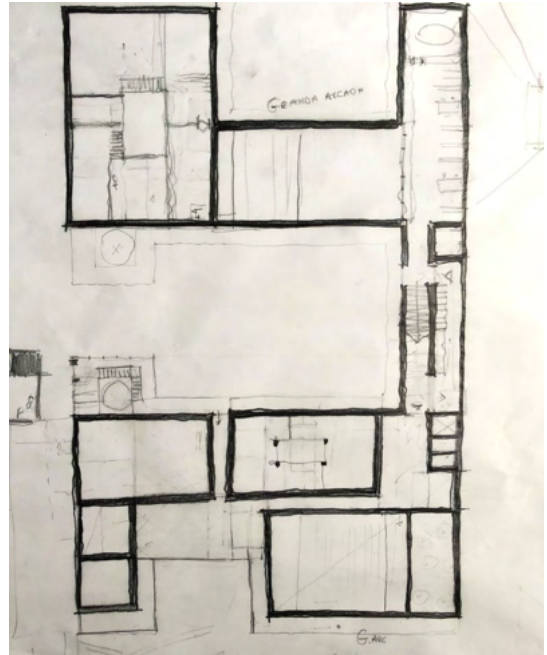
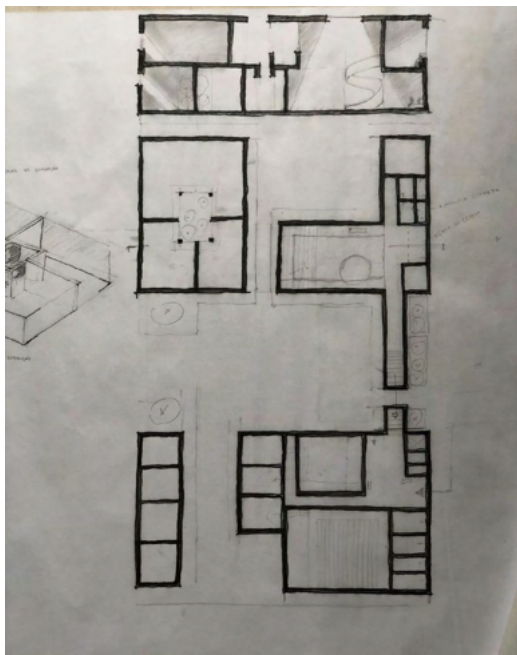
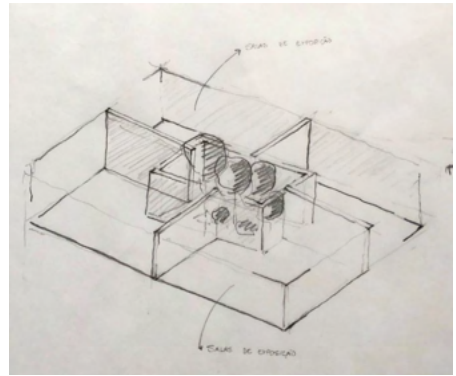
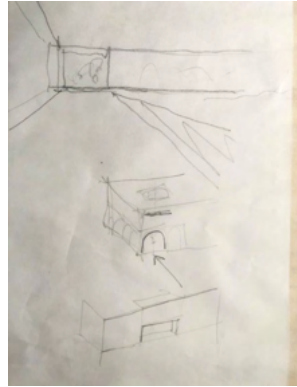
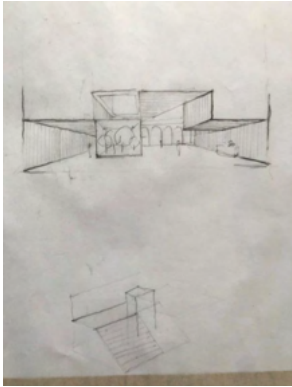
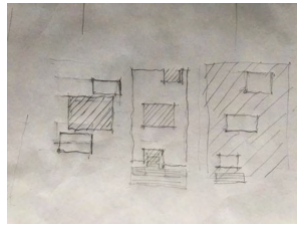
#### ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO

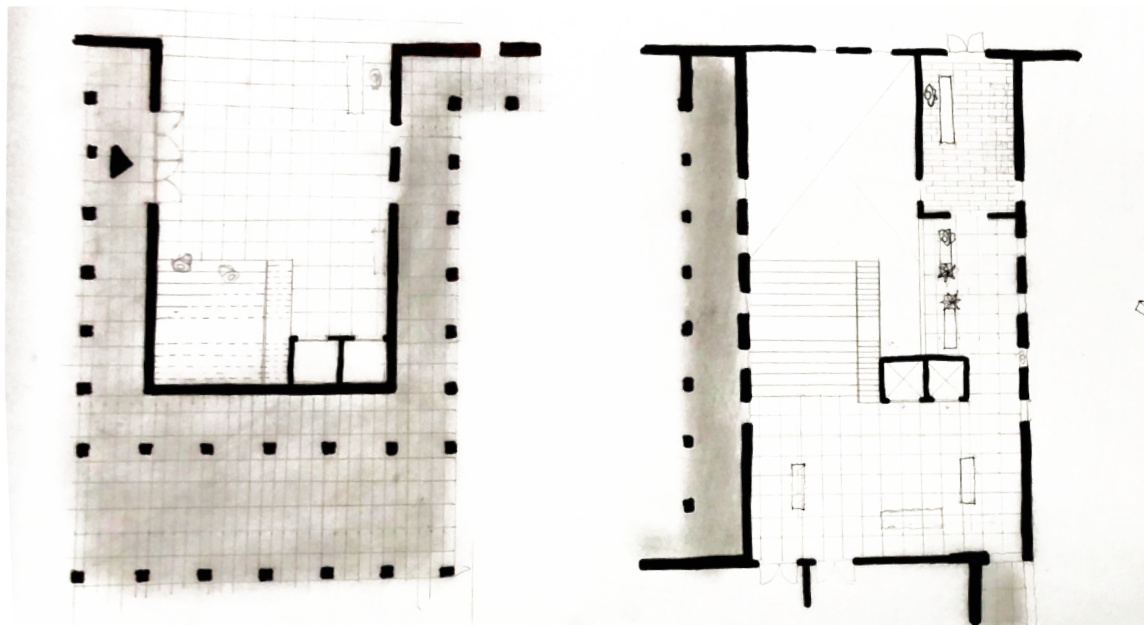


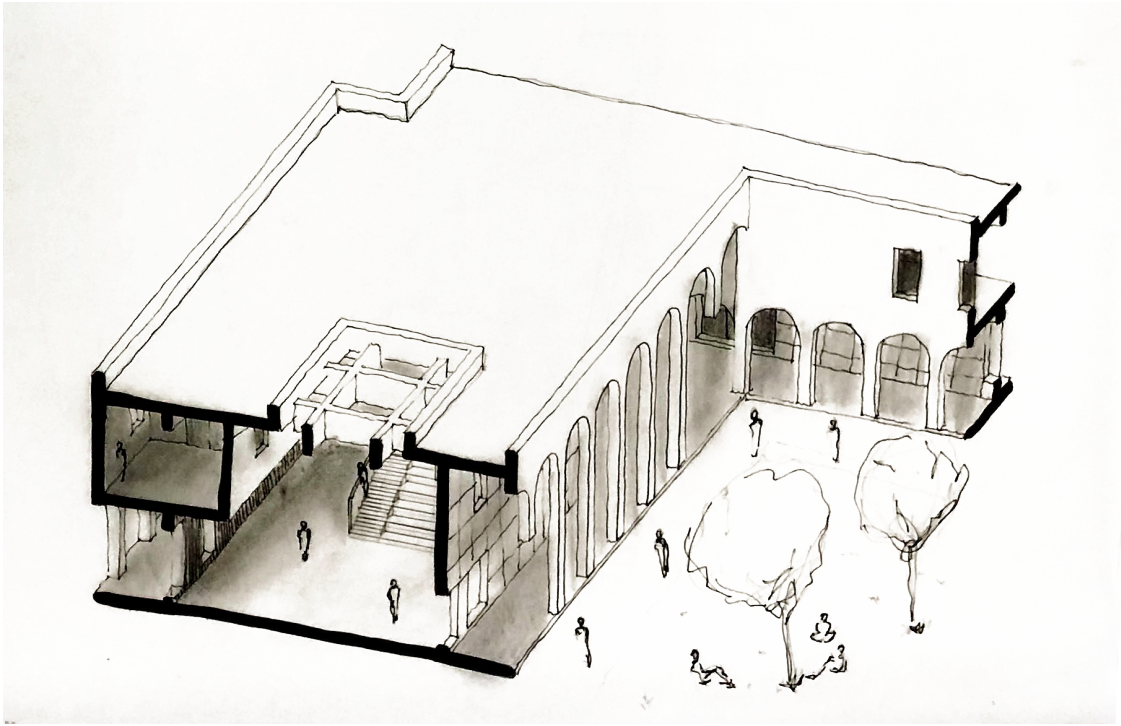
# ESQUIÇOS E DESENHOS DIGITAIS

## 1. Esquiços









## 2. Processo digital

### OBJETIVOS E PROGRAMAS

#### CENTRO CULTURAL / AGRICULTURA URBANA?

	PROGRAMA CONCEPTUAL:	PROGRAMA FÍSICO:
Promoção da Cultura	Teatro	Auditório
Consciência Ambiental	Artesanato	Salas Polivalentes
Sustentabilidade	Música	Biblioteca
Agricultura Urbana	Dança	Sala de Exposição
Pedagogia	Arte	Comércio
Interação Social	Conhecimento	Laboratório?
	Espectáculos	Estufa?
	Workshops	

### RELAÇÕES



### ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO

"Transition is an in between state, in architecture, it is defined as a link or a connection between two (or more) enclosed spaces." (Szauter, 2018)



"Temporary spaces give us the opportunity to get closer to the natural world that we consider to be self-evident. (...) Nature is one of the basic pillars of our lives, so it is important to live in it with harmony." (Szauter, 2018)



"They contribute to the spatial quality of space, be it any setting or environment. Their role is functional, social, symbolic and visual, and they can serve as building blocks for sustainability." (Szauter, 2018)



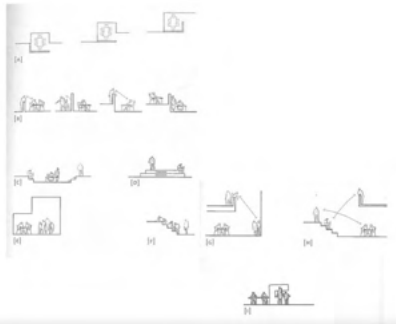
Hierarquia nas transições:

Espaço natural para cidade  
 Espaço público para privado  
 Exterior para interior  
 De interior para interior

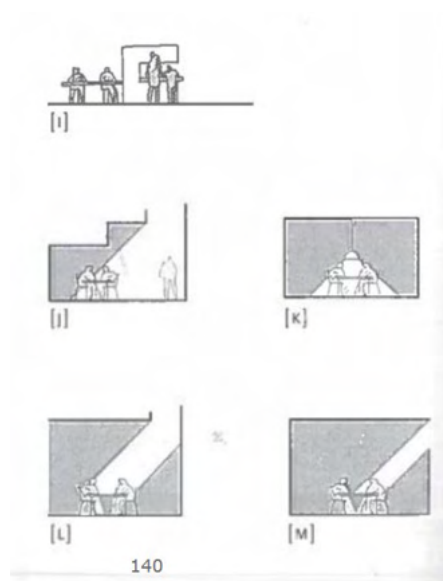
"Therefore, I have divided them into three groups: the first is the transition between the two places (interior-interior, outer-outer space), the second is the transition space between outer and inner spaces, and the third is the transitions between the natural and constructed environment." (Szauter, 2018)



While structuralism deals with a physical form the frame can also be a space, a boundary or a field. Bernard Cache describes it as a territorium, a space filled with possibilities\*. The term frame is understood not as a boundary but as a frame, which relates to both is content and what surrounds it. Cache talks about a field. The field is, much like Hertzberg.



TEOTÓNIO PERERIRA E NUNO PORTAS



SIZA VIEIRA

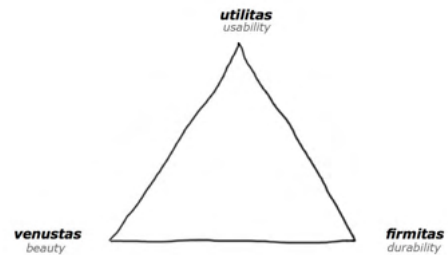
TRATADO DE VITRÚVIO

HERTZBERGER

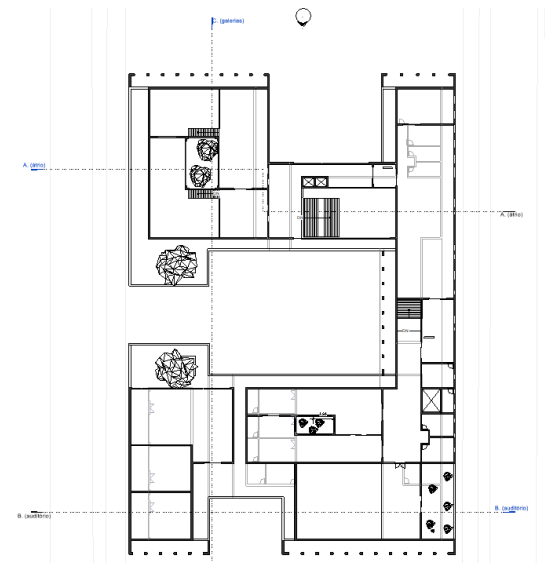
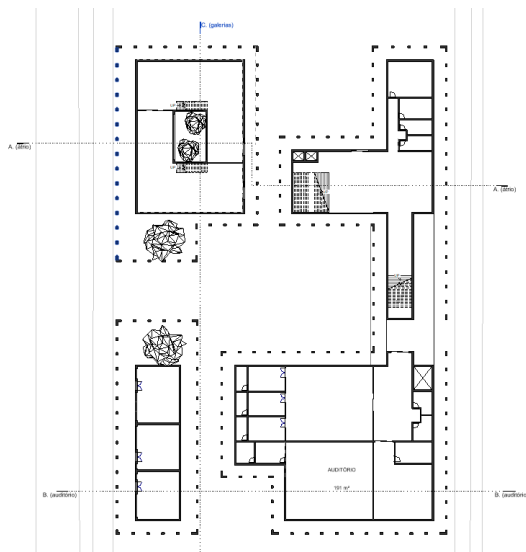
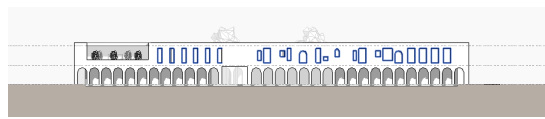
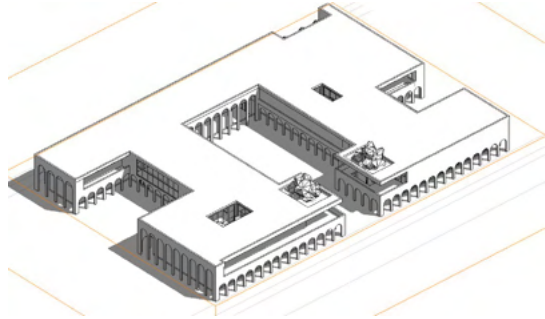
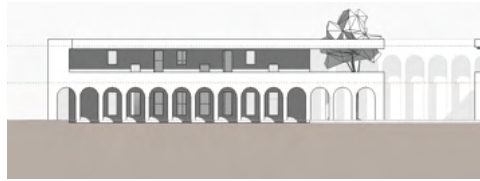
JOHN RUSKIN

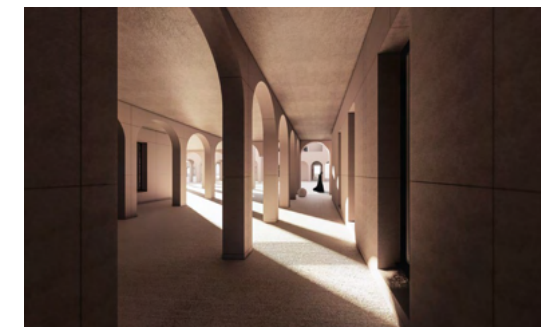
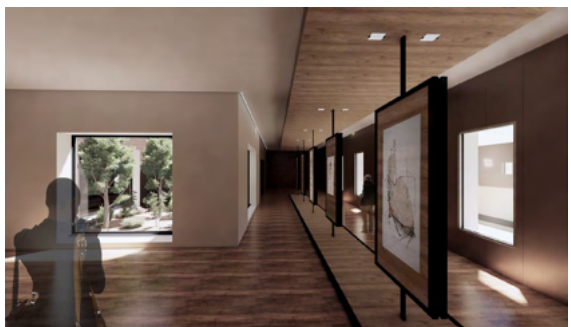
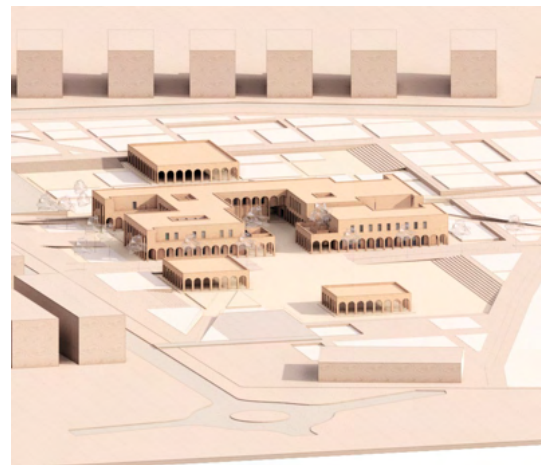
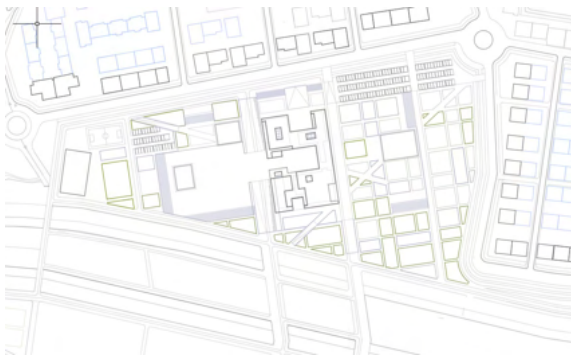
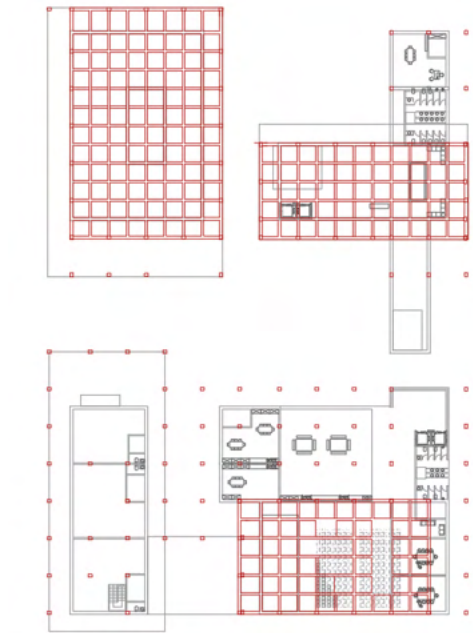
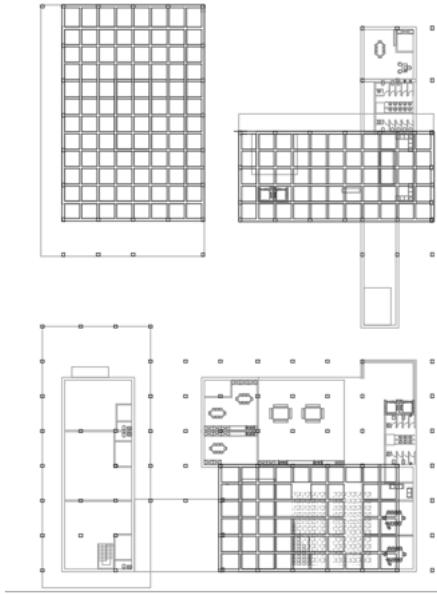
JAN GEHL

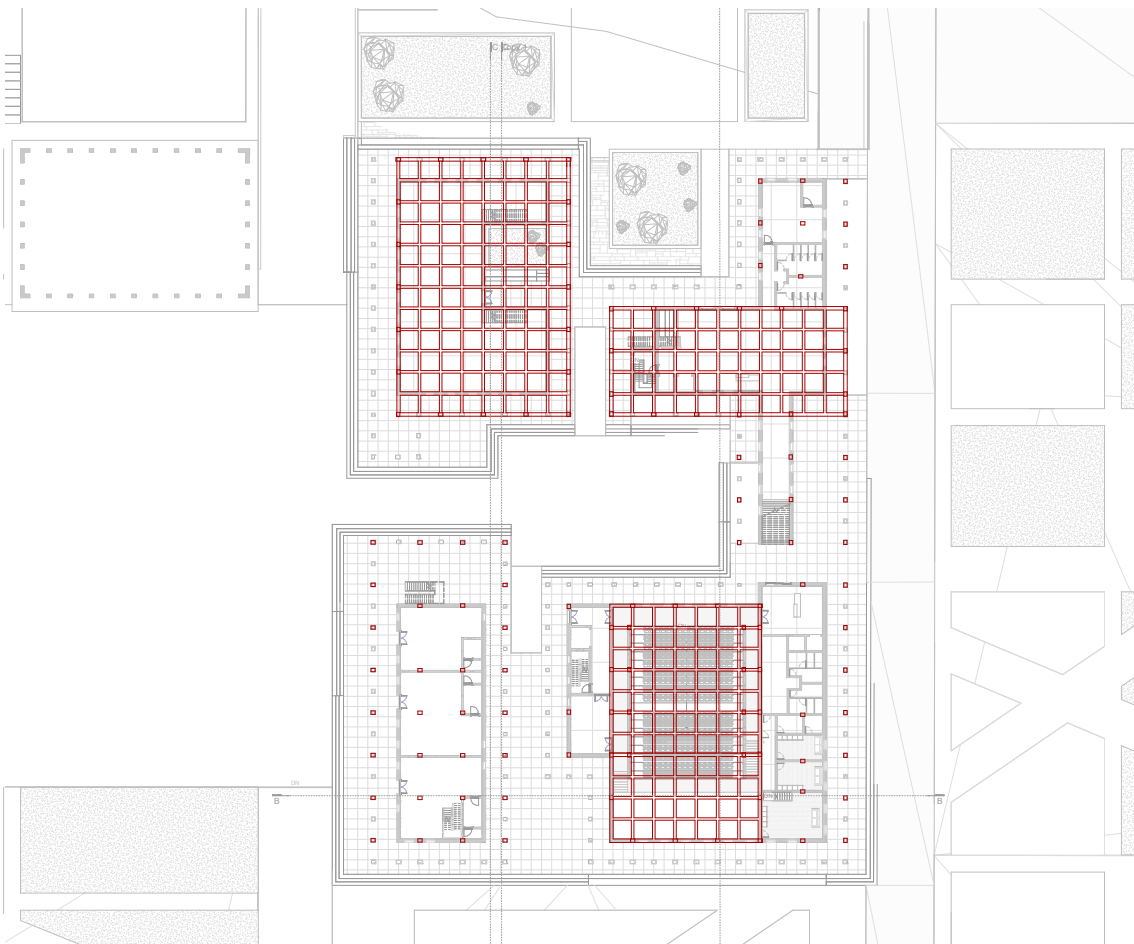
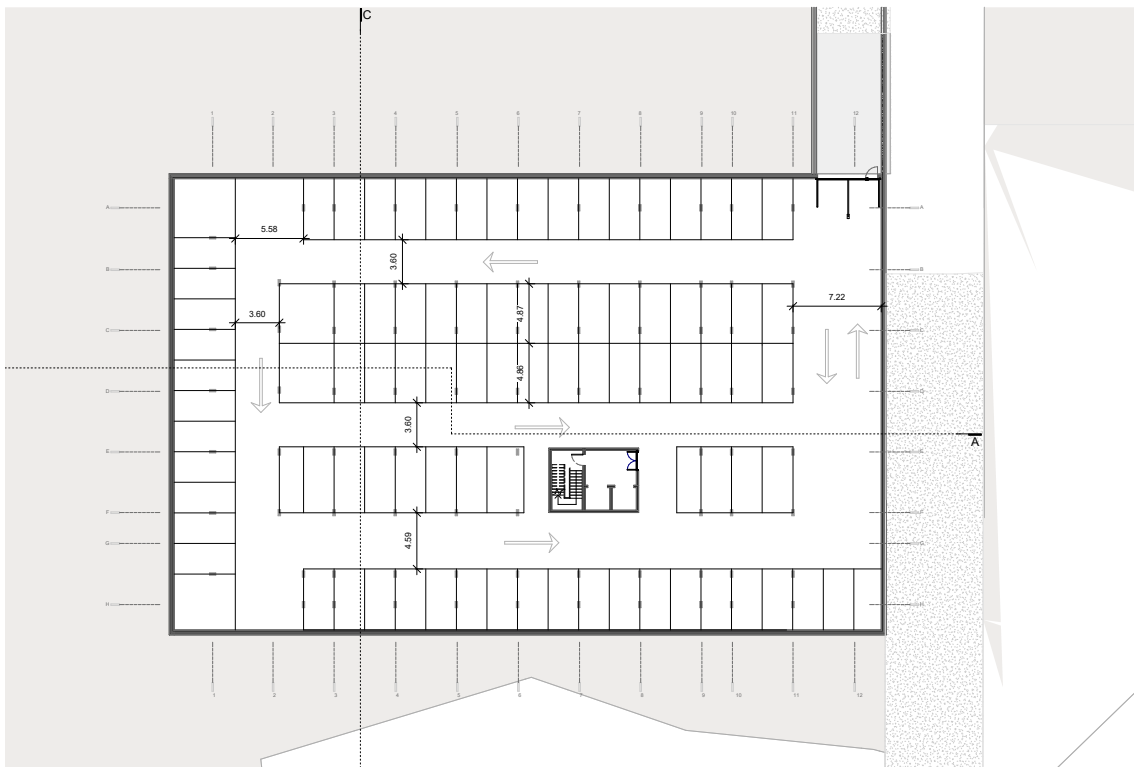
BRUNO ZEVI





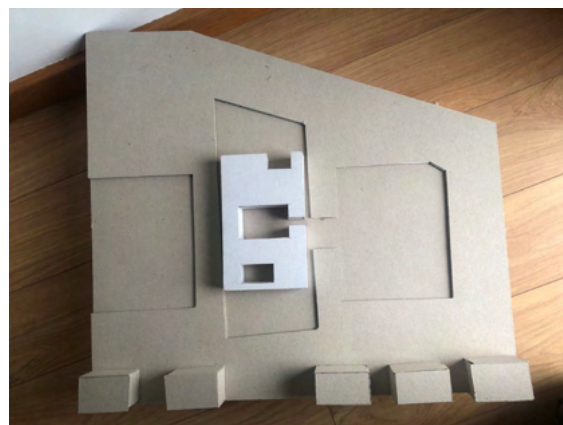
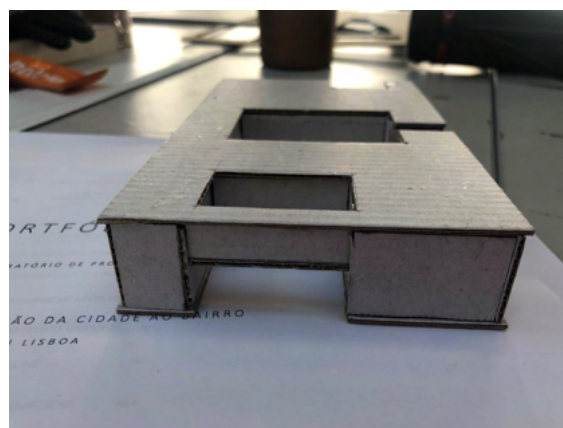
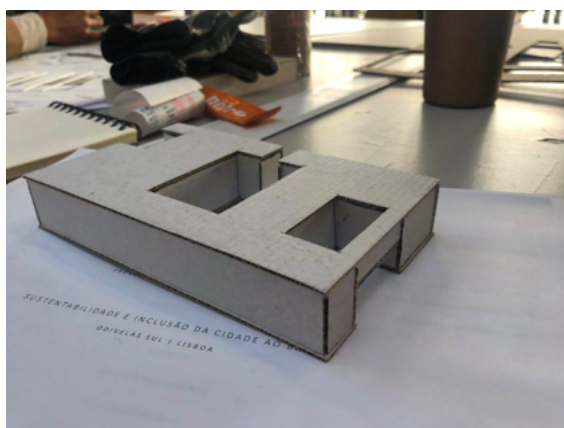






## MAQUETAS DE ESTUDO E FINAIS

### 1. Maquetas de estudo



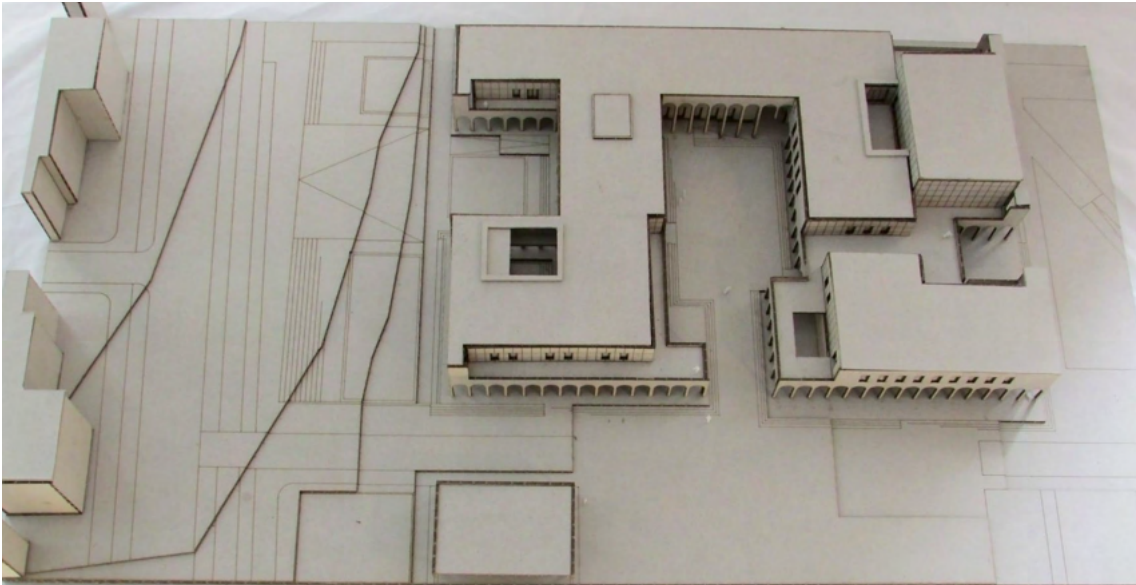


## 2. Maquetas finais

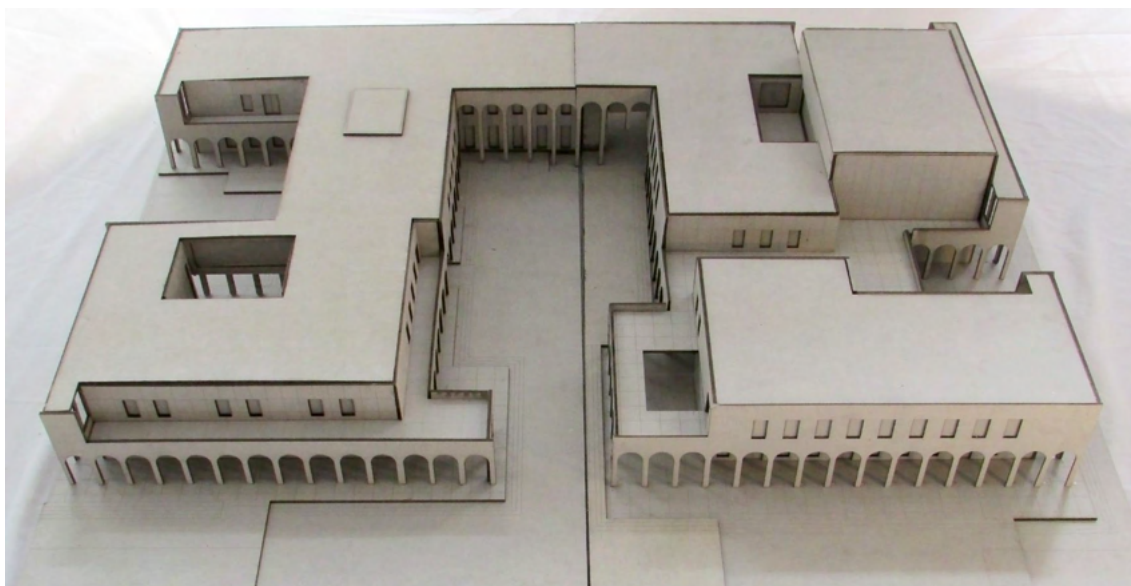
Maqueta 1.2500 - Escala Urbana



Maqueta 1.200 - Escala do Parque/Arquitetura

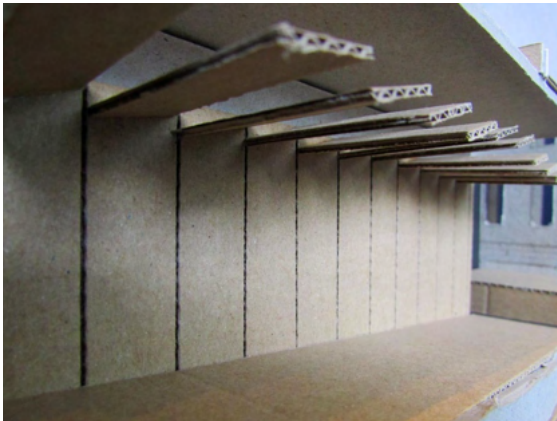
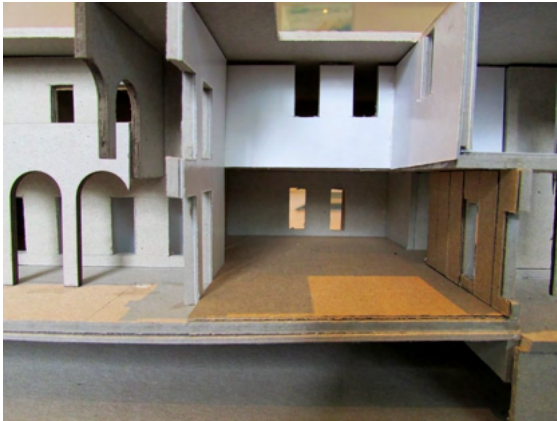
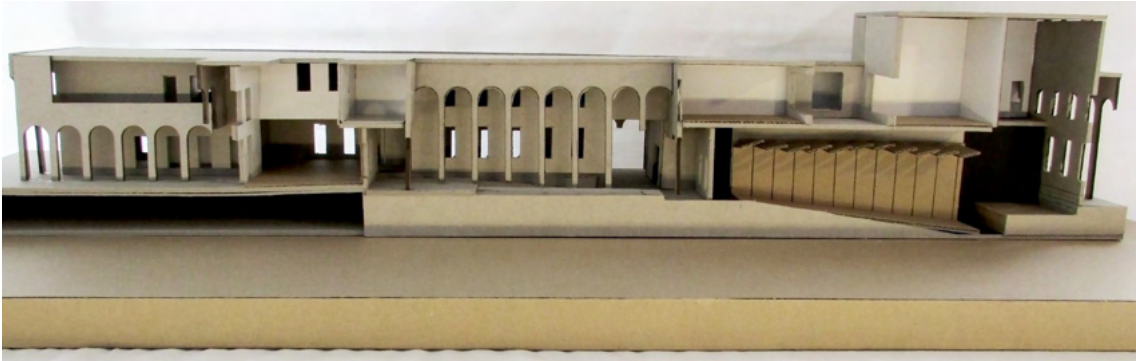
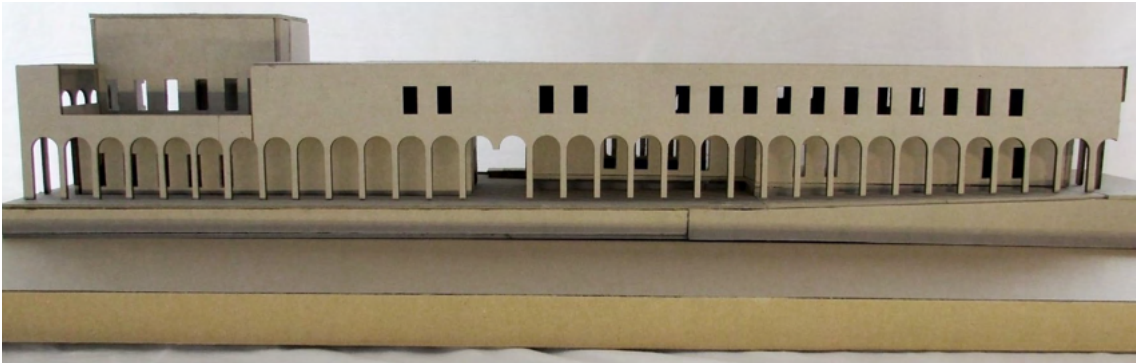


Maqueta 1.100 - Escala da Arquitetura

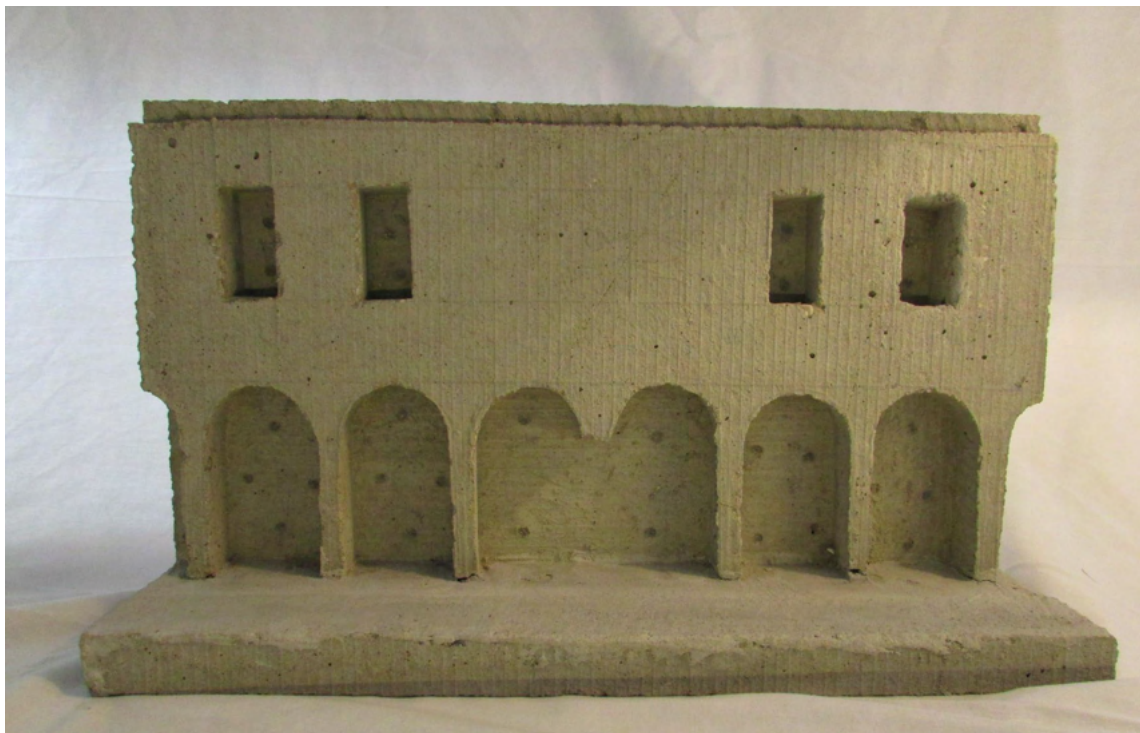




Maqueta em corte 1.100 - Escala da Arquitetura, materiais



Maqueta 1.50 - Escala da Construção, textura e materialidade



## ANEXOS V

ESTRATÉGIA URBANA 1.2000

ESCALA DO PARQUE 1.500

ESCALA DA ARQUITETURA 1.200/1.100

ZONAS AMPLIADAS 1.50

PORMENORES CONSTRUTIVOS 1.20

PERSPETIVAS E MODELOS 3D

ANEXOS V

---

APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO



| CARACTERIZAÇÃO VISUAL DO LUGAR

..... INFRASTRUTURAS .....

..... MORFOLOGIA DO EDIFICADO .....

..... ZONAS POUCO CARATERIZADAS .....



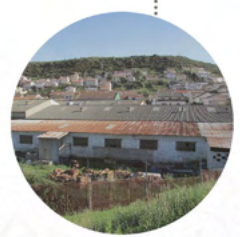
CRIL



METRO DO SENHOR ROUBADO



BLOCOS HABITACIONAIS



AUGIS



ZONA DE LINHA DE ÁGUA



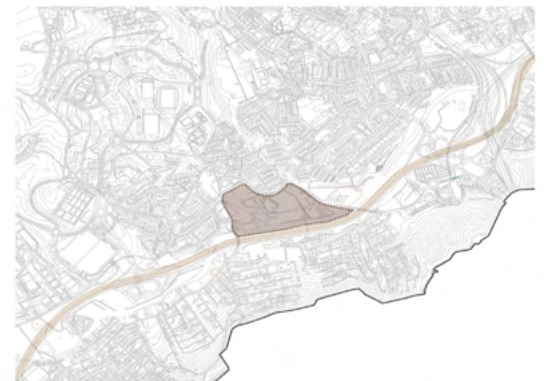
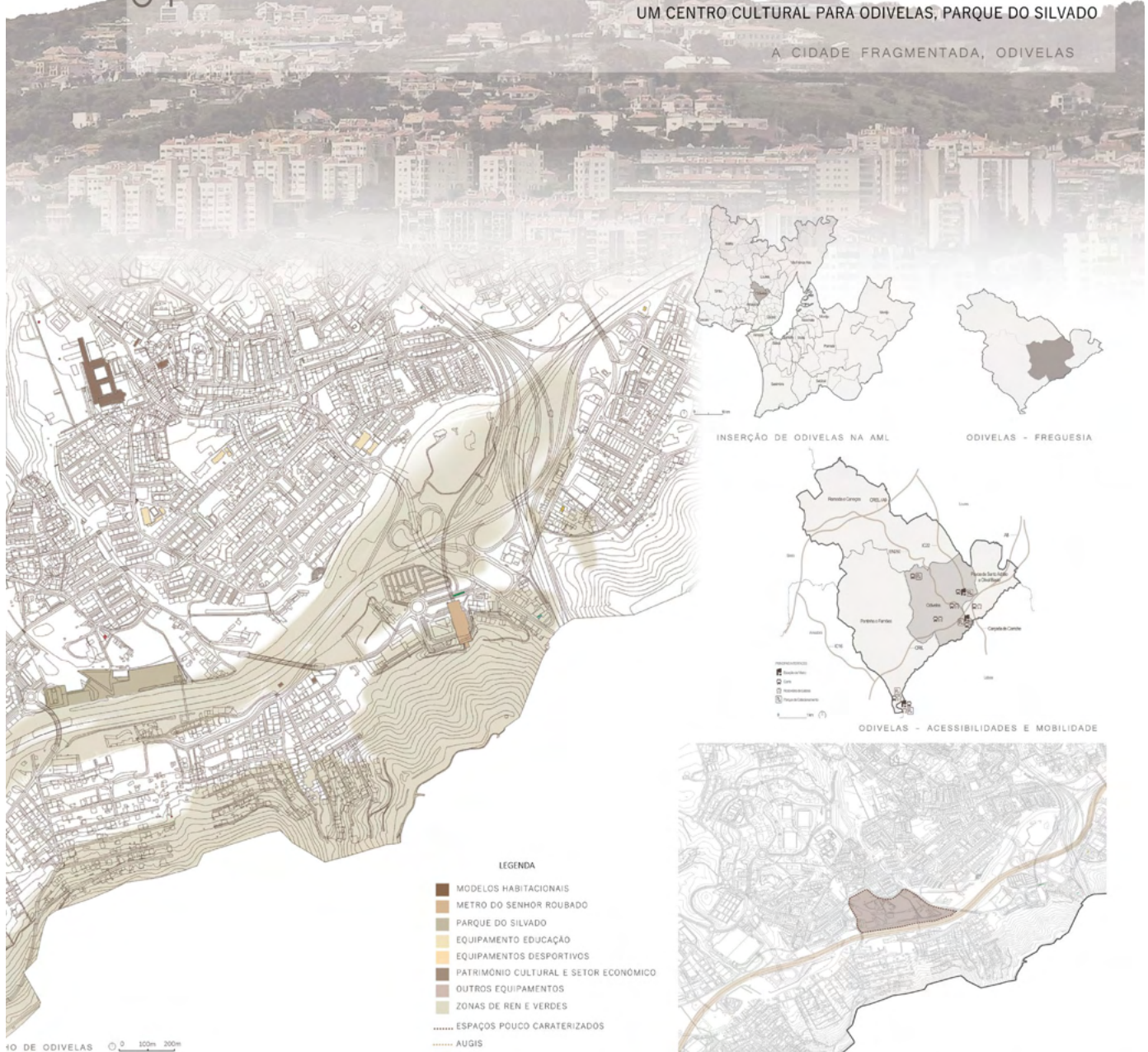
FEIRA DO

MESTRADO INTEGRAL

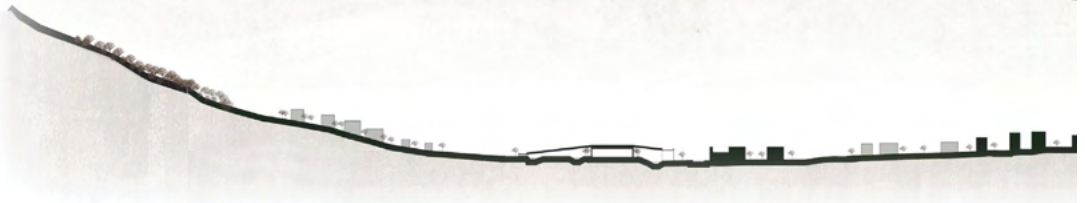
# 01 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL

## UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

A CIDADE FRAGMENTADA, ODIVELAS

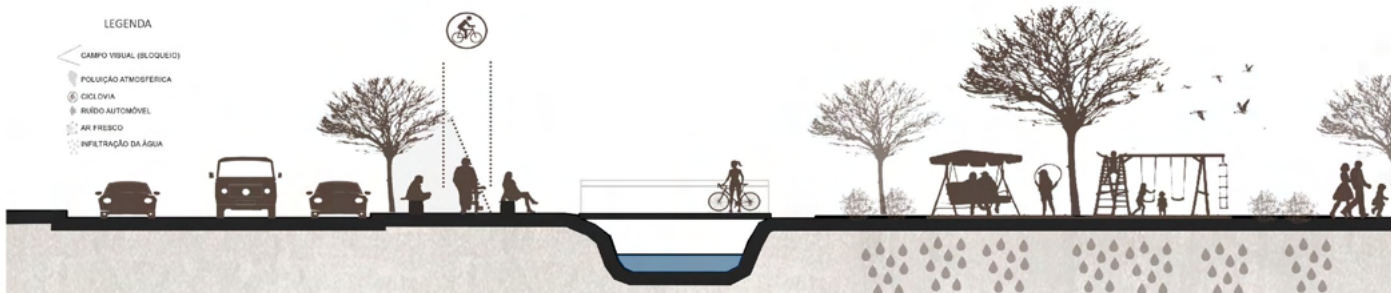


O território de Odivelas é marcado por uma diversidade na malha urbana que o compõe. Enquanto que a norte a cidade encontra-se relativamente consolidada, com equipamentos de serviço público e pontos de interesse, a Vertente Sul é caracterizada pelos assentamentos ilegais, e falta de planeamento urbano. A Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL) que atravessa o território, acentua a fragmentação existente entre as duas margens. Facto que torna mais difícil o acesso dos habitantes da Vertente Sul a equipamentos de serviço às pessoas, a espaços públicos qualificados, a áreas verdes e a oportunidades de educação e trabalho.



LEGENDA

- ◀ CAMPO VISUAL (BLOQUEIO)
- ⊙ POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA
- ⊙ CICLOVIA
- ⊙ RUÍDO AUTOMÓVEL
- ⊙ AR FRESCO
- ⊙ INFILTRAÇÃO DA ÁGUA



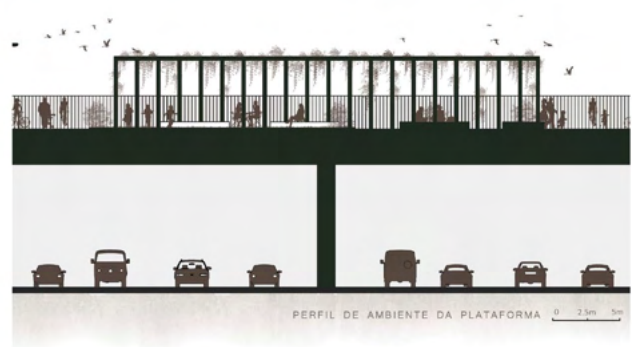
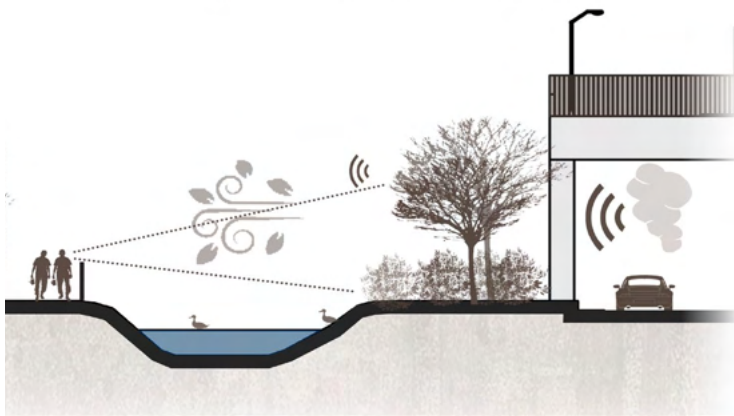
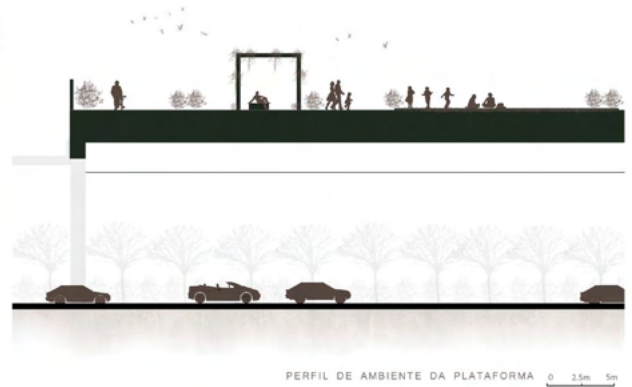
PERFIL DE ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

0 20m 40m

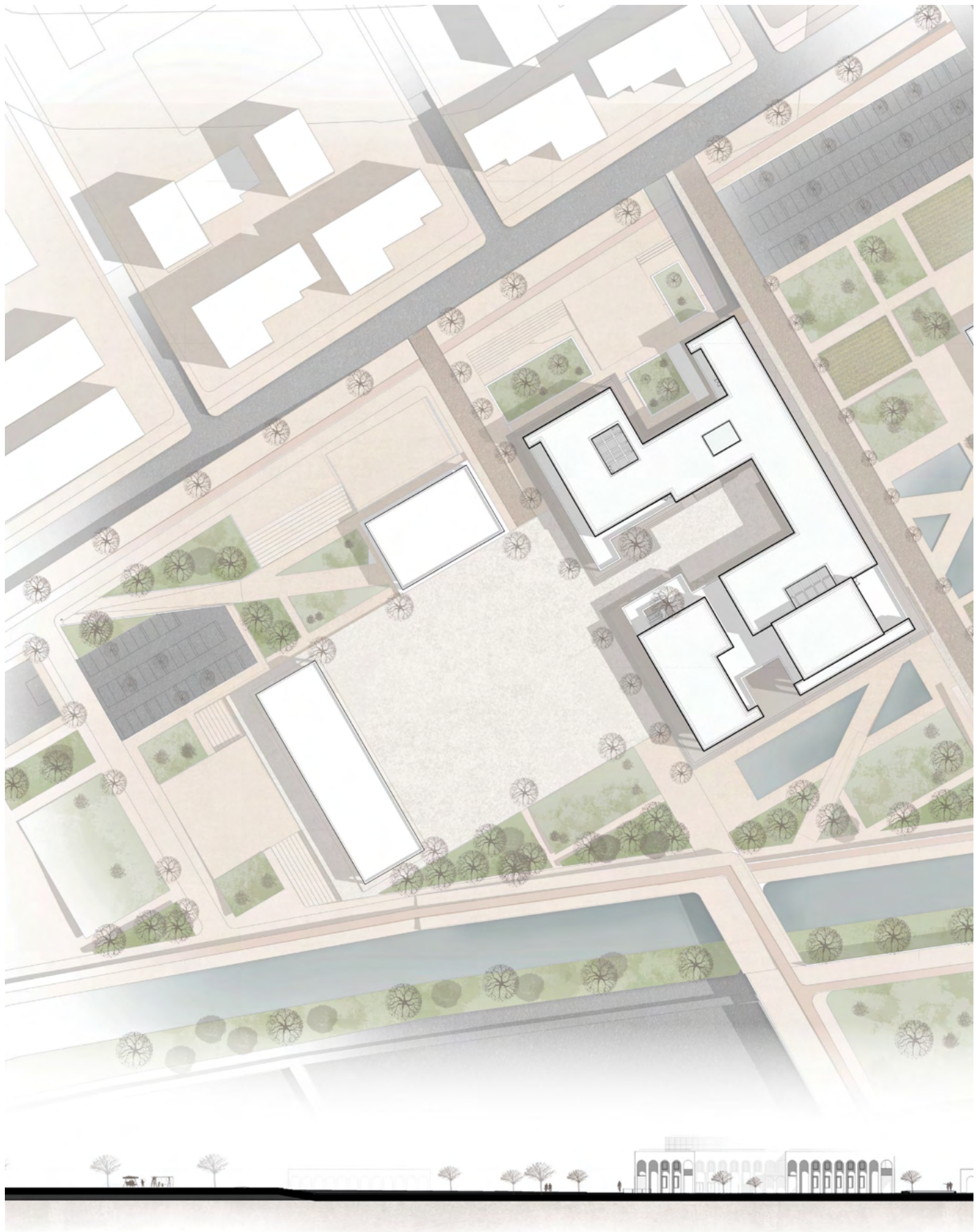
MESTRADO INTEGRAL

02 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

A ESCALA URBANA

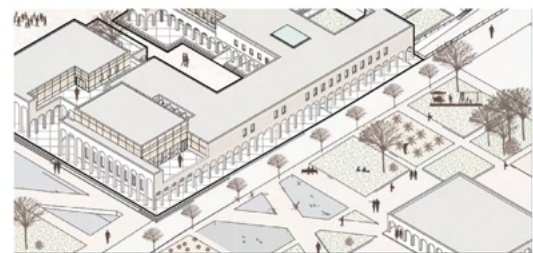
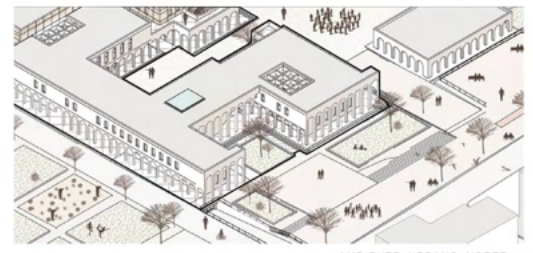
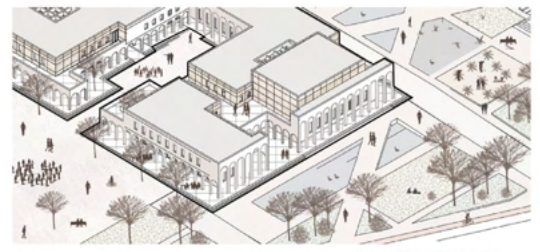
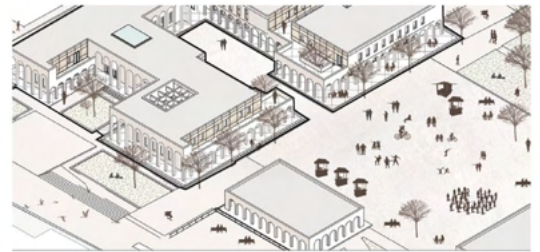
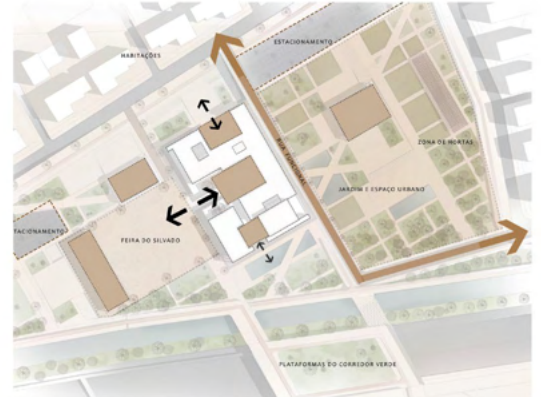


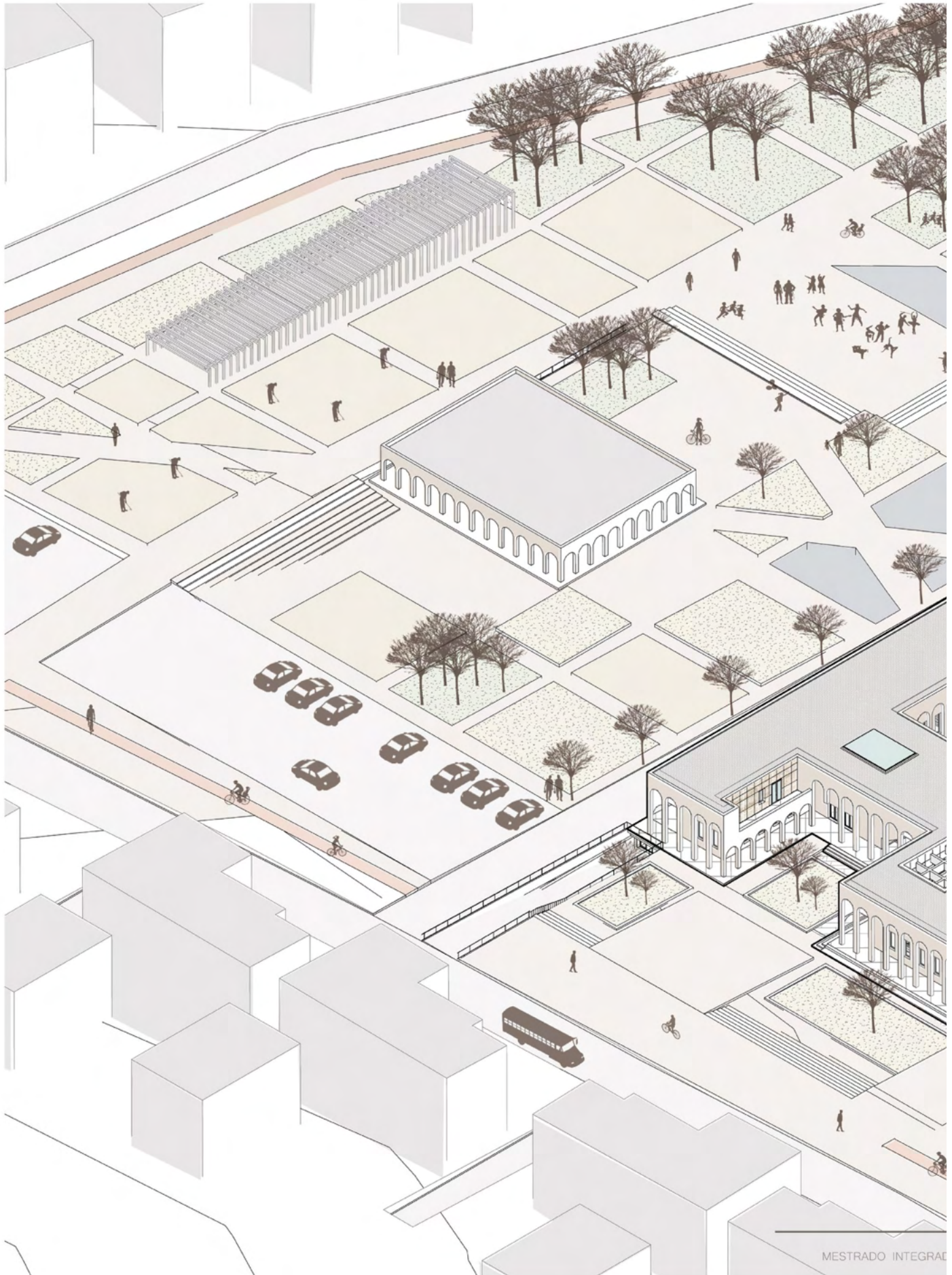




03 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

A ESCALA DO PARQUE

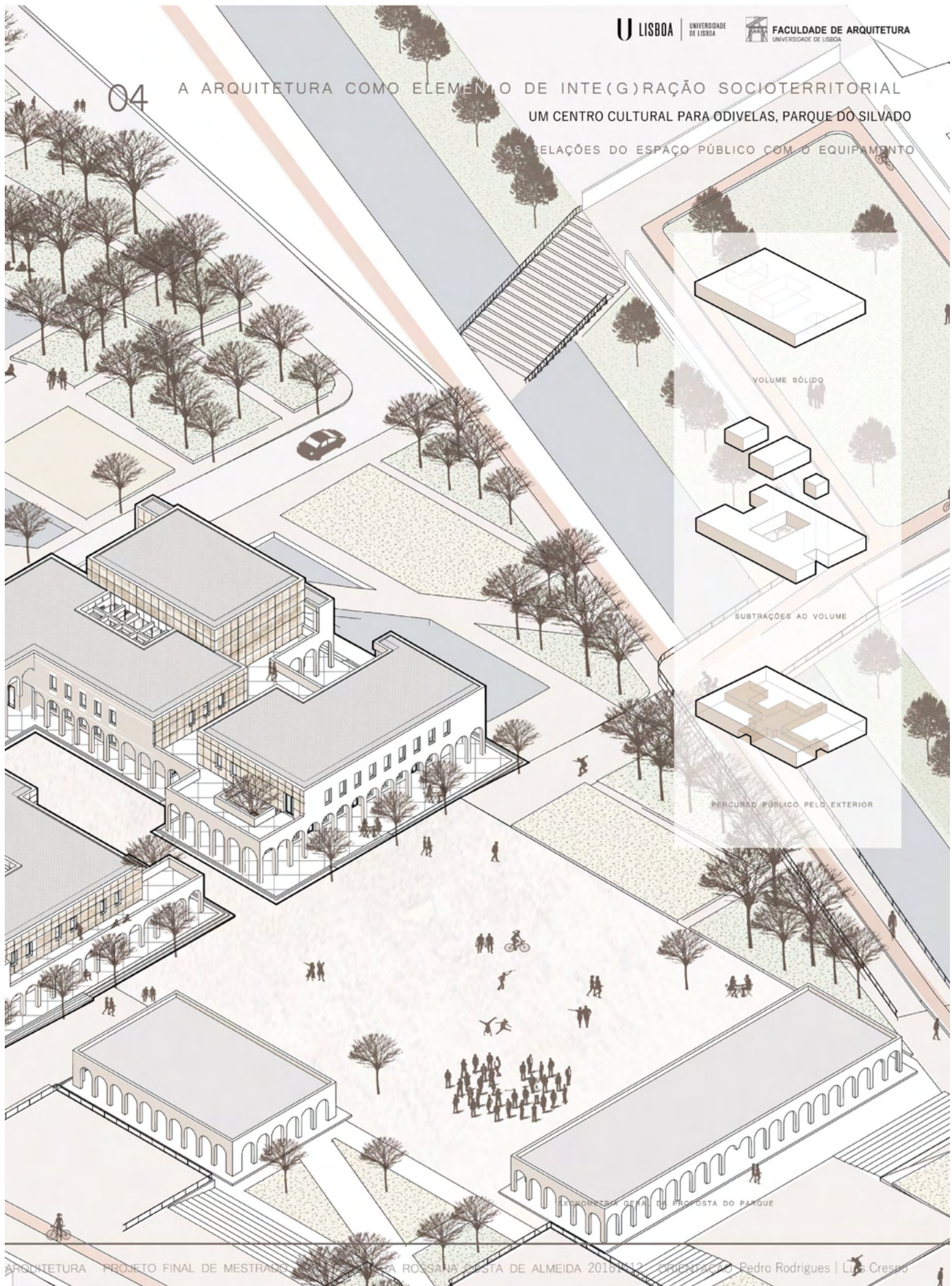


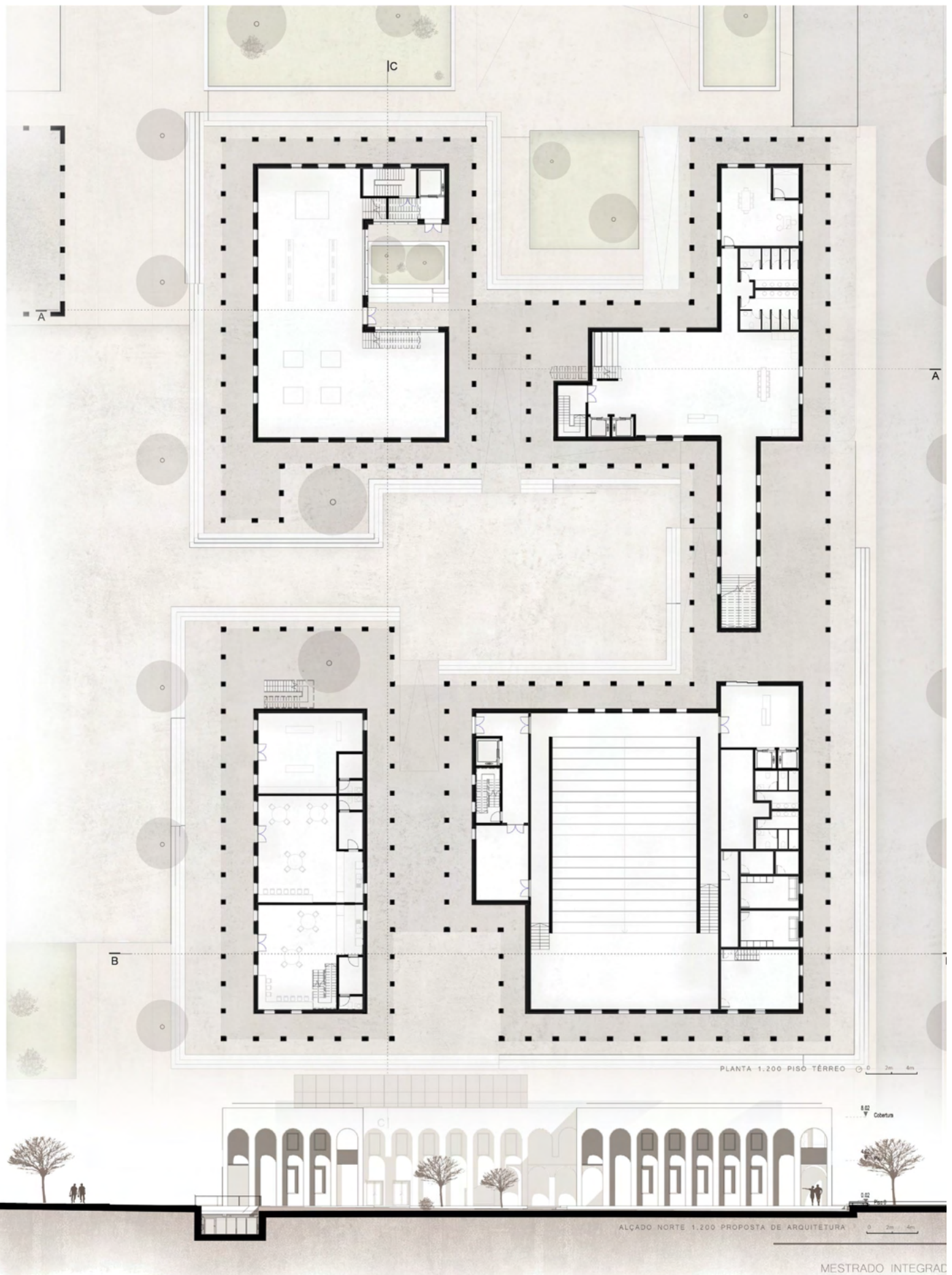


MESTRADO INTEGRAL

04

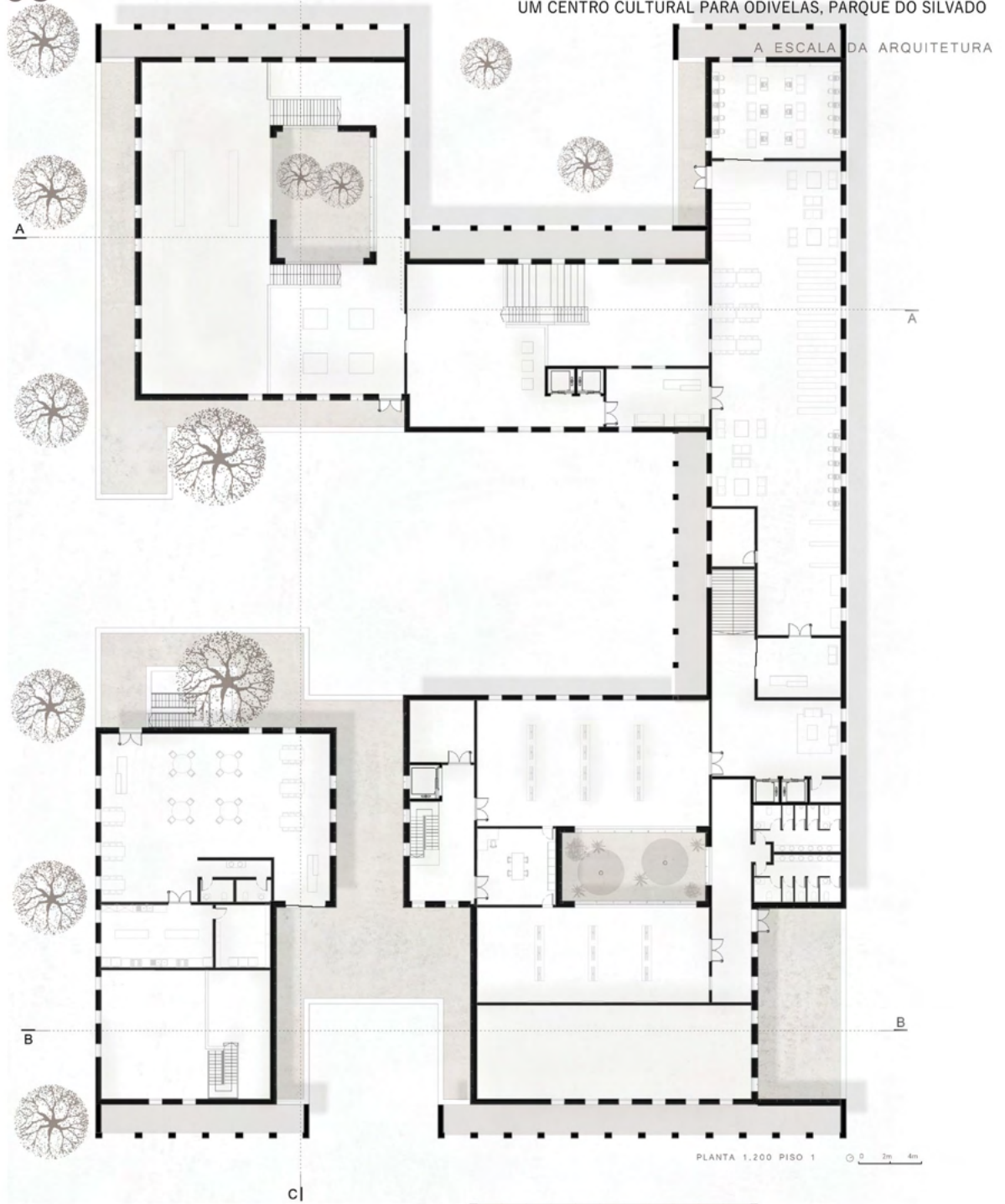
A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO  
AS RELAÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO COM O EQUIPAMENTO

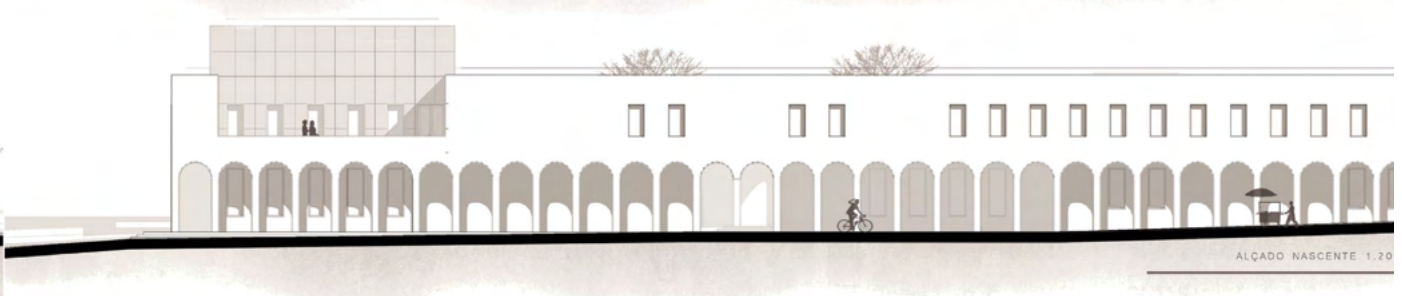






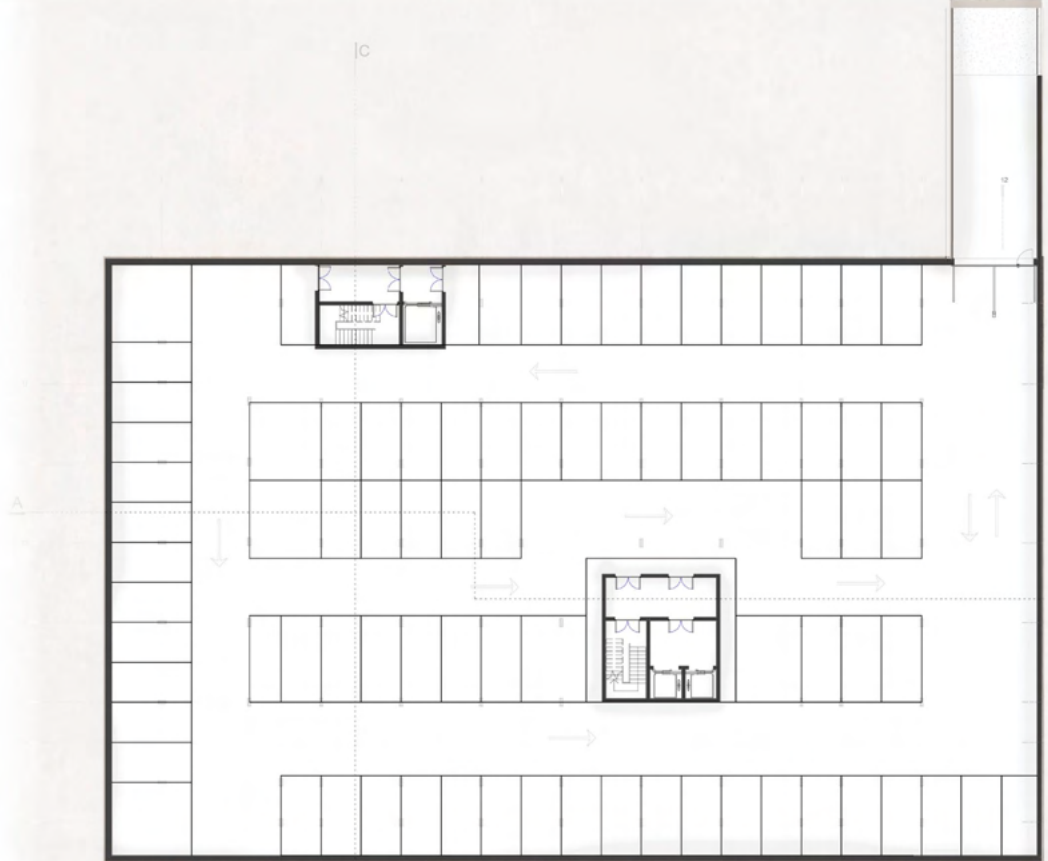
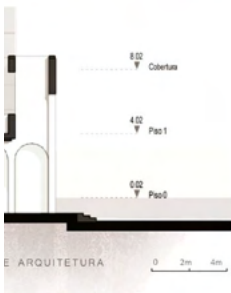
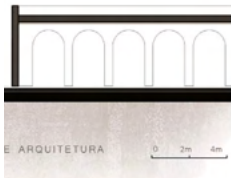
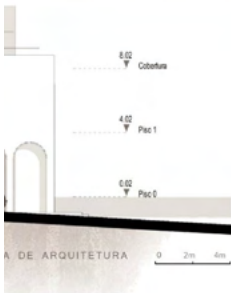
# 05 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO





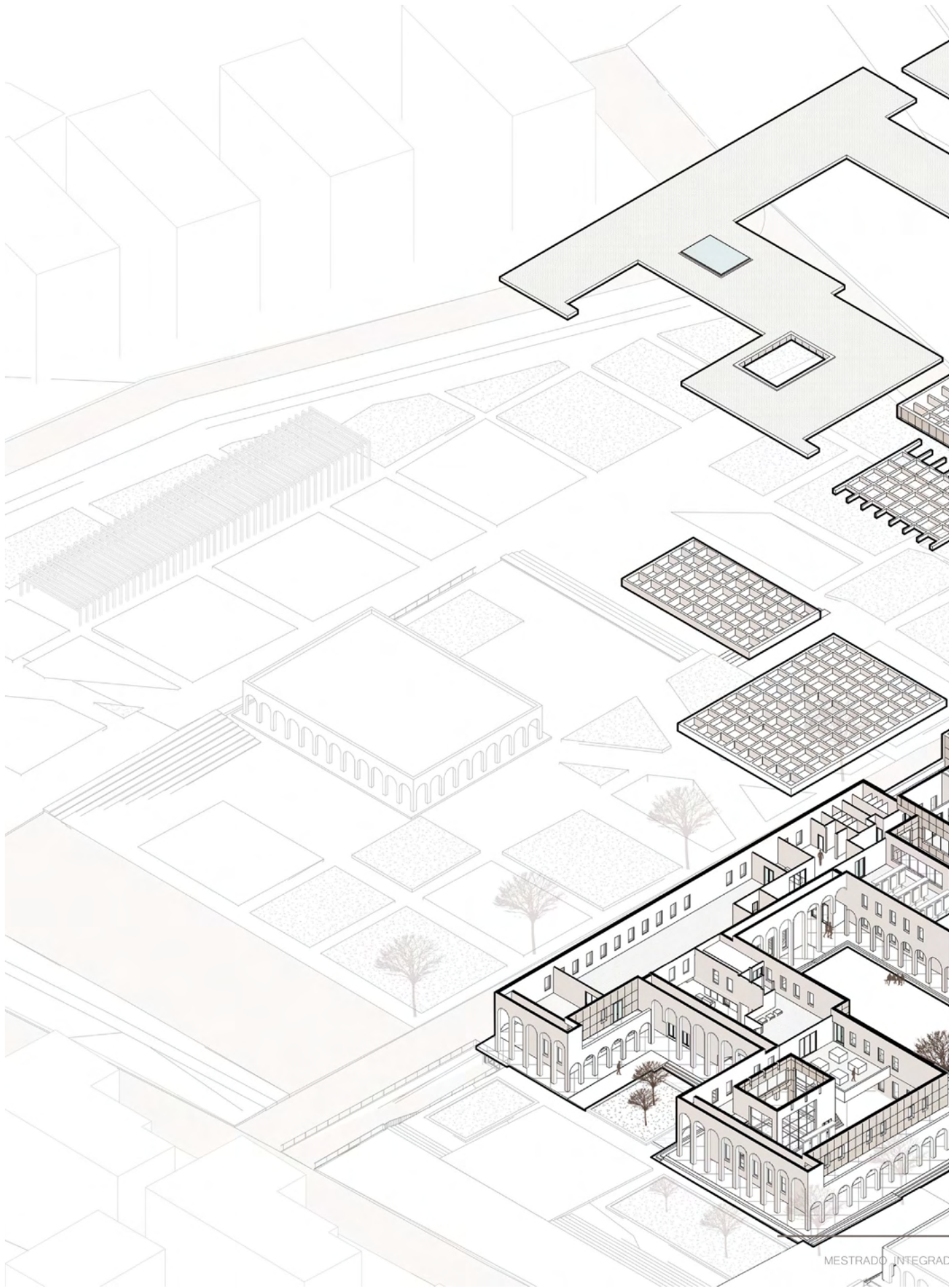
MESTRADO INTEGRA

06 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTEGRAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO



PLANTA 1:200 ESTACIONAMENTO 0 2m 4m





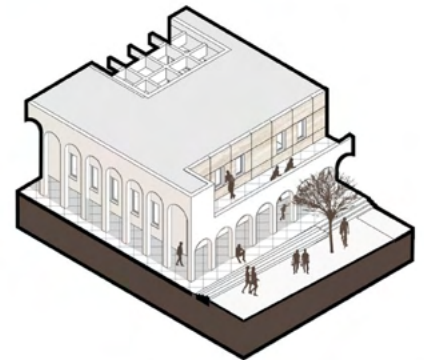
MESTRADO INTEGRAC

07 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

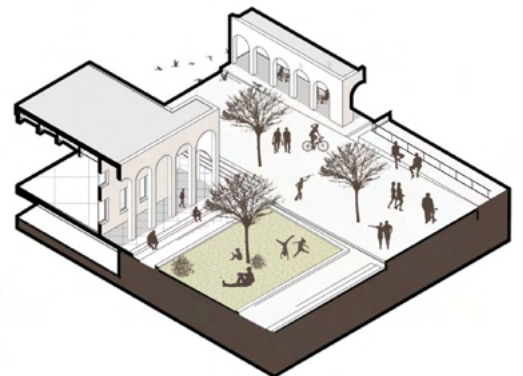
A ARQUITETURA E O PROGRAMA CULTURAL

PROGRAMA

- |   |                    |   |                       |   |                 |
|---|--------------------|---|-----------------------|---|-----------------|
|  | SALAS DE EXPOSIÇÃO |  | SALAS DE INVESTIGAÇÃO |  | PRAÇAS PÚBLICAS |
|  | BIBLIOTECA         |  | SALAS DE REUNIÃO      |  | ESPAÇO DE FEIRA |
|  | AUDITÓRIO          |  | RESTAURAÇÃO           |  | ESPAÇO VERDE    |
|  | MEDIATECA          |  | UNIDADES COMERCIAIS   |  | HORTAS          |



ZONA DA GALERIA ARCADA



ZONAS VERDES, ESPAÇO DE TRANSIÇÃO



ZONA EXPOSIÇÃO PÁTIO DE TRANSIÇÃO

AXONOMETRIA EXPLODIDA



MESTRADO INTE

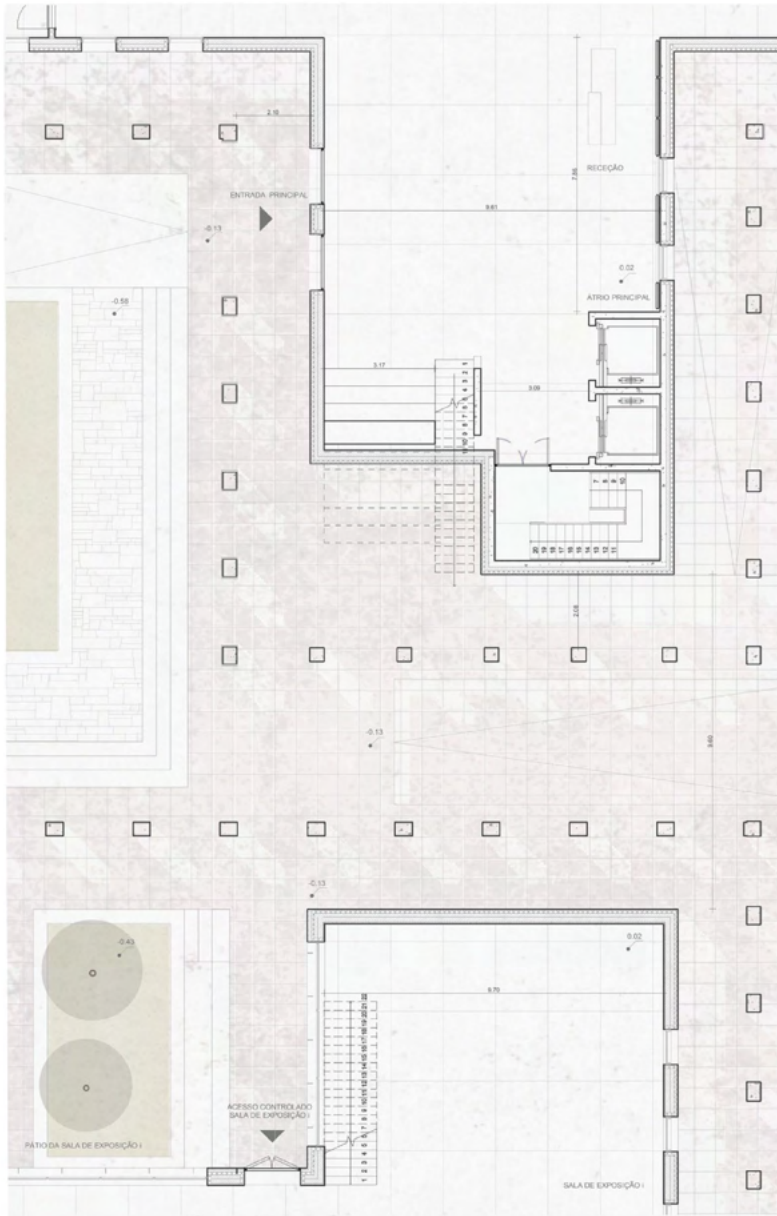
08

A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

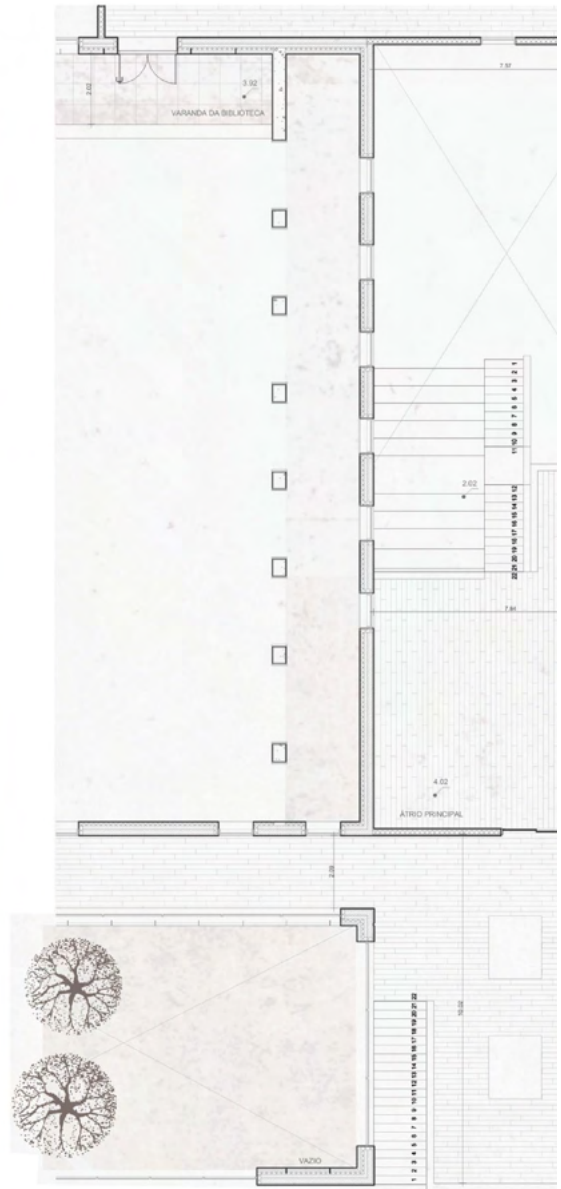
OS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO



RENDERIZAÇÃO DA GALERIA



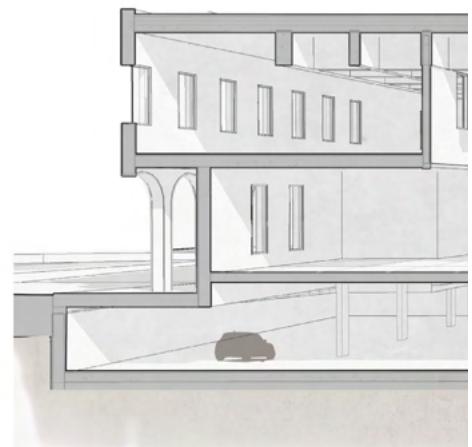
PLANTA 1.50 ÁTRIO PISO TÉRREO 0 2m 4m



P



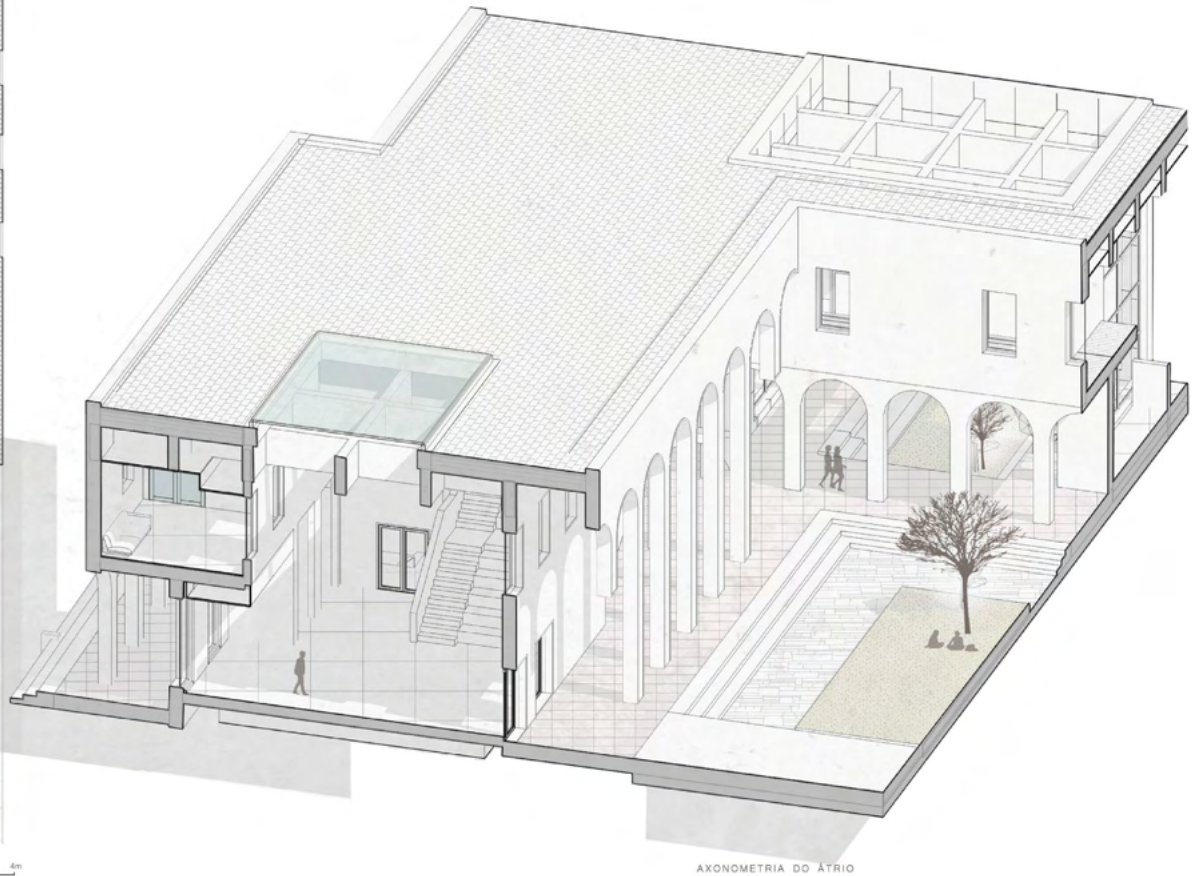
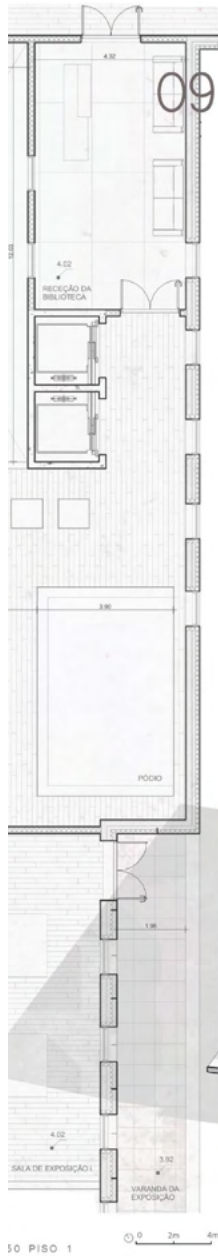
CORTE 1.50 ÁTRIO 0 2m 4m



MESTRADO INTEGRAC

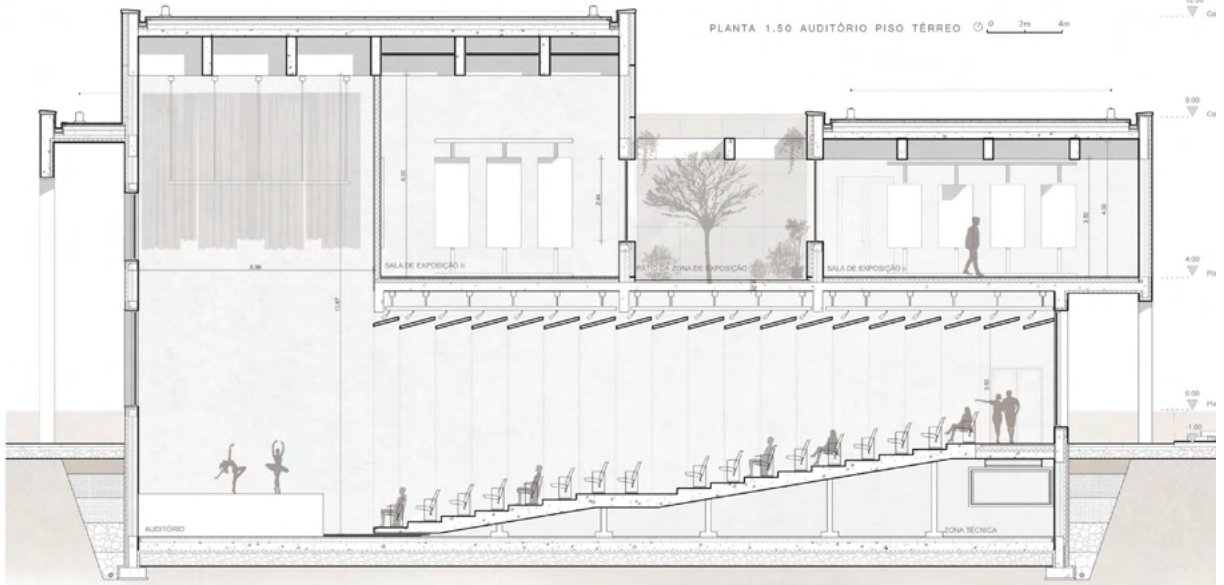
A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

O ÁTRIO

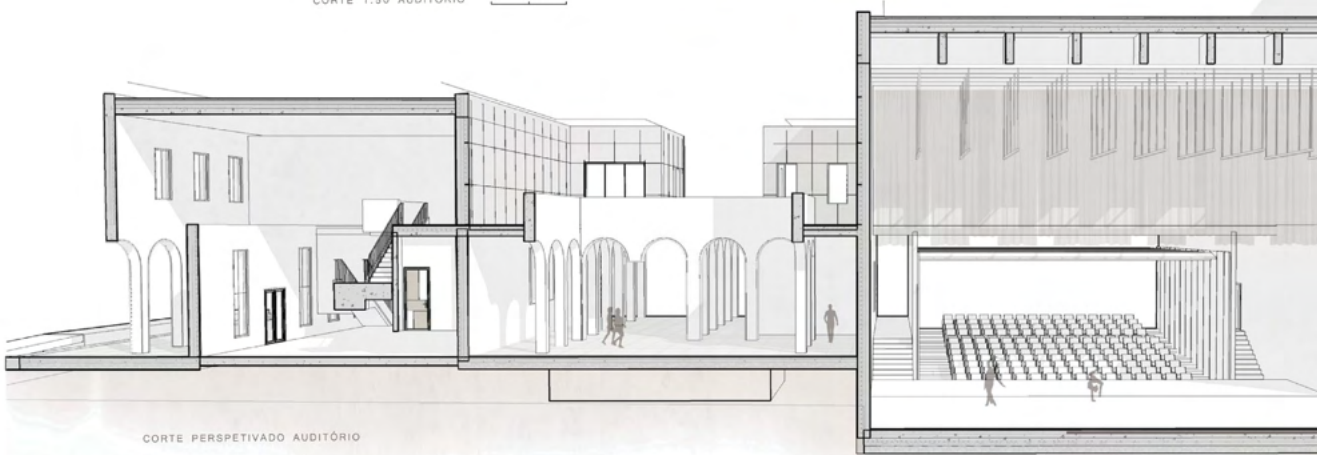




PLANTA 1.50 AUDITÓRIO PISO TÉRREO 0 2m 4m

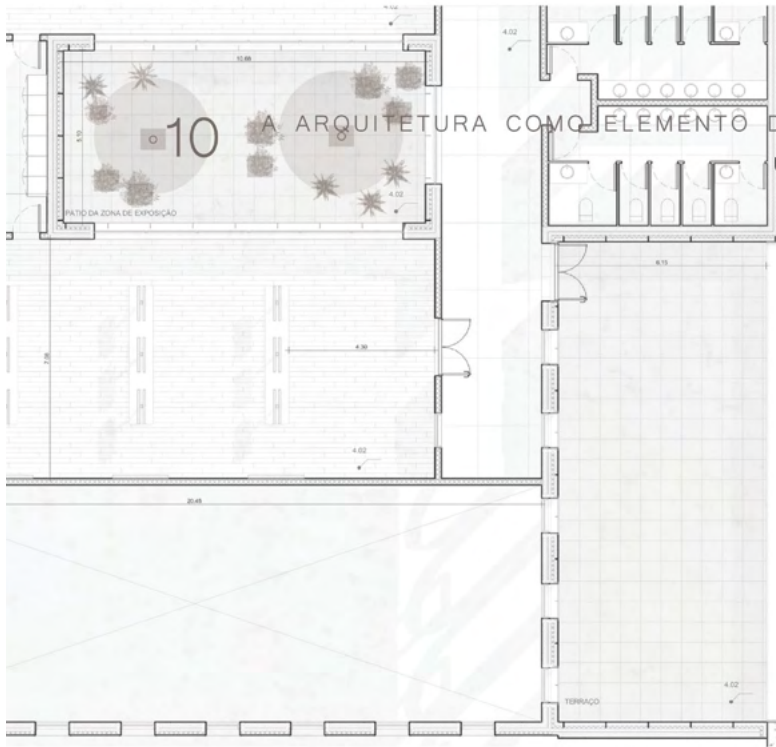


CORTE 1.50 AUDITÓRIO 0 2m 4m



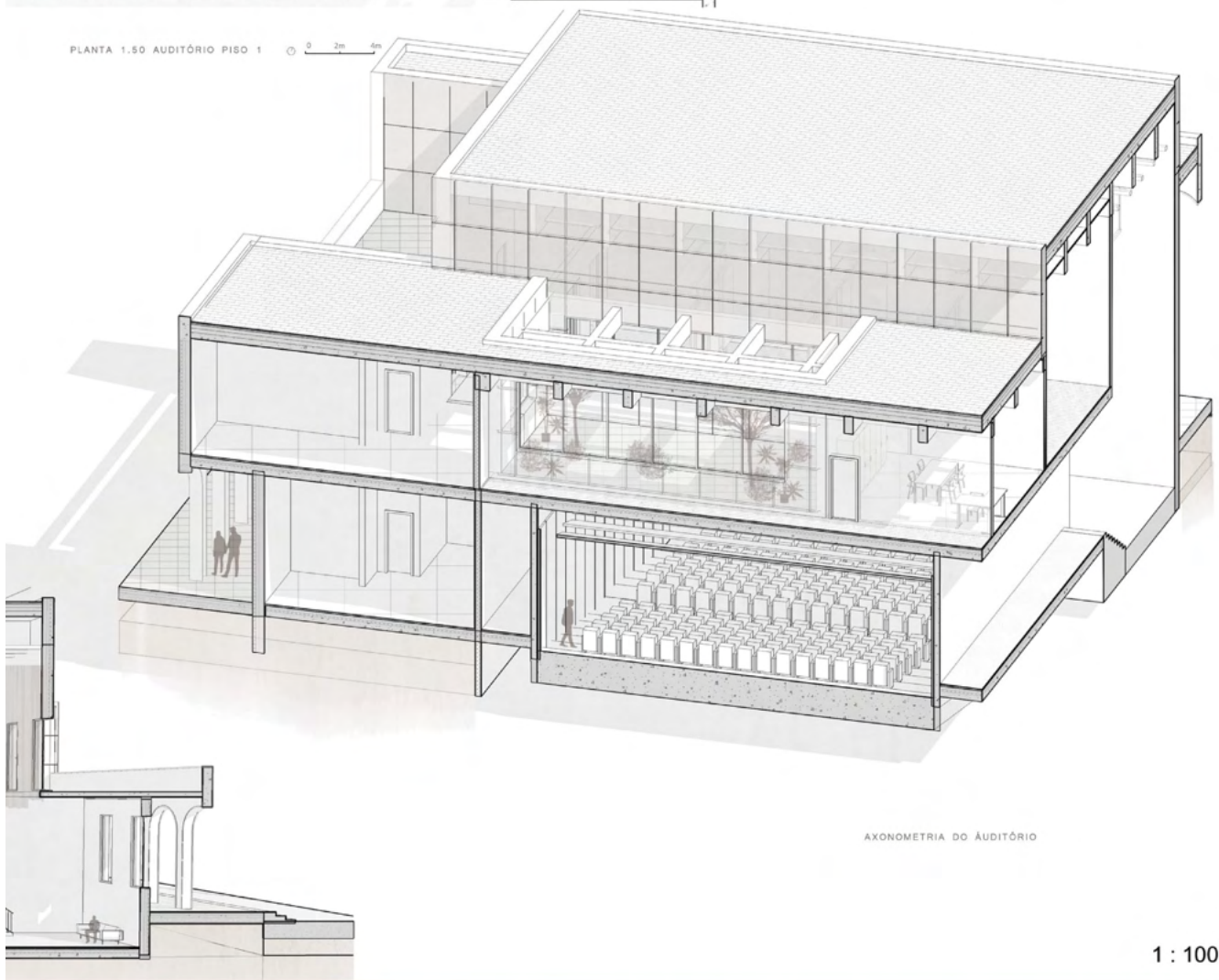
CORTE PERSPECTIVADO AUDITÓRIO

MESTRADO INTEGRAL



A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

O AUDITÓRIO



AXONOMETRIA DO AUDITÓRIO

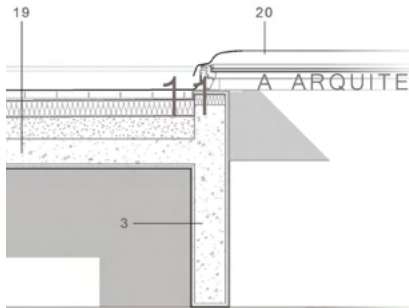
1 : 100





A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

A MATERIALIDADE



DETALHE 1.25

LEGENDA

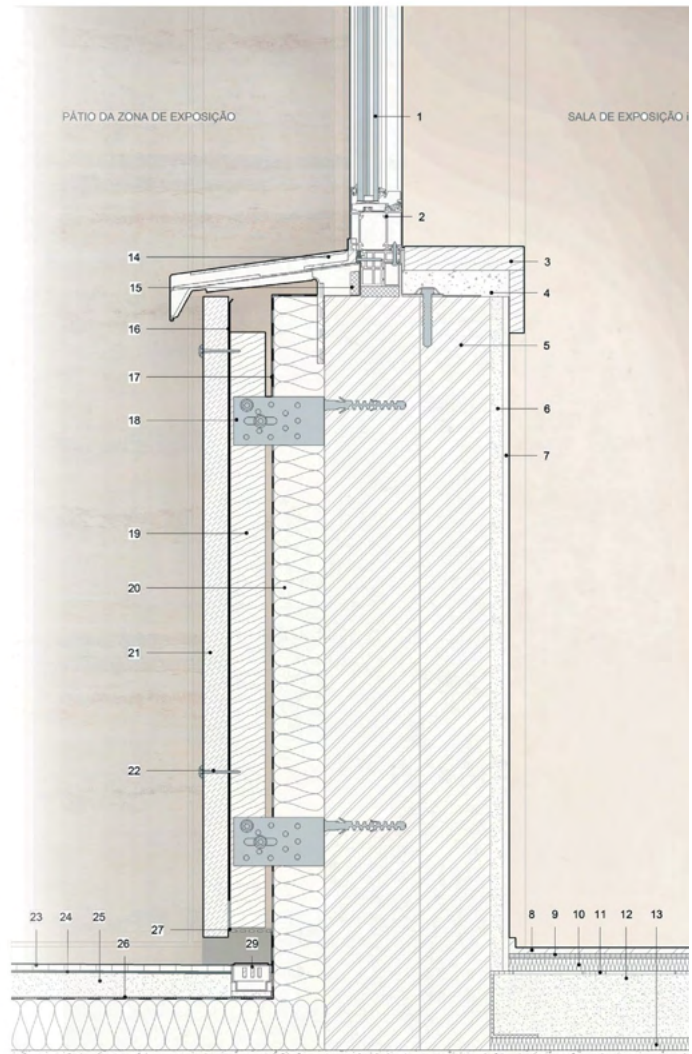
- 1 - Capeamento em pedra
- 2 - Pintura cor bege sobre reboco
- 3 - Viga em betão armado
- 4 - Isolamento 8cm
- 5 - Pré-aro metálico pintado na cor da fachada
- 6 - Janela de vidro duplo com caixilharia em alumínio
- 7 - Alvenaria de tijolo dupla 11x15cm
- 8 - Verga em betão
- 9 - Porta de vidro duplo com caixilharia em alumínio
- 10 - Soleira em pedra
- 11 - Caleira metálica para drenagem de águas pluviais
- 12 - Reforço de isolamento 6cm
- 13 - Linha de vida
- 14 - Acabamento em fajetas de betão
- 15 - Argamassa de fixação
- 16 - Isolamento 12cm
- 17 - Camada de formação de pendentes
- 18 - Complexo impermeabilizante
- 19 - Laje em betão armado
- 20 - Clarabóia
- 21 - Pintura sobre estuque
- 22 - Pavimento cerâmico
- 23 - Isolamento 8cm
- 24 - Laje aligeirada
- 25 - Pavimento em calçada
- 26 - Argamassa para assentamento da calçada
- 27 - Terra vegetal
- 28 - Mosaico de pedra

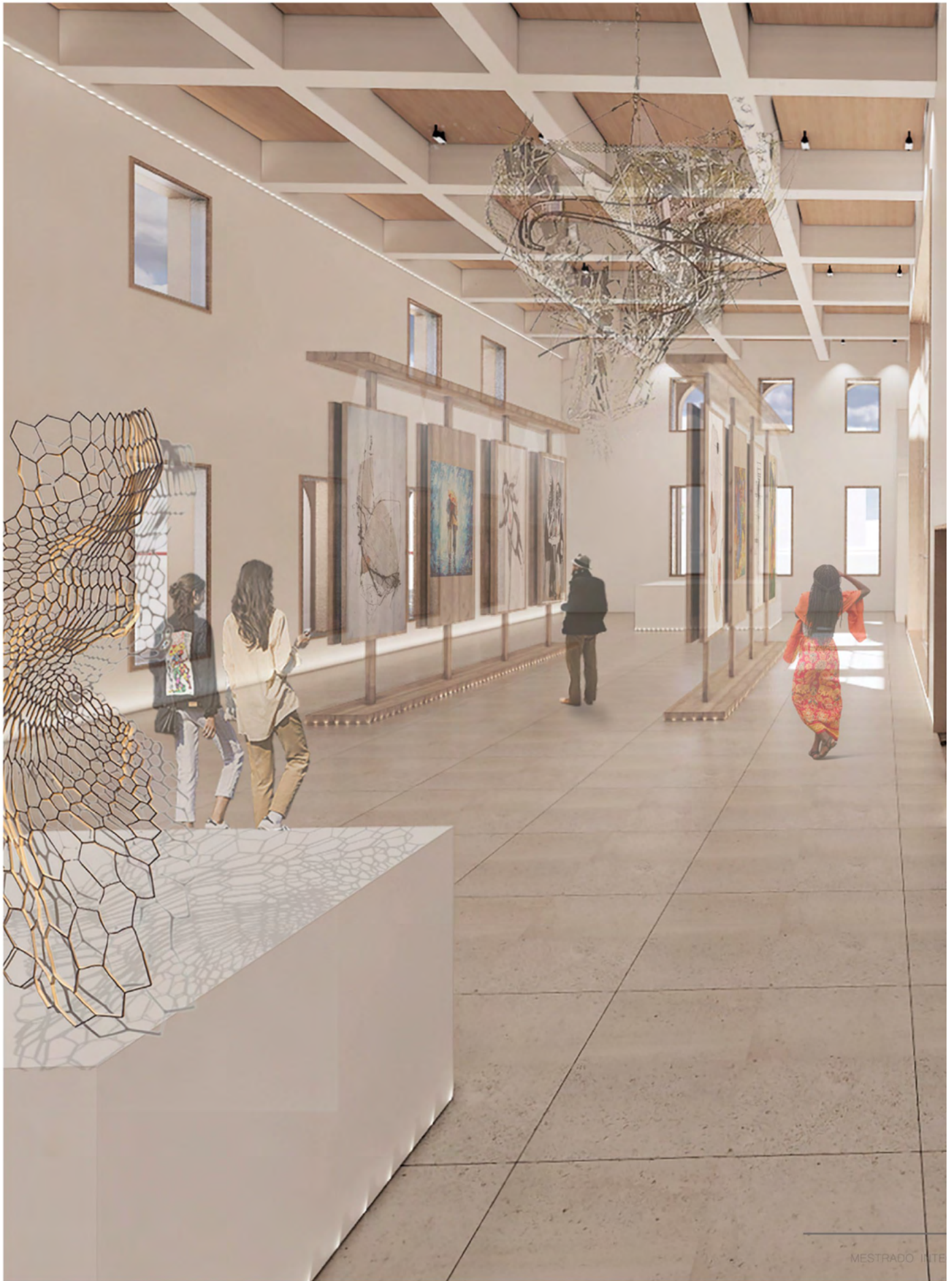


DETALHE 1.5

LEGENDA

- 1 - Vidro duplo
- 2 - Caixilho em alumínio com corte térmico
- 3 - Peitoril interior em madeira
- 4 - Argamassa para fixação
- 5 - Alvenaria de tijolo dupla 11x15cm
- 6 - Reboco 3cm
- 7 - Pintura sobre estuque
- 8 - Pavimento flutuante a simular madeira
- 9 - Complexo em poliestireno extrudido
- 10 - Isolamento 3cm
- 11 - Isolamento acústico fita de sobreposição
- 12 - Betonilha
- 13 - Isolamento 3cm
- 14 - Peitoril metálico exterior com pingadeira
- 15 - Isolamento
- 16 - Banda EPDM
- 17 - Complexo impermeabilizante
- 18 - Suporte metálico
- 19 - Perfil de madeira
- 20 - Isolamento 8cm
- 21 - Ladrilho de pedra
- 22 - Parafuso metálico
- 23 - Pavimento cerâmico
- 24 - Argamassa de fixação
- 25 - Betonilha
- 26 - Complexo impermeabilizante
- 27 - Greiha metálica
- 29 - Caleira de drenagem





MESTRADO ISTE

12 A ARQUITETURA COMO ELEMENTO DE INTE(G)RAÇÃO SOCIOTERRITORIAL  
UM CENTRO CULTURAL PARA ODIVELAS, PARQUE DO SILVADO

O ESPAÇO INTERIOR



RENDERIZAÇÃO: LUIS DE EXPOSIÇÃO



